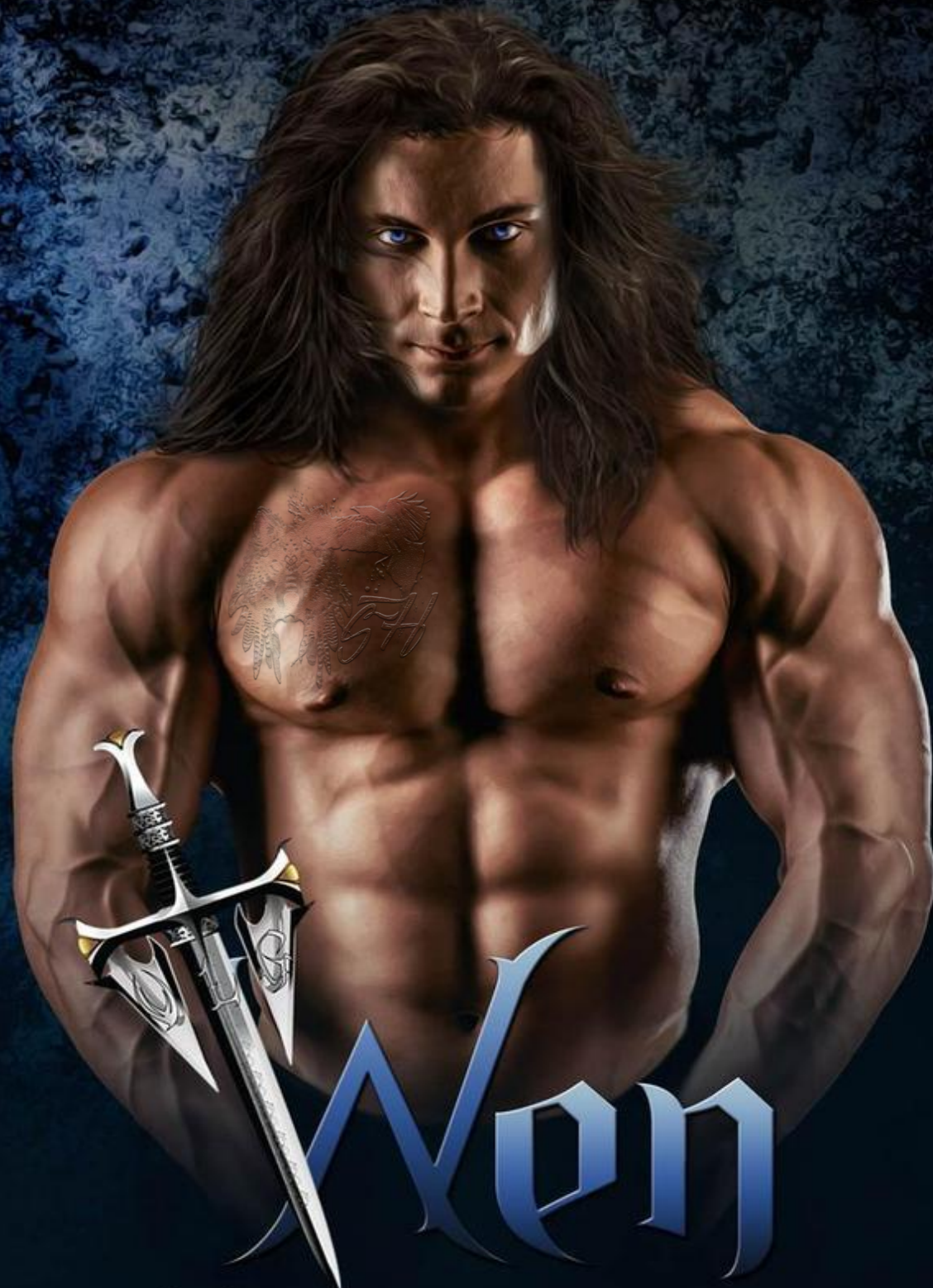


NEW YORK TIMES BESTSELLING AUTHOR

LAURANN
DOHNER



VLB SERIES BOOK 6





Essa tradução foi feita pelo grupo Shifter's Homeland, de forma a proporcionar ao leitor o acesso à obra, motivando-o a adquirir o livro físico ou no formato e-book. O grupo tem como objetivo a tradução de livros sem previsão de lançamento no Brasil, não visando nenhuma forma de obter lucro, direto ou indireto.

Para preservar os direitos autorais e contratuais de autores e editoras, o grupo, sem aviso e se assim julgar necessário, retirará do arquivo os livros que forem publicados por editoras brasileiras.

O leitor e usuário fica ciente que o download dos livros destina-se, exclusivamente, para uso pessoal e privado, sendo proibida a postagem ou hospedagem do mesmo em qualquer rede social, assim como a divulgação do trabalho do grupo, sem prévia autorização do mesmo.

O leitor e usuário, ao acessar o livro disponibilizado, também responderá individualmente pelo uso incorreto e ilícito do mesmo, eximindo o grupo de qualquer parceria, coautoria ou coparticipação em eventual delito por aquele que, por ação ou omissão, tentar ou utilizar o presente livro para obtenção de lucro direto ou indireto, nos termos do art. 184 do Código Penal e da Lei 9.610/1988.



Nunca comente com o autor ou seus conhecidos que leu o livro do mesmo em português, e muito menos envie o arquivo ou cite o nome do grupo que fez a tradução.

Se você quer continuar a ter acesso aos livros que não tem nenhuma previsão de lançamento no Brasil, mantenha sua boca e dedos calados.

Repeite o nosso trabalho voluntário e se realmente quiser ajudar o autor, compre um livro dele para contribuir, os autores vivem disso e temos que a fazer nossa parte. Você pode adquirir no formato ebook em vários sites oficiais, assim vai ajudar o grupo e aos nossos amados autores.

Não publique nossas traduções em Sites, Wattpad, Facebook, Blogger ou qualquer lugar público na internet.

Faça sua parte e terá leitura por muito tempo!



Shifter's Homeland

EQUIPE SHIFTER

TRADUÇÃO TM
MHN

TRADUÇÃO
SUELEN B. ♣ SÍLVIA H. ♣ BEC

REVISÃO
SÍLVIA H. ♣ BEC ♣ ANTON

FORMATAÇÃO
BEC DEVEREAUX MONTEIRO

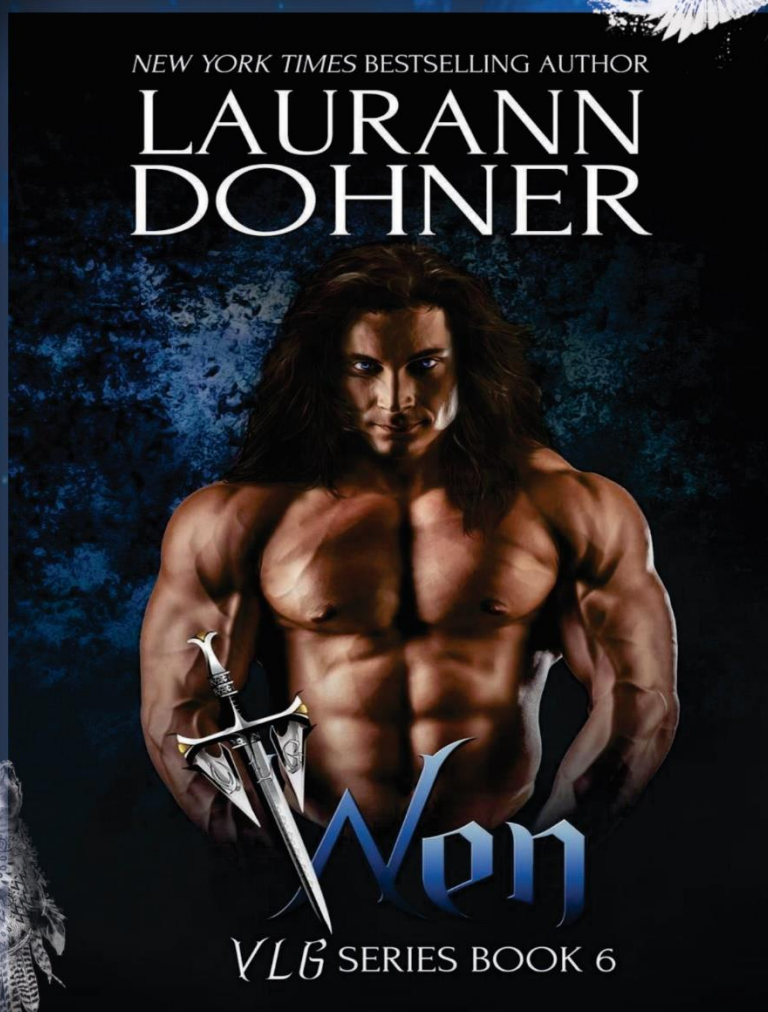


Quando o padrasto VampLycan de Gerri morreu, sua mãe as afastou do clã. Quando adolescente, foi o dia mais devastador de sua vida, porque afastou Gerri de Wen, o garoto que ela amava desde a infância. Quinze anos depois, esse garoto tornou-se um homem deslumbrante muito além de suas fantasias mais selvagens - e quando solicita uma reunião, Gerri suspeita que apenas vê-lo a levará a sentir tudo novamente.

A pequena loira que ele amou quando era um jovem VampLycan ainda é bonita - e muito humana. Embora Gerri tenha sido aquela com quem sempre quis estar, Wen não pode se acasalar com ela. Após a morte de seu irmão, Wen foi forçado a assumir os deveres do primogênito, que inclui o acasalamento com outra VampLycan. Mas ele precisa de um ser humano para realizar uma missão para seu clã, caçando um Vampiro perigoso em uma cidade humana. E ele aproveitará todos os momentos roubados com Gerri, que pode ter.

À medida que o perigo ao redor da missão aumenta, a paixão também, até que seja igualmente perigosa. Levará tudo o que Wen tem para evitar que reivindique sua companheira... porque isso poderia significar sua morte.

LANÇAMENTO ESPECIAL
PRESENTE SURPRESA!

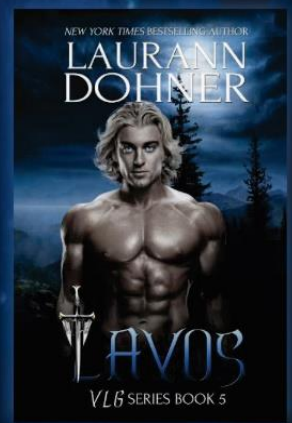
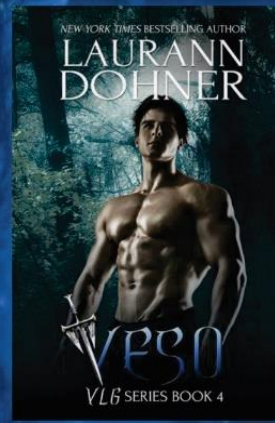
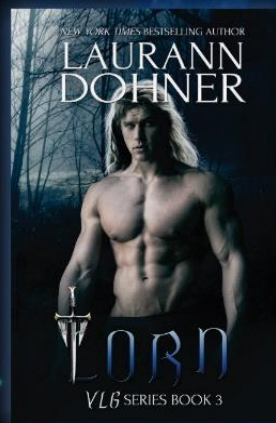
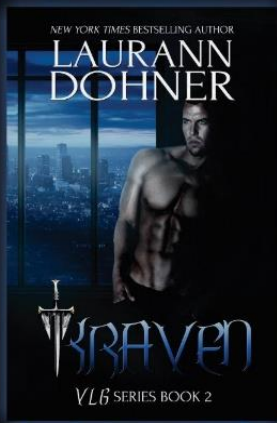
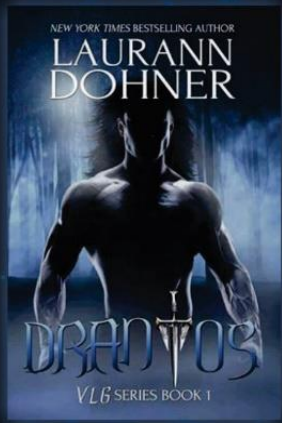


SÉRIE VGL
LIVRO 06

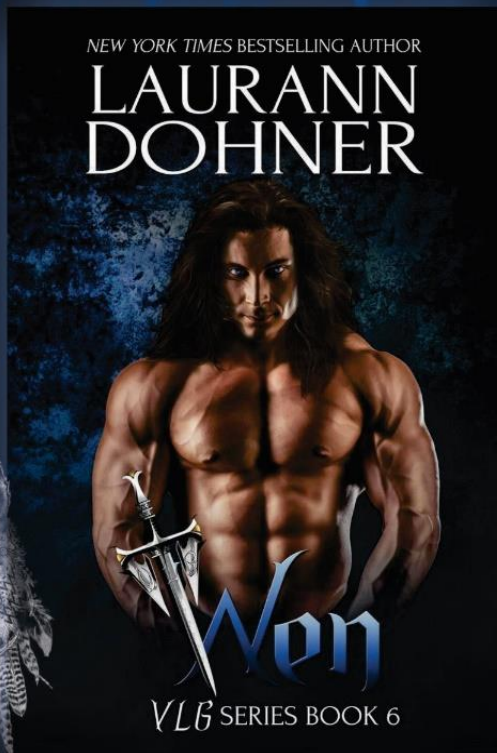
PARABÉNS!
2 ANOS SHIFTERS

SÉRIE VGL

DISTRIBUIDOS

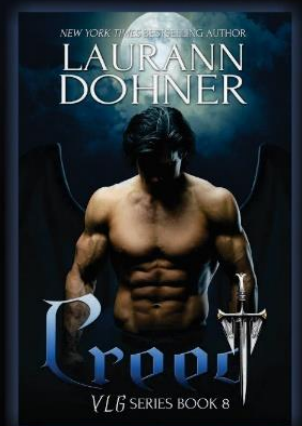
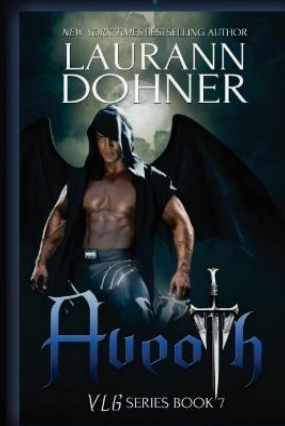


Lançamentos!



*Shifter's
Homeland*

PRÓXIMOS



LAURANN DOHNER

Capítulo Um

Não havia dúvida de que o cara, com aparência de motociclista, alto e com uma jaqueta de couro era Wen. Seu cabelo estava mais curto nos dias de hoje, não mais comprido até o meio das costas. Era castanho escuro, um pouco desgrenhado e caía em seus ombros largos. Seu pai tinha 2,06 de altura sendo mais alto que muitos homens e seu filho herdou mais do que apenas seu tamanho. Ele tinha o mesmo porte musculoso, com ombros largos e bíceps grandes que esticavam a camisa. A maneira graciosa e predatória com que caminhava pela calçada na direção oposta também confirmou que ela tinha o cara certo. Homens se afastaram do seu caminho, dando um amplo espaço, mas as mulheres viraram as cabeças, dando uma boa olhada.

Gerri suspirou, saindo das sombras do prédio no outro lado da rua. Seus cabelos loiros e encaracolados, caíam quase até a cintura e também poderiam ser uma bandeira acenando para dizer olá. A brisa forte fez seu cabelo chicotear seu rosto agora que ela deixou o abrigo da porta. Tentou mantê-lo curto, mas os cachos apertados a deixaram louca depois de algumas semanas. O peso o deixava ondulado em vez disso. Havia também a desvantagem de se assemelhar a uma versão loira de uma famosa órfã fictícia depois de cortá-lo - e as piadas que acompanhavam aquilo. Então, simplesmente deixou crescer, geralmente mantinha uma única trança pelas costas, mas não teve tempo de fazer isso antes. Ela repetiu muitas vezes a soneca do despertador.

Foi difícil dormir na noite anterior, sabendo que o veria novamente.

O vento soprou pela rua em sua direção e girou ao redor, agora caminhando pela calçada, olhos escondidos pelos óculos de sol escuros que usava. Ela resistiu a xingar no caso de sua audição ser tão boa quanto imaginava. Era um dia caloroso e começou a suar. Ele claramente pegou seu cheiro. Ela poderia ter ficado careca ou feito uma cirurgia facial e Wen ainda poderia localizá-la com os olhos fechados... algo que deveria ter se lembrado. Eles cresceram juntos. Não importa quais produtos de cabelo ou amaciante de roupa que ela usasse.

Foi um jogo tentar enganá-lo quando eram crianças. Wen sempre podia rastreá-la.

Ele se aproximou dela, atravessando a rua.

O desejo de correr a atingiu, mas ela ficou imóvel. Ele a pegaria antes de correr uma meia quadra e o resultado poderia ser embaraçoso. Já não eram crianças. Um jogo de perseguição poderia facilmente se tornar mortal se ela o desencadeasse para entrar no modo de caça. Não estava disposta a arriscar isso. Já não eram amigos.

Ele parou a dois metros de distância e ela odiava ter que levantar o queixo para o encarar. A diferença de tamanho entre eles sempre foi drástica, mas agora parecia ridícula. Ele era 30cm mais alto do que seu tamanho de 1,65 de altura e cerca de 68kg mais pesado do que ela.

— Você não cresceu muito.

Sua voz de barítono era apenas uma lembrança do que ele realmente era. Isso provocou calafrios pela sua espinha dorsal. Parecia ser humano, um grande, mas isso não era tudo o que ele era. — Você me chamou e eu vim. — Ela detestava a realidade que percebia em sua vida naquele momento. Ele a teria caçado se tivesse recusado uma reunião. Vê-lo novamente era doloroso e algo que queria evitar. — Como se você realmente me desse uma escolha. Sua mensagem no meu correio de voz foi um pouco ameaçadora. Não entendi isso.

Ele inclinou a cabeça e ela agradeceu que os óculos de sol que descansavam na ponte do nariz estivessem muito escuros para vislumbrar seus olhos. Tinha a sensação de que provavelmente não eram tão humanos quanto o rosto dele naquele momento. Ele soltou um grunhido suave, um sinal de que ela o irritou.

— Desculpe. — Ela abaixou o olhar para o imenso peito. — Você tem que admitir que esta é uma má ideia. Nós nos despedimos e deveria ficar assim. — Recusou-se a dar um passo atrás e se curvar um pouco na cintura para mostrar arrependimento. A desculpa verbal deveria ser suficiente. Seus costumes não eram mais dela. — É muito perigoso para mim ficar perto de você. Foi grosseiro fazer ameaças se eu não lhe enviasse o texto e me encontrasse com você hoje.

— Ela não acrescentou a parte sobre como percebeu que ele não se preocuparia se alguém a matasse por associação. — O que você precisa?

— Nós precisamos conversar. Por que escolheu esse lugar? É muito público. O que você está fazendo aqui?

Ela não estava surpresa por ele saber onde morava, já que conseguiu o número de celular dela. — Eu aluguei um quarto no andar de cima. Achei que você gostaria de privacidade. — Ela recuou, virou-se e rezou para que ele não fizesse alguma coisa para ficar até ele autorizar saírem. O garoto que ele costumava ser não seria tão facilmente ofendido, mas se tornou um homem que não conhecia. — Siga-me.

Ele não grunhiu um aviso de que ela estava sendo muito mandona, então respirou mais fácil quando entrou no motel barato. O funcionário da mesa não estava lá, provavelmente na parte de trás assistindo pornografia. Dois viciados em drogas no canto do pequeno lobby e adivinhou que estavam esperando que seu fornecedor aparecesse. O lugar era uma colmeia de criminosos indesejáveis, mas não tinha câmeras de segurança. Eles também aceitavam dinheiro, alugavam quartos por hora e nunca faziam perguntas.

— Você não confia em mim dentro do seu covil?

Ela esperou para responder até chegarem no elevador e as portas se fechar para mais privacidade. — É chamado de apartamento aqui no mundo real e não é sobre confiança. Achei que era melhor se eu pudesse simplesmente dizer que sou uma prostituta fazendo um trabalho, se nós formos vistos juntos. Não tenho ideia por que você está em Reno ou quem está caçando.

— O que a faz pensar que estou procurando por alguém?

Ela suspirou quando as portas do elevador se abriram, depois que pegou o cartão chave seguiu para a porta. O quarto estava entre as escadas e o elevador. Ela a destrancou e abriu a porta, esperando que ele passasse. Ele deu alguns passos para dentro, cheirou e franziu a testa.

— Prostituta ficaria certo. Este lugar cheira a sexo.

Ela fechou a porta e trancou. — Desculpe. Eu olhei e pareceu bom. Eu até espirrei alguma coisa perfumada ao redor.

— Então, o cheiro de Flores e corpos não lavados não se misturam.

Gerri inclinou-se contra a porta e ergueu o olhar, olhando seus óculos de sol. — O que é, Wen? Eu acho que deve ser muito terrível para você ter o problema de chegar até mim. Não sou fácil de encontrar.

— Você não respondeu minha pergunta.

— Você está procurando por alguém. Não deixaria o Alaska de outra forma. É o que vocês fazem. Ele é um sanguessuga, um dos nossos ou um combo?

Ele fez uma pausa. — É complicado.

— Um homem morcego? Merda.

Sua boca generosa curvou-se para cima. — Você sabe que eles acham esse termo ofensivo.

— Eu aprendi com você. Certifique-se de compartilhar esse fato se tagarelar e um GarLycan aparecer depois para pedir uma explicação. — O passado se misturou com o presente por um segundo. Foi uma conversa provocadora que eles poderiam ter tido quando crianças. — Por que me ligou? Eu não sei merda nenhuma. E evito qualquer coisa que acho que não é o que parece ser.

— A cidade está cheia de sanguessugas. Como você os evita?

— Eu não saio após o anoitecer. — Ela forçou um sorriso e juntou as mãos sobre o estômago. — É muito simples. Há grades na janela do meu apartamento. Eles teriam que fazer muita força, desperdiçariam muito tempo e energia para entrar. Há presas mais fáceis de conseguir. Mantenho as cortinas fechadas, não me mostro como um lanche e eu possuo algumas estacas com a ponta envenenada, por segurança. — Ela pausou, uma lembrança voltando. — Além de um machado bem afiado. Aconteceu antes. Um deles veio atrás de mim. — Acho que ele não fará isso de novo?

— Não. Foi antes que eu aprendesse a viver atrás de grades e paredes mais grossas. Eu o ataquei com uma estaca e isso meio que o afugentou até uma parede, então tive tempo de cortar a cabeça dele com meu machado.

— Seu ninho não veio atrás de você?

— Era um desgarrado. Você deveria ter sentido o cheiro dele. Ele provavelmente não tomou banho em meses, nem trocou de roupa. Nenhum Mestre jamais permitiria que um de seus cheirasse tão mal. — Ela limpou a garganta. — Também me mudei no dia seguinte sem um endereço de rastreamento, apenas no caso dele ter se juntado com alguns outros. Sou boa em fugir.

— O que você fez sobre o sangue? Parece que ficou bagunçado. Os seres humanos têm técnicos policiais e criminais, se você deixou o que eles teriam visto como uma cena de assassinato.

— Lâmpada UV e abri as cortinas para deixar entrar muito sol. O sangue de vampiro simplesmente desaparece quando você o expõe a ambos. Lembrei-me disso. Eu ainda tive que concertar as paredes. Ainda bem que as lojas de ferragens abrem cedo.

— Como está a sua mãe?

Doía pensar sobre ela, mesmo depois de quatro anos. — Eu não tenho ideia. Ela acasalou com um lobisomem, então eu me separei. Eu sei que você não gosta desse termo, mas eu vivo no mundo humano, e eles se chamam lobisomens. Alguns de sua matilha começaram a me cheirar. Tornar-me uma versão humana da puta em uma matilha não estava em meus planos de vida.

— Nenhum deles se interessou por você como companheira?

Ela hesitou, deu uma olhada ao redor antes de olhar seus óculos escuros. — Eles não eram tradicionais. Eu não sou ninguém para julgar, mas isso me deixou enojada mesmo. Vamos deixar esse assunto.

Ele se inclinou e com uma mão segurou a ponta do seu queixo. — Não vamos. Explique.

A raiva surgiu, mas ela não iria testar sua paciência. Ele nunca teve muita quando criança e achou que não teria nenhuma agora, que se tornou adulto. — Eles tinham uma regra de compartilhar entre os caras, está bem? Eles não acreditam em companheiros. Eu não me inclinaria para levar qualquer cara que me desejasse, mesmo que imensas quantias de dinheiro estivessem envolvidas, então certamente não faria isso de graça apenas porque minha mãe estava com o alfa. Qualquer mulher era vista como propriedade comunitária pelos homens. Não é para mim.

— O alfa permite que alguém da matilha foda sua mãe?

— Eu não acabei de te dizer as regras em sua matilha?

— Eu não entendo. Quantos homens compartilharam sua mãe?

— Eu realmente não queria saber com quem mamãe estava fazendo ou a quantidade de homens envolvidos. Ela me ordenou que ficasse, mas isso não aconteceria.

— Droga. Eu sempre gostei de Carol.

— Então, junte-se a sua matilha e você poderá desfrutar dela também, já que eles estão bem com isso.

Ele rosnou baixo, mostrando sua irritação. — Não quis dizer isso dessa forma e você sabe disso. Imaginei que ela evitaria todas as outras raças depois que seu companheiro morreu.

— Eu acho que ela perderia o tipo, você sabe? Dominação, controle total, com um bônus de adoração. — Se abaixou e passou debaixo do braço e rapidamente se afastou dele, sem se sentir confortável. — Ela é diferente agora.

— Obviamente. O que a mudou?

— A coisa de envelhecer lentamente finalmente desapareceu e ela ficou louca quando encontrou seu primeiro cabelo branco. Acho que a fez sentir-se humana e ela não queria isso.

— Mas ela é.

— Diga a ela e veja o quanto ela odeia. — Caminhou até o outro lado da sala e virou-se. — Acho que ela se juntou a essa matilha esperando que parasse de envelhecer. Eles não a reivindicarão como uma companheira, por isso só pode acontecer com uma grande quantidade de mordidas, sangramentos e esperar que ela tenha sobrevivido o suficiente para se tornar um deles. Eu não ficaria para assistir. Você sabe que a taxa de sucesso é tão baixa porque é muito brutal. Enquanto estava lá, ela estava bebendo um pouco do sangue que eles compartilhavam com ela. Isso também é perigoso, quando você não está acasalada, mas estava disposta a arriscar seu corpo rejeitar o sangue. Ouvi dizer que é uma maneira horrível de morrer. Eu não queria estar lá para ver esse pesadelo acontecer.

— Agora vamos parar de jogar e chegar ao ponto. O que você precisa de mim, Wen? Não conheço as pessoas certas se estiver procurando por contatos. Hoje tenho uma política de amigos somente para amigos.

— Ok. — Ele se aproximou, invadindo seu espaço pessoal novamente. — Eu preciso de um ser humano e você se encaixa no perfil.

— Por que eu?

— Você sabe o que realmente sou.

— Apenas escolha alguém e diga-lhes, então.

— Eles podem não lidar bem com a verdade e não posso confiar em um estranho.

— Você não pode confiar em mim. Já faz quinze anos que eu parti.

— Ainda está viva. Nunca contou a ninguém sobre sua vida no Alasca.

— Eu sei bem como funciona. Não preciso de um grande alvo nas minhas costas com todos os não-humanos me seguindo para se certificarem de que não possa falar. Além disso, mesmo que ninguém no seu mundo me considerasse uma ameaça real, os humanos empurram as pessoas que falam sobre vampiros, lobisomens e gárgulas em camisas de força. Eu ouvi que os medicamentos são excelentes em hospitais para doentes mentais, mas isso não é a minha praia. Não curto drogas. — Ela recuou. — Por que você está tão perto?

— Eu não cheiro um homem em você.

— E não irá. Não estou namorando ninguém agora. Terminou mal com o último namorado.

— Por quê?

— Eu dispenso homens que enganam e gostam de jogos de manipulação. — Ela olhou para ele. — Existem limites que você não cruzaria? Não estou perguntando sobre sua vida sexual.

— Estou solteiro.

— Esta semana. Sei muito sobre o seu tipo. Você obviamente, não encontrou sua companheira ou não estaria rastreando alguém sem ela nos calcanhares.

— Eu não teria deixado o Alasca. Homens acasalados não caçam tão longe de casa.

Ela assentiu, odiando o pequeno alívio que sentiu. Houve um momento em que concordou em se tornar sua outra metade. Era apenas uma criança estúpida.

Sim, continue pensando assim e talvez chegue a acreditar nessa desculpa um dia.

Ela mordeu o lábio inferior. — O que você precisa que eu faça? Isso vai demorar mais de um dia? Tenho um emprego.

— Não mais.

— Droga, Wen! O que isso significa? Não posso perder meu salário. Isso me mantém alimentada e um teto sobre minha cabeça. Você tem que pagar por essas coisas aqui no mundo humano.

Ele não disse nada, mas podia senti-lo olhando para ela.

— O que? Seu líder lida com merda como impostos, pagando todas as contas humanas que o clã tem e tudo isso. Eu estou por conta própria.

Ele alcançou dentro do bolso da jaqueta da frente e retirou um espesso bolo de dinheiro. — Por seu tempo. Não tenho certeza quantos dias demorará, mas você não deve deixar o meu lado até o bastardo ser eliminado.

— O que ele é, por que você precisa de mim? — Um sentimento de desespero se instalou no fundo de seu estômago. Ela se recusou a pegar o dinheiro, apesar do fato de que provavelmente era mais do que ganhava em seis meses trabalhando. — Merda. Sou a isca, certo?

— Não.

Ela ainda não alcançou o dinheiro. — Então, o que você precisa que eu faça? Apenas corte a enrolação. E desembucha logo.

— Bem. Sente-se.

Ela olhou a cama. — De jeito nenhum. Você sabe quantos germes e pequenos insetos estão provavelmente rastejando por toda essa coisa? — Ela olhou para ele. — Eu não sou do tipo de joelhos fracos.

Ele sorriu enquanto guardava as notas no bolso. — É por isso que quero você. Sempre foi durona, Gerri. Você é a humana mais forte que já conheci.

— Poupe-me do falso elogio. Apenas fale.

— Estou rastreando um criador de vampiros.

— Eles não existem.

Sua sobrancelha escura levantou-se acima dos óculos de sol. — Você tem certeza?

— Merda. O que eles são exatamente? Dê-me os detalhes.

— É o que chamamos de Vampiro Mestre que está criando um exército de soldados.

— Que porra isso significa?

Ele pegou seus óculos de sol e os tirou. A visão desses lindos olhos azuis fez com que ela se sentisse como uma idiota por acreditar que seria imune a ele depois de todos os anos que passaram separados. Nunca esqueceu como eles são hipnotizantes, mas a lembrança de sua magnificência absurda desapareceu ao longo dos anos. Ele tinha o tipo de olhos nos quais alguém poderia se perder.

Um azul brilhante que lembrava as safiras. Seu olhar caiu em sua boca, evitando olhar diretamente nos olhos dela novamente.

Ele empurrou os óculos para o bolso da camisa. — Pense num cadáver apodrecendo lentamente com a fome Vamp, mas ficam loucos dentro de alguns meses. Mais rápido se o Vamp os abandonar e não os alimentar com seu sangue para ajudá-los a sobreviver durante tanto tempo. Os soldados são assassinos brutais, mais difíceis de matar do que um Vamp regular, já que eles se curam mais rápido. Eles tendem a canibalizar seus próprios corpos fazendo isso, daí o cadáver apodrecendo. Nós descobrimos que eles podem transformar suas vítimas no mesmo. Este Vamp idiota deixou um deles no limite do território VampLycan e fez mais deles. Cinco soldados destruíram uma pequena cidade. Houve dezenas de mortes.

— Sério? Como isso aconteceu com o clã? Aposto que Trayis está pronto para abafar que isso aconteceu na sua porta.

— Não foi no nosso clã, mas outro.

— Então por que você está aqui? Parece que deveria ser problema do clã, não o seu.

— É uma longa história, mas Decker já não está no comando lá. O novo líder Lorn, pediu a outros clãs ajuda para resolver esta bagunça, porque ele tem as mãos cheias com alguns problemas internos. Eu me ofereci para rastrear e matar esse bastardo. Ele deixou uma bagunça para trás e poderia ter exposto nossa espécie. É um problema para todos os VampLycans.

Deixou que tudo isso afundasse. — Alguém desafiou Decker? — Isso a surpreendeu.

— Esqueça essa parte. Concentre-se em por que estou aqui.

Não era da sua conta. É o que ele deveria ter dito. Ela não se ofendeu por Wen não querer compartilhar notícias de sua antiga casa. Eles gostavam de manter o negócio do clã privado e ela não era mais parte desse mundo. — Bem. Então, você está rastreando alguns idiotas fazendo vampiros zumbis em alta velocidade.

— Ele precisa ser impedido.

Ela decidiu que o queixo de Wen era bom para olhar, seguro. — O Mestre está ameaçando todos, deixando para trás confusões suficientes para chamar a atenção para o seu tipo e para os outros. Uma cidade inteira sendo exterminada deve ser um pesadelo para se esconder.

— Exatamente.

— Então você se tornou Wen, o caçador de vampiros.

Ele sorriu, mostrando os dentes brancos e perfeitos, menos as pontas visivelmente mais afiadas. — Eu acho que você assistiu muitos filmes.

— Você entendeu a referência, então não sou a única.

— Culpado.

Ela ainda gostava de Wen. Isso não era bom. Não eram mais amigos e ele se tornou um adulto. Aqueles eram os mais perigosos de sua espécie e teve anos para mudar da pessoa doce que costumava ser. Com a maturidade vinha à responsabilidade. Sabia o que isso significava para um VampLycan. Os machos foram treinados para lutar, para efetivamente acabar com as ameaças e fazer qualquer coisa para proteger o clã. Eles não matavam pessoas inocentes, mas quem soubesse demais era considerado perigoso.

— O que você precisa de mim, especificamente? Sou gostosa o suficiente para chamar a atenção? Ou talvez acha que ele gostaria de me transformar em um Zumbi Vamp? Eu sou seu tipo ou algo assim?

— Nós descobrimos que ele se juntou a Lycans e Vamps que uniram forças. Eles estão trabalhando juntos por uma vez. Este fabricante de zumbiss quer iniciar uma guerra.

— O que este fabricante de zumbis tenta criar? Ele é um idiota? É contra a lei que um Vampiro crie mais VampLyans. Isso está no tratado.

— Estou surpreso que você se lembre das nossas leis.

Ops. Seria mais inteligente fingir que esqueceu tudo sobre sua infância. Estava fora de questão agora, no entanto. — Algumas que acho importantes. Vocês

não querem que os vampiros criem mais VampLycans a menos que seja uma união amorosa. Você protege toda sua raça, mesmo que alguém nasça no seu clã.

— Ele não está tentando procriar com nenhum dos Lycans que conhecemos. Ele está tentando convencê-los de que queremos acabar com todos os vampiros e Lycans.

— Isso não faz sentido.

— Obviamente. Este imbecil está agitando o medo na esperança de unir forças para nos destruir primeiro.

— Por quê? Quer dizer, não é como se ele quisesse pegar seu território. É muito remoto. Não há fontes de sangue suficientes lá e eles certamente não querem se alimentar de animais.

— Seu mestre foi morto depois de invadir o território do clã e sequestrou um VampLycan. É uma longa história. No fundo, esse fodido nos irritou. É um dado que retaliaremos. Ele fugiu do Alasca, juntou-se a esses bandidos e agora está tentando fazer parecer que vamos começar uma guerra com as matilhas e ninhinhos.

Ela considerou isso. — Cada ninho e matilha iriam atacá-los se eles vissem um grande grupo de VampLycans entrando em uma cidade. Eles acreditariam nele e acharão que vocês declararam guerra contra eles.

Ele inclinou a cabeça, ficando sombrio. — Exatamente. Ele está manipulando a situação para parecer que somos os agressores. Estou aqui para acabar com isso.

— Ainda não sei por que você me ligou.

Wen estendeu a mão e envolveu sua palma quente debaixo do queixo, forçando-a a olhar nos olhos dele. — Ele deixou essa bagunça na nossa porta, então fui enviado para acabar com ele. Isso levantará a suspeita quando descobrirem que estou aqui, mas pretendo dar-lhes a impressão de estar contra os clãs. Quanto a você, quem poderia ser louco o suficiente para escolher estar com um ser humano sobre meu próprio povo? Preciso que eles acreditem que eu fugi do

meu clã porque me recusei a deixá-la. Posso rastrear, conseguir as informações que preciso e depois matar esse filho da puta sem que ninguém suspeite até que esteja acabado.

Sua boca se separou. — O que? — Ela ignorou o insulto implícito de que ele era muito bom para ela. — Mas Trayis permitiu que alguns de seus clãs seacasalassem com humanos.

— O ninho que invadiu o território VampLycan é mais familiarizado com as leis de Decker. Ele teria matado por essa ofensa.

— Merda. — Se fosse esse o caso, ela poderia entender como algum Vamp louco compraria a ideia. Decker odiava os humanos. Isso não era um segredo.

Ele sorriu e seus olhos brilharam mais azuis.

Ela apertou os olhos. — Não venha com essa coisa Vamp. Não me manipule.

— Eu não estava fazendo.

— Mentiroso.

Ele rosnou.

Ela olhou para ele. — Suas íris estão brilhando. Isso apenas acontece quando você está prestes a puxar essa merda de controle mental, Wen. Fiquei mais velha, mas não sou senil. Eu me lembro.

Ele sorriu. — Eles também brilham quando penso em sexo.

— O cheiro aqui está chegando a você? Respire pela boca.

— Como desejar, cachinhos dourados. — Ele envolveu seu braço ao redor de sua cintura, enganchando-a e ela ofegou quando a puxou contra seu corpo. — Eu terei que convencê-los de que somos amantes... e você sabe o que isso significa. Eles não são humanos sem sentidos afiados.

Seus joelhos ficaram fracos pelo choque do que ele estava implicando. Ele a abraçou enquanto ela suavemente amaldiçoava, se recuperando. Seu olhar preso no dele.

— Eles precisam cheirar-me em você. Dentro de você. — Sua voz ficou grossa e muito sexy. — É uma coisa boa que ficou tão bonita, Gerri. Não será uma dificuldade fodê-la.

— Não! — Suas mãos empurraram seu peito. — Não, Wen.

Seus olhos se estreitaram e seu grunhido baixo era um aviso.

— Isso significa que você deve me deixar ir, porque não acontecerá. Você me ouviu sobre não querer colocar um grande alvo nas minhas costas?

— Não haverá consequências.

— Besteira. Minha mãe tem muitos defeitos depois que perdeu seu companheiro, mas ser desonesta não era uma delas. Eu sei sobre os pássaros e as abelhas quando se trata de seres humanos e não. Ela nunca foi a lugar nenhum, sem pelo menos um membro da matilha para proteger sua bunda. Qualquer coisa com um senso de cheiro sabia disso, porque ela estava carregando seu cheiro. É uma coisa para mim vir aqui disposta a dizer que eu sou uma prostituta se alguém me visse com você. O que você está falando é algo totalmente diferente, quer mostrar que está me fodendo. Eu teria que carregar seu cheiro, mas sem a proteção que o clã deu à minha mãe. Isso é como dizer a cada lycan e Vamp que estou disponível para o que quiser. Eu serei um anúncio ambulante de que já estou contaminada por seu mundo e a temporada de caça pode começar. Não!

— Contaminada? — Ele rosnou.

— Merda. Talvez foi uma má escolha de uma palavra, mas você sabe o que quero dizer. Seu cheiro chamará a atenção e eles ficarão muito mais propensos a irem atrás de mim, porque os seres humanos e outros cruzam as linhas ao entrarem num relacionamento íntimo. Os que não quiserem me matar, vão pensar que está tudo bem tirar sexo ou sangue de mim. Eu serei considerada um animal de estimação perdido, que eles podem simplesmente pegar e manter. — Ela fez uma pausa. — Abuso à vontade? De jeito nenhum.

Ele soprou uma respiração e pareceu acalmar-se. — Eu a protegerei.

— O que acontece quando você pegar esse criador de zumbis que destruiu a cidade? Por quanto tempo o seu cheiro ficará? Eu não sou uma prostituta, você pode pegar seu dinheiro e empurrá-lo onde o sol não brilha. E outros também não conhecem o significado da palavra não. Eu não quero ser pega por alguém que decida me atacar porque eu cheiro como alguém que fez sexo com um lobisomem ou um doador de sangue disposto. Não faça isso comigo, Wen! Por favor. Pelos velhos tempos. Nós costumávamos ser próximos.

— Prometo que isso não irá acontecer.

— Besteira. Você não estará por perto para impedir que lycans ou Vampiros híbridos tomem o que querem de mim. Isso irá me matar porque lutaremos.

— Tem a minha palavra de que não deixarei seu lado até que meu cheiro tenha desaparecido.

— Quanto a sua palavra vale para um mero humano? Vamos. Conheço as regras pelas quais os VampLycans vivem. Você morreria antes de quebrar uma promessa para seu próprio povo, mas para alguém como eu? Estamos aqui para intervir se a necessidade surgir. É o melhor para o clã, sempre.

— Você não é apenas qualquer humano, Gerri. Você fazia parte do meu clã.

— Eu era a criança que todos aguentavam porque minha mãe estava acasalada com um de vocês. Não era tudo rosas e palavras bonitas. Alguns dos clãs detestavam-me. Pelo menos uma dúzia deles me via como uma idiota que os trairia um dia. A única razão pela qual eu sobrevivi foi porque você me protegeu dos “acidentes”. Trayis os teria punido, mas só depois de terem mostrado meu corpo morto.

— Eu ainda a protegerei.

Ela deixou cair o queixo, descansando a testa contra o peito. — Por favor, Wen. Encontre outra mulher. Faça a mente dela com os olhos e a force a atender seus comandos. Depois de conseguir o que precisa, limpe a cabeça dela.

— Eles saberiam que eu estive dentro da cabeça dela. Ninguém acreditaria que eu abandonaria meu clã por uma mulher que tive que segurar pela força. Eles são cascas vazias se você repetidamente mexer com suas mentes. — Ele

pressionou contra ela, efetivamente prendendo-a na parede. — Bonita, mas sem cérebro, não é o meu tipo. Eu preciso de você.

A forma sexy que ele grunhiu essas últimas palavras fez coisas com Gerri. Tentou ignorá-lo. Seus mamilos ainda reagiam doendo e seu estômago se apertou. Ela caiu por Wen com tanta força quanto qualquer garota jovem e sem ideia poderia. A palavra com A veio à mente, mas isso trouxe de volta a dor. Parte dela desejava que ele a impedisse de ir embora quando seu padrasto morreu e sua mãe os deixou.

Wen apareceu - mas ele foi para dizer adeus em vez disso. Simplesmente deixou sua mãe levá-la embora.

— Você está quinze anos atrasado, amigo. — Saiu, empurrando contra ele. — Deixe-me ir e se afaste.

— O que isso significa? — Ele se recusou a se mover ou permitir que se afastasse quando tentou.

Gerri guerreou consigo mesma. Lutou sobre ter que admitir a verdade, mas talvez ele tivesse um coração. Ela duvidava, mas eles já estavam perto. O fato de não ter que olhar para ele enquanto falava ajudava.

— Eu não posso fodê-lo, Wen. Não me peça o impossível. Desculpe-me por não poder ajudar na missão de assassinato, mas não posso fazer nada.

— Você admitiu que gosta de homens. — A empurrou contra a parede com mais força, quase esmagando-a. Ele estava ao redor dela, seu corpo firme pressionado contra o dela. — Diga-me que você não me considera atraente. Não acreditarei e posso provar que está errada. Você gostará.

— Filho da puta. — Ela parou de empurrar, pois era como tentar mover uma rocha. — Você cresceu e se tornou um idiota, não foi? Conheço a merda que vocês podem fazer com uma mulher. Os feromônios fazem você cheirar tão bem que os tornam irresistíveis. Você também está excitado e pode seduzir uma árvore se desejar. Apenas não faça isso comigo, Wen. Por favor? Eu não quero me ferir.

Ele inclinou a cabeça e recuou um pouco. Ela respirou mais facilmente - até ele pressionar o rosto contra o pescoço dela. Sua respiração quente tocando a pele sensível debaixo da orelha e ele gemeu suavemente quando falou. Era sexy como o inferno e causava arrepios pelo seu corpo. Ela cometeu o erro de respirar pelo nariz. O cheiro dele bateu e ela mal conseguiu sufocar um gemido. Definitivamente estava usando sua habilidade de aroma como pecado puro contra ela.

— Eu serei gentil.

Ela o empurrou novamente, mas não conseguiu mover seu corpo. — Você não está me ouvindo.

Ele roçou os lábios sobre o lóbulo da orelha. — Muito gentil.

Ela sabia que ele seria e que poderia colocá-la nua na cama dentro de alguns minutos ou menos. Ela viu um VampLycan ou dois em ação seguindo as mulheres. Isso a assustou o suficiente para ser franca. — Eu não quero que você parta meu coração pela segunda vez, porra! Deixe-me ir e pare, Wen!

Ele endureceu e sua boca parou de tocá-la. Ela abriu os olhos quando ele empurrou seu corpo o suficiente para colocar espaço entre eles. Seu queixo era onde deveria ter olhado, mas em vez disso olhou para seus olhos. A surpresa que viu lá foi evidente. Ele não esperava que dissesse isso.

— Você sempre pensou que era tão inteligente quando estávamos crescendo. Adivinha? Você era um idiota! — Ela parou, mas a raiva não seria negada. — Você não tem o direito de aparecer e mudar a vida que trabalhei tão duro para construir. Foi difícil esquecer de você.

Ele realmente empalideceu. Isso era algo, já que tinha um bronzado dourado todo o tempo, obviamente gostava de sol. — O quê?

— Estava apaixonada por você. — As palavras foram sussurradas, mas sentiu-se bem em finalmente tirar esse peso. — Partiu meu coração quando deixei o clã porque precisei deixá-lo. Você não teve esse problema. Não vou jogar o jogo de ser sua amante porque isso não significará nada para você quando for embora. Mas minha vida será uma bagunça de novo, se eu conseguir sobreviver

e não deixar você me matar. Não posso enfrentar esse tipo de mágoa novamente, Wen. Não, obrigada. Encontre outra mulher. Eu digo o mesmo que você me disse na última vez que nos separamos. Tchau. Tenha uma boa vida!

Ela se moveu rapidamente, passando sob um dos braços ainda pressionado contra a parede. Ela correu para a porta e saiu, feliz quando ele não a impediu.

O elevador não estava lá, então precisou esperar. O som de passos pesados no corredor a deixou tensa. Wen aproximou dela, os óculos de sol no rosto e um olhar severo torcendo os lábios.

— Você era apenas uma garota naquele tempo. Isso é tristeza. Você não me amava.

— Tanto faz. Continue sendo um estúpido. Você sempre foi tão bom nisso. — Ela virou as costas para ele. — Encontre outra pessoa. Não será eu.

As portas do elevador se abriram e ela entrou. Foi um alívio quando ele não se juntou a ela. As portas se fecharam e ela pressionou o botão, então se inclinou fortemente contra a parede. Foi melhor que ele finalmente entendeu. Wen encontraria alguém para ajudá-lo. Outra mulher poderia ser a parceira de cama, brincando de casal feliz para pegar seus zumbis. A idiota que concordasse em ser a amante dele acabaria com o coração partido e ainda cheirando como uma propaganda ambulante - venha e me leve a qualquer filhote ou Lycan, que achava que ela era fã de homens perigosos - ou uma ameaça para ser eliminada.

Respirou mais fácil quando saiu do motel e voltou para o carro estacionado a dois quarteirões. Um olhar atrás dela assegurou que não foi seguida. Em segundos, estava atrás do volante e em seu caminho para casa.

Wen conhecia a verdade agora. Isso feriu seu orgulho, mas seria pior ter que cuidar do seu coração enquanto se esquivava de predadores depois que ele voltasse para o Alasca. Sua vida não era a melhor, mas era o que tinha. Sua rotina chata era bem-vinda. Participar na política VampLycan não era.

Capítulo Dois

Gerri secou os cabelos e sorriu para a tela do computador. — De jeito nenhum, Ann. Você sabe que eu não vou para os clubes.

Sua amiga franziu a testa através da ligação de vídeo. — Por favor? Ben estará lá, mas estou fazendo jogo duro. Me afastei faz duas semanas, quando ele me convidou para a festa de aniversário, mas eu quero ir. Parecerei desesperada e triste se aparecer sozinha. Nós vamos juntas e é apenas uma coincidência. Nós esbarramos acidentalmente com ele.

— Essa é a coisa mais linda de todos os tempos. Você percebe isso, não é? Ele não é um idiota. Ele entenderá seu jogo assim que entrar no clube. Você não anda com seus amigos. Conseguiu um convite oficial como os de seus amigos?

— Não, mas é uma boate, aberta ao público. Você acha que seria óbvio que estivesse lá para encontrá-lo?

Gerri jogou a toalha sobre o guidão de sua bicicleta estacionada no canto da sala de visitas que ela transformou em uma sala de computador / exercício. — Totalmente. Descubra onde almoça perto de seu escritório e apareça um dia. Essa é a maneira mais suave e mais verdadeira. Não sei por que você quer jogar. Apenas diga sim quando ele a chamar para sair.

— É por isso que você está solteira. Os homens gostam de um desafio. Não quero que pense que sou fácil.

— Então não durma com ele no primeiro encontro.

— Você o viu. Quem diria não?

— Eu. — Gerri se aproximou da tela. — Apenas vá ao clube e diga-lhe que você mudou de ideia. Ou não. Não vou com você. Meus planos esta noite consistem em assistir a um filme e estar na cama antes das dez. Preciso de roupas limpas e tive que faltar ao trabalho hoje, então prometi a Robert que eu chegaria cedo amanhã para compensar o tempo. Você tem sorte de ter uma lavadora e

secadora dentro do seu condomínio. Tenho que colocar a primeira remessa no início do amanhecer quando a nossa lavanderia abre ou nunca consigo, porque os meus vizinhos não deixam as máquinas até o horário de fechamento. Agora – tome coragem e chame Ben se não quiser aparecer sem aviso prévio. É um pouco depois das sete e você disse que começa às nove. Faça enquanto ele ainda está em casa para que possa ir buscá-la. Problema resolvido.

— E se ele chamou outra pessoa? Isso seria estranho ouvir por telefone.

— Seria mais estranho ser apresentada a ela no clube. Basta ligar. Estou fora.

— Gerri clicou desligando, balançando a cabeça.

— São os rituais de namoro humanos realmente tão estranhos?

Gerri saltou em seu assento, seu coração acelerado. Ela não se virou. — Como diabos você entrou?

Wen ficou quieto e ela finalmente virou a cabeça para o lado, encontrando-o inclinado dentro da porta. Ele parecia estar lá por um tempo, com sua posição confortável. O casaco desapareceu, mas ele ainda usava a mesma roupa. Seus olhos estavam descobertos e enquanto olhava para eles, desejava que ele ainda estivesse com os óculos de sol.

— Não me esqueci de fechar a porta, eu a tranquei. Você quebrou meus bloqueios?

— Você mora em um apartamento.

Ela saiu da cadeira, apertando a toalha dela. — A gerente tem um conjunto de chaves reserva. — Ela adivinhou. — Você hipnotizou a pobre Sra. Wagnor para entregá-las.

— Foi fácil.

— Isso é tão grosseiro e errado. Apenas porque você pode, não significa que deva mexer com a cabeça das pessoas. Ela é uma senhora doce. Você não fez nada com ela, não é?

Ele franziu o cenho. — Não prejudico os inocentes.

— Você apenas força-os à sua vontade. O que disse a ela?

— Eu a limpei completamente de me encontrar. Ela não se lembrará de nada.

— Você ainda tem minha chave?

Ele sorriu. — Sim.

— O que acontece quando ela perceber que meu conjunto de chaves está faltando e pensar que ela se tornou senil por ter perdido? — Ela atravessou a sala, mas manteve um bom espaço de quatro pés entre ele. — Devolva-os para que isso não aconteça. Vocês nunca pensam nas consequências da porcaria que faz. Saia agora, Wen. Não temos mais nada a dizer.

— Discordo. Lembro-me de suas palavras de despedida quando você deixou nosso clã também. Disse para comer merda e me chamou de cara de cachorro.

— Eu estava com raiva!

— Fui para dizer adeus e desejar que ficasse bem.

— Pensei que você estivesse vindo para impedir que eu partisse.

Ele se moveu rápido e Gerri ofegou quando suas mãos a seguraram pela cintura, levantando-a de seus pés. Ela agarrou seus braços quando ele entrou no quarto dela. Ele rompeu a conexão entre eles, jogando-a pelo ar. Ela pousou em suas costas, saltando quando bateu no colchão. Levou um segundo para perceber o que ele fez.

— Maldição! — Lutou para se sentar.

— O que eu deveria ter feito? Golpeado sua mãe no traseiro e jogado você sobre meu ombro? Corrido para a floresta para viver lá com você enquanto o clã inteiro nos perseguia?

Sua boca se separou, mas nenhuma palavra saiu quando ela olhou para um Wen muito irritado. A cor dos olhos escureceu até um profundo azul de meia-noite, uma indicação certa de que estava perto de mudar de forma. Ela olhou para baixo e viu o sinal revelador de suas unhas se alongando. O pelo parecia escurecer e engrossar ao longo de seus braços, espalhando-se para cima em seus bíceps. Ele rosnou, o som alto em seu apartamento e mostrou as presas afiadas.

Sua reação matou sua raiva e a deixou cautelosa. Não era comum um VampLycan facilmente perder a calma. Finalmente encontrou algo para dizer. — Acalme-se. Não fique todo mal no meu apartamento. Eu nunca conseguiria limpar todos os pelo que você soltaria no meu tapete.

— Eles teriam nos pego dentro de dois dias - foi o que percebi, mesmo assim. Sua humanidade teria nos atrasado, mesmo comigo carregando-a nas minhas costas. Eu pensei que poderíamos procurar um santuário com os GarLycans se pudéssemos chegar tão longe, dar-lhe tempo para amadurecer. Era uma loucura, já que eles nos devolveriam, mas minha mente foi lá de qualquer maneira.

O assombro a silenciou.

— Sua mãe se recusou a ficar. Eu implorei, mas ela não queria esse tipo de vida para você. Disse que tudo lembrava seu companheiro e estava partindo seu coração. Você tinha quinze anos, então eu não tinha o direito de reivindicá-la. A idade de consentimento é de dezoito anos, a menos que ambos os pais morram. Então com dezessete anos. Até pensei em matar sua mãe. Não foi o meu melhor dia.

— Wen... o que você está dizendo? — Ela correu pela cama para se sentar na beirada, sem ter certeza de que suas pernas a apoiariam o suficiente para ficar de pé.

Ele olhou para as mãos dele, flexionou-as até que todos os pelos extras desapareceram de seus braços e então levantou um para passar os dedos pelos cabelos. Ele se virou, dando-lhe as costas. — Eu também tinha sentimentos. Planejei rastreá-la mais tarde... mas as coisas mudaram.

Seu mundo inteiro pareceu como se estivesse se desintegrando ao redor dela. Já pensou que ele estivesse apaixonado por ela também. Era o que estava dizendo agora. O que não disse antes. — Você encontrou alguém com quem se importou mais? Você tem uma companheira? Onde ela está, Wen? Você não deixaria uma companheira por nada. É contra sua natureza.

Ele suspirou e voltou a encará-la novamente. — Não há companheira, Gerri. Meu irmão mais velho foi morto e suas responsabilidades caíram sobre mim. Meus pais se esforçaram muito. Ele era seu primeiro filho. Minha mãe ficou um

pouco insana também. Ela sofreu a perda da pior maneira. Eles sabiam o que sentia por você, mas deixaram claro que a rejeitariam como minha companheira. Eles exigiram que me acasalasse com uma VampLycan de sangue puro. Meus descendentes levarão nosso nome da família e posição no clã.

Uma parte dela ficou aliviada por ele não estar acasalado, mas também estava triste. — Sinto muito por Gerbin.

— Obrigado. Não pude colocar você em perigo. Minha mãe realmente perdeu a cabeça e meu pai é excessivamente protetor. Ela é mentalmente frágil, o que o deixa louco também. Eu me preocupava que ela tentasse matá-la se eu alguma vez a levasse para casa - ou ele faria isso para mantê-la feliz.

— Eles pensam que por eu ser humana geraria netos fracos.

— Sim.

Eles olharam um para o outro. Ele deixou sua mão cair do lado, onde estava fechada como um punho. Deu um passo mais perto, mas depois parou. — Eu esperava que a atração fosse desaparecer quando eu decidi encontrá-la. — Ele olhou para o corpo dela. — Você quer a verdade? Eu vi você... e todos esses sentimentos que costumava reprimir voltaram. Você é linda, cachinhos dourados. Você não faz ideia do que faz comigo ainda.

Gerri permaneceu sentada, com certeza suas pernas não a sustentavam agora. O antigo apelido era um lembrete do passado. A provocava sobre seus cachos dourados e se chamou o grande lobo mal. Ela indicou que ele tinha seus contos de fadas misturados, mas ele não se importara. — É por isso que você realmente veio para mim por ajuda?

— Eu estou caçando um vampiro louco, mas pensei em você quando cheguei nessa solução. Meu plano me dá uma desculpa para passar tempo com você e cumprir minha missão.

— Dois pássaros com uma pedra, hein?

Ele sorriu, o azul de seus olhos se aclarando. — Sim.

— Então você mentiu para mim, precisando bancar a parte de sua amante, porque estava esperando que se me colocasse na cama, você poderia se livrar da coceira? Finalmente acabar?

Todo o humor fugiu. — Eu disse a verdade. A única maneira de me aproximar dele é se nós ficarmos juntos. Ele saberá que estou lá para ele de outra forma, mas minha saída do clã para ficar com um ser humano é plausível. Ele está mais familiarizado com o clã de Decker, já que ele é o bastardo que os enviou para o Alasca. Eu não apenas tenho que matá-lo, mas preciso descobrir o tipo de dano que ele causou antes de conseguir. Isso significa passar pelo menos alguns dias ao seu redor.

— Por que Decker faria isso? Eu mereço respostas se você me quer participando.

Ele hesitou, então suspirou. — Você está certa. Decker queria governar todos os quatro clãs, não apenas o seu. Ele está fazendo ataques furtivos contra o nosso clã e os outros há anos. Lorde Aveoth o proibiu criar uma guerra com outros VampLycans. O medo de ter os GarLycans defendendo os grupos de Trayis, Velder e Crocker manteve-o principalmente sob controle. Então Decker pensou que finalmente encontrou uma maneira de controlar Lorde Aveoth e fazê-lo unir forças para acabar com seus inimigos. Aconteceu. Em vez disso, Lorde Aveoth ficou furioso e o quer morto, então Decker fugiu.

— Decker está louco. Nunca provoque a raiva de um homem morcego. Eles são frios e horripilantes. — Ela estremeceu, lembrando as poucas vezes que ela viu GarLycans a distância, quando alguém visitava o clã para transmitir uma mensagem. Eles eram aterrorizantes. — Além disso, eles voam. Você não pode nem os ultrapassar.

Wen sorriu. — Muito verdadeiro. É por isso que Decker fugiu. — Suas feições ficaram sombrias. — O estúpido bastardo tentou chantagear Lorde Aveoth. Estamos imaginando que Decker ficou furioso quando soube que Lorn assumiu a liderança do clã que deixou. Ele enviou um ninho de Vampiros para foder com eles. Então a pequena cidade humana sofreu.

— Os Vamp precisavam comer.

— Foi mais do que isso. Destruímos esse ninho, mas um deles sobreviveu. É para ele que eu vou depois. Nós imaginamos que ele culpa Decker e todos os VampLycans pela perda de seu amado Mestre. Ele deve ser impedido antes que nos cause mais problemas.

— Então você irá atrás dele. Mas você é um VampLycan. Não pode ocultar isso deste Vamp, pode?

— Ele saberá o que sou. Ele está coletando desgarrados, então fingirei ser um. É um bom disfarce ser caçado pelos mesmos membros do clã rastreando-o porque você e eu somos amantes proibidos. E tem um toque de verdade, já que minha família ficaria indignada se soubesse que vim buscar ajuda. Estou esperando que ele me deixe entrar em seu ninho ou seja lá como chama. Obtenho minhas informações e depois poderei matá-lo.

— Wen... eu não posso fazer isso por você. — Mas ela estava tentada.

Wen se aproximou dela e ficou de joelhos, tão perto que ela conseguia estender a mão e tocá-lo. — Preciso da sua ajuda. Não confio em nenhum outro humano o suficiente e uma mulher manipulada não os convenceria, não sou uma ameaça. Mesmo os Vamp não podem suportar escravos de sangue sem mente por muito tempo e os matam. Você sabe o que sou e eu não precisaria me preocupar com você se virando contra mim. Sabe que alguns humanos pensariam que somos monstros se eles descobrissem a verdade. Posso acabar com uma faca nas minhas costas enquanto estou dormindo ao lado de uma, já que eu teria que revelar o que sou. Não morreria, mas isso destruiria meu disfarce se a mulher tentasse me matar. Isso não parece realmente amoroso, não é?

Ela engoliu em seco.

— Eu preciso não apenas chegar a ele, mas tenho que descobrir o que ele fez. Isso significa ficar pelo menos algumas noites para conseguir informações.

— Que tipo de informação?

— Se algum dos ninhos ou matilhas acreditam nas palavras do cabeça de merda como verdade. Preciso saber se o Conselho Vampiro está exortando todos os ninhos a nos atacar ou se é apenas aquele a quem esse idiota pertencia.

Ela podia entender por que isso era importante. Um ninho poderia ser destruído. O conselho ordenar que cada ninho vá atrás dos VampLycans seria seriamente ruim.

— Você não está curiosa sobre como poderia ser entre nós? — Ele se aproximou, olhando profundamente nos olhos dela. — Eu sei. Não posso te oferecer um para sempre, mas você não quer saber o que teria sido se tivéssemos tido a oportunidade de ficarmos juntos?

— Wen... — Ele era tão sexy e ela ansiava tocá-lo.

— No pior caso, vamos pensar que o que tínhamos era real. No melhor caso, descobriremos o suficiente para nunca querer nos ver novamente. Nós não teremos certeza de qualquer maneira, a menos que nos tornemos amantes.

Ela fechou os olhos, incapaz de olhar mais para ele. — Deus, Wen. Não faça isso.

— Ainda não estou a tocando.

Ainda. — O que acontece se for real e esses sentimentos ainda estiverem aí? E se eles aumentarem? — Ela se forçou a olhar para ele novamente. — E se decidirmos que queremos um para sempre?

Wen desviou o olhar naquele momento. — Não pode acontecer. Tenho que voltar para casa e não seria seguro para você. — Ele voltou seu olhar para ela. — Eu temo que minha família possa querer magoar você ou nossos filhos.

Crianças. Seu ventre se contorceu apenas imaginando ter algum com Wen. Parou de sonhar sobre isso há muito tempo. Sua família a veria como o inimigo. Ele declarou isso. Ela sabia tudo sobre VampLycans e a importância dos primeiros filhos. Wen tornou-se um apenas depois da morte do irmão mais velho.

Ela não viu o irmão de Wen, Gerbin, quando vivia com o clã. Ele nasceu mais de vinte anos antes de Wen. O irmão mais velho viajava muito, fazendo o que Wen parecia estar fazendo agora. Ele deixava o clã para rastrear e matar inimigos. O pai de Wen era um ancião e tinha uma posição alta no clã, então era dever do primogênito o legado ser um executor do líder do clã. Havia uma

chance real de que as crianças que ela e Wen tivessem juntos poderiam perder a capacidade de mudar de forma, tornando-as inúteis nesse papel. Mesmo Trayis, o líder do clã, não iria querer que isso acontecesse com os filhos de Wen. Todos eles eram muito rigorosos sobre manter o clã forte.

Sua mãe foi autorizada a se acasalar com um VampLycan porque ele era comerciante. Ele não era um lutador, mas sim artístico. Seu padrasto era um gênio com um motosserra e um grande pedaço de madeira, vendendo suas esculturas por grandes quantias que compartilhava com o clã. Ele realmente conheceu sua mãe enquanto estava no mundo humano em um show de arte para promover seu trabalho.

— É muito para correr o risco. — Conseguiu dizer.

— Não vejo assim. — Wen balançou a cabeça.

Sua raiva voltou. — Você não vê. Eu era a única que vivia com medo de alguém finalmente me empurrar sobre um penhasco apenas para se livrar de mim. Alguns desses filhos eram maus, Wen. Nunca quero que meu filho sofra essa merda ou seja visto como fraco. Eu poderia engravidar. Você pensou mesmo nisso? Ops! Acontece. Então o que? Você teria a opção de me matar definitivamente ou de me levar de volta ao clã, onde nosso filho enfrentaria preconceito. Você mesmo disse isso, seus próprios pais representariam uma ameaça. E mesmo que alguns de seus clãs possam ser idiotas sobre um garoto meio humano, eles ainda manteriam nosso bebê mais seguro do que eu poderia. Não duraria duas semanas por minha conta uma vez que meu cheiro mudasse. Todos os loucos com um nariz saberiam que estava carregando algo não totalmente humano. Também poderia pintar um sinal que afirmasse: mate-me – e pendurá-lo ao redor do meu pescoço.

Um músculo em sua mandíbula apertou-se e seus olhos escureceram. — Eu não vou engravidá-la, Gerri.

— Não sou como você. — Ela ficou atônita, ela teve que lembrá-lo, de seu povo. — Suas mulheres podem procriar quando querem porque podem controlar sua ovulação. Mas eu não posso controlar. Não estou no controle de natalidade.

— Eu sentiria o cheiro se você estivesse ovulando.

Ela franziu o cenho para ele. — Isso é perturbador em tantos níveis. Mas e se estivermos no meio desta bagunça para a qual quer me arrastar e estiver naquele período do mês?

A tensão deixou seu rosto tenso a cor dos olhos mudou ainda mais. Humor brilhou. — Você nunca ouviu falar de preservativos? Preciso explicar o que é para você? Os homens humanos os usam para impedir que a gravidez aconteça?

— Muito engraçado. Eles podem rasgar.

— Não acontecerá. Você está procurando desculpas agora.

— Não. Estou usando suas próprias palavras contra você. Disse que esses bandidos precisavam cheirar você em mim. — Ela fez uma pausa. — Dentro de mim. Isso significa sem preservativos.

— Eu saberei quando você estiver ovulando e se eles disserem alguma coisa, direi que estou evitando engravidá-la porque estamos fugindo.

Ele provavelmente tinha um ponto, mas sim. — Você não pode garantir que não vou engravidar por acidente.

— Você não é a primeira humana que toquei, Gerri.

A sensação de punhalada era ciúme e ela odiava sentir isso. — Oh, esse é um ponto maravilhoso. — Ela fez uma careta. — Então não quente.

— Desculpe. — Ele realmente pareceu se arrepender das palavras. — Não quero ouvir sobre os homens que você permitiu o acesso ao seu corpo. Estava apenas afirmando um fato. Eu não a engravidei.

Ela. Ela queria perguntar com quantas ele dormiu, mas resistiu, sem ter certeza que gostaria da resposta. — Como você sabe. Ficou perto o tempo suficiente para se certificar?

Esse músculo ao longo de sua mandíbula saltou novamente. — Claro. Sempre usei um preservativo e nenhum deles rasgou.

— Namorando humanas, hein? Aposto que seus pais adoram isso.

— Fui enviado para o mundo em muitas ocasiões para caçar outros e fazer negócios para o clã. Às vezes fiquei por alguns meses.

E os machos VampLycan se excitam tanto quanto o inferno. Ele não precisava declarar isso. Ela também se lembrou que nunca entrou em contato com ela antes. — Por que vir me ver agora?

— Desta vez você não cheira a outra pessoa.

Sua resposta atordoou-a. — O que?

— Esta não é a primeira vez que a procurei, Gerri. — A cor azul de seus olhos escureceu novamente. — Nunca deixei meu território para viajar em seu mundo sem ter alguém para rastreá-la primeiro. O Lycan que contratei informou que você estava em uma relação. Não me importaria mais se tivesse que te levar de alguém. Preciso de você e estou cansado de esperar que seja o momento certo para descobrir o que existe entre nós. Diga suas desculpas, proteste o quanto quiser, mas você não evitará o inevitável. — Seu olhar abaixou até o laço de seu roupão. — Eu vou fodê-la, Gerri. — Ele olhou de novo em seus olhos. — Esta noite.

Sua frequência cardíaca aumentou e sua respiração também. — Wen, por favor, não.

— Você me quer tanto quanto te quero. Diga-me o contrário e eu a chamarei de mentirosa. Você não tem medo de mim. Deve ver como sua pele está corada agora. Posso ouvir seus batimentos cardíacos. — Seu nariz se alargou enquanto ele se inalava. — Posso cheirar o quão molhada e necessitada você está. Você me atormentou desde que entrei na porta.

Ela apertou as coxas, horrorizada porque sabia o que estava pegando com o seu nariz super. — Isso não é sobre você. Me masturbei no chuveiro. Pare de me cheirar, por favor! Isso é tão grosseiro e odeio ter que admitir algo tão pessoal. Vocês malditos VampLycans não têm respeito pela privacidade.

Ele sorriu. — Você estava pensando em mim quando o fez?

Ela queria golpeá-lo porque ele acertou com seu palpite. Ela geralmente fantasiava sobre ele. — Vamos, Wen. Eu estava realmente pensando no meu ex-namorado.

A mentira pareceu surpreendê-lo. Seus traços se torceram com raiva e uma explosão de raiva. Ele pulou e a fez cair de costas. Não doeu, mas ficou tão atordoada que não reagiu com rapidez o suficiente para impedi-lo de empurrar seu roupão pelas pernas e abri-las. Suas mãos agarraram suas coxas internas, mantendo-as abertas.

— Serei o melhor que você já teve, Gerri. Será a minha lembrança que encherá sua mente a partir de agora quando se tocar, desejando que fosse eu em vez disso.

— Você maldito! — Ela sabia que ele a expôs da cintura para baixo. Não estava vestindo nada sob seu roupão. — Deixe me ir. — Estava excitada, querendo-o, mas era uma má ideia. — Pare com isso!

— Nem mesmo comecei. — Algo de seu temperamento desapareceu ao ouvir seu tom áspero, mas ele mostrou suas presas. Elas intimidavam como o inferno e eram um pouco assustadoras. Ele realmente abriu mais a boca e passou a língua pelas pontas afiadas. — Fique quieta. Eu não quero cortá-la por acidente.

Sua boca se separou, perguntando o que diabos isso significava, mas então ele se curvou, sentando-se para se abaixar. O aperto de suas coxas mais forte e empurrou todo seu corpo mais perto da beirada do colchão. Com o nariz sobre sua boceta.

— Não se atreva. — Sussurrou.

Ele teve a coragem de piscar. — Sempre quis fazer isso.

Ela endureceu e parou de tentar se contorcer no segundo em que ele abaixou o rosto e sua respiração quente atingiu seu clitóris. Era algo saído de um dos sonhos mais sexuais que teve sobre Wen. Claro, não esperava sentir suas presas pressionadas em ambos os lados do clitóris, dando-lhe acesso mais fácil. O primeiro toque de sua língua áspera sobre o feixe sensível de nervos a fez apertar seus braços.

Ele rosnou e sua língua vibrou contra o local, que era mais receptivo ao prazer.

— Eu odeio você. — Ela gemeu.

Sua resposta foi um rosnar mais alto e moveu a língua contra o clitóris. Ela soltou os braços e agarrou a cama. Parecia muito bom para lutar. Nenhum de seus ex-namorados poderia fazer o que Wen estava fazendo. Apenas ele conseguia fazer o sexo oral enquanto causava a sensação de um vibrador ao mesmo tempo. Ela ofegou, tentando se lembrar de não mover os quadris com o risco de cortá-la com as presas. Isso provavelmente ficaria mal.

Seus mamilos se apertaram sob o roupão, tornando-os excessivamente sensíveis e o material macio de repente parecia áspero. O calor se espalhou por sua barriga quando o prazer disparou diretamente de seu clitóris para o cérebro dela. Ela iria gozar forte e quase com vergonha, já que Wen não estava perdendo tempo com as preliminares. Todos os seus músculos ficaram rígidos e suas costas arqueadas na cama.

— Oh Deus. — Gemeu, então mordeu o lábio inferior tentando parar de falar.

Wen rosnou mais alto, provavelmente alto o suficiente para que seus vizinhos ouvissem, mas não se importava. O clímax a atravessou. Foi brutal e feroz, tão intenso que não conseguia pensar, apenas queria saber se sobreviveria porque todo o sangue pareceu correr para o cérebro, quase explodindo.

Levou um momento para descer do pico de prazer e ela percebeu que estava sendo virada. O tecido sendo rasgado quando Wen a tirou do roupão no processo. Ela estava suando e o ar parecia gelado depois de ser enrolada no tecido quente. Seus joelhos bateram no tapete e ela estava dobrada sobre a cama até que seus quadris ficaram contra o lado do colchão. O som distinto de seu zíper misturado com a respiração áspera de ambos.

Ela deveria protestar, mas não o fez. O queria. Gerri virou a cabeça, afastando um pouco de seu cabelo úmido do rosto. Wen estava de joelhos atrás dela. Os olhos dele eram azuis. Era uma lembrança do que disse sobre eles fazendo isso quando estava excitado. Eles eram absolutamente lindos e ele também.

Seu olhar abaixou enquanto ele tirava a calça. Não foi uma surpresa que não usasse roupas íntimas. O tamanho de seu pênis era um pouco assustador. Era grosso, longo e incrivelmente duro. A única coisa que chamou a atenção dela foi quando ele estendeu a mão e tirou a camisa, jogando-a de lado. Toda aquela pele bronzeada foi revelada e a visão de seu abdome de oito gomos era digna de olhar. Tudo sobre Wen era grande e intimidante. Sexy.

— Eu serei gentil. — Sua voz era rude, mais animal do que humana.

Ela encarou seu pau e fechou os olhos, tentando relaxar. — Acho bom. — Ela disse. — Você é enorme.

— O elogio te fará ganhar comigo.

Sua mão se apoiou ao lado de seu ombro e ele pressionou contra suas costas. Ele estava quente, mas era pele, não pelo, então manteve completamente sua forma humana. Ela agradeceu por isso, porque alguns VampLycans podiam morder um pouco durante o sexo. Ela viu sua mãe e padrasto uma vez, algo que desejava que pudesse esquecer. Ele era principalmente humano, mas tinha uma enorme quantidade de pelos, juntamente com alguma ação prolongada do maxilar e mordidas. Ela não queria isso com Wen.

Wen usou seu joelho para golpear sua coxa interna e ela abriu as pernas mais. — Queria que você fosse maior. Você é tão delicada, cachinhos dourados.

Ele usou a outra mão para agarrar seu cabelo, algo que não esperava e descobriu um ombro e o lado de seu pescoço. Ele se inclinou e seus lábios roçaram a pele, beijando-a. Relaxou ainda mais, contente por não ter conseguido fodê-la imediatamente. Ele usou a mesma mão para alcançar entre seus quadris e acariciar seu clitóris. Ela estava molhada, podia sentir o quanto assim que ele deslizou o dedo lentamente em sua boceta.

Gemeu em resposta, foi incrivelmente bom quando ele testou para ver se estava pronta para tomá-lo. Ele não saiu imediatamente, mas sim tentou explorá-la empurrando o dedo mais fundo. Torceu o dedo, então a ponta dele esfregou e ela gemeu quando encontrou o lugar certo. Ele se acalmou e esfregou novamente. Gerri arqueou a bunda para lhe dar um melhor acesso.

— Peguei GL¹.

Perguntou-se o que isso significava, mas então o dedo dele se saiu e algo muito mais grosso esfregou contra seu sexo. Ele encontrou a entrada com a cabeça de seu pau e empurrou para frente, entrando em sua boceta. Esticou-se para acomodar a circunferência de seu eixo, mas ela nunca teve alguém de seu tamanho antes. Era um ajuste apertado e sua cabeça abaixou até que sua testa descansou contra o colchão. Ele foi gentil, não entrou rápido e permitiu que se ajustasse até que estivesse completamente dentro.

— Merda. — Ele resmungou, a boca contra a orelha dela. — Você vai me matar.

— Idem. — Ela gemeu.

Ele saiu, mas não totalmente e empurrou. Era duro e todos os nervos pareciam ser atingidos quando a preenchia de novo. Parou, grunhiu baixo e repetiu a ação mais algumas vezes até que o aperto se aliviou quando seu corpo se familiarizou com ele.

Ela gemeu novamente quando ele a mordiscou com os dentes ao longo da curva de seu ombro. Não foi doloroso. Tinha certeza de que não rasgou a pele, mas suas presas aumentaram o prazer. Nunca achou que gostaria de ser mordida, mas novamente, era Wen.

Ele fez isso de novo, um pouco à direita, mais perto de sua garganta enquanto pegava o ritmo de fodê-la e ajustou o ângulo de seu pênis.

— Oh! Deus — Gemeu, entendendo agora porque ele disse que a pegou. Ele estava direcionando seu pau naquele ponto que encontrou com o dedo. Ela ouviu falar de um ponto G, mas de repente acreditou em sua existência, se esse sentimento intenso fosse qualquer indicação.

A fodeu mais rápido, mais duro e ela freneticamente pegou sua mão ainda apoiada na cama, precisando desse contato. Se agarrou a ele, queria se mover com ele, mas a manteve presa com o peso de seu peito nas costas. Ela apenas podia sentir.

¹ É o apelido dela, porque ela não gosta de seu nome: Geraldine

Seus músculos vaginais se apertaram logo antes de gozar. Seus gritos foram abafados contra a cama, mas o grunhido de Wen não, quando ele apertou a boca no ombro dela, sem rasgar a pele. Agarrou seu quadril com uma pressa quase frenética enquanto a fodia. Ela sentiu isso quando ele começou a gozar. Seu pau latejava forte, quase um batimento cardíaco pulsando contra suas paredes vaginais, até que se acalmou. Seguiu-se uma leve sensação de pressão, pequenas rajadas e em seguida, o líquido quente se espalhou por dentro dela.

Wen colapsou sobre ela, mas então pareceu lembrar que poderia sufocá-la com seu peso. Ele levantou o suficiente para se certificar de que ela ainda poderia aspirar ar em seus pulmões. Ambos sofreram com uma respiração curta e o suor fazia cócegas de onde seus corpos ainda estavam pressionados juntos. Não era uma surpresa que o sexo com Wen fosse nada menos do que quente, bagunçado e inspirador.

Esperou que se afastasse quando sentiu seu pênis amolecer um pouco, mas ele não se moveu. Gerri finalmente levantou a cabeça, abriu os olhos e olhou para o rosto dele. Ele estava concentrado, embora seu cabelo escondia seus traços. Algo na parede do outro lado da sala parecia segurar toda a atenção.

— Meu vizinho está pressionado contra a parede nos ouvindo? Tenho certeza de que fizemos um ótimo show para ele.

Wen não respondeu.

— Olá para Wen? Você adormeceu?

— Cala-se, Gerri. — Ele brincou. — Apenas não fale agora.

Isso a irritou. Lutou para se levantar e ele mudou seu peso o suficiente para permitir que ela levantasse seu peito da cama. Apoiou as mãos e empurrou o traseiro, esperando desalojá-lo de sua posição sobre ela.

Ele não estava preparado para isso. Seu pau deslizou para fora dela quando ele recuou, pousando em sua bunda. Ela se arrastou na cama, arrancando a coberta para prende-la ao redor do corpo enquanto rolava, olhando para ele.

— Você me fodeu. Eu disse que isso era um erro. Não se atreva a me falar para calar a boca porque se arrependeu. Você tinha que entrar e gozar em mim? Sabia que estava preocupada sobre engravidar. Teria matado você sair antes de gozar?

Ela olhou-o enquanto falava, notando a maneira como ele parecia um pouco sério. Sua mandíbula parecia tensa, um pouco demais e seu nariz tinha uma aparência estranha, mais largo do que deveria ser. As presas ainda estavam presentes, mas seus olhos não brilhavam mais. Eles estavam muito negros. Os pelos cresceram ao longo de sua mandíbula e em partes de suas bochechas.

— Que diabos? Você se transformou ainda dentro de mim? Você imbecil!

Ele rosnou e rolou, puxando sua calça enquanto lutava para se levantar. Ele virou de costas quando guardou o pau e fechou o zíper. — Cale a boca, porra. Dê-me alguns minutos.

— Eu lhe falei sobre meus pais e o trauma que sofri depois que os peguei porra. Você pensou que era engraçado, mas concordou que era tão errado que ele fizesse meio mudado por trás, literalmente. Não acredito que você tenha feito isso comigo.

Wen tentou novamente forçar seu corpo a submissão. Não estava ouvindo. Ele nunca teve esse problema antes e piorou, ouvindo Gerri se irritar com ele. Ele não a culpava por ficar chateada. Fechou os olhos e tentou ignorá-la. Ele concentrou seu foco em seus batimentos cardíacos rápidos, retardando-o.

Um objeto suave bateu nas suas costas. Parecia um de seus travesseiros. Ele sorriu, grato por não ser algo mais sólido, como uma das suas lâmpadas de cabeceira. Percebeu que o humor ajudava quando seu rosto relaxou, assegurando-lhe que a mandíbula voltou a uma posição humana e os pelos em seu rosto recuaram. Apenas Gerri ousaria atingi-lo com um travesseiro. Correu sua língua ao longo de seus dentes para se certificar de que suas presas se retraíram.

Ele respirou profundamente, abriu os olhos e virou-se.

Gerri tinha a maior parte de seu edredom escondendo seu corpo. Ela estava de joelhos, apertando o cobertor grosso e segurando outro travesseiro, estava prestes a abrir caminho. Seu cabelo era uma bagunça de cachos úmidos que caíam em desordem sobre ambos descobertos, mesmo cobrindo um dos seus olhos e metade de seu rosto. Ela parecia adorável e sexy como o inferno. Seu pau endureceu.

— Desculpe. — Ele quis dizer isso.

— Vá para o inferno!

Ele já estava lá. Perguntando-se sobre como seria ter Gerri, sempre o manteve acordado à noite, mas a realidade foi muito melhor do que tudo o que fantasiou. Estava numa merda profunda e era homem o suficiente para admitir. Suspeitava que ela poderia ser a única para ele, mas agora tinha certeza. Ele perdeu o controle de seu corpo e essa foi a primeira vez. Era também um sinal, que desejava desesperadamente ignorar.

— Desculpe. — Ele repetiu.

— Saia, Wen. Estou falando sério. Você conseguiu se livrar de sua comichão e se arrependeu. Obrigada por me foder, como sabia que faria. Agora saia! — Ela deixou o travesseiro voar.

Esquivou-se pisando de lado. Seu humor fugiu. — Não me arrependo e faremos isso de novo.

Ele estremeceu com sua expressão horrorizada. Ela gostou do sexo tanto quanto ele. Nunca esqueceria os sons doces que fez enquanto a fodia e o quão bom ela sentia, se contorcendo quando gozou com seu pau enterrado profundamente naquela boceta quente dela. Poderia se tornar seu vício favorito.

Ela se recuperou o suficiente para olhar para ele. — Fora, Wen. Tchau. Tenha uma boa vida!

Gerri nunca o perdoaria pelas palavras que falou uma vez. Era a segunda vez que as jogou na cara. Ele era jovem então e não teve escolha senão permitir que se afastasse. Os tempos mudaram. Não podia exatamente levá-la para casa com

ele, mas tinha tempo antes de retornar ao Alasca. Cada minuto seria gasto com ela.

— Tive que controlar meu corpo. Não queria mudar parcialmente. O sexo foi muito bom. Precisava de silêncio para fazê-lo, precisava bloqueá-lo. — Ele não iria dizer nada mais.

— Então foi um acidente? Você acidentalmente se transformou ainda dentro de mim e gozou, você planejou isso? Você me pegou, não o contrário.

— Você precisa cheirar como eu. Eu planejei a segunda parte. Eu a marquei por dentro.

Ela virou a cabeça, procurando uma arma. O livro de bolso em sua mesa de cabeceira foi sua escolha. Ela o jogou sobre ele. Ele ergueu a mão para facilmente defendê-lo. Ele saltou da palma da mão e bateu no chão. Isso pareceu irritá-la mais e bufou, procurando por algo maior enquanto abriu a gaveta da mesa de cabeceira. Ele ficou tenso, esperando que ela não tivesse uma arma. Não o mataria, mas uma levar uma bala dói.

O objeto que ela retirou era estranho. Era rosa e de plástico brilhante. — Que diabo é isso?

— Um vibrador. — Ela o lançou.

Ele pegou e estudou o objeto estranhamente moldado. Não estava familiarizado com os brinquedos sexuais, mas não precisava ser um gênio para descobrir o que era. Um sorriso interrompeu o rosto quando arqueou as sobrancelhas. — Isso é uma dica? — Deu um passo mais perto quando seu polegar pressionou contra um botão. Transformou o objeto e as vibrações o fizeram rir. — Agradável. Nunca usei sobre em ninguém antes, mas estou disposto a tentar.

— Ooooooh! — Ela gritou e quase caiu de sua cama quando tentou sair dela, mais ficou emaranhada no edredom.

Ele estava pronto para se mover para frente e impedir que ela batesse no tapete, mas ela conseguiu se equilibrar antes que surgisse a necessidade. Ele se acalmou, desligando o brinquedo sexual, então ficou em silêncio.

— Eu marcarei você. — Ela murmurou. — Eu queria ter um chicote ou um cinto. Você precisa ter sua bunda chutada.

Ele riu, jogando o brinquedo na cama a uma distância segura dela. — Isso parece ruim, mas não estou nessa. Você está?

— Você me espanca e vou arrancar suas bolas. — Ela apontou um dedo para ele. — Você está me irritando. Não acho que esteja sendo encantador.

Ele ergueu as mãos. — Acalme-se.

— Eu vou sair.

— Eu esqueci o quão irracional você pode ser. É fofo.

— Oh, eu sou fofa para você. — De repente ela deixou cair o edredom, andando nua para o banheiro. A porta bateu antes que ele pudesse reagir, preso no lugar.

Ele caminhou até ela, mas não a abriu. O som da água que fez com que apertasse os dentes. Ela estava tomando banho para tirar seu cheiro. Apostava que planejou lavá-lo também. Ergueu uma mão e bateu. — Pare, Gerri.

— Foda-se!

Ele quebrou a maçaneta da porta. Agarrou-a firmemente e torceu, aplicando força suficiente para que a coisa barata não tivesse chance. Não queria danificar a porta.

Entrou no banheiro e encontrou Gerri prestes a entrar no box de vidro. A sua visão nua fazia o inferno com sua libido já ativa. A queria novamente. O fato de que ela amaldiçoou, agarrando uma toalha para envolver ao redor dela para esconder seu corpo, não passou despercebido.

— Você é tão grosseiro.

— Você está com raiva porque o que experimentamos a assustou. Compreendo. Também conheço você... mas também me conhece, GL. Você está entrando em pânico e agindo dessa maneira tentando evitar a verdade. — Ele usou propositadamente o apelido para lembrá-la do passado. — Não queria perder o controle. Também não estava preparado para isso. Maldição, quando estou

perto de você isso acontece. Por isso queria que ficasse em silêncio. O desejo ainda estava lá. Não tem ideia de quão perto eu cheguei de tirar sangue.

Ela tropeçou, dando um passo para trás, mas esquecendo o vidro atrás dela.

Ele se moveu rápido, um braço envolvendo sua cintura e empurrando-a contra seu corpo para salvá-la de bater contra a parede. Colocou-os juntos e ela olhou nos olhos dele. Observou as emoções cintilarem nos olhos dela, o espanto e em seguida, a crescente cautela. Ela balançou a cabeça, mas apertou seu bíceps com as duas mãos, agarrando-se nele em vez de tentar afastá-lo.

— Eu queria provar seu sangue da pior maneira. — Ele odiava admitir isso.

— Sua espécie só faz isso durante o sexo para ver se encontrou sua companheira. Esse desejo é raro.

— Você se lembra.

Ela fechou os olhos e ficou surpresa quando inclinou o rosto para a frente, apoiando-o contra o peito. Se sentia bem em seus braços, apesar da diferença de tamanho. Ele apertou seu abraço envolvendo o outro ao redor dela.

— Você não pode fazer isso, Wen. — Sua voz suave era difícil de ouvir sobre a água, mas ele o fez.

— Eu sei.

— Sua família nunca me aceitaria. Talvez daqui algum tempo, mas não agora.

A perda de seu irmão mais velho foi dolorosa, mas também a verdade de suas palavras. — Mencionei isso.

Ela virou o rosto, pressionando sua bochecha contra ele. A sensação de suas lágrimas quentes não era esperada. Estendeu a mão e desligou a água. O silêncio, com apenas a respiração, parecia amplificado. Voltou a colocar o braço em volta da cintura, desejando consolar aos dois.

— E se você tivesse me mordido e descobrisse que sou sua? — Ela fungou e soltou seus braços, envolvendo-os em volta da cintura.

— Você sabe a resposta.

— Você teria que me reclamar.

— Teria condenado você a se tornar um alvo da ira da minha família.

— Isso é de tudo fodido.

Ele sorriu, mas foi com amargura. — Sim. Sinto muito.

— Eu também.

Ela fungou novamente e balançou, soltando-o. A deixou ir enquanto ela se afastava, escondendo seu rosto. Evitou olhar para ele no espelho quando se curvou sobre a pia, espirrando água no rosto. Ela usou uma toalha de mão pendurada ao lado dele para secar toda a água. Finalmente se endireitou e se virou, encontrando seu olhar novamente.

— Você precisa ir, Wen. Eu realmente não posso ajudá-lo agora.

— Discordo.

Ela olhou para ele.

— Eu preciso que você tire isso.

— Você está louco? — Ela segurou sua toalha um pouco mais. — Eu não tenho um desejo de morte. Nós já fizemos sexo uma vez. Posso remover seu cheiro se você sair do meu caminho e me deixar nesse banho.

— Não. Este fabricante de zumbis é perigoso e também os bandidos com quem ele está envolvido, mas posso lidar com eles. Só preciso me aproximar o suficiente. Você pode me ajudar a fazer isso. Eu serei o alvo se eles vierem depois que a merda atingir o clã, não você.

Ela balançou a cabeça, olhando-o com incredulidade. — Não estou falando sobre isso. Você quer que eu banque a amante para você como um disfarce para entrar no meio deles, mas isso significa que teremos que continuar fazendo sexo. Não sou ingênua, Wen. Você tem o desejo de testar um acasalamento. Queria poder esquecer tudo sobre minha infância, mas fui criada em sua cultura. Toda vez que você me toca, esse impulso vai se fortalecer. Seu cheiro em mim ficará mais forte também. Estou errada?

— Não. — Não mentiria para ela sobre isso.

— E se eu gostar de você, se tiver esses sentimentos fortes, você irá me encantar. É questão de tempo. A natureza vai dar um empurrão, você não terá escolha. Estou errada sobre isso?

Ele franziu a testa, sem dizer nada.

— Aceitarei isso como um não. Você tem certeza de que apenas sentirá um pouco de ferro no sangue quando você me morder ou já sabe que sou sua companheira e se sente bem o suficiente para arriscar isso. Qual é o caso?

— Nunca encontrei outra pessoa que eu quisesse testar antes. Você é a única mulher por quem já tive esses sentimentos.

— Isso piora. E se você me morder e ficar com insanidade instantânea?

— Então saberei que você é minha companheira.

— E o que então? Você encontrará sua força super VampLycan e será o primeiro homem a resistir a reivindicar uma companheira? Você é maluco?

Ele hesitou. — Tenho certeza de que posso controlar o desejo de mordê-la. Também não seria o primeiro a resistir a reivindicar uma companheira. Isso simplesmente não acontece com frequência.

— Nunca ouvi falar disso.

— Você saiu há muito tempo e não estava ciente do que estava acontecendo em outros clãs. Outro VampLycan se recusou reivindicar sua companheira, principalmente humana no clã de Decker. Seu amor por ela era forte o suficiente para garantir que ela não fosse morta. Decker a mataria. Lorn sabia que era uma sentença de morte.

Capítulo Três

Gerri acordou com um corpo grande e quente tocando suas costas. A lembrança foi instantânea. A mão de Wen segurava um de seus seios, sua perna entre as dela enquanto eles dormiam. E o que a acordou foi seu pau rígido levemente contra o traseiro. Ela mordeu o lábio e tirou a cabeça de seu outro braço, que o rodeava.

Um olhar para o relógio e ela apertou os dentes. Seu turno começou em três horas antes. Seu chefe ficaria irritado o suficiente para demiti-la. Ela também perdeu a chance de lavar a roupa.

— Volte a dormir ou vou fodê-la novamente. — Wen sussurrou, sua voz rouca e sexy.

— Eu ficarei dolorida. — Admitiu, sentindo sensibilidade entre as pernas. — Humana, lembra-se?

Ele ajustou seu corpo um pouco na cama e acariciou seu ombro com o rosto. O beijo que ele colocou ali foi de boca aberta e raspou os dentes suavemente contra sua pele. — Desculpe. Tivemos muito tempo para compensar. Eu poderia sangrar por você.

— Não. — Ela odiava o modo como sua oferta criava um nó no estômago.

— Você pode tomar meu sangue. Isso é seguro e irá curá-la.

— Passo. Prefiro sentir um pouco de dor do que ficar mais excitada do que o inferno. Eu sei que vai me fazer sentir mais alta que uma pipa e me dar adrenalina, já que não estou ferida. Mamãe me explicou.

Ele riu. — Isso não é ruim.

Ela abaixou a cabeça contra o braço e fechou os olhos. Era hora de mudar o assunto. — Estou chocada, já que meu telefone não está tocando. Meu chefe deveria ter ligado.

— Eu desliguei o telefone depois que você adormeceu.

A raiva surgiu. — Você o que?

— Você não precisa desse trabalho. Está trabalhando para mim agora. Eu também devolvi a chave para a velha depois que dormiu, então ela não sentirá

falta dela. Eu também reparei sua porta. Você sempre deve colocar esses trincos nela. Algum imbecil poderia ter feito da mesma maneira que eu fiz.

— Não diga isso sobre o trabalho quando estamos nus. Parece obsceno.

Sua mão em seu seio suavemente apertou. — Você vale a pena cada centavo.

Ela acertou-o nas costelas com o cotovelo. — Não é engraçado.

Ele riu. — Isso deveria doer? É como cócegas. Terá que trabalhar mais duro.

Ela balançou e virou-se, de frente para ele. Ele endireitou as pernas para permitir e rolou sobre suas costas. Seu cabelo estava bagunçado do sono e sua expressão geralmente áspera era suave, apenas acordando. A aparência dele deitado em sua cama com a cobertura baixa em seus quadris matou seu desejo de golpeá-lo. Ela estendeu a mão e passou a ponta dos dedos sobre os músculos do estômago.

— Eu pensei que não queria que a fodesse. — Sua mão agarrou a dela, impedindo-a de acariciá-lo.

— Você não poderia ter uma barriga?

Ele sorriu. — Não.

Ela observou seu peito e os braços musculosos. — Você é lindo.

— Você não pode usar o termo forte ou bonito?

Gerri sorriu. — Eu disse que nunca dormiria com um cara mais bonito do que eu. Você me fez quebrar a promessa.

De repente, ele rolou, batendo-a em suas costas e descendo sobre ela. Ele empurrou com os braços, colando o peito dele nos seios dela. Ele abaixou o olhar e lambeu os lábios. — Você é bonita, G.L Todas as curvas suaves. — Ele olhou nos olhos, um brilho de humor aparecendo em seu olhar. — Você é uma pequena máquina sexual.

— Uma pequena máquina?

Ele segurou seu peso com um braço para libertar o outro. Ele agarrou seu quadril com uma mão. — Você é pequena, mas tem a melhor bunda e seios que eu já vi. Abra suas pernas.

— Qualquer um é pequeno em comparação com você. Eu quero, mas estou muito dolorida, Wen. Nós o fizemos quatro vezes ontem à noite e você não foi exatamente gentil nas duas últimas.

Ele abriu a boca e suas presas deslizaram para baixo.

O coração de Gerri acelerou. — O que você está fazendo? Retraia os dentes pontudos.

Ela ficou atordoada quando ele se certificou de que podia vê-lo morder a língua. Deveria doer. O sangue brotou em ambos os lados e ele abaixou-se. — Abra para mim. — Seu olhar fixo em sua boca.

— Não.

Ele soltou seu quadril e gentilmente acariciou seu lado. Agitou-se e ela riu. A boca de Wen cobriu a dela e ele imediatamente aprofundou o beijo. O sabor de seu sangue se misturou na língua. Ela tentou virar a cabeça, mas ele ergueu a mão e capturou seu queixo para manter seu rosto no lugar. Ele era muito bom nisso e ela começou a beijá-lo de volta.

Ela estendeu a mão e envolveu seus braços ao redor de seu pescoço. Ele ajustou seu corpo, levantando-se um pouco. Ela estendeu as pernas, sabendo o que queria quando seu pau rígido cutucou a coxa. Estava molhada e pronta quando ele entrou lentamente nela. Ela gemeu contra seus lábios.

O sangue funcionou rapidamente. Ela esqueceu a dor. Isso a deixou um pouco aturdida e desorientada, mas Wen manteve-a ancorada na realidade quando ele começou a se mover, empurrando sua pélvis com movimentos lentos, enviando prazer em todo seu corpo. Ela gemeu de novo, chutando os lençóis emaranhados para libertar seu pé preso e enrolar suas pernas mais alto em sua bunda. Ele era gentil, quase sentindo sua necessidade de ternura.

Ele rompeu o beijo e ela abriu os olhos. Também estavam abertos, brilhando azuis. Ele se inclinou um pouco para um lado e levantou a mão, mordendo o dedo indicador. O sangue brotou da ponta e ele ofereceu a ela. Ela abriu a boca, sugando-o. Ele rosnou.

— Isso é muito sexy. — Ele inclinou a cabeça. — Dê-me seu pescoço.

Ela soltou o dedo. — Você não pode me morder.

Ele fechou os olhos e parou de se mover sobre ela. — Porra.

Ela soltou seus braços ao redor dele e tentou ignorar os outros sintomas por tomar seu sangue. Sua pele parecia hipersensível e o calor se espalhava pelo corpo. Ela apertou os ombros e fechou os olhos. Cada segundo que passou a deixou mais consciente dele e de seu próprio corpo.

— Você está bem?

— Sim. Eu sinto que tenho febre e está se espalhando do meu cérebro para meus pés. É como tomar o oposto de uma pílula para dormir.

Ele riu. — É o meu sangue atingindo sua corrente sanguínea. Passará num minuto ou dois. Por isso que eu parei. Estou esperando que você se recupere.

— Fico feliz que isso seja divertido. Não lembro que isso aconteceu na última vez que você me deu sangue quando eu tinha nove anos.

— Não me lembre. — Ele abaixou o rosto e acariciou seu lado com o dela. — Eu estava com medo de você morrer.

Ela estava certa de que também iria. Um passeio inocente na floresta para se sentar junto ao córrego quase se tornou mortal. Ela não viu o urso até que estava apenas cerca de seis pés. Percebeu no mesmo instante em que a avistou.

Ela congelou, rezando para não atacar. Um rugido mais tarde e ele pulou.

O resto foi um borrão. Ela gritou e correu por sua vida. Não havia um lugar seguro para ir. Os galhos das árvores não ofereceram ajuda, pois podia escalá-lo atrás dela. Ela apenas esperava alcançar a aldeia e segurança. Não aconteceu assim. Ela não era rápida o suficiente e o urso a rasgou com suas garras maciças, tirando seu equilíbrio. A dor assegurou-lhe que estava viva quando se encontrou esparramada no chão, mas então o urso foi para ela novamente. Ela ficou imóvel, mais pela dor do que ser inteligente, para fingir de morta.

Foi quando Wen apareceu. Ela não o viu no início, mas ouviu seus grunhidos. O urso rugiu e conseguiu encontrar a força para levantar a cabeça. Wen mudou para quatro patas e atacou o urso. Ele era muito menor, mas algumas batidas bem colocadas de suas garras no rosto do urso e ele decolou em outra direção.

Wen mudou de volta e correu para seu lado. Ele se agachou e ela sabia que suas lesões deveriam ser ruins, porque ele parecia horrorizado. Foi aí que algo do choque passou e ela percebeu que seu lado ficou ferido gravemente. Ela

tocou suas costelas e sua mão se afastou coberta de sangue, onde mais doía. Foi um erro torcer a cabeça para dar uma olhada no que causou os danos. As garras do urso rasgaram sua camisa, arrancando-a.

— G.L! — O pânico em sua voz era claro.

— Peça ajuda. — Foi tudo o que ela pode pensar para dizer.

Ele olhou para cima. — Eu não deixarei você. — Ele deu um golpe no braço e agarrou a parte de trás de sua cabeça. — Beba.

— É contra a lei!

— Eu não me importo. Beba. Eu não deixarei você morrer. — Ele empurrou o braço contra os lábios, cobrindo seu rosto com o sangue dele.

Tinha medo o suficiente para engolir quando se tornou difícil respirar. O urso provavelmente perfurou seu pulmão nesse lado. Era grosseiro beber sangue, quase ameaçando fazê-la vomitar, mas estava desesperada para sobreviver.

Wen finalmente afastou o braço da boca e depois rasgou o resto da camisa para ver o dano. Ele ergueu o braço dele ainda acima de sua pele rasgada, de modo que o sangue dele caísse sobre a ferida.

Ele a abraçou um pouco até sentir-se melhor, depois pegou-a em seus braços para correr de volta para a aldeia. Todo o inferno se soltou quando chegaram. Sua mãe chorou quando viu todo o sangue, mas suas feridas estavam se curando. O pai de Wen agarrou seu braço e o arrastou para longe dela. Ela o ouviu gritar com Wen por sangrar por um ser humano.

Seu padrasto prometeu falar com o líder do clã em nome de Wen. Trayis entendeu por que Wen a salvou e não o chicoteou por infringir as regras, mas seu pai não foi tão indulgente. Wen sofreu uma semana trancado dentro de seu quarto por seus pais. Era um castigo horrível para um menino que vivia para a liberdade. Ele assegurou-lhe que valeu a pena, vê-la curada e nem sequer deixou uma cicatriz.

Wen puxou-a de suas lembranças, passando a ponta dos dedos sobre as costelas, deixando-a saber que ele se lembrava também. — Doí?

— Não. Você o curou totalmente com seu sangue.

— Você nunca me ouviu. Eu disse para não ir andando pelo bosque sem mim ao seu lado.

— Nunca mais fiz isso. Quase me transformou em um pequeno-almoço de ursinho.

Ele fechou os olhos com ela. — Quantas vezes você sofreu sem mim para curá-la?

— Algumas.

Ele agarrou seu pulso, levantando o braço. — Eu notei essa cicatriz. Como a conseguiu?

Ela olhou para a linha dentada e fina em seu antebraço. — Eu disse-lhe que não queria ficar com a matilha com a qual minha mãe se juntou. Isso aconteceu depois que eu usei spray de pimenta em um dos caras que decidiu não aceitar um não como resposta, quando ele queria que eu me inclinasse para ele.

A boca de Wen pressionou em uma linha tensa. — Onde fica a matilha?

— Sacramento. Esqueça. Cuidei de tudo.

— Algum deles a forçou?

— Eu era muito inteligente e paranoica. Apenas um deles me pegou sozinha. Ele me atingiu cegamente com as garras depois de pulverizar spray em seu rosto, mas foi apenas uma vez. Eu estava fora de lá antes que ele pudesse ver de novo e eu usei uma garrafa de perfume que guardava na minha bolsa, essa verdadeira merda horrível, para confundir o nariz e impedir que ele me rastreasse enquanto estava cego.

— O que Carol fez?

— Disse-me para não causar problemas. Esse foi o dia que fiz as malas e fui embora. Ela estava mais irritada pela possibilidade de perturbar seu namorado do que o fato de ter um grande curativo em meu braço, por ter sido forçada a ser uma puta na matilha.

— Que porra aconteceu com ela? Ela costumava ser tão protetora com você.

— Perder o companheiro a mudou. Eu te falei isso. Ela começou a tomar bebidas alcoólicas no início e teve dificuldade em se adaptar à vida no mundo exterior. Tenho certeza de que ela também estava usando drogas. Ela negou, mas sim, era o que parecia na maior parte do tempo. Ela gostava do alfa.

Pensava que ele era um grande idiota e eu não tenho respeito por um cara que encorajava sua namorada a foder sua matilha.

— Eu não posso imaginar. Destruiria qualquer cara que colocasse as mãos em você.

— Bem, VampLycans são possessivos e todos vocês têm um complexo de Deus.

Ele sorriu. — Você me chamou de Deus algumas vezes na noite passada.

— Eu disse 'Oh Deus'.

Ele riu. — Você está se sentindo melhor. — Ele moveu seus quadris, voltando a fodê-la lentamente.

Gerri esqueceu tudo, focando na sensação dele. Gemeu, deslizando os dedos nos cabelos em sua nuca. Ela puxou e abaixou a boca para a dela. Ela o beijou. O prazer aumentou quando ele continuou se movendo de forma lenta e estável até ela chegar ao clímax. Ele afastou a boca e virou a cabeça, escondendo sua expressão dela quando gozou. Ambos se acalmaram, Wen prendendo-a debaixo dele e Gerri se agarrou a ele.

— Você está bem? — Ela ficou preocupada quando sua cabeça ficou contra seu ombro.

— Sim. — Sua voz saiu muito rude, mas ela não sentiu nenhum pelo na pele que ela acariciou. Ele manteve o controle.

— Está ficando mais difícil não me morder, não é?

Ele a olhou e a cor de seus olhos mudou para preto puro. Ela estava olhando para sua fera interior. Não a assustava. Ainda era Wen. Ela estendeu a mão e acariciou sua bochecha. — Respire fundo algumas vezes. Irá se machucar. Você não pode ir tão longe e ficar em sua pele. Precisa mudar?

Ele acenou nitidamente.

— Então saia de mim porque isso me assustaria.

Ele retirou seu pau mole e se afastou dela. Estava furioso quando bateu no chão nas quatro patas. Gerri saiu da cama e o observou.

— Porra. Você é muito maior agora do que costumava ser. — Ela pegou uma camisola.

Ele a rastreou com seu olhar escuro e intenso. Ela se aproximou e passou os dedos em seu pelo. VampLycans não pareciam lobos. Eles tinham uma forma mais humana e o pelo não era tão grosso. Seus membros e os ombros eram musculosos, mesmo em forma de lobo. Ela se moveu na frente dele e se agachou perto de seu rosto, esfregando suavemente o focinho. Ele enrolou o lábio superior, revelando uma fileira de dentes afiados em vez de apenas dois caninos.

— Você não é mais bonito. — Ela repreendeu, sua mão sobre seu focinho alongado ao lado de seu rosto e depois acariciou atrás de suas orelhas. — Este é o seu lugar favorito?

Ele mergulhou a cabeça, permitindo.

Ela sorriu. — Você ainda é filhote às vezes, não é?

Ele rosnou e olhou para ela.

Ela encontrou seu olhar fixo e deixou-o ir levantando-se. — Fique longe da minha cama. Lembro-me de como você pode soltar pelos. Eu farei o café da manhã. Só espero ter comida suficiente. Aposto que você come o dobro do que costumava e isso era cerca de seis vezes mais do que naquela época.

Ele a seguiu até a cozinha e esparramou-se no chão de vinil perto da máquina de lavar louça. A visão de seu telefone celular sobre o balcão lembrou-lhe que Wen deve ter olhado dentro de sua bolsa para encontrá-lo. Ela pegou e correu o polegar pela tela para ativá-lo. Seis mensagens esperavam. Ela fez uma careta, identificando o mesmo número exibido uma e outra vez. Todos era de Robert, seu chefe.

— Estou demitida. — Ela deixou o celular e abriu a geladeira. — Eu não fiz compras, então espero que não se importe com ovos e torradas.

Ele rosnou baixo.

— Eu não tenho bacon ou presunto. Desculpe. Estava esperando meu pagamento para reabastecer a geladeira. Há salsicha se quiser.

Ele virou o rosto.

Ela riu. — Você é um esnobe. Deveria ter trazido mantimentos e um cozinheiro se não quer comer o que está aqui ou o que eu estou disposta a fazer.

Ela trabalhou rapidamente, mexendo ovos e fazendo meio pão de torradas com manteiga. Não era o melhor café da manhã para oferecer a um cara que

poderia comer um grande animal numa única refeição, mas teria que se contentar. Ela encheu o prato e o colocou-o sobre a mesa. Ele ergueu a cabeça, olhando-a com esses olhos escuros, sem alma.

Seus vizinhos gritariam de terror se o visse. Ele não era fofinho ou fofo. O sangue de Vampiro mudou o Lycan nele, então os VampLycans transformados pareciam feras infernais com suas formas mais humanoides.

Ele se levantou e inclinou a cabeça um pouco, olhando-a de uma maneira que transmitia sua curiosidade. Alguma emoção deve ter se mostrado em seu rosto.

— Você quer que eu coloque a prato no chão ou pode mudar?

Ele fechou os olhos e ela o viu começar a mudar. Os ruídos eram suaves e à medida que os ossos se deslocavam e apareciam soltou alguns gemidos, mas ela os viu mudarem. Os pelos recuaram e suavizaram, a pele ficou bronzeada e um homem bonito surgiu quando ficou de pé.

— Obrigado. Por que você estava olhando para mim com um sorriso no rosto? Eu não iria comer no chão e espalhar comida por toda parte.

— Não é isso. Eu estava apenas pensando em quão feroz você parece em sua forma lycan. Eu tinha esquecido.

Ele passou por ela e entrou em seu quarto. Ela franziu a testa. — A comida está aqui.

Ele voltou em menos de um minuto com uma toalha enrolada ao redor de sua cintura. — Eu realmente deveria ter trazido uma roupa comigo quando vim. Não quero colocar minha calça e nada seu cabe em mim. — Ele sentou-se na mesa. — Isso cheira bem. Ainda mato por um bife.

— Eu também. Mas não cabe no meu orçamento muitas vezes.

Ele a olhou severamente e depois olhou ao redor do apartamento dela. — Eu posso entender.

— Não insulte minha casa.

— É um buraco. — Ele segurou seu olhar.

— É acessível e vem com barras por cima das janelas. Eles não têm isso em bairros agradáveis. O edifício também é antigo e a construção mais sólida. As novas construções não são fortes. Essas paredes não são tão fáceis de quebrar de um apartamento para o outro. Eu verifiquei e eles têm feixes

separados a cada poucos metro. Alguns lugares mais novos são construídos com revestimento barato e apenas isolamento entre as paredes.

— Como você sabe disso?

— Os locatários ajudaram a localizar as vigas atrás das paredes. — Ela encolheu os ombros. — Eu uso tecnologia para ajudar a me proteger desde que eu sou apenas humana.

— Graves nunca me disse como as coisas estavam ruins para você quando me enviou relatórios.

— Quem é Graves?

— O Lycan que eu contratei para checá-la de vez enquanto. Ele é um parente meu. Minha mãe mantém contato com algumas pessoas de sua mãe.

— Ótimo. Eu acho que você confia nele um pouco, já que ele provavelmente sabe que eu sou alguém que poderia usar contra você, se for necessário. Você mostrou interesse em um ser humano.

Ele franziu a testa. — Eu trabalhei muito com ele e seu irmão Micah no passado, quando precisei sair do Alasca. Ambos são bons. Eu sabia que nenhum deles iria machucá-la ou dizer a ninguém que eu mantenho vigilância em você. Eles são família e honram a lealdade que vem com isso. — Ele voltou a olhar o apartamento novamente. — Eu queria que Graves tivesse me dito a situação na qual está. Eu lhe enviaria dinheiro.

— É um pouco difícil conseguir um emprego decente no mundo humano quando você vem de um clã. Fui levada para o Alasca quando eu tinha quase um ano de idade e não saí até os quinze anos. Não houve registros da minha vida durante esse período e digamos que nunca fiz a coisa do ensino médio. Minha mãe não conseguiu me registrar. Obter uma carteira de motorista foi uma puta dificuldade. Mamãe disse-lhes que eu era educada em casa e cresci em uma comunidade tipo hippie. Ela ainda tinha minha certidão de nascimento, então conseguimos. Todo empregador pede um diploma do ensino médio, que eu não tenho. Significa trabalhos de merda que ninguém mais quer. Eles só exigem um que você não falte e trabalhe muito.

— Você quase não tem comida.

— Eu estava esperando o dia de pagamento. Eu disse isso, não? Esta é uma semana curta. Acabei de pagar o meu aluguel. Olhe para mim. Eu não morro de fome só por que não estou comendo bife todas as noites.

Seus olhos se estreitaram enquanto ele a observava silenciosamente.

— O que? Eu faço o melhor que posso. Eu tenho meu próprio lugar. Eu tinha uma colega de quarto quando eu deixei minha mãe pela primeira vez. Isso foi complicado. Tentar viver com uma estranha apenas para poder pagar o aluguel. Ela trazia homens estranhos para casa às vezes. Sempre tive medo de que um deles não fosse humano. Estou muito melhor agora.

— Seu mobiliário é antigo e não combina.

— Ah é? Você estava a pouco tempo espalhando pelos no meu chão.

— O que isso tem a ver com qualquer coisa?

— Não seja um esnobe, Wen. É isso que estou dizendo. Eu não olho para feio para você por ter um focinho às vezes, então não levante seu nariz para minha casa.

— Eu apenas odeio que você lute tanto.

— Bem-vindo ao meu mundo. — Ela empurrou o garfo nos ovos e deu uma mordida. — Quando nossa aventura em me matar começa?

Ele franziu o cenho. — Hoje. Não vou deixar que nada acontecer com você.

— Fantástico. — Ela conseguiu não rolar os olhos. — Onde?

— Estado de Washington.

— Isso é em outro estado.

— Vamos voando. Eu trouxe um avião comigo.

— Você voa agora? Obteve uma licença de piloto?

— Não. Micah tem um e ele está comigo. É o avião dele.

Ela olhou pela janela. — Ele está lá fora? Você o deixou lá a noite toda?

— Não. Claro que não. Nós reservamos quartos em um hotel a poucos quilômetros daqui.

— A que horas saímos?

— Assim que acabarmos de comer e tomar banho. Você precisará fazer uma mala. Nós estamos fugindo lembra? Tem uma mochila?

— Sim. Então, Micah é nosso backup? Isso é bom, saber que não vamos sozinhos.

— Será só você e eu. Ele apenas nos levará lá. Quero que ele fique escondido quando nós chegarmos onde foi relatado que os bandidos estão.

— Ah. Ele é a família. Entendi.

— Que porra isso significa?

— Você está me levando para essa bagunça, mas mantendo seu traseiro seguro.

— Eu nunca deixaria que nada acontecesse com você.

— Quantos desgarrados devem estar protegendo esse idiota de fabricantes de ghoul?

— Cerca de uma dúzia. Horton também mantém um pouco de seu ninho com ele. Ele se tornou o Mestre desde a sua morte. Foi-me dito que ele está levando pelo menos quatro Vampiros no máximo, em qualquer lugar que vá.

— Este fabricante de ghoul é chamado Horton? Não é de admirar que ele seja um idiota. Eu também estaria com esse tipo de nome. Ele tem inteligência?

— Sim.

— Como você pode ter certeza?

— Micah e Graves confiam em suas fontes.

— Apenas uma dúzia de Lycans desgarrados, além de alguns Vamps. — Ela mastigou um pedaço de torrada. — Simples, certo? — Ela esperava que ele ouvisse seu sarcasmo.

— Eu posso protegê-la.

— Quem vai protegê-lo? Você é só um contra probabilidades ruins. Eu sei que foi treinado para lutar desde que podia andar, mas me dê uma pausa.

— Eles vão querer tirar informações de mim e isso significa que precisarão usar algo contra mim.

Ela quase engasgou e teve que lutar para engolir a comida. Ela olhou para ele. — Eu. Eu sabia que seria a isca.

— Persuasão. — Ele corrigiu. — Eles não irão machucá-la, porque não teriam nada para usar contra mim de outra forma.

— Você quer dizer que eles não vão me matar. — Ela teve um mau pressentimento. — Eu serei um lanche Vamp, certo? — Porra, Wen!

Ele rosnou e seus olhos ficaram pretos. — Vou arrancar seus malditos caninos se eles pensarem em mordê-la. — Ele bateu o punho na mesa. — Você acha que eu permitiria isso?

Ela deixou cair o olhar e estremeceu. A mesa barata se partiu e afundou. — Você pode evitar quebrar minhas coisas?

Ele olhou para baixo. — Desculpe. Eles vão manter suas presas longe de você e suas mãos fora. Eu apenas quis dizer que eles sabem que você é o meu ponto fraco para me fazer falar com eles. Eles vão querer informações sobre VampLycans, pois eles, obviamente, querem iniciar uma guerra. Vão mantê-lo de modo amigável, então não pretendo que esteja em um perigo real.

— Você vai alimentar está besteira de Horton.

— Sim. E esperar pela primeira oportunidade de matá-lo depois de descobrir o que ele fez e com quem está envolvido.

— Quando os vampiros estiverem dormindo?

Ele assentiu de novo. — Deve ser fácil. Eu duvido que a maioria desses Lycans fique por perto o dia todo para proteger esse idiota.

— Certo. Você disse que agora era um Mestre. Ele já estaria morto se fosse estúpido. Ele conseguiu sobreviver antes quando disse que seu ninho foi destruído. Acho que você está subestimando este fabricante de zumbis e é uma jogada ruim.

— Saberemos mais assim que chegarmos.

— Certo. — Ela perdeu o apetite. — Oh garoto. Que interessante. Nós vamos para guerra completamente cegos e com baixas expectativas. Isso será bom.

Wen arqueou uma sobrancelha e franziu a testa.

— Porra de VampLycans e seus egos. Deixe-me explicar para você, amigo. Isso não será um piquenique sem formigas. Estes são monstros Vampiros e Lycans que querem ir à guerra com a sua espécie. Eles não são inofensivos ou estúpidos. Os desgarrados são loucos e a lógica não se enquadra em suas vidas diárias. Você subestimá-los irá nos matar.

— Amigo? — Ele pareceu divertido.

— Essa foi a única coisa que acabei de dizer que você ouviu? Vamos, Wen. Este não é um jogo. Se a merda bater no ventilador, você pode fugir, mas não posso correr tão rápido quanto você. Apenas vou atrasá-lo, então minha bunda será o jantar ou um brinquedo de mascar. Eles vão me pegar.

— Você acha que eu a abandonaria?

Ela fechou os olhos e abaixou o queixo. — Você o fez antes.

Wen lentamente levantou-se e apertou os punhos. — Eu não consegui impedir que sua mãe fosse embora. Já passamos por isso.

— Apenas acho que você não está dando a esse fabricante de zumbis rastejante bastante crédito. Esses caras são perigosos. Você tem um problema com seu ego. Acha que ninguém pode obter o melhor de você, mas precisa ver que isto não é um jogo.

Ele se aproximou dela e o desejo de puxá-la em seus braços quase o dominou. Ele resistiu. — Eu sei. Perdi meu irmão. Ele foi morto em missão.

Ela olhou para ele. Uma das sobrancelhas arqueadas em questão.

— Eu estava tentando minimizar os riscos para que você se sentisse mais segura.

— Eu sei a verdade, Wen. — Ela estendeu a mão e colocou sua palma no peito. — É por isso que você veio até mim. Os desgarrados são loucos e não vivem por qualquer tipo de regras. Eles são assassinos. É por isso que eles precisam ser destruídos. Você está esperando o melhor, mas precisamos estar preparados para o pior. Quer que eu me sinta melhor? Leve isso mais a sério e pare de tentar fazer parecer que será fácil.

— Tudo bem. — Ele a admirava por sua coragem. Ele sempre o fez. — Sinceramente, não acho que você esteja em tanto perigo ou não a levaria comigo. Eles vão querer usá-la contra mim. Eles vão te ver como minha fraqueza, mas nós dois sabemos a verdade. Você é para ser subestimada, Gerri. Você é inteligente e engenhosa. Eu a ensinei a lutar. Você não está indefesa. Disse que matou um Vamp que veio atrás de você. Quantos humanos podem afirmar que fizeram isso além daqueles que tropeçaram em um Vamp enquanto dormia? Você o matou quando estava acordado e vindo atrás de você. Há uma grande diferença.

— Eu sabia o que era e como matá-lo.

— Exatamente. Você lutou de volta. Sempre me impressionou enquanto treinávamos. Você usa seu tamanho menor como vantagem. Eles não vão te ver como uma ameaça. Você é meu backup. Não será apenas eu contra eles.

Ela assentiu. — Certo.

— Vá tomar banho e recarregue a bateria. Traga roupas mais quentes. A previsão é de chuva para onde vamos. Verifiquei o tempo.

— Você não vai tomar banho comigo?

Ele olhou por seu corpo. — Se eu fizer, vou fodê-la novamente. Nós precisamos sair. Micah está esperando minha ligação. Vou tomar banho depois de terminar.

— Certo. Farei isso agora e vou prender o cabelo.

— Deixe-o solto.

— É uma dor na bunda se eu não o prender.

— Eu gosto assim.

Ela suspirou. — Será uma confusão emaranhada.

— Você conseguiu isso ontem.

— Porque eu estava atrasada.

— Deixe-o solto, G.L

— Tanto faz.

Ela o deixou e entrou no quarto. Ele esperou até ouvir a água antes de procurar seu celular no bolso da calça.

— Já era hora. — Anunciou Micah. — Onde porra você estava?

— Deixe o avião pronto. Eu vou encontrá-lo lá em cerca de meia hora. Estou com Gerri e ela concordou em nos ajudar. — Ele desligou antes que Micah pudesse fazer mais perguntas.

Iria fazer com que matassem Gerri? Ele olhou para a porta do banheiro aberto, ouvindo o barulho do chuveiro.

Ele apertou o queixo. Faria qualquer coisa para mantê-la segura. Parte dele estava tentado a deixá-la lá.

Ele olhou ao redor do quarto dela e a raiva aumentou. Ela morava num lugar com barras nas janelas de um bairro que cheirava a Vamps. Sentiu o cheiro

deles na noite anterior quando entrou na área. Ela também não estaria segura se ele a deixasse. Era melhor mantê-la ao lado dele.

Wen teve que admitir que poderia ter chegado a essa conclusão por razões puramente egoístas. Ele queria passar cada segundo que pudesse com ela. Era a primeira vez em anos que realmente se sentia vivo.



Capítulo Quatro

— Eu tenho que lidar com essas pessoas. — Wen apontou o queixo na direção dos funcionários do aeroporto.

Gerri entendeu que isso significava que Wen precisava mexer com suas mentes, então ninguém faria muitas perguntas. Ela estremeceu, mas não protestou. Não era correto usar o controle da mente, mas era necessário. Wen queria que seus planos de viagem fossem secretos e fora do radar.

— Eu vou esperar aqui enquanto você faz sua coisa mágica. Como escapa das câmeras? Todos os aeroportos têm, mesmo esses pequenos.

Ele estendeu a mão e levantou os óculos de sol um pouco para poder ver seus olhos. Eles começaram a brilhar. — As câmeras estão nos tetos. — Mostrou seus olhos brilhando e logo colocou os óculos de sol na ponte do nariz. — Vá e dê a Micah sua mochila. — Ele apontou seu foco na grande janela. — Vê o avião com o cara vestindo a jaqueta de couro? Esse é ele. Ele já pegou minha mochila. Dê-lhe a sua para que possamos decolar. Nós já estamos atrasados.

Ela seguiu sua linha de visão e viu um pequeno avião. Era de uns seis lugares, no seu palpite e não parecia tão ruim quanto ela temia. O piloto estava agachado inspecionando os pneus. Ele era um grande homem, mas não era uma surpresa, já que sabia que ele era um Lycan. Eles não eram conhecidos por serem pequenos. — Ele sabe que estou com você?

Wen franziu a testa. — Sim. Eu disse a ele que a estava trazendo junto. Vá, Gerri. Isto levará alguns minutos. Diga a Micah que eu quero estar no ar em cinco minutos.

Ela assentiu e caminhou até a porta de saída. Não se preocupou com um empregado curioso sobre ela, sabendo que Wen iria lidar com isso. Ela abriu a porta e pisou no pavimento. Era um pequeno aeroporto que não lidava com grandes aviões. Ela se aproximou do cara, que estava a uma centena de metros de distância. Ele se endireitou um pouco e abriu uma porta do compartimento lateral, arrastando sacos.

— Oi, Micah. — Ela gritou. — Wen disse que quer decolar em cinco minutos.

— Ei, pernas. Não há problema. — Ele evitou bater a cabeça no avião e se virou.

Ele parecia com Wen, com os olhos azuis e os cabelos escuros. A semelhança familiar terminava aí, exceto que ele também era bonito. Sua boca se abriu quando a viu. Ele a fechou abruptamente e seu nariz enrugou enquanto ele a cheirava.

Ela parou a cerca de cinco metros de distância dele. O vento soprava na direção dela, o que significava que ele teria dificuldade para pegar seu cheiro. Ela não o ajudou se aproximando. — Pernas? Foi disso que você me chamou?

— Eu pensei que você fosse Sherry. — Seus olhos se estreitaram e ele cheirou de novo.

— Eu sou Gerri. Com um G. O que levou você a chamar de pernas essa Sherry?

Ele abriu a boca novamente, depois fechou-a. — Desculpe. Meu erro. Eu pensei que Wen disse que estávamos pegando alguém com o nome de Sherry. — Ele se recuperou e deu alguns passos mais perto. — Dê-me sua mochila.

Ela recuou um pouco. Ele queria sentir o cheiro dela para que pudesse dizer o que era. *Pernas*. Ele também estava mentindo. Ele conhecia essa pessoa, Sherry e deu um apelido para ela. Ele pensou que seria outra pessoa.

— Quem é Sherry?

— Ninguém. Posso ter sua mochila? Você disse que Wen queria decolar.

— Eu não sou um Lycan como você, mas posso sentir o cheiro de merda.

Surpresa o pegou por uma fração de segundo, mas ele o mascarou rapidamente. — Você é como Wen?

— Não. Cem por cento humana, sem extras. — Ela tirou os ombros de sua mochila e o ofereceu. — Quem é Sherry?

Ele girou, depositando sua mala no avião. — Ninguém. — Seu sorriso pareceu forçado quando ele a encarou de novo. — Eu presumo que você conhece os outros?

— Eu fui criada com o clã de Wen por muitos anos. Minha mãe se acasalou com um VampLycan. Eles se conheceram quando ele estava fazendo uma exposição de arte. Ele era comerciante.

Ele relaxou um pouco. — Eu não sabia que eles se acasalavam com humanos.

— Eles normalmente não fazem. Ela era imune ao controle da mente e acabou no meio de uma briga com um pequeno ninho de vampiros que decidiu fazer dela mais uma em sua galeria. Eles vendiam material de alta qualidade para os ricos. O ninho não gostou de ter um VampLycan na cidade e achou que seria uma boa ideia atacá-lo. Ele acabou matando todos os cinco e teve que limpar as mentes de todos os humanos presentes. — Ela fez uma pausa.

— Exceto sua mãe. — Ele adivinhou.

— Exatamente. Ele não queria matá-la e ele passou alguns dias com ela, tentando descobrir o que fazer. Mamãe e Klentz se apaixonaram. Ele levou-nos para o Alasca com ele. Eu tinha aproximadamente um ano de idade na época.

— Ele aceitou você. Isso também é raro.

— Eu era um bebê fofo. Pelo menos, o que Klentz sempre afirmou. Ele era bom para mim. — Ela sentiu uma onda de tristeza. Ele foi um pai amoroso, mesmo que ele não fosse seu pai biológico. Seu pai era um perdedor que abandonou sua mãe depois de descobrir que estava grávida. — Ele morreu em uma avalanche quando eu tinha quinze anos. Ele costumava sair às vezes para cortar árvores e levar para casa para criar sua arte. Foi um acidente estranho. Ele provavelmente teria sobrevivido, mas derrubou alguns pedregulhos junto com uma montanha de neve. Ele foi esmagado debaixo deles. Minha mãe deixou o clã depois disso e me levou com ela. — Ela fez uma pausa. — Agora você conhece minha história de vida. Quem é esta Sherry?

— Ela é alguém que trabalha conosco de tempos em tempos.

— E você a chama de pernas?

Ele olhou para longe. — Ela tem 1,87 cm.

— Ah.

Ele abriu a porta. — Suba.

— Claro. — Ela teve que escalar, mas tudo bem. Ele deu uma pequena ajuda e ela se sentou no banco. — Obrigada.

— Sem problemas. Então... Wen queria sua ajuda porque você sabe com o que estamos lidando?

— Sim.

Ele a cheirou novamente e seu olhar percorreu seu corpo, depois voltou ao rosto. Ela podia dizer que ele estava um pouco atordoado.

— Eu sou a isca e eu posso adivinhar o que você está pegando. Eu cheiro como Wen?

— Sim. Forte.

— Esse é o plano.

— Ele não me falou muito.

— Isso soa como Wen para você. — Quem porra era Sherry para Wen? Ela não achou que gostaria da resposta. — Ele é muito fechado sobre algumas coisas.

Micah fechou a porta e andou pelo avião para entrar na cabine do piloto. A coisa toda balançou um pouco quando ele ligou os motores. Ele se torceu em seu assento, entregando-lhe um fone de ouvido. Ela pegou e colocou-o. Ele ajustou o dele, depois falou.

— Você pode me ouvir?

— Sim. —

Ela virou a cabeça, observando enquanto Wen saía do prédio como se ele não estivesse em nenhum perigo no mundo. Nenhum dos empregados olhou para ele. Ele obviamente manipulou suas memórias e eles estavam bem com qualquer história que tivesse implantado. Ele entrou no avião e colocou um fone de ouvido.

— Vamos, Micah. Você está liberado para a decolagem. Eles estão segurando todo o tráfego aéreo até que tenhamos saído. — Ele virou a cabeça. — Você provavelmente deveria tirar uma soneca, Gerri. Nós vamos ficar acordados a noite toda.

Quem porra era Sherry?

Ela resistiu perguntar por cerca de dez segundos. — Quem é Sherry?

Os lábios de Wen pressionaram uma linha e ele lançou um olhar ao piloto. Micah o ignorou, manobrando o pequeno avião em direção à pista.

— Você não me respondeu. — Ela persistiu.

— Ninguém. — Wen colocou o cinto de segurança. — Estamos decolando. Aperte os cintos.

— Não vou esquecer isso. Você esqueceu o quão teimosa eu posso ser? Apenas responda à pergunta.

Ele torceu a cabeça para encará-la. — Ela é uma advogada que ocasionalmente trabalha para o meu clã.

— Uma VampLycan?

— Não.

— Lycan?

Um músculo pulou na mandíbula e ele realmente parecia furioso. — Não. Ela é humana. Trayis está sempre comprando terrenos quando pode expandir nosso território e ela lida com algumas das ofertas quando os proprietários são dos estados inferiores. Ela também nos ajudou com algumas questões legais. Ela é especialista em direito comercial.

— Ela lida com você? — O ciúme era uma emoção feia que não seria negada. Embora ele dissesse que dormiu com alguns humanos.

Ele desviou o olhar. — Estamos decolando. Deixe Micah concentrar-se. Está ventando forte.

Ela se recusou a deixá-lo sair do assunto. — Ela sabe o que você é, não é?

Ele a ignorou. Isso respondeu. Sherry era uma das suas amantes. Doeu, mas também a irritou.

— Wen?

Ele virou no assento. — O que?

— Ela sabe o que você é?

— Sim. Ela sabe. — Seus olhos brilharam um pouco, brilhando azul. — Ela foi salva por um de nossos clãs há cerca de seis anos. Ela é imune ao controle mental, então a contratamos. Foi isso ou matá-la para mantê-la em silêncio. Agora estamos protegidos sob o privilégio do cliente porque ela é nossa advogada. Mais alguma coisa que você queira saber?

— Você foi o único a salvá-la?

Esse músculo em sua mandíbula se contraiu de novo. — Sim.

— Por que estou aqui?

Essa pergunta parecia ser uma que ele não esperava. — Eu te disse.

— Você disse que precisava de mim porque sou humana e sei o que você é. Você já tinha Sherry. Eu acredito que não estava disposto a arriscar a bunda dela? — Isso doeu.

Sua expressão suavizou. — Não é desse jeito.

— Foda-se, Wen. — Ela se recostou contra o assento e fechou os olhos, contendo as lágrimas. Ele poderia ter levado a outra mulher à sua caçada, mas ele a escolheu em vez disso. Seria perigoso. Ele não estava disposto a arriscar a vida de Sherry. Apenas a dela.

— Eu lhe disse a verdade.

Ela estremeceu ao ouvir suas palavras roucas. Ele falou realmente alto em relação aos zumbidos dos motores enquanto aceleravam na pista. O avião levantou-se no ar, balançando ao vento. Ela manteve os olhos fechados. Voar não era sua coisa favorita, nem estava olhando para Wen naquele momento.

— Porra, não me ignore. — Ele exigiu.

Ela levantou a mão e o afastou. — Apenas cale a boca. Estou tirando uma soneca. — Ela não colocou o cinto, então apenas puxou as pernas para cima e enrolou-se de lado para dentro do assento. Não importava se ela fosse jogada um pouco naquele momento. Era o mínimo de suas preocupações.

— Não é assim, Gerri. Eu queria você comigo nesta missão. Ninguém mais.

Ela abriu os olhos e olhou para ele. — Certo. Você fode está Sherry, não é?

Ele não disse nada.

— Isso é um grande sim. Você mentiu para mim.

— Eu não o fiz.

— Você implicou que eu era a única humana em quem você podia confiar para não esfaquear você pelas costas, se ela soubesse o que você era. Adivinha? Fique feliz por eu não ter uma faca agora. E eu não teria errado, eu te acertaria. Eu cortaria suas bolas.

— Ela não me importa, Gerri.

— Besteira. Você está mantendo ela longe dessa bagunça e eu sou a única que você está disposto a sacrificar. Apenas cale a boca, Wen. Não quero mais ouvir suas mentiras.

— Eu queria estar com você!

— Foda-se! — Gritou Micah. — Não grite no meu ouvido. Estou tentando voar.

— Fique longe disso. — Gritou Wen. — Você não tinha o direito de falar sobre Sherry.

— Eu pensei que você disse que era ela quem estávamos pegando! Os nomes delas soam muito parecidos. Liguei para Pernas e ela começou a fazer perguntas. Eu não disse nada sobre você buscando Sherry.

— Eu sou a única que está ferrada agora. — Gerri zombou. — Então ele pode mantê-la segura. Ela trabalha para o clã, então ela é mais importante.

— Porra. — Wen grunhiu.

Ele a chocou quando se levantou e foi para ela. Era uma pequena área na cabine. Micah começou a xingar e Gerri podia entender. O avião inclinou-se um pouco. Não havia muito espaço no banco de trás e ainda menos quando Wen estava quase sobre ela. Ela bateu contra ele quando tentou forçá-la a sentar-se. Ele era mais forte e ela estava com medo ter uma briga no caso de Micah ser atingido, já que ele estava pilotando o avião.

Wen terminou sentado ao lado dela e a arrastou para seu colo. Ele deslizou para o centro do assento. Ela agarrou sua camisa com uma mão e a outra foi para sua nuca. O desejo de bater nele era forte, mas seus olhos começaram a brilhar.

— Não puxe essa merda mental para mim.

— Eu não estou.

Ela não desviou o olhar. — Eu nunca vou te perdoar se você apagar os últimos quinze minutos da minha vida. Vou me lembrar com o tempo. Você sabe que minha mãe era imune. Não dura muito em mim. Eu vou sonhar com a verdade e eventualmente, perceber que é uma lembrança real. O meu padrasto testou isso em mim e sempre foi o que aconteceu. Eu vou caçá-lo se mexer com a minha cabeça, maldito. Eu sei onde você mora.

— Eu apenas quero conversar.

— Então, pare o brilho.

Ele fechou os olhos e respirou profundamente. Seus olhos estavam normais e bonitos quando se abriram novamente. — Sherry não significa nada para mim. Sim, eu a fodi no passado, mas foi apenas sexo. Eu queria você comigo por todas as razões que eu disse ontem à noite. — Ele olhou para Micah, depois para ela. — Eu não menti para você. Eu simplesmente não disse que havia outra pessoa que eu poderia ter pedido para ir nesta caçada comigo. Eu queria você ao meu lado, G.L

O silêncio se estendeu entre eles. Ela queria acreditar nele, mas não se atrevia. Ele era um VampLycan. Eles eram conhecidos por sua honestidade, mas apenas para o outro. Um deles mentiria para um humano em um piscar de olhos para conseguir o que queriam. Ele a estava usando para manter Sherry em segurança? Ele amava essa advogada? Doía muito pensar assim.

— Seu nome é Gerri ou G.L? — Micah parecia confuso.

— Gerri, mas eu sou o único que a chama G.L É um carinho. — Wen continuava olhando para ela. — Sherry não importa. — Ele respondeu. — Você sim.

— Eu não sei se eu acredito em você.

Ele franziu a testa. — O que preciso fazer para provar isso?

— Matar Sherry?

Ele franziu o cenho. — Isso é uma piada?

A culpa atingiu. — Talvez.

— Eu entendo. — Ele se inclinou mais perto e acariciou sua cabeça com o rosto, colocando os lábios ao lado de sua orelha. — Eu quero matar todos os humanos que você deixou tocá-la. Adoraria ver cada um deles morto pelas minhas mãos.

— Não é como se houvesse muitos. — Ela relaxou contra ele e soltou sua nuca.

— Um é demais. — Ele acariciou sua bochecha novamente e sussurrou. — Confie em mim, cachinhos dourados. Você é a única mulher que importa para mim.

Ela queria acreditar nele tanto que doía no peito.

Ele ajustou a cabeça um pouco e abriu a boca contra seu pescoço, beliscando-a. — Eu quero morder você. Ninguém nunca me fez sentir do jeito que você faz.

Ela encolheu os ombros. — Eu sabia. Você quer totalmente me matar. — Sua família iria querê-la morta se acasalasse com ela.

Ele endureceu, como se lembrasse do tipo de resultado que causaria. Ele a puxou para mais perto de seu peito e suspirou. — Não. Eu farei qualquer coisa para mantê-la segura. Durma. Vamos caçar logo que aterrissemos e o sol se por.

Ela não dormiu bem a noite anterior e estava cansada. — Obrigada.

— Pelo o quê? — Ele a acariciou de volta.

— Não tentar limpar minha memória.

— Eu nunca faria isso com você.

Ela queria confiar nele. Simplesmente não tinha certeza se podia.

* * *

Wen ignorou seu primo e a forma como continuava olhando para ele com uma expressão curiosa. Gerri dormiu em seus braços e não planejou voltar para o banco da frente. Ele gostava de segurá-la. Para não mencionar, que bater em Micah enquanto ele estava pilotando o avião os faria cair. Ele tirou os fones de ouvido para dormir mais confortavelmente.

— Desculpe, cara. Eu não quis causar-lhe nenhum problema. — Disse Micah na frente. — Eu não percebi que você estava falando sério sobre ela. Quem porra ela é, afinal?

— Não é da sua conta.

— Besteira. — Micah bufou. — Somos família.

— Eu cresci com ela. Você sabe que pedi a Graves para manter um olho em um humano para mim? É ela.

— Ele nunca compartilha nada que você pede. Eu nunca pergunto. Acho que ela é importante para você.

— Muito. Sua mãe a tirou do clã depois que seu companheiro morreu. Carol estava perdida por sua dor e só queria um novo começo. Ela arrastou sua filha com ela.

— Ela me disse isso. Sua mãe estava acasalada com um comerciante que morreu.

— Não pude evitar que saíssem. Eu implorei a sua mãe para ficar com o clã, mas ela não me ouviu.

Micah virou a cabeça, observando Gerri. Ele fez uma careta. — Porra. Eu sinto muito. Eu vejo isso escrito em todo o seu rosto e na forma como você a segura. Seus pais pirariam, não é?

— Você sabe como é.

Micah prestou atenção aos instrumentos. — Graves e eu temos mais facilidade. Nossos pais adorariam se levássemos uma mulher para casa, sem importar a raça, desde que lhes dê netos. Há dez anos, esse não era o caso. Mamãe estava jogando cada Lycan que achava boa procriadora disponível em nosso caminho. Agora é apenas toda mulher com um pulso que ela acha que pode nos tentar a levá-las para a cama. Talvez esse seja o truque. Fuja do acasalamento até que eles tenham medo de que você nunca se acasale.

— Eu gosto de seus pais.

— Eles mudaram com a idade.

— Isso não acontecerá com os meus.

— Eu sei. Desculpe, cara. Gerbin morrer realmente fodeu sua vida.

Ele sentiu uma facada no peito com a menção do nome de seu irmão. — Ele era seu favorito. Eu sinto falta dele e como as coisas eram antes dele morrer.

— Eles aceitariam sua G.L se você ainda fosse o segundo filho?

— Você a chama de Gerri. — Ele pensou sobre isso. — Sim. Eles não ficariam emocionados, mas a teriam aceitado.

— Não invejo sua vida.

— Nem eu.

O silêncio aumentou e Gerri começou a roncar suavemente. Wen sorriu, olhando para seus lábios separados. Ela era deliciosa. Eles fizeram muito sexo e ela não dormiu o suficiente na noite anterior. E não tinha nenhum arrependimento.

Micah limpou a garganta. — Você sabe que Sherry não gostará disso se ela descobrir. Ela é possessiva quando se trata de você e também não está ajudando

nisso, ela está seguindo todos os relatórios da polícia sobre esses imbecis que você está procurando, para ver o que eles estão fazendo? É possível que ela descubra que você foi visto com outra mulher.

— Esse é problema dela, não meu. Eu fui claro ao dizer que não tenho sentimentos por ela.

— Eu sei disso, você sabe disso, mas as mulheres não são racionais. Essa pequena aí criou um inferno. Ela não gostou de descobrir com quem você dormia.

Ele odiou a dor que Gerri sofreu ao descobrir sobre a advogada com quem ele às vezes passava algum tempo. Agora acabou. — Você lida com Sherry de agora em diante. Ligue para obter atualizações e qualquer outra coisa que eu possa precisar que pergunte para ela.

Micah virou em seu assento. — O que?

— Você me ouviu. Você é a pessoa intermediária entre Sherry e eu. Você viajará com ela na próxima vez que ela for enviada para algum lugar pelo o nosso clã.

— Isso é loucura. Você vai evitar Sherry, só porque isso irritou a sua pequena G.L?

— Eu lhe disse para chamá-la de Gerri. Ela tem o direito de ficar ferida. — Ele acariciou seus cabelos. — Eu não vou poder olhar para Sherry ou ouvir sua voz sem me lembrar de hoje. Não consigo ver minha G.L com dor.

— Você vai desistir de todas as mulheres no futuro? — Micah suavemente bufou. — Vamos. Você não está sendo razoável. Acabou de dizer que não pode se acasalar com ela. Nós não fomos feitos para ficar sem sexo por muito tempo.

— G.L pensou que Sherry era mais importante para mim do que ela. Eu nunca quero dar-lhe essa impressão novamente. Eu vou dizer que tudo acabou entre Sherry e eu para sempre. E sempre mantenho a minha palavra.

— Você está mal.

Ele sabia disso e nem sequer negaria.

— Então, o que o G.L² significa? Estou curioso. Gerri é um nome estranho para uma mulher. Eu entendo que seu sobrenome começa com um L?

² Em inglês Cachinhos dourados é escrito como "Golden Locks" daí a abreviação G.L. Achamos melhor traduzir para "Cachinhos Dourados" porém manter a abreviação original.

— Não. É um apelido que eu dei quando éramos crianças. Cachinhos dourados.

Micah riu. — Entendo. Longo cabelo loiro. É fofo. Então ela é. Então, você está falando série sobre sua G.L

— Eu sou o único autorizado a chamá-la assim. Pare de insistir. Ela odeia seu nome verdadeiro, Geraldine. Ela mudou para Gerri. Você pode usar isso quando se dirigir a ela.

— Bárbaro. — Micah finalmente murmurou.

— Não entendi?

— Você deve ir para o mais longe possível, assim sua família não irá encontrá-lo quando você afundar suas presas nessa garota para torná-la sua. Nós dois sabemos que é apenas uma questão de tempo pela maneira como você está olhando para ela. Um homem esperto a deixaria para trás quando descermos, mas você já não pode fazê-lo. Pode querer passar o resto do voo se perguntando como você vai levá-la para morar em uma ilha.

— Tenho muitas responsabilidades com meus pais e com o clã.

— Suas prioridades mudaram. Você ainda não percebeu isso - mas irá.

Capítulo Cinco

Gerri acordou quando o ruído do motor parou. Ela olhou para Wen. Ele sorriu.

— Você dormiu bem?

— Adivinho que não estamos mais em Nevada?

— Washington. — Micah respondeu da frente. Ele abriu a porta. — Vou proteger meu bebê. O vento está ficando forte.

Wen ajudou Gerri a sentar-se e ela olhou pelas janelas. Parecia ser outro aeroporto privado e eles estavam estacionados perto de alguns outros pequenos aviões. — Parece que estamos no subúrbio.

— Subúrbio?

— É o que eu chamo o meio do nada.

— Micah escolheu este lugar por algum motivo. A segurança aqui é uma merda. Isso é bom para nós. Temos de pegar o carro de aluguel que eu chamei e dirigir algumas horas para chegar onde precisamos até hoje à noite.

— Divertido.

Ele se levantou e saiu do assento, abriu a porta e depois a ajudou a sair. Ela não protestou quando agarrou seus quadris e gentilmente a depositou em seus pés. O vento chicoteou seus cabelos e ela estremeceu, sentiu frio depois de estar tão confortável no colo de Wen.

— Você pensaria que seria mais quente desde que é verão.

— Eu culpo os humanos. — Gritou Micah, prendendo as cintas que estavam presas no chão para as asas do avião. — Aquecimento G.Lobal com toda sua poluição. Essas tempestades de verão estranhas acontecem mais e mais.

Wen revirou os olhos e depois piscou para Gerri. — Mas ele não quer morar no Alasca. Eu convidei.

— De jeito nenhum. Você me fez aterrar meu avião quando pousei numa velha estrada. Eu gosto de aeroportos reais. Eu não sou piloto de arbustos.

Gerri ouviu-os conversar enquanto esticava as pernas e observava outro avião pequeno pousar. Ele desacelerou quando desceu e depois o piloto foi em sua direção. — Empresa. — Advertiu ela.

— Não importa. — Wen encolheu os ombros. — Nós não fomos seguidos. Ninguém sabia que eu estava vindo.

— Você quer que eu pegue o carro enquanto lida com os negócios aqui? Certifique-se de que eles reabasteçam meu bebê. — Micah olhou para Wen.

Ele assentiu. — Leve-a com você.

Micah abriu o compartimento lateral e tirou as malas. Ele jogou sua mochila em Wen, depois a outra. A última coisa no compartimento de armazenamento era uma mochila com uma alça que Micah empurrou sobre o ombro. Ele trancou o painel e piscou para Gerri. — Vamos, G.L. Vamos pagar o aluguel.

— O nome dela é Gerri. — Wen explicou.

— Desculpe. — Micah sorriu, sem parecer sincero.

Gerri fez uma pausa. — O que você vai fazer? — Ela olhou para Wen.

— Ele vai usar seus olhos com os funcionários do aeroporto, então não estamos tecnicamente aqui e não me cobram por usar seu aeroporto. — Micah se aproximou e abaixou a voz. — Ele não quer deixar nenhum rastro de nossa viagem, dessa vez.

Wen franziu o cenho. — Cale-se.

Ela pensou sobre isso. — Você não quer que alguém saiba que você estava em Reno?

Ele suspirou. — Não.

— Então seu clã não sabe que você me pediu para ajudá-lo?

Wen balançou a cabeça. — Tanto quanto eles sabem, você sumiu quando sua mãe a levou embora. E continua assim.

— Trayis ficaria louco?

— Acho que não.

— Seus pais. — Ela adivinhou.

Ele ergueu suas mochilas e saiu na frente. — Não vou demorar.

Gerri observou-o e apertou os dentes.

— Ei.

Ela virou a cabeça, olhando Micah.

— Não chute suas bolas com muita força. Ele teve dificuldade nos últimos treze anos desde que Gerbin morreu. Ele lhe contou como aconteceu?

— Se você não notou, ele não é a pessoa mais falante.

Micah bufou. — Verdade. Vamos. Temos um carro para buscar e vou te dizer os detalhes porque ele não irá.

Ele saiu em direção ao grande prédio e ela apressou-se a acompanhá-lo. — Estou ouvindo.

— Você conheceu Gerbin?

— Claro, mas ele não era muito próximo. Ele preferia ficar com os adultos quando ele estava em casa. Feria os sentimentos de Wen, mas ele costumava fingir que não.

— Gerbin era um durão, sabe? Ele visitou muito nossa matilha desde que a mãe e o irmão de Trayis são um de nós.

— Eu não sabia disso.

— Meio-irmãos, na verdade. Trayis e Arlis compartilharam uma mãe Lycan. Ela era a melhor amiga de minha mãe. Estamos com base no Colorado, com outros cinco bandos na área. Três são amigáveis, mas dois não. Um deles queria nosso território e eles nos atacaram.

— Eu sinto muito.

— Arlis tornou-se nosso alfa após esse ataque. Ele perdeu seus pais e intensificou a luta. Nosso bando conseguiu combatê-los, mas sofremos grandes baixas. Trayis ficou furioso com a morte de sua mãe e ele não queria perder o irmão também. Gerbin tornou-se nosso anjo da guarda. Alguns membros Lycan fizeram alianças com os GarLycans, para ganhar um guardião para protegê-los de inimigos, mas eles esperavam algo em troca.

— Como o que?

— Acesso a nossas mulheres, se algum dos GarLycans estivessem procurando companheiros. Trayis não queria isso para nós. Muitos dos nossos membros estão relacionados com seu clã. Os Lycans que fundaram nossa matilha vieram do Alasca. Ele nos deu Gerbin como nosso guardião.

— Eu conheço a história. Os VampLycan de primeira geração cresceram e os Lycans que os criaram decidiram ir embora.

— Ter tantos tipos alfas era uma briga e houve muito medo depois do que aconteceu com os vampiros.

— Eles acharam que haveria uma repetição? Que os VampLycans poderiam manipular as mentes Lycan e forçá-las a procriar como os Vampiros?

Ele encolheu os ombros, levando-a para a frente do prédio e abrindo a porta, para dentro. — Talvez. Os anciãos não admitiram isso, no entanto, se esse foi o caso. É minha opinião sobre isso. De qualquer forma, após o ataque em nossa matilha, Gerbin foi atribuído a nossa segurança quase tempo integral enquanto nos recuperávamos. Ele rastreou os sobreviventes da matilha que eram responsáveis. Às vezes, eles fugiram para as cidades tentando se esconder.

— No território Vampiro. — Ela adivinhou.

— Sim. Gerbin não se importou. Wen e seus pais o veem como um santo, mas a verdade é que ele era meio sanguinário. Não diga que eu disse isso. Isso perturbaria meu primo. Gerbin gostava do assassinato e ia atrás dos ninhos para se divertir quando ficava entediado. Isso acabou matando-o. Wen tenta ser um herói como ele pensa que seu irmão era. Seus pais esperam isso dele. Eu vi a pressão que ele sofre. Então, dê uma pausa, porque ele com certeza, não vai facilitar isso. Sua vida foi tirada quando seu irmão morreu. Ele teve que assumir a de Gerbin. É uma merda.

Ela deixou toda aquela informação ser processada. — Eu o amo.

— Eu percebi. Ele também a ama. Eu sei que as coisas que você descobriu sobre Sherry a aborreceram, mas ele não se importa com ela do jeito que ele faz com você. — Ele parou no balcão de atendimento ao cliente, abaixando a voz. — Eu flertei com Sherry muitas vezes. Wen não disse nada. Ele grita comigo mesmo usando seu apelido. Ele me baterá quase até a morte, se eu mesmo insinuar que quero beijá-la.

Um homem saiu da sala dos fundos e Micah sorriu. — Ei. Minha namorada e eu pedimos um carro alugado que deveria ser deixado aqui. — Ele retirou sua carteira. — Eu sou Fred Tobis. Eu pedi um SUV. Já entregaram?

— Eu preciso usar o banheiro, Fred. — Ela se perguntou por que ele estava usando um nome falso, mas ela concordou com isso.

— Depressa, docinho. — Micah piscou. — Sentirei sua falta. — Ele se virou para o cara. — Nós vamos visitar sua família para que eu possa pedir a seu pai sua mão em casamento.

Ela sorriu e lhe deu um beijo. — Eu vou me apressar.

Ela fugiu para o banheiro das mulheres. Tudo o que Micah disse continuava rodando em sua mente enquanto ela lavava as mãos depois com o dedo penteou alguns dos piores emaranhados de seu cabelo. Mas foi o que ele não disse que a incomodava.

Wen nunca iria contra os desejos de seus pais. Ele nunca acasalaria com ela. Toda a sua vida foi um substituto de Gerbin.

Ela saiu do banheiro para encontrar Micah esperando perto da porta. — Isso foi rápido.

Ele sorriu e se virou. Ela o seguiu. O homem que estava atrás do balcão apontou um SUV azul e entregou os documentos. Micah assinou os papéis, pegou as chaves e abriu a porta do passageiro para ela. Ele jogou a mochila na parte de trás antes de sentar no banco do motorista. Eles se afastaram.

— E quanto a Wen?

— Nós vamos buscá-lo em breve. Não queremos que ninguém veja que viajamos juntos do aeroporto.

— Ah.

— Ele geralmente não esconde suas viagens, mas agora eu sei por que dessa vez é diferente. — Ele puxou para o lado da estrada a uma quadra do aeroporto. — Tem sua identidade? Dê-me e eu vou guardar enquanto estiver com ele. Eu também quero sua carteira de motorista. Você não quer que nenhum dos bastardos que enfrentará descubram identidade real.

Ela hesitou, mas depois tirou a carteira de motorista e o cartão de identidade do bolso. Era mais difícil abandonar o telefone. — Por favor, não perca nada.

— Não irei. Ficarei em um hotel não muito longe de onde você está. Meu irmão vai me encontrar lá. Wen disse que ele não precisava, mas preferimos prevenir do que remediar.

— Graves?

Ele arqueou as sobrancelhas. — Você conhece meu irmão?

— Não, mas Wen o fez me vigiar. Ele admitiu.

Ele assentiu. — Graves faz alguns trabalhos para Wen sobre o qual eu não pergunto, assim como ele geralmente não me pergunta para onde eu voô.

— Obrigada por ficar à frente, caso precisemos de ajuda.

— A família sempre deve ter suas costas. Quão bom você é em gravar números de cabeça?

— Por quê?

— Eu quero que você memorize meu número de celular. Se tiver problemas, ligue.

— Pode dizer.

Ele repetiu cerca de seis vezes antes de assentir.

O movimento chamou sua atenção e ela se virou no assento. Wen abriu a porta do passageiro e jogou suas mochilas. Entrou e fechou a porta. — Vamos.

* * *

Wen olhou para o espelho retrovisor em seu primo, que evitou encontrar seu olhar. Ele não gostava da maneira como Micah continuava conversando com Gerri e sorrindo. Ele não estava mais brincalhão do que era normal, mas o irritava. Toda vez que Gerri ria de algo que seu primo dizia, apertava os punhos.

— Estamos quase lá? — Ele tentou manter seu tom calmo.

— Quase. — Micah finalmente olhou para ele e sorriu. — Então, Gerri, qual é a sua cor favorita?

— Azul. — Afirmou Wen.

— Vermelho. — Ela explodiu em risadas ao mesmo tempo. Ela se virou no assento. — Já não tenho quinze anos, Wen. Azul costumava ser minha cor favorita. — Ela olhou para frente. — Eu fiz uma aula de pintura alguns anos atrás por diversão e minha professora disse que existem duzentos e oitenta e cinco tons de vermelho. Não é legal? Eu gosto de matizes mais sombrios.

— Eu vou lembrar disso.

Wen rosnou. — Eu é que vou.

Micah encontrou seu olhar no espelho retrovisor e Wen lhe deu um olhar de morte. Seu primo limpou a garganta e ficou em silêncio. O tempo passou sem que ninguém falasse até chegarem a uma parte lotada de Seattle.

— Eu vou te deixar aqui. — Anunciou Micah, parando em uma calçada.
— Há um restaurante na rua e você está a poucos quilômetros do seu alvo.

Wen abriu a porta, pegou as mochilas e saiu. Gerri também o fez. Ela acenou para seu primo. Ele pegou sua mão e puxou. — Vamos.

— O que entrou na sua bunda?

Ele olhou para ela. — Desculpe?

— Você de muito mal humor. Eu sou a isca, então se alguém te o direito de agir desse jeito, deveria ser eu.

— Por que ele lembrará qual é sua cor favorita?

Ela franziu a testa. — Você está com ciúmes?

— Não. — Ele hesitou. — Ele tocou em você enquanto estavam buscando o carro de aluguel?

— Claro que não. Ele é seu primo. Dá um tempo.

— Ele é um jogador. Não consigo acompanhar suas namoradas. Ele nunca fica com uma mulher por muito tempo.

Ela arqueou as sobrancelhas.

— Eu simplesmente não quero você magoada mais tarde.

Ela apertou os lábios.

— O que?

— Você não estará por perto, então, por que você se importa? Você deixou claro que apenas vai fazer parte da minha vida por um curto período de tempo. Voltará para o Alasca ou com Sherry - se eu sobreviver a isso.

Ele apertou a alça da mochila com força e a aproximou dela. — Está acabado com ela. Nunca mais a tocarei. Juro pela vida de meus pais. Ela não significa nada.

Ela abaixou o olhar para seu peito. — Coloque seus óculos de sol. Seus olhos mostram a versão maligna Lyan.

Ele a soltou, xingou uma maldição e tirou-os do bolso para cobri-los. — Melhor?

Ela ergueu o queixo, olhando-o com uma expressão triste. — Eu não vou lutar com você. Já fizemos o suficiente. Estou ficando cansada disso, sabe? Não há nenhuma razão para você ficar irritado. Seu primo estava sendo gentil

comigo, nada mais e eu juro que nunca vou dormir com ele, certo? Eu não estou interessada. Poupe-me a promessa sobre Sherry também. Você nunca vai poder se acasalar e não será um monge. Ela está no mesmo barco que eu estou.

— O que isso significa?

— Nós somos apenas passageiras em sua vida até que você precise acasalar com uma VampLycan. Agora... estou morrendo de fome. Perdemos o almoço e a hora do jantar. Além disso, os Vamp sairão em breve. Nós os caçaremos ou eles virão atrás de nós. De qualquer forma, não quero lidar com esse confronto com o estômago vazio.

— Nunca diga que você é tão pouco para mim novamente.

— Bem.

— Você está de mau humor.

— E você também.

Ela estava certa. — Desculpe. — Ele tentou se acalmar. — Estou apenas preocupado.

— Eu também. Não gosto de ser isca.

— Você não é isca. Você é a persuasão.

— Então continue dizendo isso. Qual a diferença novamente? — Ela dirigiu-se ao restaurante.

Ele seguiu. — Eles vão te achar tão valiosa porque Horton precisa de mim. Isso significa que eles não correrão o risco de machucar você.

— Você está assumindo que ele é um pouco são e racional.

Eles entraram no restaurante e sentaram-se em um canto, longe das janelas. Ele colocou suas costas na parede para poder olhar os outros clientes e ver a porta. As mochilas foram empurradas para o chão entre os pés. Gerri sentou-se de frente. A garçonete trouxe-lhes bebidas, anotou os pedidos e durante todo o tempo, Wen refletiu sobre as escolhas que ele fez.

— Por que você está tão quieto?

Ele saiu de seus pensamentos. — Apenas pensando em possíveis cenários. — Ele mentiu.

— Como o que?

— Estou me preparando para o que está por vir.

— Bem. Faça isso. Eu ficarei sentada aqui.

Ele sabia que ela estava irritada, mas a ignorou, deixando o olhar correr em volta da sala, procurando por ameaças. Era uma missão perigosa. Nunca deveria ter levado Gerri e parte dele culpou Lavos. Ele realmente gostava do executor principal do clã de Lorn, mas o cara se acasalou com uma humana. Wen sentiu inveja. Tudo o que ele pensava era em Gerri, no quanto sentia falta dela e aquela dor se tornou tão forte que ele apenas queria voltar a vê-la. Por isso que ele se ofereceu para ir atrás de Horton. Sabia que o enviaria para o mundo humano e teria a oportunidade de passar algum tempo com ela.

Era egoísta. Ver a dor que sentiu por sua vida sexual o fez perceber o quão difícil seria dizer adeus para ambos. O arrependimento veio a seguir. Ela admitiu que o superou com dificuldade. Deveria tê-la deixado ela sozinha. Não estava pensando sobre o que era melhor para ela.

Ele lançou olhares furtivos para ela enquanto brincava sua bebida. O telefone em seu bolso coçava para ligar para Micah para vir buscá-la. Ela ficaria mais segura com seu primo. Ele poderia apresentar outro plano que não a envolvesse. Ela olhou para cima e o pegou olhando para ela.

— O que?

— Nada.

— Besteira. Você deve ver a expressão no seu rosto agora. Se apertar mais os dentes, acho que poderá quebrar alguma coisa. O que há de errado? — Ela ficou tensa e abaixou a voz para um sussurro. — Alguém entrou e acha que é uma ameaça?

Ele examinou novamente o lugar e inalou. — Não. Somente humanos estão comendo conosco.

A garçonete trouxe seus hambúrgueres e batatas fritas. Gerri esperou até ela sair antes de falar novamente.

— Deixe-me adivinhar. Você está pensando novamente sobre não me levar nessa missão com você?

— Como você sabe?

Ela sorriu. — Nós crescemos juntos. Você estava com este mesmo olhar quando você veio com esse plano para nos construir uma casa na árvore e então percebeu o que aconteceria se eu alguma vez caísse. Isso o assustou, me

observar subir e descer do nosso refúgio e você sempre ficou perto para que pudesse me agarrar. — Ela lambeu os lábios. — Sim. A mesma expressão agora que naquele momento.

— Talvez seja melhor se pedir Micah para busca-la.

— Eu perdi meu trabalho. — Seus olhos se estreitaram. — Voei em um avião para chegar aqui. — Ela pegou seu hambúrguer e olhou para ele. — Tão estúpido como é para mim dizer isso, não há volta.

— Isso não é verdade.

Ela se inclinou para mais perto, abaixando a voz. — Eu cheiro como você. É a mesma coisa que colocar um alvo nas minhas costas e você prometeu ficar comigo até eu não cheirar mais a você. Corte esse papo furado. Acredite, se eu não quisesse ajudar em seu plano louco, eu teria o abandonado assim que esse avião aterrissasse.

— Por quê?

— Você sabe o porquê. — Ela mordeu seu hambúrguer, abaixando o olhar.

Porra. Ela não iria deixar isso continuar. Ele já tinha muitos arrependimentos e agora ele poderia adicionar mais um. Ela desejou que ele nunca tivesse dormido com a advogada. Ele sabia o quão profundamente aquele ciúme podia queimar - sentia isso sempre que Graves lhe dizia que G.L estava namorando algum homem. Ela não viveu com nenhum deles, então ele conseguiu dizer a si mesmo que não poderia estar em um relacionamento sério. Às vezes, ele gostava de fingir que não permitia que nenhum deles a levasse para a cama. Ele sabia a verdade agora, depois de dormir com ela. Ela não era virgem.

— Pare de pensar o que está pensando, Wen.

— Você não sabe o que está em minha mente.

Ela bufou e tomou um gole de sua bebida. — Eu sei. Eu tive tempo de pensar mais desde que você me contou seu plano louco. Precisa se aproximar desse fabricante de zumbis e aparecer comigo é a única coisa que vai convencê-lo de que não está lá para mata-lo. Vamos encarar isso, é tão insano que pode funcionar. Quer dizer, sou um ser humano. Eles nunca vão suspeitar que os VampLycans armaram isso.

— Eu sei. Ainda estou preocupado com você.

— Eu não quero que você seja torturado e morto, Wen. Você vai sozinho sem mim e provavelmente isso acontecerá. Eu sou a persuasão que usarão contra você, lembra? É um bom plano. Faremos isso juntos. Eu tenho suas costas.

Ele olhou para ela, sabendo que se ela morresse, nunca se perdoaria.



Capítulo Seis

Gerri resmungou suavemente, empurrando as mãos para dentro dos bolsos. — Este é um clima miserável. Não choveu, mas parece úmido do mesmo jeito. Estou com frio.

— É suposto ser 16°C graus. Isso é suave. Também estamos perto do oceano. Eu posso cheirar o sal no ar. — Wen envolveu um braço ao redor de sua cintura na tentativa de aquecê-la. — Você perdeu uma certa tolerância para as temperaturas frias.

— Eu nunca gostei do frio. Congelei minha bunda, mas eu tinha casacos mais quentes e possuía luvas grossas no Alasca. Você diz que 16°C, como é normal para o verão ou algo assim. Brrrr! Eu prefiro 26°C graus, é muito melhor.

Ele sorriu, mas pareceu forçado. — Não vai demorar muito.

Suas entranhas se torciam. Esse era o código de que eles estavam sendo seguidos ou ele pegou um cheiro. Ela queria perguntar qual, mas não se atrevia a expressá-lo porque poderiam ouvir. Ele alertaria quem os estava seguindo de que estavam cientes deles. — Mesmo?

— Sim. — Ele olhou para a esquerda, depois para a direita. — Nós nos refugiaremos em breve.

Em outras palavras, eles provavelmente seriam atacados e ele teria que lutar enquanto tentava ficar longe do caminho. Ela agarrou o pequeno recipiente de que ela embalou. Estava misturado com ácido de bateria, algo que ela acrescentou depois de ser atacada por aquele Vamp. Não mataria um Vamp ou um Lycan, mas certamente os cegaria por mais de alguns minutos e doía como o inferno enquanto eles se curavam. Isso poderia dar-lhes tempo para que Wen compartilhe a história que ele inventou. Se eles tivessem muita sorte, alguém acreditaria.

— Ótimo. — Ela murmurou. — Eu não posso esperar por um abrigo.

Ele apertou sua cintura como para garantir a ela... ou talvez lhe dava uma indicação que eles estavam prestes a ter companhia.

Acabou a dúvida quando ele rapidamente a deixou ir e grunhiu, movendo-se na frente dela em um agachamento protetor quando dois homens caíram de um telhado próximo para pousar no beco vazio na frente deles.

Ela segurou a embalagem, mas manteve-a na mão para esconder. Se eles estivessem atrás de problemas. A surpresa era tudo o que tinha, uma vez que ela não tinha sua força e velocidade, seja lá o que fosse.

Demorou alguns segundos para identificar as espécies de cada homem. Era estranho ver um Lycan e um Vampiro trabalhando juntos. Geralmente, eles se mantinham afastados.

— O que você quer?

Ela não conseguia ver o rosto de Wen que estava de costas para ela, mas não perdeu o grunhido ou o fato de que suas mãos no pavimento agora tinham algumas garras de aparência perversa.

Ela forçou a atenção em volta e olhou para trás, visando dois rostos muito pálidos perto de um depósito de lixo. Vampiros. Eles se vestiam de preto e tinham aquela aparência de cabeça flutuante que achava assustador enquanto permaneciam nas profundas sombras da noite. Ela virou todo o caminho para encará-los de frente, mantendo-a de costas para Wen.

— Mais dois. —Ela sussurrou. — Cabeças brancas. —Ele entenderia o termo, já que ele ensinou isso a ela quando criança.

— Estou ciente.

Wen realmente parecia assustador quando ele mudava parcialmente e ela estava feliz por estar de costas. VampLycans podiam lutar. Um Lycan e três Vamps não teriam uma chance contra ele. Ela esperava que soubessem disso também.

— Vocês chegam perto dela e eu chutarei suas bundas. —Advertiu Wen.

Ela empurrou o queixo para cima. O vampiro na varanda acima dela ficou gelado. A maldita coisa parecia pronta para atacar e ela nem o avistou. Ela engoliu em seco e aproximou-se de Wen.

— Ele é realmente protetor comigo e eu acreditaria em sua ameaça. — Ela se abaixou, cavou os dedos dentro do bolso e balançou a embalagem que ela manteve lá. Jogou-o para ele. —Pegue. Isso é o que resta do último Vamp que tentou me morder.

A cabeça branca pegou o recipiente e abriu. Ela observou sua expressão e ouviu o baixo silvo de raiva. Ele fechou e olhou para ela com uma malevolência em seus olhos.

— Sim. Essas são as cinzas do Vampiro. — Ela provocou. — Eles pertencem ao último idiota que pensava que eu parecia o jantar. Meu companheiro tem tolerância zero com outra pessoa tentando ter meu sangue. Eu não iria irritá-lo.

— Gerri. — Wen sibilou. — Eu cuido disso.

Ela estremeceu. Provavelmente deveria ter contado sobre a lembrança que ela manteve, mas fez um ponto efetivo. Aquele vampiro que a atacou em seu antigo apartamento mereceu o que ela fez com ele, mas foi um inferno limpar a bagunça que ele deixou para trás. Houve muita aspiração envolvida. As lâmpadas UV também não eram fáceis de encontrar. Ela manteve algumas de suas cinzas, queria uma lembrança no caso de ficar relaxada com a segurança novamente.

O Vamp devolveu seu recipiente. Ela realmente não esperava recuperá-lo.

— O que você está fazendo aqui, mestiço? — O tom animalista do estranho assegurou-lhe que era o Lycan falando. — Você está longe de casa e não é bem-vindo.

— Eu não me importo se você gosta da minha presença ou não. — Wen rosnou de volta, mais alto, ganhando o concurso de melhor voz assustadora. — Saia do meu caminho.

O silêncio tornou-se estranho. Gerri estava tentada a olhar para trás para ver como o rosto do lycan reagiu com a resposta, mas não se atreveu a tirar sua atenção das três cabeças brancas. Eles poderiam se mover rápido e levá-la ao chão em um piscar de olhos se ela olhasse para longe.

— Por que você está aqui? — A voz assustadora com um leve silvo para ele tinha que ser o Vampiro. — Quem é que você está procurando?

O tom de Wen mudou um pouco, um pouco menos ameaçador. — Estou aqui porque quero ficar. Nós não queremos nenhum problema, mas eu vou te matar se nos atacar. Nós estamos apenas de passagem, caso esteja irritado por estarmos no seu território.

— Por que você está viajando com um ser humano? — O rosto do lycan se contorceu com as palavras.

— Ela é minha. — Wen rosnou. — Você tem algum problema com isso?

— Pare. — Ordenou o Vampiro. — Deixa eu cuidar disso. O que você quer dizer, com sobre estar de passagem?

— Você quer que eu fale mais devagar para você? — Wen grunhiu. — Nós viajamos por um tempo. Deixe-nos passar em paz.

— Você está acasalado com a humana ou está viciado em sangue humano?

— Ela é minha. — Repetiu Wen. — Toda minha. Eu a escolhi sobre o meu clã desde que eles se recusaram a aceitá-la.

— Ela é humana. — Disse o Lycan, continuando a declarar o óbvio. — Por que você a escolheria?

— Os instintos não serão negados. — Wen tropeçou e chutou a mochila de Gerri enquanto ele se endireitava completamente para que ela soubesse que ele estava ali.

— Ele é principalmente Lycan. — O Lycan pareceu desgostoso. — É uma das nossas falhas. Nós nos apaixonamos por alguém que estamos pegando e temos que reivindicá-la. Ele deve estar realmente desesperado por foder alguma coisa, se ela foi sua escolha. Qualquer lycan decente não tocaria uma cadela fraca e sem espinha dorsal.

— Não fale dela. — Wen ameaçou.

— Eu não sou puta. — Murmurou Gerri. — Mas eu posso agir como uma, se você me insultar novamente.

— Você falou de nós e sobre nós. — Sibilou o Vampiro. — Você conhece as regras. Você as rompeu.

— Ela trabalhou para o meu clã. Decker me proibiu de tocá-la, mas eu era seu guarda. Ele enviou alguns bastardos para matá-la, então partimos - depois de eu deixar seus corpos na sua varanda.

— Por que ele permitiria um humano lá? — O Vampiro parecia suspeito.

— Não é assunto seu. Saia do nosso caminho. — Gritou Wen.

— Você quer passar pela minha cidade. — O Vamp fez uma pausa. — Exijo respostas.

— Você não está em posição de me pedir merda nenhuma. Eu matarei todos vocês se tentarem nos impedir.

— Bebe. — Gerri cantou, propositadamente tentando parecer necessitada. — Estou com fome. Basta respondê-los para que possamos encontrar um motel barato ou algo assim.

— Tudo bem. — Wen bufou. — Decker usou o controle mental para espionar as cidades ao redor do nosso território. Eles nos dão um aviso se houver alguma dica de que os outros humanos suspeitam o que somos. Agora irá nos deixar em paz?

Gerri ficou em silêncio, mas ficou impressionada com a facilidade com que Wen podia mentir. Parecia plausível. Um VampLycan que gostava de Decker nunca confiaria em um humano para trabalhar para ele, mas eles poderiam acreditar nisso. Esse líder do clã era o mais temido e odiado pelos quatro clãs. Até mesmo Gerri ouviu histórias de horror sobre ele. Algumas das crianças mais malignas ameaçaram enviar cartas pedindo a Decker para matá-la durante o sono. Os seres humanos tinham Papai Noel para enviar seus desejos. Os matadores de VampLycan tinham Decker. Ele se tornou o bicho papão de sua infância. Ela estremeceu apenas pensando nele.

Wen se virou e segurou seu quadril. Não era fácil de fazer, pois suas mochilas os separavam por alguns metros. Ela respirou fundo e forçou sua mente para longe do passado. O futuro parecia sombrio, enquanto ela se certificava de que os Vamps não avançassem enquanto ela estava distraída. Eles permaneceram em suas mesmas posições, quase parecidas com estátuas horríveis.

— Nós poderíamos dar abrigo e comida para sua humana. — O Vampiro fez uma pausa. — Por um preço, é claro.

— Esqueça. — Wen pressionou contra ela novamente. — Você venderia nossa localização para o meu clã. Não, obrigado. Deixe-nos passar ou lutaremos contra você até a morte.

— Não estamos associados aos seus clãs.

— Você ficaria motivado pelo preço por nossas cabeças. — Wen aprofundou sua voz. — Mova-se ou morra. Nós sairemos daqui.

— Eles estão os caçando?

— Como se você não soubesse disso. Você estava nos procurando? — Wen grunhiu. — Você já os alertou? Eles estão a caminho de nos matar?

— Há quanto tempo você fugiu?

— Um tempo. — Wen fez uma pausa. — Ainda estamos vivos apesar dos melhores esforços. Pegue meu conselho e esqueça a recompensa. Você não é o primeiro grupo de idiotas que tentou nos pegar. Eu diria para perguntar-lhes como isso terminou, mas eu tive que matar todos. Decker não pagará de qualquer maneira. Ele enviará um assassino em vez de dinheiro. Ele é um bastardo mentiroso e não valoriza a vida de qualquer um VampLycan. Saia do nosso caminho.

O Vampiro ergueu as mãos. — Não temos alianças com os clãs VampLycan. Eles também estão nos caçando.

—Desculpe, mas não acredito nisso. Vocês precisam fazer algo seriamente ruim para entrar em seu radar e são apenas alguns Vampiros com um Lycan. Eu admito que isso é estranho, mas nada incomum fora do Alasca. A menos que você nocauteou um lycan para criar um da minha espécie?

— Eu criei um soldado e o deixei em uma cidade perto deles. — O Vamp sorriu. — Isso chamou sua atenção.

— Soldado? — Wen não pareceu convencido. — Que porra isso significa?

— É a nossa versão de Vampiros fortes com datas de validade. Eles são maus, duros, mas completamente instáveis, a menos que sejam alimentados com sangue por nós. — O Vampiro fez uma pausa. — Vu que estou aqui e não lá? Eles são violentos. É uma coisa bonita de se ver. Um soldado pode matar qualquer coisa que se mova ou tenha um batimento cardíaco que eles possam ouvir.

Gerri já odiava o Vampiro. Ele parecia muito orgulhoso de deixar um zumbi perigoso assassinar pessoas inocentes. Mas não a surpreendeu. Os humanos eram gado para a maioria dos vampiros. Havia supostamente alguns que eram diferentes, mas nunca encontrou um desses. Ela fez o possível para evitar algo não-humano.

— Então, isso significa que realmente podemos nos aliar a você, se está sendo caçado também. — Wen balançou a cabeça. — Eu me mantive vivo por ser inteligente. Duvido que possa superar qualquer um dos responsáveis pela

execução que enviarão atrás de você. Vai guiá-los diretamente para nós. Não, obrigado.

— Ninho, podem ir. — Ordenou o Vampiro.

O Vamp na varanda virou-se e pulou, desaparecendo no telhado. Os dois no depósito de lixo escorregaram para a escuridão. Gerri não estava certa se era uma coisa ruim ou boa. Eles realmente partiram ou estavam se escondendo da vista para lançar um ataque furtivo?

— VampLycan, nós oferecemos um abrigo para esta noite. — Continuou o Mestre. — Pelo menos aceite isso. Nós poderíamos ajudar uns aos outros.

— Eu não vejo como.

— Você está muito longe de casa e estamos na mesma situação. VampLycans enviarão exploradores atrás de mim. Poderíamos juntar forças.

Gerri mascarou suas feições. Eles estavam acreditando ou pelo menos pareciam estar. Mas ela não confiava nele. Poderia ser uma armadilha. Ela apenas esperava que a baixa opinião de Wen sobre sua inteligência não os matasse.

— Não. — Wen abaixou a voz. — Não tenho motivos para confiar em você.

— Nós temos inimigos comuns.

— Você também poderia ser meu inimigo. — Wen hesitou. — Saia do caminho ou o matarei.

— Não seja tão precipitado. Tenho cento e oitenta e dois anos de idade. Eu tenho idade e experiência. Este é o meu mundo, mais do que o seu. Você VampLycans tende a manter seu próprio território. Pense nisso. Suas chances de evitar a captura serão melhores se tiver ajuda. Podemos trabalhar juntos.

— Captura, o inferno. Eles vão matá-la, fazer-me assistir e então morreremos depois. Suponho que você quer que eu acredite que está oferecendo para ajuda com a bondade de seu coração? — Wen bufou. — Dá um tempo. Essa recompensa sobre nós deve ser enorme. Eu não pensei que Decker se importaria muito com os outros guardas que eu tive que matar. Não eram importantes para ele, ninguém é. Mas devo ter errado.

— Eu tenho mais dinheiro do que eu poderia gastar. Não estou interessado em uma recompensa. Meu nome é Horton. Qual o seu nome?

Wen não respondeu. — O que você quer então, Vamp?

Horton suspirou. — Tão teimoso. Bem. Preciso de informações. Eu tenho que conhecer o número de VampLycans em cada clã. Quero uma descrição detalhada de como eles funcionam e de quaisquer fraquezas que possam ter. Quem temem? Por quê? Como posso conseguir seus inimigos do meu lado para que possamos trabalhar juntos? — Sua voz aumentou de tom. — Eu quero destruir esses bastardos. Aqueles filhos da puta mataram meu Mestre e meu Ninho. Quero garantir que paguem por isso.

Gerri lutou para mascarar suas feições. Wen parecia estar certo sobre o Mestre querendo fazer uma guerra com VampLycans. Ele sentiu um grande rancor.

— Eu não acredito em você. — Disse Wen. — Você está mentindo. Se o que disse é verdade, não há como ter escapado deles se mataram seu Mestre e destruíram seu Ninho.

— Eu não estava lá. Fui enviado para buscar comida. Voltei na próxima noite para encontrá-los todos mortos.

Comida? Gerri estremeceu. Ele quis dizer vítimas. O bastardo admitia que sequestrou os humanos para alimentar seu Ninho.

— Por que você estava no Alasca? — Wen parecia com raiva. — O que estava fazendo perto de seu território. Está trabalhando para os VampLycans? Você é algum tipo de caçador de recompensas para eles? Eu sabia! Você está nos rastreando, não é?

— Não! — Horton sibilou. — Nós estávamos lá por outro motivo.

— Eu ainda não acredito em você. — A voz de Wen se aprofundou em um grunhido.

— Eles mataram o nosso Ninho por qualquer maldito motivo além de estarmos no Alasca. Foda-se os VampLycans! Eles acreditam que têm o direito de matar qualquer um que queiram. Vou fazê-los pagar.

Wen ficou em silêncio por longos segundos. — Eles me impediram de reivindicar minha companheira. Isso é contra a nossa natureza. Alguém precisa pará-los.

Ela sabia que essas palavras deveriam ser difíceis para Wen dizer. Lembranças passaram por sua mente nos anos em que o viu treinar para lutar,

e o orgulho que mostrou em seus olhos quando falava do que representava, sendo um VampLycan. Eles eram os defensores dos fracos. Eles corrigiam os erros. Principalmente eram os Lycans que defendiam, mas ainda assim era honrado.

Ele compartilhou todas as histórias com ela que lhe disseram e ao irmão mais velho. Adorava Gerbin. Ele era o super-herói de Wen por sair ao mundo e matar bastardos do mal que precisavam ser apagados da face da Terra. Agora, era Wen quem faz isso.

Ela realmente esperava que eles também não morressem.

Wen engoliu, mas ele o escondeu. O bastardo Vampiro estava tão perto, mas ele conseguiu pegar o cheiro pesado de Lycans. Estavam à espreita entre os edifícios dos dois lados, provavelmente prontos para atacar ao comando. Ele respirou através do nariz, escolhendo os aromas. Havia mais de uma dúzia deles, dois bem perto.

Foi um erro levar Gerri com ele. Neste ponto, ele apenas queria matar Horton. Os Lycans provavelmente se dispersariam sem o Vamp mantendo-os juntos. Ele poderia ter apanhado o fabricante de ghoul e fugir antes que os Lycans pudessem atacar, mas não com ela. Ela o desaceleraria demais, mesmo que ele a agarrasse e a carregasse por cima do ombro. Também seria estúpido. Ele não estava lá apenas para matar Horton. Ele precisava descobrir quem mais estava trabalhando com ele, se o conselho ou não estava mandando Ninhos para atacar VampLycans e se alguma matilha Lycan estava comprando sua besteira.

Ele controlou sua raiva. Um asco depravado por Horton ter matado Gerbin e mudado a vida de Wen para sempre. Ele acalmou sua respiração, limpou sua mente e pensou em outras coisas.

— Bem. Eu lhe darei informações em troca de você me dizer sobre alguns locais onde somente humanos existem. Dessa forma, não tenho que me preocupar com nada que venha atrás da minha companheira ou venda nossa localização ao seu conselho, a qualquer matilha ou aos VampLycans. — Ele fez uma pausa. — Eu também preciso de dinheiro. Eu tive que deixar tudo para trás quando fugimos. Estou cansado de parar humanos aleatórios e fazê-los

entregar o dinheiro em suas carteiras. Nenhum deles carregam muito. Não posso arriscar fazê-los entrar nos bancos com todas as fodidas câmeras que eles têm.

O mestre sorriu, sua expressão presunçosa. — Eu posso lhe dar isso.

— Você tenta qualquer coisa ou qualquer um dos seus sequer olham para a minha companheira, arrancarei sua cabeça. — Alertou Wen. — Fui claro? Ela pode ser humana, mas ela é minha. — Ele rosnou. — Entendeu, Horton?

— Você realmente deve aprender a confiar, VampLycan.

— O nome é Wen. E eu nunca seria tão estúpido. Eu gosto de respirar.

— Agora temos uma aliança. Siga-nos.

Wen agarrou a mão de Gerri e começou a andar, mantendo um bom quinze pés entre eles e o Vampiro e seu amigo Lycan. Ela não tentou segurá-lo. Ela era inteligente. Ele poderia liberá-la em um instante e atacar se a necessidade surgisse. Ela o seguiu bem perto, então estava na frente, capaz de defendê-la, se necessário.

Isso lembrou do passado. Trayis foi ao cuidador do clã no início de um verão com Gerri no encalço. Todos viram a menina humana de longe, mas seus pais a mantiveram perto de casa, longe das outras crianças até aquele dia. O líder do clã explicou que tinha ossos frágeis, que não podiam se curar o mais rápido possível e nunca cresceriam garras. Ele avisou a todas as outras crianças para serem gentis com ela e que não havia honra em prejudicar alguém muito mais fraco. Trayis também deixou claro que ela fazia parte do clã e uma punição severa desceria sobre qualquer um que a machucasse.

Não impediu que alguns de falassem palavras ruins para ela. Eles apontavam que ela era menor do que deveria ser, em comparação com outras crianças de sua idade. Alguns gostaram de fazê-la ofegar e sentir medo ao mostrar suas garras e pular perto em ataques simulados. Wen sentiu pena dela. Seu cabelo também o fascinava. Ela tinha muito disso. Era loiro, quase branco e corria em cachos pelas costas. Sua mãe sempre amarrava um rabo de cavalo, mas depois de algum tempo ele se soltava, espalhando-se pelo rosto.

Gerri passava todo o tempo dentro de casa, lendo livros, em vez de brincar com os outros. Ele nunca entendeu suas razões até que finalmente lhe perguntou por quê. Alguns momentos estavam presos em sua mente e esse era

um deles. Ela olhou para ele com seus grandes olhos azuis e lágrimas se formaram dentro deles.

— Meu pai diz que sou uma presa fácil e eu devo ficar dentro de onde estou segura. Ele não quer que nada aconteça comigo. Trayis disse que eu precisava ficar ao redor de outras crianças, mas eles não vão perseguir qualquer coisa que venha atrás de mim. Eu quase topei com um alce na semana passada. Eu não podia ouvi-lo ou sentir o cheiro. Era bom que estivesse sozinho ou poderia ter sido atacada. Eu vou ter que me tornar um artesão como meu pai ou permanecer dentro de casa o tempo todo como minha mãe faz quando eu crescer. Tentei levantar a motosserra do meu pai para que ele pudesse me ensinar a fazer esculturas, mas era muito pesada. Um dia, quando eu for maior, farei todos os dias até ficar tão boa para que eu tenha um futuro.

Wen tinha cuidado com ela. Ele começou a levá-la ao ar livre e até mesmo lhe ensinou a lutar. Ela era realmente inteligente, tinha senso de humor e ele gostava de passar tempo com ela. Seu vínculo cresceu até não poder imaginar a vida sem sua G.L

O aperto em sua mão aumentou enquanto seguia o Vampiro insano até um dos edifícios abaixo do quarteirão. Ele não permitiria que nada acontecesse com ela.

Os Lycans seguiram. Estavam quietos, mas ele ainda conseguia pegar os sons que eles faziam. Seria ruim se eles fossem conduzidos a uma armadilha.

Os vampiros eram gananciosos e egoístas. Ele tinha algo que Horton queria e Gerri era a única arma que ele poderia usar contra Wen. Ele pensou bem e tentou relaxar. Teve que arriscar sua vida muitas vezes no passado nesse tipo de missão, mas essa era diferente. A vida de G.L estava em jogo também.

O interior do edifício era mais agradável do que o exterior. Alguém gastou dinheiro na pintura. Horton virou-se depois de entrar e sorriu. — Bem-vindo à nossa casa atual. É guardado em 24 horas por dia pelo bando de Joel.

O Lycan enrolou o lábio, olhando para Wen. Ele emitiu uma mensagem clara. O alfa da matilha não estava feliz por tê-los como convidados e não fazia nada para esconder. Wen voltou sua atenção para Horton.

— Preciso de comida e uma cama para a minha companheira.

— Claro. — Horton virou-se, subindo as escadas. — Siga-me.

Wen puxou Gerri para o outro lado e colocou seu corpo entre ela e Joel enquanto passavam pelo alfa e subiam as escadas. Era um prédio maior do que mostrava de fora. Pararam no quarto andar e o Vampiro abriu uma porta perto do topo da escada.

— Podem ficar aqui. Eu vou enviar um dos membros de Joel com algo para o jantar. Espere alimentos em vinte minutos ou mais. Eu quero você lá embaixo enquanto ela come. Temos informações para trocar.

— Você acha que eu vou deixá-la sozinha? — Wen balançou a cabeça. — Nunca acontecerá.

— Eu não confio nos humanos. Um membro ficará de olho nela.

— Eu não confio em ninguém aqui. — Respondeu Wen. — Ela permanece ao meu lado. — Ele tirou a mochila e jogou-a no chão.

Gerri fez o mesmo.

— Nós temos objetivos comuns. — Horton franziu a testa. — Nós dois queremos ferir os VampLycans o suficiente para evitar que eles venham atrás de nós. Seria estúpido prejudicá-la. Você não me dirá o que eu quero saber se eu fizer.

— Seria estúpido deixá-la sozinha em um prédio como este. — Wen inalou bruscamente. — Eu peguei os aromas de pelo menos quatro vampiros e mais de duas dúzias de Lycans desde que nos conhecemos. Você sabe o que não cheirei? Qualquer mulher de qualquer raça, exceto Gerri. Eu não vou deixá-la sozinha para ser vítima de um idiota que acha que ela é uma refeição fácil ou algo para foder. Você é um Mestre. Eu não deveria ter que lhe dizer a tentação que provoca aqui. Por que porra você não tem mulheres aqui?

A boca de Horton formou uma linha apertada de lábios brancos. Wen achou que não iria responder, mas o Vamp o surpreendeu fechando a porta às suas costas, dando-lhes privacidade.

— Elas não duraram uma semana. Fodendo animais. — Sussurrou Horton. — Não foram os meus que as matou. Os homens de Joel foram muito ásperos com as duas putas que comprei. Eu as transformei, pensando que elas poderiam sobreviver a esse grupo raivoso, mas não previ o quão violentos seriam durante o sexo.

Wen se encolheu por dentro, imaginando o horror que as pobres mulheres devem ter enfrentado antes de suas mortes. Primeiro, elas foram transformadas em Vamps, depois jogadas em uma matilha Lycan. Duvidava que elas se inscreveram para o que sofreram. — É um aprendizado, lidar com patifes.

— Eu não diria isso muito alto. — Horton sussurrou. — Joel se ofende. Ele é muito irracional às vezes para controlar completamente, mas agora estou preso com eles. Eles querem meu dinheiro e eu preciso deles para nos proteger durante o dia.

Wen acreditava nisso. Não havia outra razão para que os bandidos estivessem pendurados com vampiros, a menos que conseguissem algo com isso. Tinha que ser por dinheiro ou precisavam de alguém para controlar a mente dos seres humanos. — Minha companheira fica ao meu lado.

— Bem. Vamos alimentá-la e então ambos descem as escadas. Transformei dois apartamentos em um escritório. Tente não insultar Joel. — Horton revirou os olhos. — Fodidos Lobisomens. Eles se ofendem com qualquer coisa. — Ele girou, abriu a porta e rapidamente saiu.

Wen fechou a porta e trancou. Não era uma porta sólida, mas os bloqueios, pelo menos lhes dariam um segundo aviso em caso de ataque se alguém tentasse derrubá-lo. Gerri abriu a boca, mas ele balançou a cabeça, aproximando-se dela para verificar o apartamento. Cheirava a um ser humano e estava um pouco empoeirado, como se não tivesse sido usado por um tempo.

Descobriu que era um apartamento de um quarto com banheiro, cozinha e pequena sala de estar. Sem saída de incêndio, então as janelas eram a prova de ataque. Alguém teria que escalar para alcançá-los e o prédio não permitiria isso sem varandas. Ele procurou por qualquer dispositivo de gravação, mas não encontrou nenhum. Gerri ficou perto dele enquanto procurava, observando-o de um lado para o outro.

Capítulo Sete

Wen finalmente a encarou. — Mantenha a calma. — Ele falou.

Gerri se perguntou se ouviu alguém em um apartamento ao lado ou se ele viu um inseto. — Estou preocupada, bebe. — Ela piscou. — Você tem certeza de que eles não vão nos entregar aos VampLycans?

— Eu não acho que não. — Ele levantou a voz um pouco. — Eu sei que os clãs atacariam qualquer Lycans ou Vampiros que estejam juntos. Eles ficariam paranoicos sobre isso. Acho que estamos bem. Relaxe, companheira.

— Estou tão cansada de fugir sempre. — Ela piscou para ele. — Graças a Deus você é tão grande e forte.

Ele sorriu, divertido. — Vamos querida. Não chore. Você sabe que não posso aguentar quando você chora. Está sendo tão corajosa para um ser humano.

Ela ergueu a mão e o afastou, depois se afastou. Não havia como fingir soluçar se alguém as escutasse. Eles estavam no quarto andar em um prédio com Vamps e Lycans. Ela percebeu quando Wen afirmou que ele cheirava pelo menos duas dúzias de imbecis. Isso era mais do que esperavam. A qualquer momento, eles poderiam atacar. Wen seria superado em número.

Ele a agarrou pela cintura, virando-a nos braços e pressionando-a contra a parede. Isso a atordoou o suficiente para ofegar enquanto a levantava de seus pés

Seus lábios desceram sobre os dela e sua língua entrou em sua boca. Ele também pressionou seu corpo contra ela e balançou seus quadris até abrir as pernas, envolvendo-as ao redor de sua cintura. Ela gemeu enquanto esfregava sua ereção em sua buceta.

Ela apertou-o, excitando-se. Ele sentiu um cheiro tão bom e pareceu tão certo. Era uma loucura enganar enquanto estavam em um ninho de Vampiros loucos e Lycans desgarrados, mas não o empurrou para longe. Ele finalmente terminou o beijo e olhou nos olhos dela. Eles estavam brilhando. Ela temia que fosse mexer com a mente dela. Ele também estava excitado.

— Melhor? — Ele sussurrou as palavras. — Você estava com medo.

— Então você decidiu me deixar quente e molhada?

Ele sorriu. — Sim. — Suas narinas se abriram. — Mmmm.

— Tratamento de sexo estilo cachorrinho. — Ela murmurou.

— Meu tratamento de sexo estilo cachorrinho, porém. Você excitada mascarará algumas de suas emoções por um momento e talvez coloque esses idiotas fora de seu disfarce, se eles estiverem de olho em você mais do que eu.

— Nós acabamos de estabelecer que eles não têm mulheres aqui. Você tem certeza que esta é a melhor coisa a fazer?

— Horton quer muita informação. — Ele murmurou, deixando-a descer. — Ele está motivado para mantê-los na linha. — Ele a soltou e voltou a verificar o apartamento.

Ela o observou, ficando contra a parede. Suas pernas um pouco instáveis. Isso a irritaria, exceto que ela viu a frente de sua calça. Ela não foi a única afetada pela sessão de amassos. Ele apresentava uma enorme protuberância. Ela tirou o olhar dele, procurando qualquer coisa que pudesse ser usada como armas se alguma vez fossem atacadas no apartamento. Não havia muito. Quem morou lá anteriormente não possuía muitas coisas.

Wen voltou para ela, parecendo sombrio. Ela arqueou uma sobrancelha. Ele agarrou sua mão e levou-a para o canto, onde havia um sofá e apontou algo. Ela viu uma mancha escura. Parecia sangue seco. Ela olhou para ele.

— Humano. — Ele falou.

Isso significava que o ninho e os lycans provavelmente tomaram o prédio pela força em vez de comprá-lo. Horton admitiu usá-los como alimentos. Tinha uma sensação ruim de que o último residente se tornou alimento. Seu olhar passou pela sala uma vez mais; ela estava bastante certa de que um homem vivia lá. O apartamento não tinha uma sensação confortável, em vez disso um pouco frio. Isso era provavelmente uma coisa boa, já que as mulheres dos Vamp não se davam bem com os lycans.

— Merda. — Ela voltou.

Wen assentiu gentilmente.

Uma batida soou na porta e Wen a soltou, apontando para a cozinha. Ela se moveu rapidamente, colocando o pequeno balcão entre ela e a sala de estar.

Seu olhar pousou em uma panela no fogão. Parecia limpa, mas pesada. Isso funcionaria se ela precisasse bater em alguém. Wen fez sinal para que ela ficasse antes de abrir a porta.

Um Lycan estava parado segurando uma grande bolsa. Mesmo Gerri conseguiu pegar o cheiro de comida do outro lado da sala. Wen pegou a bolsa. O Lycan virou-se, sem dizer uma palavra e foi embora. Ele não parecia feliz, encarregado de conseguir algo para comer. Wen fechou e trancou a porta antes de se aproximar dela.

— É seguro?

Ele encolheu os ombros, colocando a bolsa no balcão. — Horton nos quer vivos.

— Mas drogado seria melhor, tenho certeza. Isso nos tornaria mais maleáveis.

A bolsa parecia sem alterações. Gerri estava feliz por ter comido no restaurante. Wen agarrou-a novamente, caminhou até a geladeira e colocou a bolsa no interior. Eles deveriam eventualmente encontrar uma maneira de comer algo que não envolvesse o inimigo trazendo-lhes comida potencialmente drogada ou envenenada. Wen olhou para ela, sua expressão era clara para ler.

— Tire essa expressão do seu rosto.

— O olhar?

— É a casa da árvore novamente. Estou aqui, Wen.

— Eu me preocupo. — Ele admitiu.

— Eu também.

— Não vai demorar. Apenas fique ao meu lado, esteja preparada para qualquer coisa.

Ela assentiu, então acabou com a distância entre eles. Ele pareceu surpreso quando ela se aconchegou no peito dele, envolvendo seus braços ao redor dele. Um segundo depois, ele a apertou.

— Tudo ficará bem. — Ela tinha que ter fé.

Ele abaixou o queixo para descansar no topo da cabeça. — Dois dias. — Ele sussurrou. — No máximo. Então sairemos daqui.

Ela completou o que ele não disse em voz alta. Ele deveria pensar que isso lhe daria tempo suficiente para descobrir tudo o que o clã queria saber. Ela apenas esperava que ele estivesse certo. O Lycan alfa a deixou nervosa. Ele a odiava completamente, deixou isso óbvio e tinha um olhar louco em seus olhos. Isso significava que seu bando inteiro seria instável. Caso contrário, não o seguiriam.

O tempo passou até que Wen afrouxou seu controle sobre ela. — Nós precisamos descer as escadas.

Ela assentiu, soltando-o. Wen encontrou seu olhar. — Você fica perto de mim, entendeu?

— Como uma pulga em um cachorro.

Um sorriso rápido brilhou em seu rosto e ele balançou a cabeça. — Pirralha. — Ele ficou sério e caminhou.

Ela seguiu de perto, esperou por ele abrir a porta e depois saiu. Ninguém estava esperando por eles e eles não se depararam com nenhum dos Lycans até chegarem ao andar inferior. Joel e dois dos seus ficaram perto da porta da frente, bloqueando-a como se tivessem a intenção de escapar. O alfa apontou para uma porta.

— Ali.

Wen deu a volta, agarrou o braço de Gerri e puxou-a para o lado dele quando passaram por eles. Ela sabia que ele fazia isso para mantê-la protegida, colocando seu corpo entre ela e os outros. Ele bateu, o Vampiro gritou para entrar e Wen abriu a porta. Ele empurrou Gerri primeiro.

O apartamento era quase vazio de móveis e a sala de estar foi transformada em um escritório. Horton sentava-se atrás de uma mesa. Ele puxou um telefone celular da orelha e colocou-o na frente dele. Seu olhar focou em Wen. — Sente-se.

Gerri olhou ao redor, mas não havia cadeiras.

Wen rosnou baixo. — Eu não acho que devo ficar no chão. Nem minha companheira.

Um movimento fez Gerri girar, observando como um Vampiro carregava duas cadeiras da sala de jantar do corredor. Wen a puxou para perto, de frente para ele. O Vamp colocou as cadeiras perto da mesa e depois saiu.

Horton acenou para sentar enquanto a porta se fechava atrás deles. Wen liberou-a e apontou com a cabeça. Ela pegou o assento mais distante da mesa. Ele moveu a outra cadeira mais perto dela, depois sentou-se. Ele franziu o cenho para Horton.

— Eu vejo você como um igual, VampLycan. Não precisa ficar tão longe. Nós somos amigos.

— Eu não iria tão longe. O que você quer saber em troca de me contar onde tem áreas humanas? Estou longe do território do qual conheço. Nós viajamos pelo Canadá, mas minha companheira teve dificuldade em viver na região selvagem. As cidades estão cheias com Lycans e Vamps. Então nós cruzamos os Estados Unidos ontem.

— Nós chegaremos a isso. Qual clã você pertence?

— Decker. Já lhe disse isso.

— Sim, Decker. Você não gosta dele?

— Eu odeio o bastardo. Ele matará todos se tiver a chance.

— Por que você era parte de seu clã então?

Wen hesitou.

— Apenas diga a ele a verdade, querido. — Sugeriu Gerri. — Não temos escolha.

Horton fixou seu olhar sobre ela. — Você não talvez, mas ele é um VampLycan.

— Fique quieta, companheira. — Wen estendeu a mão e colocou a mão na perna dela. — Eu nasci no clã de Decker. É assim que foi decidido. Decker mata qualquer um que tente sair de seu clã. Para não mencionar que os outros clãs não gostam de Decker, então ficariam desconfortáveis ao aceitar um de seus membros. Eles não confiam em nós por causa dele. Ele realmente enviaria um assassino atrás de você, em vez de pagar se o contatar sobre a recompensa por nossas cabeças. Ele é ganancioso e desonesto. Usa qualquer um que pode para conseguir o que quer e em seguida, os elimina quando o uso deles acaba.

Gerri manteve o silêncio. A maioria do que Wen disse era verdade, exceto onde ele nasceu.

— Então e ela? Não consigo ver Decker confiar em um ser humano.

— Ela tinha uma família que ele ameaçou matar. Ele os assassinou há muito tempo, mas não sabia disso. Quando ela descobriu ele mexeu com sua mente para fazer espionagem para ele.

— Como ela se tornou sua companheira?

— Eu era um dos seus guardas. Ele nunca a enviou para cidades humanas sem que um de nós estivesse atento a ela. Nós também nos certificamos de que ela ficasse onde ele ordenou. Ele achava que tentaria escapar. Ele mexeu tanto com a cabeça dela, que estava se tornando uma concha vazia do controle da mente. Era apenas uma questão de tempo antes de matá-la e encontrar um substituto. Mas eu me apaixonei por ela, então, quando a ordem veio, eu fugi com minha companheira. Nós fugimos desde então. Agora me diga onde Vamps e Lycans preferem não viver para que eu possa levá-la lá.

Horton permaneceu em silêncio. — Quantos VampLycans tem no clã de Decker?

— Seiscentos e trinta e dois. — Respondeu Wen.

Gerri lembrou-se de suas lições com Wen quando criança e concentrou-se em sua frequência cardíaca, mantendo-se estável. Ele estava mentindo e não queria demonstrar. Ele aumentou o número.

— Os outros clãs?

— Perto da mesma quantidade. Eles não nos dão informações facilmente sobre seus clãs. Decker quer governar todos os clãs, não apenas os nosso.

— Quem VampLycans temem?

Wen observou o Vampiro, também ciente de Gerri ao seu lado. Ele manteve a mão na coxa no caso dela entregar que ele mentia. Ele achou que poderia fazer algo sexual, como arrastar sua mão até seu centro, para explicar sua frequência cardíaca acelerada se surgisse a necessidade, mas ela não o decepcionou.

— Quem os VampLycans temem? — Horton olhou para ele. — Conte-me.

Este idiota provavelmente conhecia Decker, já que ele enviou seu ninho para o Alasca. Não faria mal dizer a verdade. — O clã GarLycan.

— Por quê?

— Os bastardos podem voar, deixar seus corpos impenetráveis e estão longe de ter emoções.

— Mas nos disseram que VampLycans tem uma estreita aliança com eles.

— Costumava. Passado. Não temos mais mulheres em quem eles estão interessados. Eles não confiam em nada no sangue Vampiro. Nenhum deles quer procriar com um VampLycan.

Horton expressou seu desagrado com essa informação sibilando. — Por que eles odeiam vampiros?

— Nenhuma maldita pista. Eles apenas o fazem. Uma vez que os Lycans de sangue puro deixaram nossos territórios, as coisas ficaram tensas. Decker estava sempre tentando se tornar amigável com Lorde Aveoth, mas ele não teve sucesso.

— Então os GarLycans não virão em defesa de VampLycans?

— Eu não diria isso.

— Por quê?

— Nossos territórios estão próximos um do outro. Eles não querem Vampiros em qualquer lugar perto deles.

— Você deve saber por que eles nos odeiam. Diga-me a verdade.

— Eu não sei. — Wen suspirou, ficando irritado. — Já conheceu um GarLycan?

— Claro que não.

— Sortudo. Eles são bastardos frios. Você acha que vampiros podem ser cruéis? — Wen bufou. — Eles fazem seu tipo parecer francamente fofinho e conversador. Eles se mantêm longe e não compartilham informações conosco. Pelo menos não com Decker. Não sei como eles interagem com os outros clãs.

— Então, os clãs não estão perto? — Satisfação se mostrou nos olhos de Horton. — Isso é uma boa notícia.

Wen forçou um sorriso. Isso costumava ser verdade, mas não mais, não desde que Lorn assumiu o clã de Decker. Agora eles trabalhavam juntos. — Não vejo como isso é útil para você. Você disse que destruíram o seu ninho. Qual clã atacou você?

— Decker. Esse bastardo mentiu para nós.

Wen voou rapidamente da cadeira, fingindo estar indignado. — Você o conhece? É uma armadilha. Eu sabia!

— Sente-se. Ele nos enviou ao Alasca com informações falsas. Ele disse que ainda controlava seu clã, mas eles vieram atrás do meu ninho de qualquer maneira.

Wen rosnou, suas presas e garras crescendo. — Fale, Vampiro. O que porra você está dizendo? Tem uma aliança com Decker?

— Nós acreditamos que tínhamos. Ele foi ao nosso conselho, prometendo ajudá-los a destruir seus inimigos. Ele mesmo prometeu ao meu mestre um VampLycan para usar, em algo que planejava. Ele jurou que ninguém iria retaliar quando nos enviou para o Alasca. Isso foi uma mentira. — Horton fez um gesto para que Wen se sentasse.

Wen hesitou, então endireitou a cadeira, plantando sua bunda sobre ela com dificuldade. — Decker sempre mente.

— Eu entrei em contato com o conselho sobre a perda do meu Mestre. — A raiva Horton voltou. — Eles não se importavam. Decker está em suas boas graças agora e eles estão o protegendo em Chicago. Ele destruiu alguns ninhos que se recusaram a receber suas ordens. É uma blasfêmia aqueles idiotas presunçosos escolherem o VampLycan. Meu mestre era leal ao conselho.

Essa era uma peça do quebra-cabeça. Agora ele sabia por que o conselho trabalharia com Decker. — Então, Decker está com o seu conselho?

— Sim.

— Por quê?

— Você não sabe? — Horton olhou para ele com os olhos estreitados.

— Eu fugi com minha companheira alguns meses atrás. Não entrei em contato com ninguém do meu clã. Eu sabia que não podia confiar neles.

Capítulo Oito

Wen empurrou um móvel diante da porta, levantou as mochilas e as levou ao quarto, uma vez que eles trancaram o apartamento. Gerri o seguia por todo lugar. Livrou-se das mochilas e logo fez outra busca pelo lugar. Ele negou com a cabeça, dando a entender que nada mudou desde que saíram. Relaxou, mas ainda levantou um dedo aos lábios, fazendo ilusão a ele para manter sua voz baixa se falasse.

—Estamos a salvo aqui, baby. — Disse em voz alta, para o caso da matilha os estar ouvindo do outro apartamento ou no corredor.

—Eu sei. Confio em você. Podemos dormir um pouco? Estou cansada.

—Claro. — Ele a levou ao quarto.

Ela começou a tirar a roupa, mas Wen negou com a cabeça, apenas precisa tirar os sapatos. Gerri odiava dormir com roupas, mas sabia que Wen não os queria nu no caso de um ataque. Ela tirou os sapatos e logo, deitou-se na cama.

Foi para o lado mais próximo da parede e ele deitou-se ao seu lado. Logo se aproximou dele, pressionando a boca contra seu ouvido enquanto se aconchegavam. — Este vamp é muito louco. — Sussurrou.

—Concordo. Então, ainda vamos? —Ela queria realmente perguntar se poderia matar Horton. Ele não estava com as cartas na mão, então era melhor se fosse feito com rapidez. Qualquer pessoa que passou tempo com ele teria visto isso também. O que ele fizer ou disser em sua tentativa de iniciar uma guerra, provavelmente não seria levado a sério por qualquer pessoa com cérebro.

Wen hesitou. —Ainda não. Ele está apenas em busca de um alvo para sua raiva. Agora está focado em Decker.

—Entendo o que está dizendo. — Seria bom se Horton matasse Decker. — Ele não pode tocá-lo, no entanto. Seu próprio Conselho mantém esse idiota seguro. —Não podia ver uma razão para deixar que Horton vivesse, já que não havia como ser capaz de chegar ao ex-líder do clã.

—Vamos dar-lhe tempo. — Sussurrou Wen. —Ao menos ele poderia mudar o tom, se permitirmos que entre em contato com seus amigos.

Em outras palavras, Wen desejava que os falsos rumores que Horton espalhou sobre os VampLycans recaísse sobre Decker e o Conselho em seu lugar. —Então espero que tenha uma boca grande. — Sussurrou.

Wen riu. —Isso fará com que pareça mais instável. Vamos dar-lhe um pouco de tempo, que faça sua coisa, então iremos a frente.

—Tem um plano sobre como fazer isso?

—Será mais difícil do que pensava, mas veremos o que acontece durante o dia.

Ela imaginava que estava esperando que os lycans ficassem cansados de ficar ao redor do prédio e se dissipassem, enquanto os vampiros dormiam. Seria mais fácil para Wen mata-los enquanto dormiam. —Continuamos sendo rodeados por muitos, verdade?

Ele a puxou mais perto. — Sim.

—Não sairemos daqui sem uma luta, verdade?

Balançou a cabeça.

—É seguro dormir?

—Vamos nos revezar. Está cansada?

—Não. Cochilar ajudou. Durma primeiro. Eu o acordarei se perceber algo. — Ela podia não ter sentidos agudos, mas alguém teria que passar pela porta ou uma parede para chegar a eles. Isso seria ruidoso o suficiente para a audição humana.

A respiração de Wen se acalmou um pouco depois e ela soube que dormiu. Moveu um pouco a cabeça, atenta a qualquer som. O teto rangia, como se alguém caminhasse sobre eles, mas o resto do prédio estava em silêncio. Isso a deixou com tempo para pensar.

Uma vez que Wen sentisse que era hora de matar Horton, teriam que lutar para sair. Também significaria que seu tempo com Wen iria terminar. Ela se curvou contra seu grande corpo quente um pouco mais, inalando seu aroma. As lágrimas encheram seus olhos, mas ela as ignorou. Seria um inferno esta segunda vez. Ela o amou quando era uma garota e estes sentimentos não mudaram.

Talvez não fossem próximos como antes, mas para seu coração não se importava. Amaria Wen para sempre.

Sua mente encontrou outra opção. Talvez Wen pudesse usá-la em futuras missões, assim poderiam passar mais tempo juntos. Ele era jovem para um VampLycan, no entanto. Ela envelheceria, mas ele não. Um dia, seria muito velha para ser sexualmente atraente para ele ou iria encontrar uma companheira que pudesse levar para casa e formar uma família.

Isto viria com outro preço alto a pagar, se este fosse seu futuro. Teria que renunciar a ideia de se casar ou ter sua própria família. A solidão também seria insuportável cada vez que voltasse ao Alasca, até que não pudesse voltar mais.

A injustiça partia seu coração. A ira também surgiu, toda dirigida aos pais de Wen. Ela nunca gostou deles, mas deveriam querer que seu filho fosse feliz. Em seu lugar, obrigou-o a ficar na sombra de Gerbin e assumir todas as responsabilidades do primogênito. Wen tinha honra. Faria qualquer coisa para satisfazer o casal que lhe deu a vida.

Perguntou a si mesma se percebiam o mal que fizeram a seu filho ou mesmo pretendiam.

Um ruído fora, perto da rua chamou sua atenção e ela rolou com cuidado longe de Wen, saiu da cama e olhou pela cortina. O amanhecer se aproximava, o céu era um resplendor à distância, a noite não estava muito escura. Horton e Joel estavam no pátio traseiro do prédio.

Pareciam discutir. Horton empurrou o alfa mais velho, fazendo-o tropeçar. Joel respondeu mediante com um rosnado mostrando os dentes e inchando o peito. Era uma postura de desafio, mesmo uma ameaça. Horton afastou-se e sumiu da vista, ao julgar pela forma como Joel olhava, Gerri imaginou que passou por uma porta.

Joel finalmente moveu a cabeça e fez um gesto com a mão. Dois homens saíram das sombras ao longo da parede do fundo. Ela não os viu com seus olhos humanos antes disso. Eles se encontraram com ele no meio do pequeno pátio. Houve uma breve discussão, logo, os lycans se separaram. Joel voltou ao prédio, mas dois de seus homens voltaram as suas posições nas sombras.

Ela soltou a cortina e voltou para a cama, para se aconchegar a Wen.

—O que foi?

Deveria saber que o acordaria no momento que se movesse. — Há uma tensão entre nossos novos amigos. — Sussurrou. — Alfas não gostam de receber ordens.

—Não, não gostam. Pode ser que não tenhamos que ir atrás dos vampiros, depois de tudo.

Ela sorriu, apertando-se contra ele com força. —Não me fale, mas isso nos deixa em uma posição infeliz.

—Não seria um problema se não fossem desertores.

—Devido a que não estariam trabalhando com um vamp louco?

—Não, porque teria desafiado o alfa e matado os seus.

—Você não quer uma matilha.

—Não, mas gostaria de não precisar lutar contra todos eles de uma vez. Poderia dissolvê-los.

—Pode fazer isso?

Encolheu os ombros. —Não importa, já que não seguem as regras.

—Volte a dormir.

Ela se manteve acordada muito depois que Wen dormiu. Era mais importante que ele pudesse descansar ao invés dela. Era ele quem lutaria se a merda atingisse o ventilador. Sorriu quando Wen murmurou incoerente em seu sono, obviamente estava sonhando.

Wen acordou assustado. Gerri dormia tranquilamente ao seu lado. Levantou-se com cuidado da cama para não a incomodar e checkou o celular. Era tarde, mas não havia mensagens. Ele saiu do quarto e foi para a sala, esfregando a nuca. Não foi um pesadelo que o acordou, mas mais de seu passado que se repetia em sua cabeça. O dia que o clã soube da morte de Gerbin nunca saiu de seus sonhos, mas o fato de que estivesse efetivamente em território inimigo era provavelmente a causa disso.

Queria golpear algo, a raiva o percorria. Foi devastador descobrir a morte de seu irmão mais velho, mas pior, foi ter uma luta física com seu pai. Foi a primeira de muitas nos últimos anos desde este dia.

—O que foi?

A voz suave de GL o fez se virar. Não a ouviu em absoluto, muito distraído com as lembranças. Ela estava adorável com o cabelo bagunçado e olhar sonolento. Cruzou a sala e a pegou nos braços, apenas para segurá-la. Não importava se tivessem um dia ou uma semana. Seria pouco tempo.

Ela envolveu os braços ao redor de sua cintura, segurando-se nele. — O que aconteceu? Sinto muito por ter dormido.

Beijou sua cabeça. — Aqui está tudo bem. Está tudo tranquilo. — Ouviu o prédio ao seu redor, controlando tudo. — Provavelmente deveria fazer uma checagem.

Ele tentou soltá-la, mas Gerri o apertou e levantou o queixo. Olhou para baixo, fixamente em seus belos olhos.

—O que foi? Estamos em uma bagunça? Apenas diga-me. Estou com você nisso cem por cento.

Afastou o cabelo de seu rosto. Os cachos queriam se envolver ao redor de seu dedo polegar e sorriu. — Estamos bem. Trata-se de algo *men*. Tive um sonho e acordei agitado.

—Que tipo de sonho?

—Mais como algumas lembranças confusas enquanto dormia.

—Fale comigo. — Sussurrou. — Seus olhos estão muito escuros. Precisa mudar?

Controlou seu lado lican e obrigou seu corpo a relaxar. — Melhor?

—Sim. Estão azuis novamente.

—Está tentando me dizer que não são bonitos quando mudam? — Ele gostava de brincar com ela.

Ela sorriu. — Sempre são bonitos por serem seus. Não me importa de que cor são seus olhos. — Seu bom humor sumiu e ela ficou séria. — Fale comigo, Wen. Quando entrei aqui, parecia a ponto de atacar alguém.

—Revivi o dia que o clã sobre a morte de Gerbin.

Ela puxou-o para o sofá para que se sentasse junto a ela. — Conte-me.

—Deveria ver quantos lycans estão vigiando o prédio.

—Não importa se o faz agora ou em poucos minutos. Fale comigo. Por favor?

Ele não podia negar quase nada a ela quando o olhava de forma vulnerável, porque sabia que sua negativa iria machucar seus sentimentos. — Espere um minuto.

Deixou-a no sofá e colocou água no fogão, na cozinha e logo abriu o chuveiro. Ligou a televisão na sala e sentou-se junto a ela novamente. Todos estes ruídos ajudariam a abafar suas vozes se alguém estivesse ouvindo de outros apartamentos. Inclinou-se, falando em voz baixa.

—Ouvi os gritos da minha mãe e corri para casa.

—Não morava com eles?

Balançou a cabeça. — Construí uma cabana longe deles. Tinha atingido a idade adulta uns meses antes. Estava fora cortando lenha quando a ouvi. Deixei o machado e corri. Um grupo do clã incluindo Trayis, se reunia na frente de sua casa. Minha mãe estava de joelhos, meu pai junto a ela com os braços ao redor dela. Trayis se virou e soube que Gerbin estava morto. — Parou, a emoção sufocando-a. — Meu pai levantou minha mãe e a levou para dentro. Trayis me disse o que foi contatado pela matilha onde Gerbin era responsável. Um ninho de vampiros matou meu irmão. Todos naquela área sentiram o sarcasmo quando receberam a roupa ensanguentada, entregue ao alfa.

—Sinto muito, Wen. — Ela segurou suas mãos entre as dela, mantendo o aperto.

—O curandeiro veio e sedou minha mãe. Ela não parava de se lamentar e chorar. Gerbin era seu coração.

—Você também. — Sussurrou Gerbin.

Forçou um sorriso. — Havia um vínculo entre minha mãe e seu primeiro filho, do qual sempre fui consciente. Sei que me amam, mas Gerbin... — Ele negou com a cabeça. Doía saber que teria sido mais fácil para seus pais se eu morresse em seu lugar. — Meu pai saiu e me ordenou ir atrás do ninho responsável. Não podia deixar minha mãe sozinha em sua dor para buscar vingança. Deveria ir.

Gerri franziu o cenho, mas não disse nada.

—Trayis disse que não deveria ir sozinho. Gerbin era seu amigo e um de seus executores. Montou uma equipe para me ajudar.

—Bom. Acho que foram capazes de matar todos, verdade?

Ele concordou. — Sim. Esperávamos recuperar o corpo de Gerbin para levá-lo para casa, para ser enterrado em terras do clã, mas os que torturamos disseram que o Mestre queimou seu corpo.

—Sinto muito. — Apertou-se contra seu lado.

Debateu-se sobre contar o restante.

—O que mais? — Olhou para ele com olhos estreitos.

GL sempre o conheceu muito bem. —Voltei para casa para descobrir uma VampLycan nua me esperando na cama. Meu pai queria que tomasse uma companheira e começou a enviar para minha casa possíveis fêmeas para me acasalar. Tentou ordenar como uma merda que as mordesse, mesmo sem o impulso.

Sua boca se abriu e viu o ciúme brilhando em seus olhos. Sabia o que sentia. — Fiquei furioso. Informou-me que com Gerbin morto, deveria providenciar um neto de imediato. Temiam que algo acontecesse comigo também. Tive que colocar fechaduras em minha casa para mantê-los fora e que não me levassem mais mulheres. Trayis finalmente me cedeu terras mais longe da deles alguns anos depois que esta merda aconteceu a cada poucos meses, assim construí outra cabana. Uma mais difícil de invadir, assim meu pai não poderia colocar dentro mulheres esperando minha volta.

Ela abaixou o olhar para seu peito. — Tentou se acasalar com alguma destas mulheres?

—Não. Expulsei-as.

—Fico feliz por Trayis ter ajudado.

Bufou. — Não foi apenas por minha saúde mental, meu pai estava incomodando outros clãs em busca de uma companheira para mim. Elas se sentiam insultadas quando eu as expulsava jogando suas roupas para elas, ordenando que se vestissem e as empurra fora da minha casa. Trayis ordenou a meu pai que parasse com isso.

—Parou?

Encolheu os ombros. — De certa forma. Parou de entrar na minha casa antes que as mulheres chegassem para dar-lhes a impressão de que seriam bem recebidas quando voltasse. Provavelmente terá alguém me esperando quando voltar desta missão. Serei convidado para jantar e uma mulher estará ali. Meus pais fazem essa merda cada vez saio em uma missão.

—Isso deve ser duro.

Ele a observou e sorriu. — Nunca dormi com elas GL. Nenhuma vez. Sabia que seria inútil porque nem sequer me sentia atraído por elas. — Seu humor sumiu. — Mesmo assim, não confio em meu pai. Eles querem um neto demais e tenho certeza que estas mulheres são inteligentes o suficiente para saber que estão sendo usadas e permitem. Porra, estão dispostas a terem um filho comigo sabendo que não quero.

—Mas não podem deixar uma VampLycan grávida a menos que se acasalem.

—Isso não é verdade.

Ela parecia surpresa.

—Somos parte Lycan. Lido com muitos deles, já que vou com frequência a missões para o clã. Em alguns casos, podem passar por cima do requisito de acasalamento se a matilha estiver em extinção.

—Não entendo.

— A mente comanda a matéria, este tipo de coisas. Uma Lycan pode obrigar seus ovários a funcionar, obrigar-se a ovular para ficar grávida se estiver motivada o suficiente, mesmo sem estar acasalada. Todos somos conscientes do que aconteceu com o pobre Bram.

—Quem?

—Bram. Era um membro do nosso clã até que uma das mulheres de Decker o enganou e ficou grávida. Ela mascarou o cheiro da ovulação e fez sexo com ele. Nem sequer sabia que tinha um filho até depois que Veso nasceu. Saiu de nosso clã para cuidar de seu filho, já que ela não o queria, mas se negou a permitir que Bram levasse Veso ao nosso clã.

—Nunca ouvi nada sobre isso.

—Não gostamos de falar sobre isso, mas desde o que aconteceu com Bram, todos os machos recebem uma conversa, uma vez que chegam a adolescência, para evitar que se repita.

—Uma conversa sobre os seres humanos?

Ele sorriu. — Claro que sim. Meu pai conversava comigo com frequência, sobre como não podia controlar seu corpo, assim não podia tocá-la. Não gostava da forma como passava meu tempo com você. Assim que comecei a ter ereções ele me afastou.

—Aposto que sim. Porque esta mulher fez isso com Bram?

—Devido a que ela estava no clã de Decker. Algumas delas não tem honra. Decker queria linhas de sangue mais fortes e a enviou atrás de Bram. Veso é forte. Negou-se a converter-se em um executor de Decker, mas aceitou ser um de Lorn agora que assumiu.

—Perdi muita coisa enquanto estive fora. Não posso acreditar que Decker já não é líder do clã.

—Isso é uma coisa boa. Agora falta apenas que Lorde Aveoth encontre o bastardo para que não possa mais nos causar problemas. Está se escondendo com o Conselho Vampiro.

—Porque o Conselho se incomoda até mesmo em lhe oferecer santuário?

—Está brincando? Porque ter um VampLycan e um grupo com suas forças em dívida com eles?

—Entendi. Poder. Cobiça. — Ela fez uma pausa. — Mas já derrubaram todos os ninhos.

—Nem todos os ninhos vampiros fazem parte do Conselho.

—Quer dizer os desgarrados?

—Não. Alguns ninhos são decentes, mas não querem estar sob o controle do Conselho mais. O Conselho mantém a paz, assim sabemos sobre eles, mas também é um grupo de pensadores obsoletos. Proíbem o contato com os humanos ou outras espécies.

—Não é isso algo bom?

Hesitou. — Um dentro do clã fez amizade com um Mestre. Não se permite compartilhar muita informação, mas Trayis pediu permissão para conversar com o homem, já que estávamos lidando com as sequelas de Decker ir ao Conselho vampiro. Queria informações sobre eles, tanto quanto possível. Este Mestre disse que o Conselho era um grupo elitistas que pensavam ser muito bons para todas as outras raças. — Limpou a garganta. — Este Mestre é um

pensador moderno. Quer paz entre todos. O Conselho não ficaria feliz se soubesse que permitiu um Lycan entrar em seu território ou que ele não tratasse os seres humanos como gado. Ele tem uma regra que nenhum dos seus pode se alimentar deles. Apenas utilizam sangue engarrafado em seu ninho e pagam os seres humanos para doar. O Conselho não gosta disso.

—Devido a que os seres humanos são o gado dos vampiros.

—O Conselho parece acreditar que sim. Há ninhos que querem se dissociarem, para não ter que viver a censura se suas práticas modernas saírem à luz.

—Seria castigado este Mestre se o Conselho descobrisse que permite Lycans em seu território e paga por sangue humano ao invés de mordê-los?

Wen concordou. —Pensariam que não está apto para liderar o ninho. Iriam sancionar sua morte.

—Sim. Posso ver porque querem que o Conselho se dissolva.

—Isso é para outro dia. Um ninho de cada vez. —Endireitou-se. — Preciso ver quantos estão nos vigiando durante o dia. Sairei. Feche a porta quando sair e grite se alguém aparecer. Estarei ao alcance da voz.

Agarrou-se a ele quando tentou se levantar.

Hesitou, olhando-o nos olhos. — O que foi?

—Mudou de assunto, eu percebi. Porque estava tão irritado quando acordei?

Não pode evitar sorrir. GL o conhecia muito bem. — Estou bem. Eu disse. Foi apenas um sonho.

—Mas?

—Não quero deixá-la ir... e sei o que acontecerá quando chegar o momento de nos separarmos.

—Terá algumas VampLycans em sua cama.

—Isso não acontecerá. É apenas que quando estou contigo, me esforço para esquecer a realidade. Esse sonho me fez perceber que nada poderá mudar.

—Como o fato de seus pais não quererem que fique comigo.

—Sim. —Suspirou. — Devo fazer um reconhecimento, GL.

Ela o deixou ir neste momento, soltando sua mão. — Eu sei. A missão primeiro. Vá. Ficarei em alerta.

Ficou de pé e foi para a porta. Gerri estava em seus calcanhares. Abriu a porta e saiu, sentindo o forte cheiro de Lycans. A porta se fechou com suavidade e ouviu as fechaduras sendo trancadas.



Capítulo Nove

Gerri olhou ao redor do restaurante. — Surpreendeu-me que nos deixassem entrar.

—Temos os olhos em nós. —Murmurou, olhando ao redor. — Acaba de entrar um Lycan. Nos seguiram até aqui.

—Imaginei.

O garçom deixou a comida e Gerri começou a comer, estava faminta. Ela comeu um pouco e chamou a atenção de Wen. —Podem nos ouvir? — Ela pronunciou as palavras.

Ele sorriu. — Está linda está noite, baby.

Ela tomou isso como um sim. —Obrigada pela refeição.

—É uma honra cuidar da minha companheira.

Ela realmente desejava que o título de verdade pertencesse a ela.

A fome a manteve focada na comida diante dela, assim a falta de uma conversa durante os vinte minutos seguinte não foi um problema. Eles não se atreveram a comer no apartamento ou em qualquer lugar que a matilha frequentava. Ela sabia que a única razão pela qual Wen foi autorizado a entrar foi devido a uma discussão com Joel. Foi contundente. Ele não se arriscaria a ser drogado. Exigiu que fosse permitido que saíssem para conseguir uma refeição.

Wen pagou a conta e saíram. Dois homens no balcão ficaram de pé. Eram musculosos e de aspecto rude, não precisava de um olfato para saber que eram lycans.

Wen manteve a mão na dele enquanto voltavam ao prédio. O sol se pôs enquanto comiam. Não foi uma surpresa quando entraram pela porta encontrar Horton e um dos seus homens a espera.

—Em meu escritório, agora. — Horton disse.

Wen colocou seu corpo entre o dela e os demais. Ele a sentou e colocou uma cadeira a seu lado.

Horton sentou-se atrás de uma mesa, olhando para Wen. —Você tem algum problema com minha hospitalidade?

—Fui criado com Decker. Não confio em ninguém. É mais seguro desta forma.

Horton franziu o cenho. —Porque diz isso?

—Decker servia uma refeição drogada a seus convidados, para deixá-los doentes e fracos. Seria mais fácil lidar com eles assim. Posso sobreviver a quase qualquer coisa com a qual me alimentar, mas minha companheira não. Por isso insisti que nos permitissem sair antes do anoitecer. Lycans não podem controlar as mentes dos seres humanos no restaurante que visitamos.

Horton relaxou visivelmente. — É um bastardo paranoico.

—Por isso ainda estamos vivos.

—Eu o respeito. Você não é estúpido, verdade?

Wen grunhiu. —Não. Não sou.

—Bem. Disse a Joel que pode comer onde quiser. Terá guardas. Para mantê-lo a salvo, claro.

Wen arqueou as sobrancelhas. — Se você diz.

—Não controlo todos os lycans desta cidade. Somos amigos agora. Quero que você e sua companheira estejam seguros.

Gerri observou os dois homens, mantendo a boca fechada. Horton era um grande manipulador. Ele não ordenou que Joel os deixasse ir. Estava dormindo quando saíram, mas falava como se tivesse voz no assunto. Os lycans não o seguiam para mantê-los seguros, tampouco. Estavam sendo vigiados.

Perguntou-se qual o próximo movimento de Horton. Não passou muito tempo para descobrir.

—Pensou no que lhe pedi? Preciso saber como chegar aos executores de Decker e virá-los contra ele. Diga-me como fazê-lo.

—Diga onde posso viver com minha companheira sem temer que os lycans a ataquem. — Responde Wen.

Horton franziu o cenho. — Estou fazendo uma lista das áreas nos EUA onde não há ninhos ou matilhas que se reportem. Leva tempo. Você tem as respostas que preciso agora. Diga-me o que quero saber.

—Dê-me dinheiro então. Algo em troca. — Wen deixou suas unhas se converterem em garras. — Até agora, tudo o que nos deu foi um lugar para ficar. Poderia ter proporcionado isso para minha companheira sem você.

Horton apertou os dentes e Gerri ficou tensa na cadeira, esperando que o louco vampiro se lançasse sobre a mesa em Wen. Em troca, o vampiro pareceu se acalmar depois de uns segundos. Estava muito relaxado.

—Certo. —Horton se inclinou e abriu uma gaveta na mesa. Lançou um envelope para Wen.

Wen o pegou, abriu e olhou dentro. Franziu o cenho, olhando o Mestre do ninho. — Isto não pode ser mais que uns poucos milhares de dólares.

—Chamo de pagamento inicial. Há mais de onde veio este.

Wen passou o envelope para Gerri antes de olhar para o vampiro. — Decker é paranoico e não confia em ninguém, nem sequer em seus próprios executores. Há alguma forma de levar vampiros para perto de sua força de segurança que possam fazer as coisas por você?

Horton concordou. — Sim.

—Precisam conversar com os executores de Decker sobre algo estúpido e inocente, como o tempo, mas precisam fazê-lo quando Decker possa vê-los juntos, mas sem ouvir. Perguntará a sua segurança sobre o que estavam conversando. Não vai acreditar na resposta, assumirá que os vampiros estão tentando influenciar sua força de segurança.

Gerri chamou a atenção de Horton e acrescentou. — Decker pensará que sua força de segurança está mentindo. Porque vampiros iriam se aproximar de seus homens apenas para falar sobre uma linda noite? É muito paranoico e não acreditará em algo tão inocente.

Wen sorriu para ela. — Pensará que estão ficando desleais e tentará matá-los. — Ficou olhando para Horton. — Isso é o que fará.

—Isso soa muito simples. —Horton não parecia convencido.

—Está é a beleza de tudo. — Murmurou Wen. — O que aconteceria se visse a matilha conversar com outro Mestre vampiro algumas vezes e que lhe dissessem que a conversa é sobre o tempo?

A ira se refletiu nos olhos de Horton. —Que os bastardos estão me traindo. Este não seria o caso.

—Viu? Decker pensará o mesmo. Foi a única razão pela qual continuou sendo líder do clã durante tanto tempo.

—É um bom plano porque é simples. — Declarou Gerri.

Horton estreitou os olhos para ela. —Não perguntei.

Apertou os lábios. Não gostava de seres humanos. Mensagem recebida.

—Não fale com minha companheira neste tom. — Wen se levantou e grunhiu a Horton. — Vamos subir. — Ele estendeu a mão.

Gerri a pegou e saiu do escritório. Os lycans e vampiros esperando fora lhes permitiu passar para a escada. Não voltaram a conversar até que entraram no apartamento e Wen checkou o lugar para se assegurar que não houvesse ninguém dentro, enquanto saíram. Ela escondeu o dinheiro em sua mochila, não querendo deixá-lo por aí para alguém ver e roubar. Wen se virou para ela.

Puxou-a para um forte abraço. — Logo. — Sussurrou.

—Quer ver se realmente pode machucar Decker. Eu entendo. Seria bom se todos eles se enfrentassem. — Ela sorriu e esfregou o rosto contra o dele.

—Eu também sinto curiosidade para saber onde finalmente nos enviará. Como se houvesse algum lugar que alguém poderia estar a salvo de VampLycans. — Ele a segurou pelo braço e a afastou dele, com um sorriso nos lábios. — No Polo Norte?

—Gosto do Papai Noel e seus lindos elfos. Posso viver ali com você. Poderíamos conseguir um trabalho construindo brinquedos.

De repente a levantou, caminhando adiante até que suas costas bateram na parede e tomou posse de sua boca. Ela abriu a boca e a língua dele entrou entre seus lábios. Seu beijo a deixou sem fôlego e ao mesmo instante excitada. Ele tinha esse efeito nela. Ela envolveu seus braços ao redor de seu pescoço e abraçou sua cintura com as coxas.

Moveu os quadris, esfregando seu pau duro preso dentro da calça contra a sua calça jeans. Ela gemeu contra sua língua enquanto atormentava seu clitóris. Sua roupa incomodava, desejava que estivessem nus e ele dentro dela.

De repente rompeu o beijo, seus olhos incandescentes enquanto se olhavam.

—Eu te quero. — Admitiu.

—É uma má ideia. Temos que parar. — A frustração se mostrava em seu bonito rosto e na cor escura de seus olhos.

—Tudo bem, pão de mel. — Ela sabia que ele se divertia com este carinho e precisava acalmá-lo um pouco. Realmente não podia machucar ir tão longe com seu lado Lycan sem mudar. —Porque não podemos fazer isso? Podemos ser silenciosos.

—Devido a que há dezenas de lycans neste maldito lugar e você cheira incrivelmente bem quando está excitada. Iriam sentir o aroma não importa que sejamos silenciosos. Deixaria alguns deles excitados como a merda e tentariam entrar atrás de você. Posso mata-los e não quero um banho de sangue ainda.

—O chuveiro. — Ela balançou a cabeça para o banheiro. — Podemos deixar nossas roupas perto da porta. Há um ventilador ali. Assim bloqueamos nosso cheiro no lugar. E vi produtos químicos sob ao balcão da pia.

Seus olhos brilharam novamente. —Você é tão inteligente. — Ele a manteve nos braços e caminhou para o banheiro, usando o pé para fechar a porta. Logo a deixou no chão. — Tire a roupa.

Ela não precisou que dissesse duas vezes. Inclinou-se, tirou os sapatos e foi para a calça. Ele tirou a roupa mais rápido do que ele e colocou na maçaneta da porta. Inclinou-se abriu o armário da pia e tirou um spray, colocando-o sobre o balcão.

Gerri ficou admirando seu traseiro nu. Ele tinha um corpo lindo. Todo musculoso e a pele atraente. Aproximou-se, abrindo o chuveiro enquanto terminava de tirar as roupas. Ela pensou que fossem para a ducha, mas Wen tinha outras ideias quando a segurou pelos quadris. Ela agarrou seus bíceps e logo a levantou do chão. Suas costas bateram contra a porta do banheiro, sua boca sobre a dela um segundo depois.

Envolveu as pernas ao redor dele, segurando enquanto a beijava. Foi um inferno dormir junto dele sem ser capaz de fazer mais do que algumas carícias. Seu tempo era curto e o desejava. O sexo foi incrível e as lembranças teriam que durar toda a vida.

Penetrou-a com um empurrão rápido. Ficou sem fôlego, afastando a boca dele. Era grande, estava preparada, mas ainda assim foi uma surpresa.

—Sinto muito. — Gemeu, afundando o rosto em sua garganta, para deixar molhados e famintos beijos ao longo de sua pele. —Porra GL, eu a machuquei? É tão apertada e pequena.

—Não. Da próxima vez entre um pouco mais devagar.

Ele riu. — Você está molhada.

—Não brinca. Você me deixa assim. Mova-se. Estou pronta.

Rodou os quadris, segurando-a com mais força contra a porta. Passou as mãos por seus braços para conseguir um agarre firme em seu ombro com uma mão, envolvendo o outro braço ao redor de seu pescoço. Saiu um pouco, logo, empurrou de volta. Gerri gemeu seu nome.

—Shh. —Grunhiu. —Não queremos ser ouvidos.

Certo. Esquecia tudo quando Wen estava dentro dela. Ela abaixou a cabeça e a apertou contra o ombro dele. Ele a fodeu com força. A porta rangeu um pouco, mas conseguiram sufocar os sons que faziam. Movia-se mais rápido, seus quadris em um ângulo que a fazia subir mais e entrar mais fundo, logo ela se perdeu. O êxtase aumentou até que a atravessou e ela quis gritar. Mordeu o ombro dele ao invés, afundando os dentes em sua pele no ombro.

—Porra. — Grunhiu ele, afastando sua boca da dela. Seu corpo ficou rígido e ele gozou com tanta força que sacudiu contra ela.

Agarraram-se um ao outro enquanto recuperavam o folego e Gerri levantou a cabeça e sorriu ao ver onde o mordeu. Não havia sangue, mas provavelmente teria um hematoma durante uma hora ou mais. Seus dentes cravaram na pele o suficiente para deixar marcas.

Sua diversão morreu quando Wen levantou a cabeça e a olhou. Sua íris e pupilas estavam negras.

—Está mudando.

Fechou os olhos, respirou fundo e com cuidado tirou seu pau dela. Gerri odiou quando a colocou no chão e a obrigou a soltá-lo. Deu a volta e se afastou, entrando debaixo do chuveiro.

Apoiou-se na porta e soube que estragou tudo.

Wen lutava pelo controle quando a água quente caiu sobre sua cabeça, por seu corpo. Ele podia mudar, mas não queria dar a esta parte de si o controle neste momento. O impulso de morder Gerri, acasalar-se com ela, degustar seu maldito sangue e fazer com que tomasse o seu, era tão forte que o deixou com as pernas trêmulas.

Ele a ouviu se aproximar, provavelmente para se unir a ele no estreito espaço. — Não o faça.

Ela não o tocou. — Sinto muito. Vou para o outro quarto.

—Nem pense nisso. Apenas dê-me um minuto.

—Certo. O cheiro.

—Temos que nos lavar primeiro e logo depois jogar o produto químico no quarto antes de abrir a porta. Não quero estes filhos da puta aqui. — Apertou os punhos, cego de raiva, o coração tão acelerado que pulsava com força. A ideia de qualquer outro homem, querendo tocá-la, o fazia sentir a necessidade de matar.

—Sinto muito Wen. Não pensei quando o mordi. Apenas queria amortecer os sons.

—Eu sei. — Segurou o folego, manteve o ar nos pulmões e soltou. Repetiu durante um minuto mais ou menos. — Não é sua culpa. Sou eu quem não pode morder.

—O impulso é muito forte?

Hesitou sobre dizer a ele a verdade.

—Tomarei isso como um sim. Sinto muito. Não morderei novamente.

Odiava sua vida neste momento. Seus pais. Porra, até mesmo Gerbin. Como se deixou matar pelo ninho de vampiros que seguia? Seu irmão deveria ter sido mais cuidadoso. Então Wen estaria livre para se acasalar com GL. Teria ido atrás dela quando fez dezoito anos. Torturou-se mentalmente por pensar essas coisas. Teriam filhos agora, já que não podia manter suas mãos longe dela. Apenas a imagem que criou em sua mente, de seu ventre inchado com seu filho, o fez ansiar esta possibilidade. Ele desejado isso demais.

—Merda. —Disse. — Faça. Está muito no limite.

Talvez fosse o melhor. Precisa sentir outra coisa na pele. Ele inclinou o corpo e enquanto o espaço era pequeno, a água quente o distraiu quando seus ossos estalaram, o pelo cresceu e ficou em quatro patas.

Finalmente levantou a cabeça quando terminou, olhando-a. Estava de pé, nua e ao lado do chuveiro, olhando-o com lágrimas nos olhos. Estava lhe causando dor de alguma forma. Ele se arrependia de colocá-la nesta situação, apenas porque não foi capaz de manter-se longe. Sua fraqueza ao vê-la, sua incapacidade de ficar longe, os levou a este ponto.

Entrou no chuveiro e fechou a porta do box. — Tudo bem, baby. — Ela pegou o xampu. — Irei lhe dar um banho.

Ele pressionou seu corpo contra os azulejos.

Ela franziu o cenho. — Bom. Não o farei. Sem tocar? Isso será difícil. Merda, chuveiros de apartamentos são estreitos, verdade?

Usou o líquido branco que colocou na mão para esfregar sua pele, mesmo seu sexo, para lavar o que acabaram de fazer. Manobrava para lhe dar espaço. Abaixou a cabeça sob a água. Não podia manter seu olhar nela. Ela era sua. Ele sabia, sentia e ia contra tudo dentro dele resistir à tentação de mudar novamente, mandar tudo a merda novamente e trocar sangue para uni-la a ele.

Precisou fechar os olhos finalmente, quando começou a lavar o cabelo. Era uma tortura, já que queria ser aquele a fazê-lo. Ajudava que fosse um lobo, no entanto. Conseguiu girar no chuveiro, assim sua cauda foi a única coisa a roçar seu corpo. Uma gota de algo caiu em sua cauda e a balançou. Ela ofegou.

— Olhe onde a coloca.

Virou a cabeça e abriu os olhos, divertido. Ela lhe lançou, o que provavelmente pensava ser um olhar duro, mas era linda como o inferno. Ele moveu a cauda novamente, acertando suas coxas.

Ela se virou, mostrando seu traseiro. — Nem sequer pense nisso.

Estava tentando a acertar seu traseiro, mas manteve a cauda para baixo. Ela terminou com seu cabelo e saiu do chuveiro, logo se virou para ele enquanto se secava. — Está pronto para mudar novamente ou ainda precisa de mais tempo?

Ele se curvou, fechando os olhos. Quando terminou, endireitou-se sobre as pernas. — Jogue o produto no quarto enquanto tomo um banho.

— Irá odiar.

—Melhor do que ter que lutar contra lycans com ereções se sentirem o cheiro de sexo.

—É verdade. — Ela fechou a porta do banheiro e jogou o falso cheiro de pinho.

Fez uma careta, respirou pela boca. —Como pode um ser humano suportar esta merda?

Ela riu. — A maioria das pessoas nunca estiveram em um bosque para saber a diferença e não tem um nariz supersensível. Esnobe.

Ele grunhiu baixo e terminou o banho. Gerri estava vestida, sem sapatos, quando abriu a porta para pegar uma toalha. Percebeu a forma como seu olhar deslizou por seu corpo.

Ela virou de costas. — Irei esperar na sala.

—Não vá muito longe e deixe a porta aberta.

—Sim. Não facilitarei para ninguém me atacar enquanto estiver se vestindo.

Ela era inteligente. Sua GL sempre foi. Ela saiu de sua vista, mas fez o que pediu, deixando a porta aberta. Ele a via enquanto se vestia. Parecia distrair a si mesma limpando. Arrependimento veio à superfície uma vez mais. Ela estaria em casa a salvo se não fosse por ele. Enfrentou o espelho embaçado, usando sua mão para limpá-lo, notando de imediato a pele vermelha no ombro. Inclinou-se, odiando pela primeira vez o quão rápido se curava. A marca que colocou ali estava sumindo quase por completo.

Isso fez seu peito doer. Ele queria sua marca, queria que os dentes rompessem a pele. — Merda.

—Tudo bem? — Ela parou na porta, olhando-o.

Forçou um sorriso. — Estou com fome. — Simplesmente não era por comida. Ele queria sua companheira.

—Acho que teremos que sair novamente.

—Não. É noite. Não quero distrair Horton.

Ela concordou. — Certo.

Ele a viu se afastar e logo saiu do banheiro, movendo-se rapidamente. Amaldiçoou seus pais e seus pensamentos antiquados.

Lançamento Especial

2 ANOS DE SHIFTER'S HOMELAND



Capítulo Dez

Wen estava tão tranquilo que preocupava Gerri. Algo aconteceu quando fizeram sexo. Ele não queria conversar com ela sobre isso e atuava como se não fosse nada. Ela o mordeu. Tinha que ser isso. Foi imprudente, já que ela sabia que ele queria mordê-la.

Por outra parte, o pensamento não era algo ruim quando Wen estava nu e fazendo amor com ela.

Passaram-se umas poucas horas de sono, mas uma forte comoção fez ambos saírem da cama as três horas da manhã. Wen foi para a janela, afastando a cortina. —Uma luta.

Gerri estava e seu lado em questão de segundos. Dois homens grandes lutavam como lobos, suas garras para fora. Não havia luz o suficiente no pátio traseiro para ver as garras, mas viu as roupas sendo rasgadas enquanto se golpeavam e o sangue caindo. Seu olhar foi para os outros prédios, observando as luzes ao redor.

—Imbecis. —Murmurou Wen.

—Eu sei. Alguém chamará a polícia.

Horton apareceu, junto com Joel. O alfa se moveu rápido, empurrando os dois lycans e grunhindo alto o suficiente para ser ouvido na vizinhança.

—Isto é o que chama de mantê-los sob controle? —Horton soava irritado, já que gritava.

Todos eles se moviam para dentro, mas Wen inclinou a cabeça enquanto soltava a cortina. —Merda.

Não podia ouvir o que diziam. —O que?

—Ainda estão lutando abaixo, mas ouço as sirenes.

Não passou muito tempo antes que ela ouvisse o som fraco de um carro patrulha ou dois chegando. —Não é bom. Horton não se importaria de acabar com eles e fazer com que desaparecessem.

—Certo. Talvez deveria ajudar.

Ela segurou seu braço. —Ou não. Parece como se a matilha de Joel tem alguns conflitos internos. Não quero que o ataquem se estiverem comparando os tamanhos de seus paus.

Ele franziu o cenho. —O que?

—Essa é uma forma indireta de dizer quem é mais alto na hierarquia. Sabe como os lycans fazem isso.

—Sim, mas como porra você sabe?

—Eu disse que minha mãe vivia em uma matilha. Lutavam cada vez que um deles pensava que era uma merda quente e queriam avançar na hierarquia da matilha. É uma coisa alpha em sua maioria, assim posso entender. Espero que nem todas as matilhas sejam assim. Do contrário, como porra, fariam para sobreviver?

—Será bom se ajudar. Estamos tentando encaixar.

—Bem.

—Fique mais longe.

—Certo. — Ela o seguiu fora do quarto, levou um momento para pegar uma faca e saiu do apartamento.

A luta se acalmou um pouco no primeiro andar, mas havia alguns grunhidos e empurrões quando chegaram. Horton parecia furioso, olhando para Joel.

—Parem agora!

Joel atingiu um dos lobos em combate no rosto, lançando-o ao outro lado. O outro lhe agarrou pela garganta e apertou até que quase desmaiou. Jogou o corpo sem vida do outro lado de seu oponente de uma só vez. Ele franziu o cenho para Horton. —Lide com a polícia. Eles simplesmente devem ficar de fora.

—Eu ouvi. — Disse Horton. — Saia da minha vista.

As sirenes pararam. Joel e outro Lycan agarraram os homens caídos e os levaram para uma porta no final do corredor.

Horton franziu o cenho para Wen. —Não gosto de malditos cães. Inúteis e problemáticos.

Gerri viu Wen ficar tenso, mas não respondeu. Imaginava que Horton esqueceu que o homem com quem falava era metade Lycan. Esfregou as costas

de Wen, esperando acalmar seus nevos. Às vezes podia chamá-lo de cão híbrido, mas Wen sabia que gostava de brincar.

A polícia bateu na porta e Horton aproximou-se dela, abrindo-a. — Graças a Deus estão aqui. Venham. Dois homens entraram em uma briga. Nós os derrubamos.

Dois policiais entraram, olhando receosos e nervosos, olhando para Wen, Horton e finalmente Gerri. Ela forçou um sorriso.

O mais alto deles se dirigiu a ela. — Está ferida, senhorita.

—Não. Estou bem. Estava acima com meu namorado quando a luta começou. Viemos ver o que aconteceu.

Horton fechou a porta e virou-se para a polícia, cada um com as mãos em suas armas. Os olhos de Horton brilharam e Gerri abaixou o olhar rapidamente, não queria saber o quanto podia manipular a mente de alguém.

—Tirem as mãos de suas armas. —Horton abaixou a voz a um tom suave. — Continuem olhando para mim.

Ela viu os dois policiais reagirem, deixando cair as mãos dos lados. Moveu-se atrás de Wen para bloquear a visão de Horton, apenas para o caso. Era um Mestre e ela nem sequer gostava de ouvir sua voz. Fazia com que quisesse fazer o que disse, recebeu o impulso de olhá-lo quando ordenou aos policiais o fazerem.

Wen moveu a mão nas costas e segurou a dela. Isso ajudou. Ele a ancorava.

—Não aconteceu nada aqui. — Afirmou Horton.

—Isso não irá funcionar. — Wen apertou sua mão e a soltou. — Os seres humanos dos outros prédios devem ter visto a luta e os chamou. Vi o que aconteceu lá de cima. Permite que lide com eles?

—Sim. — Disse Horton.

Wen se aproximou e Horton. Seus olhares se encontrarem. —Vire-se baby.

Ela fez o que disse. Não queria arriscar seu olhar sobre ele. Em questão de segundos, sua voz rouca lhe disse o que deveriam pensar. —Dois aspirantes a atores adolescentes estavam fazendo um vídeo. O sangue era falso. Conversaram com eles, advertiu-os de que poderiam prendê-los por perturbar a ordem pública, se fizerem novamente. Entenderam?

—Sim. — Os policiais declaram em uníssono.

Mais alguns se passaram até que a voz de Wen foi ouvida novamente. —Há pessoas na rua. Diga-lhes que era apenas alguns adolescentes brincando com roupas e acessórios para um vídeo. Assegurem-lhes que está tudo bem. Podem ir agora.

A porta se abriu e Gerri se virou, olhando os policiais saírem. Wen fechou a porta e apoiou-se nela. Ficou olhando para Horton. — Os seres humanos não são totalmente entupidos e dizer que não aconteceu nada não teria funcionado. Deveria saber melhor.

—Não me importa uma merda o que pensam os seres humanos, sempre que me deixem em paz.

Wen afastou-se da porta e aproximou-se do Mestre. —Preocupa-se com os VampLycans? Não quer que nos descubram aqui, porra. Eles poderiam usar informantes na polícia tentando nos encontrar. Uma ligação sobre este luta, lesões e prisões, seriam um sinal de alerta.

—Certo. — Horton parecia irritado. — Deixei que lidasse com isso. Não acho que ninguém poderia confundir estes dois idiotas com adolescentes, no entanto.

—O relatório da polícia listará todos como adolescentes. Se fossem adultos os policias poderiam tê-los prendido. Desta parece verdadeiro.

—O que seja. — Horton se virou e abriu a porta de seu escritório. — Entre aqui.

Wen fez um gesto para Gerri segui-lo. Os Lycans não saíram do lugar no qual foram colocados. Ambos entraram no escritório para encontrar Horton atrás da mesa.

—Feche a porta.

Gerri a fechou e ficou de lado, mas um pouco atrás de Wen. Ambos olharam para Horton. Parecia agitado e furioso.

—Está é a terceira vez que merda assim acontece. Cães de merda!

Gerri olhou para Wen, viu um musculo em sua mandíbula pulsar, mas escondeu sua irritação rapidamente. Suas feições estavam em branco e não demonstrou nada enquanto falava. — O que se pode esperar de uma matilha

de desertores? Eles não são estáveis. É surpreendente que não tenham se matado ainda.

—Matarei todos eles! —Gritou Horton.

A porta se abriu de golpe atrás deles. Wen reagiu segurando Gerri pela cintura, levando-a para um canto. Deixou-a e ficou diante dela. Olhou ao seu redor, observando Joel entrar.

—Tem algum problema comigo e minha matilha?

—Sim. —Horton disse mostrando as presas. — Não pode controlá-los.

Dois vampiros entraram, logo, três lycans. A hostilidade flutuava no ar, todos olhando uns aos outros. Gerri ficou tensa, perguntando-se se uma luta explodiria. Wen deveria estar preocupado, porque quando ele abaixou suas mãos, suas garras estavam fora. Alcançou as duas facas que escondeu em suas roupas e puxou-as.

—Controle estas malditas feras. — Disse Horton. — Cada vez que os policiais aparecem, chama atenção sobre nós, o que não precisamos. É tão difícil entender isso, Joel? Se não pode evitar que lutem, mate-os.

Gerri viu pelo cobrir a pele de Joel e seus ossos mudarem, seu focinho empurrou para fora. Inclinou a cabeça para trás e uivou.

Gerri apertou seu agarre sobre o cabo das facas. Ouviu pessoas correndo acima de sua cabeça, descendo pelo corredor.

O alfa chamando sua matilha.

Os vampiros atacaram os lycans mais perto deles e Horton saltou sobre a mesa para chocar com Joel. — Ajude-me Wen!

Wen não se moveu, permanecendo diante de Gerri. Corpos peludos entraram na sala. Não era um espaço grande o suficiente para caber todos. Vidro se rompeu, um lycan e um vampiro caíram no chão em um corpo a corpo depois de baterem na janela lateral. Gerri podia até mesmo sentir o cheiro de sangue enchendo a sala com seu nariz humano, de tão grosso que era.

Wen grunhiu, um som aterrador. —Nem sequer pense nisso.

Dois lycans se aproximaram deles, seus corpos em quatro patas, preparados para atacar. Gerri pressionou mais no canto, mas mantendo as facas apontando a parede no caso de explodirem contra Wen, fazendo-o cair nelas. Não queria

apunhala-lo acidentalmente. Retrocedeu para longe, bloqueando a vista de tudo, menos de suas costas largas.

—VampLycan! — Gritou Horton.

—Você está sozinho. — Wen abaixou a voz. — Prepare-se para correr, Gerri.

—Estarei com você. — Prometeu.

Logo, os combates pararam de repente e a sala ficou em silêncio.

Gerri não podia ver nada e não tinha ideia do que significava o silêncio. Wen moveu seu corpo um pouco e então viu Horton atravessando a sala, com um Joel mancando contra o peito. A alfa sangrava. E também Horton. Vermelho cobria sua boca e queixo, até a garganta.

—Vou mata-lo se não pararem neste momento. — Disse Horton. — Se tomar mais sangue, não sobreviverá.

Os lycans se abaixaram, seus olhares se encontraram com Horton. Um dos vampiros estava no chão, coberto de sangue e com vários cortes. Gerri percebeu que uma de suas mãos foi mordida. Ela afastou o olhar, seu olhar percorrendo o lugar. Um lycan estava morto. Tinha os olhos abertos, o sangue encharcando sua pele. Ficou feliz por estar no canto, já que seus joelhos enfraqueceram. A sala estava coberta por manchas vermelhas e poças.

—Saiam daqui e deixarei seu alfa respirando. —Ordenou Horton.

Os lycans se retiraram da sala, alguns gravemente feridos.

Dois dos vampiros comprovaram o que estava no chão. Um de cabelo mais escuro levantou a cabeça. — Perdeu muito sangue, Mestre.

—Então podem alimentá-lo. — Disse Horton. Colocou o corpo inerte de Joel no chão. — E levem este para fora do meu escritório. Não devem deixa-lo sangrar mais. Seu coração está mal batendo. Ainda precisamos dele.

Wen se afastou de Gerri, mas se manteve perto. — Isto é o que chama de controlar seu território?

—Foda-se VampLycan! —Horton levantou a mão e apontou para ele. — Pedi que me ajudasse.

—Está não era minha luta. — Disse Wen. — Você já tinha a força de segurança de seu ninho. Além disso, é um Mestre. Se uma maldita matilha puder derrubá-lo, então merece morrer. Estava protegendo minha companheira.

Gerri encolheu-se por dentro. Sempre odiou a arrogância dos VampLycans. Não era uma raça simpática quando se tratavam dos vampiros e podiam ser muito contundentes. Ela apostava que Horton não gostou do que Wen acabou de dizer, também. Uma olhada em sua reação lhe assegurou que tinha razão. Parecia furioso.

Ela abriu a boca para tentar acalmar a situação, mas logo apertou os lábios. Não havia anda que lhe ocorresse que poderia deixar as palavras de Wen mais agradáveis. Provavelmente apenas pioraria as coisas, já que ela era um ser humano.

Horton deu um passo para eles, mas parou. De repente começou a rir. — É verdade. — Afastou-se, entrou na pequena área que era a cozinha, inclinou-se sobre a pia. Abriu a torneira e lavou o rosto.

Horton estava de costas para eles. Levou um tempo para limpar o rosto e secar, logo tirou a camisa. Desapareceu de vista, provavelmente para o quarto. Voltou com uma camisa limpa. Olhou ao seu redor e franziu os lábios.

—Limpem está bagunça. — Disse a um de seus homens que voltou a entrar na sala. —Ao menos não sinto mais fome. — Sorriu para Wen. —Não foi uma noite aborrecida.

—Sim. — Wen manteve seu tom neutro.

—Suba com sua companheira. Iremos cuidar dessa bagunça. — Horton se sentou em sua mesa.

Gerri escondeu as facas. Wen se virou e a agarrou pelos quadris. Ficou sem folego quando ele simplesmente a lançou sobre os ombros, passou um braço por trás de suas pernas e foi para a porta. Subiu a escada de dois em dois degraus, até chegarem ao apartamento. Ele fechou a porta com chave e foi para o quarto.

—Quer me dizer porque me carrega como um saco de batatas?

Inclinou-se e a lançou sobre a cama. —Não queria que caminhasse sobre o sangue.

—Obrigada? — Ela franziu o cenho. — Agora, a verdadeira razão?

—Estavam recolhendo os feridos nos malditos corredores. Não queria que visse.

—Não me venha com essa merda. — Puxou as facas e as colocou na mesinha de noite.

—Bem. Apenas queria trazê-la aqui antes da matilha se reagrupar. Não tenho ideia de como Joel está ferido e sua matilha ficará louca se ele morrer. — Agachou na frente dela. — Poderia ficar tudo uma merda outra vez.

—Quer sair agora?

—Logo.

Ela o olhou nos olhos e abaixou a voz. — Depois do amanhecer?

Ele concordou. — Matarei este filho da puta. — Disse.

—E sobre lhe dar um tempo? — Ela sabia que ele o enfrentaria. Planejou dar tempo a Horton para causar problemas a Decker.

—As coisa mudaram há alguns minutos.

—Devido ao instável da situação?

—Você poderia ter se ferido.

—Sabíamos disso. O que realmente mudou, Wen? Seja honesto comigo, porra. Estamos nisso juntos.

Wen hesitou.

Gerri inclinou-se para frente e segurou sua camisa com ambas as mãos, puxando-o para ela. Ela se aproximou até seus lábios ficarem a centímetros de distância, segurando seu olhar. — O que está acontecendo? — Ela manteve sua voz em um sussurro.

—Ouvi um dos vampiros conversando, o que estava com o que foi ferido.

—O que ele disse?

—Ele ordenou a um dos lycans para buscar um doador de sangue para alimentar seu amigo.

Isso não soava mal. — E?

—O lycan disse “apenas pegue a companheira deste idiota. Ela é humana”.

—Não é surpreendente. Eu sabia que iriam me ver assim.

Seus olhos escureceram. —O vampiro disse: “Não ainda. Meu Mestre tem planos para ela. Ele fará com que fique forte o suficiente para sobreviver por alguns dias com os imbecis”.

Ela compreendeu e sabia porque Wen parecia tão assustado. —Não deveria se surpreender com planos para fodê-los. Nós, quer dizer. Ele é um cara ruim.

—Disse que as fêmeas vampiros, não duraram neste ninho. Ele está pensado em convertê-la em um soldado. Não estou disposto a arriscá-la de alguma forma. — Ele estendeu a mão e segurou seu rosto nas mãos. —Não posso salvá-la se o fizer. Não há volta. Pouco a pouco ficaria louca e se converteria em um assassino. Teria que matá-la.

Ela repetiu tudo em sua mente sobre esta variação de zumbi vampírico. Ela também não queria ser a diversão da matilha de nenhuma forma imaginável. — Eu te amo.

—Partimos de manhã. Eu a levarei para um lugar seguro, logo, voltarei para lidar com esta bagunça.

—Somos uma equipe.

—Quero que fique longe desta merda, GL terminamos aqui.

A dor tocou seu coração. Ele não apenas estava falando desta missão. Teria que voltar ao Alasca, uma vez que seu cheiro desaparecesse dela e ela iria para sua casa. Ela apertou sua camisa. — Sou sua companheira nisto até o final. Faremos o que é preciso e sairemos daqui da forma que entramos. Juntos.

—É muito perigoso.

—Sou sua maldita segurança, Wen.

Umedeceu os lábios e soltou-se de seu controle. —Não baby. Você apenas se converteu em uma distração. Ficarei muito preocupado com você ao invés de me concentrar no que preciso. Eu a levarei daqui depois do café da manhã a um lugar seguro. Logo, voltarei sozinho. — Ele se levantou. — A discussão acabou. Durma um pouco. — Ele saiu da sala.

As lágrimas encheram seus olhos, mas ela as secou. Sabia que iria partir seu coração.

Wen estava furioso enquanto servia um copo de água e tomava. Ele sabia que era arriscado para Gerri, mas nunca pensou que Horton iria querer convertê-la em um soldado e entregá-la como um brinquedo sexual para os desgarrados. Isso lhe revirava o estomago e enfurecia ao mesmo tempo.

O vampiro e o lycan conversando no corredor deveriam saber que poderia ouvi-los. Foi uma questão de sorte serem estúpidos e subestimarem seus sentidos. Horton estava jogando água no rosto para limpar o sangue ou teria ouvido a mesma conversa, advertindo-os que Wen estava ali.

Precisou se controlar para não agarrar Gerri, quebrar a janela e saltar para fora com ela nos braços. Desejava sair do prédio agora. Era impossível saber quando Horton iria tentar pegá-la ou como.

Entrou no quarto, queria ficar perto dela. Tirou os sapatos, estava deitada na cama, de costas para ele, em uma bola. Ele sabia que não estava dormindo.

Não podia se deitar junto a ela. Estava muito estressado e preocupado com sua segurança. Ficou na porta, em estado de alerta. Tinha uma vantagem neste momento. Podia protegê-la por algumas horas. Alguns dos lycans foram feridos na luta com os vampiros. Provavelmente não fariam um alvoroço ou iriam até Horton, sem que seu alfa estivesse morto ou recuperado o suficiente para dar ordens.

O melhor era esperar até o amanhecer, quando os vampiros estavam escondidos. Talvez Joel acordasse e ordenasse a matilha que fugisse do prédio. Isso seria perfeito, mas Wen não contava com a racionalidade da matilha. Era provável que ainda precisassem do que porra estivessem recebendo do acordo com Horton.

Esticou-se e esfregou a nuca. Colocaria Gerri em um lugar muito seguro e público, logo voltaria para matar Horton. Uma vez feito isso, iria se reunir com Micah no aeroporto. Estariam fora da área ao meio-dia. Poderia levar Gerri para casa e ficar com ela até que se cheiro sumisse.

Também significaria manter as malditas mãos longe dela durante algumas semanas. Isso seria um inferno, mas ele não a deixaria vulnerável aos ataques. Sua vida significava mais para ele que suas necessidades egoístas. Esta lição foi aprendida. Estava em perigo por causa dele.

Ela o acusou de estar disposto a sacrificar sua vida. Ele não o faria. Não importava o que custasse.

Pensou no que descobriu. Ele sabia que os vampiros dormiam no sótão. Viu-os sair dali. Não tinha muito sentido. Provavelmente tinham algum tipo de rota de fuga. Era o que faria se fosse um vampiro. Uma cidade provavelmente teria alguns tuneis. Precisava atacar duro e rápido.

Horton seria capaz de mover-se durante o dia. Não estava seguro sobre os outros três em seu ninho. Lutaram bem, mas o que ficou ferido não parecia tão velho. Era provável que não fosse capaz de manter-se uma vez que o sol estivesse alto. O que deixava três, mais os lycans. Os vampiros morreriam primeiro, assim Horton não teria tempo para escapar.

Não seria fácil voltar para casa sem Gerri. Os lycans iriam suspeitar. No entanto, enfrentou missões mais difíceis. O mais importante era a segurança dela.

Capítulo Onze

A casa estava em silêncio quando Gerri e Wen desceram a escada. Ambas as mochilas permaneceram dentro do apartamento. Não queria alertar ninguém que Gerri não iria voltar. Um lycan estava sentado em uma cadeira no corredor. Ficou de pé, olhando com receio.

—Estou levando minha companheira para tomar café. Quer que esperemos sua matilha acordar? — Wen perguntou com tom tranquilo.

—Vá.

Wen manteve a mão dela na sua e passou pela porta principal. Não havia outros lycans a vista. Não falaram até que deixaram o quarto. —Isso foi estranho. — Murmurou.

—Não tem ninguém vigiando. Apenas um guarda abaixo e não nos deu uma merda. Será que Joel morreu?

—Não dormiu nada. Ouviu algo?

—Ouvi movimentos, portas, mas ninguém falou alto o suficiente para que ouvisse. Observei a janela de trás, mas não havia ninguém. Ninguém na parte da frente também.

—Acho que isso é bom, ter apenas um guarda.

—Pergunto-me onde porra está o restante da matilha. —Continuou olhando ao redor. —Mas sim, tenho que derrubar Horton e seu ninho primeiro. Não quero que ele escape.

—Ele estará preso no sótão.

—Duvido. A maioria dos vampiros tem rotas de fuga, se são inteligentes.

—Tem idade o suficiente para não ficar impotente quando o sol está acima, verdade?

—Com certeza. Apostaria que ao menos um dos seus está se alimentando dele. Ele iria querer uma garantia se alguma vez fosse atacado pelos lycans. Quanto mais permite que tome seu sangue, mais forte ficam.

—Talvez os três estejam recebendo sangue do Mestre.

—Não o que ficou tão ferido a noite que tiveram que carregar da sala. Caiu muito fácil. No entanto, isso pode ter mudado depois que subimos a escada. Horton deve ter visto o fraco que estava o membro da hierarquia e provavelmente quis arrumar isso. Talvez.

Chegaram a um pequeno café e Wen abriu a porta. — Depois de você.

Ela passou por baixo de seu braço e aproximou-se do balcão. Wen tirou dinheiro da carteira. Ela pediu dois cafés e alguns burritos. — Coma primeiro.

Ele pagou. — Tenho que fazer uma ligação. Vou ao banheiro. Vigie a porta e sente-se perto do vidro de modo que possa ser vista facilmente. Não me surpreenderia que tivessem nos seguido.

—Certo. — Ela forçou um sorriso e se sentou na mesa perto da porta principal. Seu olhar foi para a rua. As pessoas estavam saindo de suas casas, mas nenhuma delas pareciam ser um lycan. Teve anos de prática olhando as pessoas, para ficar em estado de alerta.

Wen voltou para mesa em poucos minutos. Ela levantou os olhos quando ele se sentou de frente a ela. — Micah quer voar assim que terminar. Irá encontra-lo no aeroporto. Lembra o nome?

—Sim. Será uma longa viagem de carro se tiver que pegar um taxi.

Ele deslizou algumas notas na mesa. — Isso deve cobrir.

—Tudo bem. — Ela guardou o dinheiro. — Assim que voltará ao prédio, depois irá se unir a nós?

—Este é o plano. — Ele manteve seu olhar. — Explorei a parte de cima. Há um alarme na porta, mas um empregado me viu. Eu o fiz desmaiar. Irei comer e logo sair pela porta da frente. Assim que sair, você vai para a porta de trás. Não chame atenção sobre si mesma. Chame um taxi assim que possível. Não pare por nada, GL.

Estava preocupada com ele. — Entendi. Simples.

Ele a observou. — Não fará nada idiota como tentar me seguir, verdade?

Ela sorriu. — Não.

—Pensou nisso.

—Culpada. Então percebi que apenas iria distraí-lo. Poderia perder sua merda em uma luta. Prometo ir direto ao aeroporto. Promete que não irá morrer?

Ele inclinou sobre a mesa para segurar sua mão. — De forma alguma.

Um dos funcionários trouxe seus cafés e burritos com ovos mexidos, bacon e batatas. Gerri não estava com muita fome, mas conseguiu comer um.

Wen comeu os quatro que pediu. — Preciso ir.

—Por favor, tenha cuidado. Não estou dizendo adeus ainda. Comprometeu-se a ficar comigo até que seu cheiro tenha sumido.

—Sempre mantenho minha palavra. Tenha cuidado.

—Tenho a parte fácil. Gostaria de ter meu celular. Ficarei preocupada com você.

—Estarei cerca de uma hora ou menos atrás de você. Micha estará esperando-a no aeroporto. — Ficou de pé. —Pronta?

Levantou-se e rodeou a mesa pequena, agarrando a parte da frente de sua camisa. Ele a olhou fixamente.

—Não morra. — Sussurrou. — Um beijo de boa sorte?

Sua boca se curvou. — Não preciso disso, mas não rejeitarei um beijo seu.

Ela ficou nas pontas dos pés enquanto ele se abaixava. Seus lábios se roçaram suavemente. Ela queria aprofundar o beijo, mas ele se afastou.

—Está na hora. GL tenha cuidado. Agora mova seu traseiro exuberante e não olhe para trás.

—O mesmo digo a você. —Ela o deixou ir com pesar. As palavras *eu te amo* presas em sua garganta, mas ela as segurou.

Deu a volta, abriu a porte e saiu por onde entrou.

Girou, caminhando para a parte de trás da cafeteria. O sinal de saída estava perto do banheiro. Ela abriu a porta e terminou em um beco. Deu a volta na direção oposta, Wen se afastou. Uns vagabundos estavam dormindo, mas ninguém a parou. Foi para a rua e viu um menino sentando em um ponto de ônibus enviando mensagens em seu celular. Ela foi direto para ele e puxou uma nota de vinte dólares de seu bolso.

—Oi.

Ele levantou a cabeça, olhando-a e então o dinheiro.

—Tenho que fazer uma ligação. Serei rápida e é local. Perdi meu celular. Pode me emprestar o seu por um minuto?

Hesitou e logo o entregou. Ela pegou o celular e ligou para Micah.

Ele atendeu no primeiro toque. — Quem é?

—Gerri. Wen está sozinho. Ele precisa de ajuda. Tem o endereço de onde estávamos?

—Diga.

Ela repetiu. — Ajude-o. Estou a caminho do aeroporto.

—Eu o farei. Ele não ficará feliz com isso.

—Não me importa. Ele não me deixou ir com ele e não gosto da ideia dele sozinho. Seu irmão está por perto?

—Sim. Nós dois iremos.

—Tenha cuidado. Duas dezenas de peles e mais quatro. Entendeu?

Micah riu. — Alguém pode ouvir?

—Peguei um celular emprestado. Tenho que ir. Vejo um taxi. Tenha cuidado e não permita que nada aconteça.

—Faremos o melhor.

Ela desligou e passou o celular para o menino. —Obrigada.

—Estes foram os vinte dólares mais fácil que consegui.

Aproximou-se da rua e fez sinal para o taxi que se aproximava. Parou e entrou. — Espero que tenha tempo, porque preciso ir ao aeroporto. — Ela falou assim para que não assumisse que iriam para outro local.

O homem a olhou com a boca aberta. — Sabe que o aeroporto é privado, verdade? Não um normal.

—Sim.

Ele olhou para frente. —Bom. Quero cem por cento adiantado.

Ela pegou o dinheiro, escondendo o grande alívio que sentiu e ofereceu duzentos dólares. —Não vou pagar tudo. Leve-me primeiro ao aeroporto.

Olhou as notas, então para ela. —Certo.

Deu a volta no assento, olhando para o tráfego. Era possível que alguém pudesse tentar segui-los se os lycans os estivessem observando. Era seu trabalho se assegurar que não acontecesse. Sua mente foi para Wen.

Por favor, esteja bem. Por favor volte para mim.

Wen entrou no apartamento, seu rosto uma máscara de fúria. O lycan saltou de sua cadeira no corredor. —Onde está sua mulher?

—Nós tivemos uma maldita briga. Tem uma companheira? Podem ser exasperantes! O fato dela ser humana piora dez vezes. A pequena luta da noite anterior a deixou incomodada e agora não se sente segura aqui. Eu a protegi, certo? Sim, eu o fiz!

O lycan ficou com a boca aberta, logo se recuperou. —Precisa encontrá-la. Ela sabe de nós.

—Ela está tomando café na rua abaixo e pediu que lhe desse um pouco de espaço. Eu a buscarei em dez minutos. Espaço? Que porra é isso? — Começou a andar agitado. — Ela é minha companheira. Não há tal coisa como espaço.

—Precisa ir até ela agora.

Wen girou, aproximou-se. —Eu sei. Companheiras podem deixa-lo louco.

Lançou um golpe baixo, surpreendendo o lycan.

Seu punho atingiu o nariz do macho, inclinando sua cabeça para trás. Wen se moveu rápido, pegou-o e quebrou seu pescoço. Logo levou o corpo para o escritório de Horton e o deixou ali. Fechou a porta, logo se moveu rapidamente enquanto ainda estava claro até a porta do sótão.

Estava trancada. Puxou a faca de caça da funda do tornozelo, colocou-a entre a porta e o marco, abriu a fechadura. Assegurou-se que permanecesse fechada, com os olhos adaptando-se a penumbra.

Aproximou-se da escada.

A vista de oito corpos o surpreendeu. Estavam cruelmente jogados no chão. Aconteceu apenas em alguns momentos atrás e estavam fracos. Em silêncio, pronunciou uma maldição. Não esperava vítimas. Ele se aproximou e agachou-se junto ao mais perto dele.

Havia sangue ao redor da boca do homem. Wen se inclinou e cheirou.

Pavor o golpeou forte enquanto olhava os outros. Podia ver os rostos de alguns. Tinham sangue ao redor dos lábios também. Sangue de vampiro.

O maldito Horton os transformou.

Uma batida de coração de repente se uniu a outras. Estavam passando de mortos para não-mortos.

Wen guardou a faca para liberar sua mão. Tocou um nos olhos, usando o polegar para abrir a pálpebra. A raiva o golpeou enquanto olhava o globo ocular injetado de sangue da vítima inconsciente. Não era um vampiro. Iria despertar como um soldado. Ele tinha certeza. A prova estava em seus olhos e o fato de que morreu antes de se transformar.

Apenas para ter certeza, no entanto, abriu mais sua pálpebra e observou a pele do homem. Viu indícios de veias muito fracas, escurecendo sob a pele, mas vítima cheirava a humano. Esta luta da noite anterior deve ter preocupado Horton sobre os lycans superarem em número seu ninho.

Era uma situação fodida, mas Wen sabia o que precisava fazer. Levantou-se, ignorando os corpos inertes. Não seriam perigosos até que o sol descesse e se transformassem. Tinha assuntos mais importantes para lidar.

Caminhou por um pequeno corredor, parou perto de uma porta fechada e franziu o cenho. Era uma porta com ao menos quatro fechaduras. Moveu-se para o cômodo ao lado e viu aliviado que a porta estava aberta. Era um depósito com alguns moveis dentro, sem cheiro de vampiros ali. Logo, se dirigiu para o cômodo ao lado deste. Continha artigos de limpeza, algumas tintas e outras coisas que provavelmente foram usando na reforma do prédio.

Voltou ao depósito e olhou ao seu redor, encontrou estruturas de uma cama de ferro e levantou duas delas. Testou sua força ao tentar dobrá-las. Mantiveram-se. Ficou tranquilo, entrou no corredor e observou a porta reforçada. Colocou a estrutura no chão e voltou ao depósito. Não havia nenhuma corda, mas encontrou cabos. Iria funcionar. Voltou ao corredor e amarrou os cabos apertados ao redor das estruturas, logo empurrou-as contra a parede através da porta, pressionando seu corpo contra elas para evitar que caíssem. Prendeu o outro lado dos cabos nas portas que abriam para dentro.

Os vampiros poderiam tentar abrir a porta de dentro, mas teriam dificuldade. Afastou-se, olhando sua obra. Os cabos funcionariam como uma corda. A porta não se abriria mais que de centímetros antes que os cabos se esticassem. Ele sorriu e logo entrou no depósito que estava justo ao lado dos vampiros.

Olhou os painéis de gesso, feliz por não serem tijolos. Respirou fundo algumas vezes, levantou os ombros e logo se inclinou, recuperando a faca de caça. Retirou-a da bota, levantou-se e lançou-se adiante.

Golpeou a parede com tanta força, usando o ombro e a cabeça, que passou diretamente através da barreira frágil.

Os quatro vampiros estavam ali. Estavam deitados em macas. Horton acordou e saiu da maca de cima. Disse com os dentes apertados enquanto caía de pé, olhando para Wen confuso, que sacudia os restos da parede de gesso.

—Que porra está fazendo?

Dois dos vampiros se agitaram, mas eram mais lentos. O quarto não se moveu em absoluto. Foi um erro Horton não o ter fortalecido depois que sobreviveu da luta com os lycans. Por outro lado, Wen não se surpreendeu. Não acreditava que deixaria de ser um bastardo.

—O que acha? Quer transformar minha companheira em um soldado. Foda-se!

Wen se lançou, indo para o vampiro mais próximo, que conseguiu ficar de pé. Wen arrancou sua cabeça que virou pó, enchendo o quarto.

Foi atrás de Horton logo depois.

O Mestre apertou os dentes e saltou novamente para sua maca. Wen sabia que iria tentar passar sobre ele para chegar a parede quebrada atrasou tentar chegar a uma rede que viu debaixo de uma das camas. Esta era provavelmente a rota de fuga para fora do prédio. Não podia permitir que isso acontecesse.

Lançou a faca no coração do segundo vampiro para liberar sua mão, agarrou o homem pelo pescoço e o lançou em Horton.

Usando sua velocidade e força para chegar a eles rapidamente, Wen jogou o vampiro de lado e agarrou Horton. Golpeou com sua segunda faca, a lâmina se afundando no pescoço de Horton.

O Mestre gritou, o som saindo mais como um gorgolejar.

O vampiro ferido saltou sobre as costas de Wen, mas o ignorou, mantendo o controle em Horton enquanto segurava a estaca e violentamente a contorcia.

Sentiu presas se afundarem em seu ombro, o filho da puta em suas costas estava tentando debilita-lo. Mas se negou a deixar o Mestre.

Horton o olhou com olhos horrorizados por um preciso segundo e logo acabou. Sua cabeça se soltou e transformou-se em pó.

Wen apunhalou o vampiro atrás dele na cabeça, alcançou-o novamente e segurou-o pelo cabelo, arrancando sua cabeça. Lançou o bastardo no chão, tentando usar a bota para pisar forte em suas costelas, mas seu pé escorregou no sangue que saía do homem devido a ferida no peito.

O cômodo começou a girar, mas Wen ignorou o momento, caiu contra o vampiro e soltou a faca. Cortou seu pescoço, arrancando a cabeça. O corpo abaixou e transformou-se em cinzas.

Wen se sentou sobre os joelhos, respirando mais devagar antes de se levantar, sentindo a camisa rasgada. Estava sangrando.

Virou a cabeça, inclinando-se o suficiente para ver o dano causado. O bastardo lhe abriu a pele com as presas. Iria se curar, mas sangrava muito. Ficou muito ali, respirando profundamente. Finalmente se levantou, chegou ao vampiro dormindo e acabou com ele um movimento de sua faca.

Pegou a outra faca como estava, moveu-se pelo buraco na parede e saiu ao depósito. O Mestre e seus vampiros foram eliminados. Agora precisava enfrentar os soldados.

Mais batidas de coração ecoavam agora. Os mortos estavam voltando a vida. Não podiam ser soldados, já era muito tarde para eles e não se converteriam em cinzas se arrancasse a cabeça. Teria que matá-los e destruir os corpos com fogo.

A culpa o golpeou, mas ele a ignorou. Seus destinos foram selados no momento que Horton forçou seu sangue neles e logo os matou. Não podia permitir que alguns selvagens sedentos de sangue ficassem soltos na cidade.

Um ruído soou sobre sua cabeça e ficou tenso. Era um milagre que os lycans não tivessem aparecidos. Devem ter ouvido a luta que acontecia ali abaixo. Guardou suas facas, já não precisava de silêncio.

Soltou suas garras e esperou. Não passou muito tempo. Acima a porta se abriu com um golpe que rachou a madeira. Passos ecoaram pela escada. Joel foi o primeiro a chegar.

—Acabou. — Wen disse. —Horton está morto. Apenas quero sair.

Mais lycans encheram o lugar atrás de Joel. O alfa levantou a mão, olhando Wen. — O que fez?

—Olhe os corpos no chão. Sabe o que são?

—Mortos humanos. —Joel olhou-os curvando os lábios. — Os vampiros se alimentaram deles.

—Incorreto. Sua pequena luta com Horton a noite o fez se sentir incomodado. Estes eram seres humanos, mas depois do sol de pôr se converterão em soldados. Pense em vampiros com sede de sangue como nunca viu. Eles se recuperam mais rápido que os vampiros normais e ficam mais loucos cada vez que se ferem. Ele os trouxe a este prédio para usá-los contra você. E teriam convertido sua matilha em comida. Entende isso? Eu te fiz um favor.

—Horton iria nos deixar ricos.

—É um idiota se acreditou em tudo o que vampiro disse, Joel. Estava usando-o até que não fosse mais necessário. Então teria sacrificado sua matilha com estas coisas no chão. Ouviu-o na última noite, ordenando a luta com sua matilha? Observou-o como não o fez? Minha companheira não está comigo.

Mais lycans entravam ali. Wen contou-os. Havia dezenove deles. Eles o superavam em número e era uma pena que estava com suas armas. Deveria tê-las recolhido, mas precisava garantir a segurança de Gerri e o risco de os seres humanos nas ruas notarem que carregava armas teria chamado atenção. E não teria a oportunidade de subir e pegar sua mochila.

Joel grunhiu, pelos cresceram ao logo do seu corpo. —Bem. Eu o resgatei pelo dinheiro da recompensa.

—Não gosto de dizer, mas fiz um acordo com os VampLycans que estavam me procurando. Liguei para meu antigo clã depois desta luta na noite anterior. Queriam Horton morto. Ele lhes incomodou mais que eu. A recompensa se foi. Você não conseguirá um maldito centavo por mim. — Wen não estava disposto a admitir que não havia uma verdadeira recompensa. —Acabou.

—Custou-nos muito dinheiro, VampLycan. — Grunhiu Joel. —Irá morrer por isso!

Atacaram em formação de matilha. Wen ficou tenso, sabendo que teria que abrir caminho até a escada, que no momento estava bloqueada. Seria de grande ajuda se pudesse cortar suas gargantas de uma vez. Teria que chegar a escada primeiro, no entanto.

Ao menos os seres humanos mortos não eram uma ameaça até o pôr do sol, quando acordariam como soldados.

Seis lycans o atacaram de uma vez, a dor disparou pelas pontas de seus dedos com garras e Joel tentou ir pela garganta. Cambaleou para trás, afastando-os e deixando cair sua arma a fim de soltar suas garras. Então tropeçou no corpo de um maldito soldado e caiu no chão.

Presas rasgaram várias partes de seu corpo e rugiu, se contorcendo para proteger o estômago, então os empurrou para cima. Ficou de pé e lutou duro. Era tentador mudar, mas era letal da forma como estava, em meia mudança. Também fazia com que fosse mais difícil para eles causar maiores danos com a roupa.

Ele lutou, matando qualquer lycan que se aproximava demais. Em um dado momento um lobo pulou sobre ele. Muito tarde, tentou desviar, mas o lycan passou sobre sua cabeça, claramente seu alvo, chocando com outro lycan que estava escondido atrás dele.

Wen identificou as marcas na pele e riu. Graves estava ali.

Viu outro corpo peludo familiar junto a escada, arrancando a garganta de um lycan. Micah também estava ali.

Iria sobreviver depois de tudo.

Wen sentiu-se tonto e quase caiu de joelhos quando presas se afundaram em seu braço. Lançou longe o bastardo, enviando-o contra uma parede. Suas garras se afundaram na garganta do lycan mantendo-o ali. O inimigo morreu rapidamente.

Deixou cair o corpo, grunhindo quando mais dois da matilha o atacou.

Capítulo Doze

Gerri estava preocupada enquanto se sentava em um banco fora do aeroporto privado. Um guarda dentro começou a dar voltas, assim ela saiu para esperar onde podia ver o estacionamento. De vez enquanto ia para dentro ao banheiro e olhava o relógio da parede. Wen e Micah deveriam ter aparecido há mais de três horas.

Algo está errado. O pensamento se repetia em sua mente.

Ligou para o número de Micah uma dezena de vezes de um telefone público, mas foi direto para a caixa postal. Não podia exatamente ligar, desde que não tinha seu celular. Lamentou entregá-lo, junto com sua licença. O que aconteceria se não aparecessem? Apenas tinha cento e sessenta dólares do dinheiro que Wen lhe deu. Estaria sozinho em Washington, sem ninguém a quem pedir ajuda.

Um clássico muscle negro parou no estacionamento. Gerri observou como um homem grande saiu e ela ficou de pé em uma batida de coração. Era Micah. Correu para ele, seu olhando indo dele para o lado do passageiro. Wen não saiu. Micah caminhou pela parte dianteira do carro e esperou. Percebeu que estava sozinho enquanto se aproximava do carro.

—Onde ele está? Está bem?

Micah segurou seus braços, com uma expressão sombria. — Wen se feriu, mas irá se curar.

—Oh Deus. — Sabia que algo estava errado. — Quão mal?

—A matilha o atacou um pouco antes de chegarmos ali, mas juro que está bem.

—Onde está o SUV? Está dirigindo? — Ela deu um passo para a direita, olhando a entrada do estacionamento.

Micah a puxou e inclinou-se um pouco, segurando seu olhar. — Está se curando. Graves está com ele, enquanto vulnerável por alguns dias.

Ela fechou os olhos, lutando contra a vontade vomitar. VampLycans se curavam rápido, então suas feridas eram graves se o irmão de Micah estava cuidando de Wen. Isso significava que estava em muito mal estado.

—Gerri. Olhe para mim.

Ela abriu os olhos.

—Wen ficará bem. Não mentiria.

—Leve-me a ele.

Apertou seu braço. —Ordenou que a levasse para sua casa e que ficasse com você até ser capaz de se juntar a nós. Irei protegê-la enquanto estiver carregando seu cheiro.

—Não. Leve-me a Wen.

—Estava uma bagunça, Gerri. Entende? Wen a quer onde está a salvo. Isso é em sua casa e longe daqui. A polícia está procurando pista ao redor do prédio da matilha. Você e Wen foram vistos muito por aquele bairro.

—O que aconteceu?

—Wen matou Horton e seu pequeno ninho, mas o bastardo criou soldados. Ainda estava se transformando, mas não completamente. A matilha de desgarrados ficou irritada e decidiu rasgar meu primo. Foi um banho de sangue. Sabe como se mata soldados recém transformados?

Ela balançou a cabeça.

—Os corpos não se transformam em cinzas. Além disso derrubamos a matilha. Não havia como eliminar todos os mortos em uma área povoada, sem alguém perceber, sem falar no sangue ali. Isso significou derrubar o prédio para destruir as provas.

Ela o olhou atordoadas.

—Tivemos que colocar fogo no prédio e logo fazê-lo explodir. — Explicou. — O que chamou a atenção dos humanos. Tenho certeza que agora os policiais estão entrevistando as pessoas para descobrir que merda aconteceu. Você pode ter sido vista, certo? Os policiais poderiam querer falar com você.

—Merda. Tem razão.

—Não havia outra opção. Meu irmão é um expert neste tipo de coisas. Nada ficará para que os seres humanos possam provar algo, se até mesmo se forem desenterrar o sótão. Assegurou-se que estivesse quente o suficiente para destruir qualquer coisa ali abaixo. Nossa espécie não se queima da mesma forma que os humanos. É algo a ver com nosso sangue. Temos certeza que o mesmo acontece

com os soldados. Todos tinham o coração batendo no momento que Graves preparou tudo.

—Batidas de coração?

—Não pergunte. —Micah olhou ao redor. — Tenho que entrar para conseguir nosso plano de voo e irmos direto para fora de Washington. Neste momento, a polícia deve acreditar que a explosão foi causada por vazamento de gás. Graves fez uma ligação ao 911 de fora do prédio justo antes que explodisse, dizendo que sentia o cheiro de gás. Quando mais longe estiver daqui, melhor no caso de não acreditarem.

—Acha que podem me culpar?

—Não. Estava aqui quando o prédio explodiu em chamas. Ficou dentro, verdade? Este lugar tem câmeras.

—Sim, até que um dos guardas ficou me olhando. Outras pessoas estavam aqui para encontrar pilotos ou por seus jatos. Fiquei sentada dentro, com medo de você e Wen não aparecerem. Acho que estava nervosa quando sai.

—Então tem um álibi. Agora vamos coloca-la em segurança. Sinto muito por chegar tarde. Direi que tive um problema, se alguém perguntar. — Ela a soltou. — Sua mochila está no porta malas. Eu a pegarei junto com a minha. Viajantes tem suas bagagens.

Ela o seguiu até a parte traseira do carro, onde pegou sua mochila. —Onde esta o carro alugado?

—Meu irmão. Tenho uma caminhonete. O assento traseiro está sujo do sangue de Wen. Informarei que foi roubada está manhã. Será encontrada em algum momento amanhã, toda queimada. Isso dará tempo para que Graves a queime.

Seu estomago revirava. — Quão grave Wen está? Seja honesto.

—Chegamos ali e ouvimos a luta no sótão. A matilha toda estava contra ele. Muitas mordidas, mas tinha todos os dedos das mãos e dos pés.

Isso não a fazia se sentir melhor.

Micah a levou para dentro do edifício. — Sou seu namorado.

—Ainda Fred Tobiah?

—Sim. Isso mesmo, não fale a menos que seja preciso. Chame a atenção o menos possível. Não temos Wen conosco desta vez para piscar seus olhos azuis e apagar lembranças.

—Certo.

Micah apontou um conjunto de cadeiras. —Sente-se. Tenho que ir pelos documentos. Use o banheiro enquanto estou fora também. Estarei esperando no portão de embarque em meia hora.

—Posso ligar para Wen?

Ele franziu o cenho. — Provavelmente está dormindo, Gerri. É melhor para ele enquanto está se curando.

—Eu me sentirei melhor se puder ouvir sua voz. Por favor?

Hesitou e logo pegou o celular no bolso de trás. —Apenas use este telefone, não o seu. Falando nisso, eu o coloquei na mochila. Não passe seu número a ninguém. Estamos em território VampLycan e podem clonar números pensando ser de algum inimigo. Este aparece sem identificação. Ligue de seu telefone e todos terão acesso a ele. Sem falar, que seu número irá aparecer no telefone de alguém, seu nome também e o clã será capaz de segui-la, considerando que sei muito bem que Wen não quer que seus pais saibam que esteve com você.

—Eu entendo.

Olhou para o celular, usando o polegar para tocar a tela. —Seja breve. Ele precisa se curar. — Ele o entregou. — Ligue quando estiver pronta. Eu lhe darei privacidade. Devo voltar logo.

Ela pegou o celular, o coração acelerado e observou Micah ir até o balcão conversar com uma mulher atrás dele. Gerri se sentou e pressionou o polegar para baixo. Ela levantou o telefone, colocando-o no ouvido. Segundos se passaram. Ela fechou os olhos, ainda tocando e logo outra vez.

—Por favor atenda e fique bem. — Sussurrou.

Cinco toques mais tarde e atendeu. — Olá? — Era a voz de uma mulher. Seus olhos se abriram. —Sinto muito. Devo ter ligado no número errado.

—Não o fez. É Stellia, verdade?

Gerri se surpreendeu. Este era o nome da curandeira do clã.

—Trayis disse que poderia ligar. — A mulher continuou. —Desculpe por atender o celular de Wen, mas ele está no banho. Ouvi seu telefone tocando na calça e atendi. Está muito melhor desde que tomou um pouco do meu sangue.

Gerri finalmente conseguiu falar novamente. —Quem é você?

—Trayis não lhe disse meu nome? Bom, ele disse que precisava sair para caçar quando falei com ele. Provavelmente não deu muito detalhes. Sou Sherry. Trabalho para o clã e estou aqui para que Wen possa se curar mais rápido. Diga a Trayis que tinha razão. Meu sangue funcionou. Pedi a Wen serviço de quarto. Tenho que admitir que estou um pouco tonta, mas Graves o afastou antes que tomasse muito sangue. Imagino que ambos poderíamos comer algo.

—Quero falar com Wen. — Sherry estava com ele? Ele a mordeu? Que porra estava acontecendo? Ira e ciúmes a percorreu.

—Claro. Ei baby...

—O que? — A voz de Wen soou fraca ao fundo.

—A médica está no telefone e quer falar com você.

—Diga a Stellia que ligarei depois.

Gerri abaixou o telefone e desligou. Seu peito doía. Sherry o chamou de *baby* e ele respondeu, como se fosse normal. Era evidente que estavam dividindo um quarto se podia conversar com ele enquanto tomava banho. Lágrimas quentes queimaram seus olhos, mas piscou para contê-las.

O tempo passou lentamente e finalmente Micah voltou de onde desapareceu com a atendente do aeroporto.

—Está pronta? Pronta para ir para casa?

Ela conseguiu ficar de pé. — Sim.

Micah ficou na frente dela, observando seu rosto. — Está bem? Parece pálida.

Wen terminou sua missão e não precisava dela mais. Estava com Sherry. — Acho que estou doente.

Girou, indo para o banheiro feminino, antes que vomitasse o burrito do café da manhã que teve com Wen ali mesmo.

Wen se sentia melhor. O sangue não estava mais grudado em sua pele e cabelo. Ele saiu do banheiro e estremeceu quando viu Sherry. Estava sentada na beirada da cama, segurando-a com as duas mãos, parecendo a ponto de desmaiar.

—Eu disse para ficar deitada. — Ele cruzou o quarto, pegando o telefone de sua mão, empurrando-a suavemente sobre suas costas. A culpa veio depois. Fez isso com ela. O olhar foi a seu braço vendado, contente por estar coberto. Não podia se lembrar de mordê-la. Tudo era sem definição, desde o momento que acabou a luta e acordou no SUV com Graves e Sherry.

—Boa ideia. — Ela riu. — Espero que a comida chegue logo. Geralmente como um biscoito e suco de laranja quando doo sangue todo ano no hospital, mas isso é pior. Acho que preciso de um bolo e uma árvore de laranjas.

—Não é engraçado. Poderia ter morrido. O que Graves estava pensando? Porque porra aconteceu aqui?

Ela começou a abrir os olhos, seu sorriso sumiu. —Soa irritado.

—Estou. Nem sequer me lembro de tomar seu sangue.

—Você não se lembra porque estava inconsciente. Suas presas estavam fora, no entanto. Parecia estar morrendo. Jesus, Wen. Estava com tanto medo que liguei para Trayis e me disse que precisava de sangue. Graves ia dar o seu, mas me ofereci voluntariamente. Não tinha muito sentido. A perda de sangue era o último que precisava, quando me falou sobre os corpos que precisou queimar. Eu não podia fazer seu trabalho enquanto ele se recuperava. Cortou meu braço e colocou na sua boca. Você veio diretamente para mim.

Wen se abaixou perto da cama, com cuidado segurando a toalha na cintura para que não caísse. —Isso não responde porque está aqui.

—Trayis me pediu que viesse. Não sabíamos até que cheguei aqui que seus primos estavam ao redor no caso de precisar de ajuda.

—Porque a enviou?

—No caso de que tivessem algum problema. Não perguntei a Trayis porque. Disse que viria. Posso não ser muito boa com os negócios do clã, mas sei como resgatar alguém. Você sabe. Imagine minha surpresa, no entanto, quando encontrei Micah no bar a noite. Quais são as probabilidades de estarmos no mesmo lugar?

—Sempre escolhe hotéis cinco estrelas quando viaja. Também o faz meu primo. Estava mais perto de onde estava encoberto.

—Sim. — Ela voltou a sorrir. —Porque não se deita comigo? Isso me faria sentir melhor. — Ela bateu ao lado da cama. — Poderia me distrair com sexo incrível até que o serviço de quarto venha com nosso pedido.

Wen se levantou e retrocedeu. —Poderia tê-la matado Sherry. O Trayis mencionou isso? Nunca deve sangrar para alguém da minha espécie. Sou meio vampiro e não tenho muito controle quando estou nessa condição.

—Graves afastou meu braço quando tomou o suficiente. Estava sangrando por trinta lugares. O que deveria fazer? Deixá-lo morrer? O que você tem? — Ela tentou se sentar, mas logo deitou-se novamente. — Merda. O quarto está girando.

—Claro que sim. Tomei muito sangue. Porra. — Ele se aproximou e afastou o cabelo molhado de seu rosto. — Deveria levá-la a um hospital. Provavelmente deveria receber sangue.

—Poderia me dar o seu.

Retrocedeu até que bateu na parede. —Não!

Ela encolheu. —Porque está gritando comigo?

—Não podemos trocar sangue. Nunca Sherry.

—Oh, é verdade. É como os VampLycans se acasalam, verdade? Seria realmente muito ruim?

—Não sinto o mesmo por você.

—Somos bons juntos, Wen. Não tivemos muita diversão? Não me importaria passar todo o tempo com você. Não posso dizer que sou uma grande fã do Alasca, soa como uma espécie de lugar ruim e bárbaro, entre os invernos e todos aqueles animais dos quais ouvi falar. Mas gostaria de lidar com tudo para ficar com você. Isso é dizer muito.

—Foi apenas sexo. Você sabe disso.

—Poderia ser muito mais.

Balançou a cabeça. —Não, Sherry. Sinto muito.

—Que porra quer dizer com isso?

A porta se abriu e Graves entrou. Ele sorriu para Wen. — Parece muito melhor.

—Obrigado pela ajuda, mas porque está aqui?

—Quer dizer quando não pediu minha ajuda? Deveria. Micah me pediu que viesse.

Wen franziu o cenho.

—Estava muito chato no Colorado. — Graves cruzou o quarto. —Como está suas pernas? Sente-se melhor?

—Wen é um idiota. Salvei sua vida e está atuando como se tivesse furado a boceta de sua mãe.

Graves arqueou as sobrancelhas, olhando-os.

Wen suspirou. — Não deveria ter me deixado alimentar dela.

—Tinha mais sangue fora de seu corpo que dentro quando chegamos ali. Precisamos envolvê-lo em uma manta para levá-lo ao SUV, o que foi uma merda, por certo. Em pleno dia. Envolvi seu corpo em uma manta coloquei-o em uma lata de lixo de plástico com rodas e saímos do prédio. Não encaixou bem, também.

—Então o que aconteceu? — Wen parecia curioso.

—Levei-o para o SUV estacionado no beco ao lado o prédio. Micah ficou para trás para proteger o prédio. Sherry viu o quanto estava mal, então ligou para o líder do clã. Disse que iria lhe dar sangue. Coloquei seu braço contra suas presas e fez aquela coisa vampiro de beber e quando estava a ponto de desmaiar, eu a afastei. Neste momento, acordou o suficiente para grunhir para nós. Eu a deixei a cuidado de você enquanto olhava ao redor de prédio.

—Onde está Micah?

—Disse que precisa ir. Você exigiu que levasse GL de volta a Nevada imediatamente, assim foi fazer isso. Quem porra é GL?

Wen amaldiçoou suavemente. —Merda. Você a conhece como Gerri ou Geraldine. Micha não disse que ela estava comigo?

—Não. —Graves franziu o cenho. — Ele não nos disse muita coisa.

Com toda confusão depois que Wen acordou, calculou que ainda estivesse esperando no aeroporto. Precisava falar com Micah. Ficou surpreso com a

quantidade de tempo que passou quando viu a hora na tela do celular. A ligação caiu na caixa postal.

—Ligue-me. — Desligou.

—Quem é a mulher sobre a qual estão falando? —Sherry interrogou.

Ele a ignorou, concentrando-se em Graves. — Como entrei neste hotel? Não me lembro.

—Sherry ficou com você no SUV. Micah voltou para pegar meu carro, para fazer o que disse. Coloquei fogo no prédio dos vampiros com os quais lutou, assim os humanos no porão iriam se queimar. Foi um espetáculo. —Graves riu. — Uma grande explosão.

—O hotel. — Wen insistiu.

—Tiramos sua roupa quando parou de sangrar. Peguei sua mochila que Micah encontrou no prédio antes de ir. Nós o vestimos e colocamos um boné de beisebol que encontrei para cobrir a bagunça e entramos. Não se lembra disso?

—Não.

—As pessoas pensaram que estava bêbado. Graves ajudou-o a caminhar. — Sherry o observava com os olhos estreitos. —Ninguém disse merda alguma. Ambos são musculosos como o demônio, assim provavelmente não queriam uma luta.

—Coloquei-o no chão do banheiro, assim não teria que explicar as manchas de sangue mais tarde e logo fui comprar roupas. — Enrugou o nariz. — Todas as suas roupas na mochila estavam sujas. As novas roupas estão no quarto ao lado. Não tinha certeza se as queria ou não, assim que me desfiz das mochilas.

Wen se esticou e esfregou a nuca. Olhou para seu celular. — Quanto tempofaz que Micah se foi?

—Horas atrás.

Isso significava que teve tempo para chegar a Gerri no aeroporto e subir em um avião. Provavelmente estavam no ar. —Merda.

—Quem é GL? — Sherry soava mais agitada.

Wen deixou cair a mão do pescoço e olhou para Graves. —Pode pegar as roupas, por favor?

—Claro. Volto em minutos.

—Que seja cinco. Sherry e eu precisamos conversar.

—Certo. — Disse Graves.

Wen esperou a porta se fechar antes de olhar para ela. — Lembra-se que te disse que um dia gostaria de encontrar uma mulher que fosse minha companheira?

Sherry ficou tensa. —Não o diga.

—Você perguntou. Estou respondendo. Por isso acabou entre nós.

Umedeceu os lábios, logo franziu o cenho. —Porque a envia para Nevada?

—Porque estava louco. Nem sequer me lembro de fazer isso.

—Ela é lycan? Trayis não terá um problema quando levar para casa uma lycan desgarrada que conheceu durante uma missão?

—Ela não é.

—Besteira, se estava com aqueles idiotas que quase o mataram.

—Ela não é um deles. Não posso me acasalar com ela porque é humana. Meus pais a matariam.

Sherry pareceu aliviada.

Isso lhe incomodou. — Acabou entre nós, Sherry. Soube sobre você e não gostou. Prometi a ela que nunca a tocaria novamente.

—E sempre mantém sua maldita palavra, verdade baby?

—Sim.

—Como será? Estamos juntos a anos. Vai para casa, mas sempre volta para mim.

—Você viajará com Graves e Micah devido aos negócios do clã de agora. Enviarei outro VampLycan se for preciso. Simplesmente não serei eu.

—Porque uma mulher disse que não poderia ficar comigo?

Hesitou. Provavelmente iria contar a Trayis, mas ele e o líder do clã eram amigos. Trayis não diria a seus pais sobre Gerri, especialmente depois que falasse com ele. E pensava fazer isso hoje. —Não posso me acasalar com ela. Não disse que não a verei e passarei tempo com ela cada vez que puder.

—Em outras palavras, fui substituída. Ela é mais jovem que eu?

—Você e eu não estamos comprometidos, Sherry. Não era segredo que tinha outras amantes. E você também.

—Bem. Nós dois. Eu o compartilhei com outras mulheres antes. Continuaremos fazendo isso.

—Não. Apenas há uma mulher que quero. Posso não ser capaz de fazê-la minha companheira, mas ela é dona do meu coração. Não quero ninguém mais.

—Filho da puta! Ela é mais jovem, verdade?

—Não. —Lamentou machucá-la. —Tenho que ligar para Trayis e Stellia agora. Sinto muito.

—Passou por muito e não está pensando com clareza. Foi uma missão difícil. Mudará de opinião e irá querer me ver.

—Não acontecerá.

Capítulo Treze

Gerri ficou na parte traseira do avião durante o voo, tentando dormir. Não quis conversar. Micah irá mentir para ela ou tentar falar alguma merda sobre Sherry estar com Wen se ela perguntasse. O advogado trabalhava para o clã, depois de tudo. Esta desculpa não explicava o ambiente íntimo daquela ligação.

Ao menos Wen não a enviou para casa sem proteção. Enquanto estivesse perto de Micah, poderia lutar contra todos que quisessem algo dela. Claro, estariam em problemas se uma matilha inteira ou um ninho fosse atrás dela. Não era mais que lycan.

Micah chegou ao avião e guardou suas mochilas. —Tenho que preencher os documentos e logo vamos para sua casa. Espero que tenha um sofá confortável, já que ficarei com você até Wen chegar.

Ela concordou.

—Está tudo bem? Juro que Wen ficará bem. Eu o vi se recuperar de muito pior. Porra, há seis anos recebeu quatro balas no peito.

Isso não ajudou. Ela poderia estar ferida e magoada, mas a ideia de alguém disparar em Wen não caía bem. Ele podia merecer um chute nas bolas, no entanto. — Apenas quero ir para casa e comer algo.

—Sei que não sou o homem que quer aqui, mas Wen virá logo que puder. — Fechou o compartimento de armazenamento e guardou a chave, então puxou o celular. — Wen ligou.

Seu coração acelerou. — Pediu para avisar quando sairmos daqui.

Ele franziu o cenho, mas guardou o celular. —Pensei que quisesse falar com ele.

—Sim. Apenas quero comer primeiro.

—Esqueci. — Ele disse.

—Que sou humana?

Ele concordou.

Geralmente se sentia insultada, mas desta vez usou em seu proveito. Todos não humanos eram arrogantes. —Não sou tão forte como você. Culpada. Ainda

estou cansada. Sinto como se andasse vários quilômetros. Voltarei ao meu estado normal depois de comer e dormir um pouco.

Levou-a para dentro do pequeno aeroporto por uma porta e inclinou a cabeça para a área pública. — Vá ao banheiro. Isso não levará muito tempo. — Passou sua mochila para ela.

—Ficarei esperando. Faça o que for preciso para podermos sair.

Virou-se e foi até um dos funcionários. Deixo-a sozinho com seus pensamentos. Wen realmente iria vê-la ou pensou em fazer de Micah seu protetor até que seu cheiro desaparecesse? Apenas o tempo diria. Iria aparecer ou não.

Não tinha ideia do que dizer a ele. Talvez gritar porque estava ferida sobre o que descobriu naquela ligação... ou deveria deixa-lo passar? Não podia se acasalar com ela. Isso era um fato que sabia com certeza. Teria que voltar ao Alasca sem ela de qualquer forma.

Ao menos não podia se acasalar com Sherry de qualquer forma. Ela era humana. Era pequena, admitiu, ainda que sentindo um pouco dor sentia-se aliviada por Wen estar com a outra mulher no momento. Ele ficou ferido, assim duvidava que estivesse em condições de fazer sexo.

Vozes altas chamou sua atenção e virou a cabeça, vendo quatro homens grandes de pé no aeroporto. Estava conversando de forma animada, um deles ria, já que empurravam malas com rodas atrás deles.

Ela os ignorou e virou a cabeça, debatendo-se sobre o que deveria fazer uma vez que Micah voltasse e pedisse que ligasse para Wen. Era evidente que não mais no chuveiro. O voo levou horas. Pensou sobre o fato de Sherry estar com ele, enquanto ele a enviava para longe e que talvez estivesse uma explicação. Ela ouviu-la.

—O que temos aqui?

Gerri pulou e levantou a cabeça, olhando os quatros homens. Eles mudaram de direção e se aproximaram dela sem que percebesse. Olhou seus rostos. Não eram feios, pareciam ter entre vinte e cinco anos e quarenta. Um deles soltou sua mala e deixou-a no assento ao lado dela. Inclinou-se colocando o braço ao seu redor. Seu corpo ficou rígido enquanto girava a cabeça, segurando seu olhar.

Seus olhos eram castanhos com reflexos âmbar. Com certeza não era totalmente humano.

Seu nariz se abriu. —Olá querida. Não faça uma cena. —Sua mão tocou seu lado e sentiu pontas afiadas. Garras. Poderia rasga-la se quisesse. Havia uma ameaça silenciosa ali.

Olhou ao seu redor, em busca de câmeras, mas os corpos volumosos de pé diante dela bloqueavam sua visão.

—Ninguém pode ver. —O homem pressionou-se contra ela e disse. — Qual seu nome?

Opções encheram sua cabeça sobre como sair dessa bagunça na qual estava. O sol ainda estava no céu, assim deveriam ser lycans, já que estavam de pé no aeroporto. Podiam esperar o anoitecer e voar para onde quisessem. Sentiram o cheiro de Wen e foram atrás dela. Ela observou suas roupas. Vestia-se bem, com sapatos caros e as malas também não eram baratas. Todas estas pistas davam a entender que não eram desgarrados. Provavelmente pertenciam a alguma matilha local.

—Perguntei seu nome. — Ele deixou seus dedos com pontas afiadas esfregar sua camisa. Não doía, mas era consciente de cada garra. Cheirou novamente, logo, franziu o cenho.

Ela podia ficar ali até que Micah voltasse e visse o dilema no qual se encontrava. Era um lugar público, no entanto. Testemunhas os veriam lutar. Isso era um grande não. Era um lugar público. Umedeceu os lábios e segurou seu olhar.

—Aposto que há câmeras de segurança aqui. Todos têm celular agora e adoram gravar vídeos para colocar na internet quando vem drama. —Ela fez uma pausa. —Não quero fazer uma cena, mas será uma das grandes se não me deixar ir.

Ele grunhiu baixo e não muito feliz.

—Chutes, gritos e lágrimas. Tudo. Conte com isso. Tenho bons pulmões, apesar do meu tamanho. Entendeu? Saia da minha frente.

Endireitou-se, deslizando o braço ao longo de suas costas. Suas garras levemente raspavam, mas não cortou sua camisa. Inclinou-se um pouco para trás, os olhos estreitos, quando parou de invadir seu espaço pessoal.

—Obrigada. —Parecia estar no comando. Isso significava que era de um alto nível no comando dos quatro. —Agora vá para onde iam antes de parar aqui. Não quero problemas. Nem você. Vamos fingir que nunca nos encontramos. Isso é fácil, verdade?

—Quem porra é você?

Um dos homens cheirou forte. —Quero saber de quem é este cheiro.

Olhou para o que falou, logo de volta ao homem ao seu lado. Entendeu que não podiam identificar o cheiro que os atraiu para ela. Pelo menos o que estava de pé não podia. —Sou alguém com quem não quer se meter. Estou tendo um mal dia. Não estou com humor para descobrir o que quer de mim. Apenas vá embora.

O nariz do líder se abriu. —É muito corajosa para alguém sozinha.

—Quem diz que ficarei dessa forma?

Olhou ao redor e o mesmo fizeram os três homens com ele. Ela teve a oportunidade de fazer o mesmo. Micah ainda estava fora da vista. Isso provavelmente era o melhor. Ele poderia perder a calma. Ela estava tentada.

O lycan ao seu lado olhou-a novamente. — Acho que fugiu de alguém. Não vou machucá-la, mas precisa me dizer a quem pertence.

—Quem a tem? — Murmurou o loiro de pé.

Ela continuava olhando para o que estava sentado ao lado dela. —Não pertenço a ninguém, não fugi e nada disso é assunto seu. Posso apreciar o que está tentando fazer, mas não é necessário. Não sou um perigo para vocês. Apenas quero que me deixem em paz.

—Basicamente. — O loiro bufou.

Ela levantou o olhar para o homem. Parecia ser o mais franco do grupo. — Não tem ideia. Faça-me um favor. Afaste-se. — Ela devolveu o olhar sério. — Quatro homens que rodeiam uma mulher se vê ameaçador como uma merda para minha espécie. Os seres humanos pensarão que são predadores sexuais ou algo assim. Não terei que fazer uma cena se ficarem por muito mais tempo. A presença de vocês o fará.

—Quero que fique de pé e me siga até o carro. Vamos ter uma conversa privada.

—Isso não irá acontecer. Não estou de humor para ser sequestrada. Obrigada pelo convite. Não estava brincando quando disse que poderia gritar.

—Está blefando.

—Não estou. Tente me forçar a sair daqui e será o protagonista de um vídeo na internet. —Ela hesitou, observando-o. —Nenhum de nós quer isto. Conheço outras raças por toda minha vida e sempre mantive o segredo. Entendeu? Está merda não é necessária.

Sua boca se apertou. —Conhece o que?

Iria se fazer de idiota agora? Ela queria fazer uma careta, mas se conteve. Lycans podiam ser arrogantes. —Pelo menos sabe o que está cheirando em mim?

Ele franziu o cenho, mas viu a incerteza em seus olhos.

—Talvez não sentiu este cheiro antes. Eu o ajudarei. VampLycan. — Sussurrou. — Ele é um executor. Você não quer que o pegue comigo, porque iria desejar sua morte e conseguiria. Não sou uma fugitiva. Cresci com ele e somos amantes. Precisou fazer algo para seu clã, mas voltará para mim logo. Por isso estou sozinha. Acredite em mim. Você deveria me deixar. Está tudo claro agora?

O homem empalideceu quando falou. Engoliu saliva e ficou de pé. —Sim.

—Fantástico. Estamos bem?

Segurou a alça de sua mala. — Sim.

Olhou os três lycans com ele. Olhavam entre si temerosos também. Às vezes a verdade era a melhor forma de enfrentar uma situação. — Tenham um bom dia. — Ela disse.

Saíram, avançando rapidamente para longe dela. Uns minutos mais tarde, viu Micah. Foi diretamente para ela. —Temos que sair agora.

—Encontrou com o quarteto? — Ela agarrou sua mochila e se levantou.

Ele a olhou com a boca aberta.

—Certo. Pararam para conversar comigo. Cuidei deles.

—Está bem? —Ele abaixou o olhar por seu corpo.

—Estou bem. Pareciam pensar que era um vira-latas que precisavam disputar.

—Como lidou com eles?

—Tivemos uma conversa franca. Expliquei sobre Wen, sem falar seu nome, que arrancaria suas cabeças e empurraria onde o sol não brilha se me incomodassem.

Os olhos de Micah se abriram mais. — Está louca?

—Fui um pouco mais educada que isso. Fiz uma versão resumida.

Agarrou seu braço e a arrastou para a porta de saída. — Aquele era Mace Mason.

—Bonito nome. Quem é ele?

—O filho do alfa local, viajava com sua equipe de segurança. — Ele a empurrou para fora e a levou ao estacionamento até um sedan cinza. Entrou no assento do motorista, virou-se e lançou sua mochila no banco de trás.

Percebeu que era alugado enquanto ia para o lado de passageiro. Estava aberto, ela entrou e colocou sua mochila também no assento de trás. —Onde está o fogo? Eu te disse, lidei com eles. Deixaram-me em paz.

—Feche a maldita porta e coloque o cinto de segurança. Ameaçou o filho de um alfa, porra. — Ligou o motor e esticou o pescoço ao redor, olhando por todos os lados.

Ela fechou a porta e colocou o cinto de segurança. —Disseram que iriam embora.

Micah grunhiu, dando ré no carro. — Saí por apenas quinze minutos.

—Está sendo paranoico. Às vezes, a honestidade é a melhor coisa. Sua mãe nunca o ensinou isso? Eles não irão se meter conosco.

—Não arriscarei. Vamos para sua casa, pegaremos algumas roupas e logo vou levá-la para minha matilha. Esteve alguma vez no Colorado? Pois está a ponto de conhecer.

—Está exagerando, Micah. Tem medo de VampLycans e deixei claro que estava com um.

—Prefiro ser paranoico que ser atacado por uma matilha. Temos alianças com algumas. A matilha de Mason é uma delas. Mace me viu. Ele conhece meu cheiro e agora o seu. Poderiam tentar localizar-nos, já que estamos perto de seu território. Wen teria meu traseiro se algo acontecesse com você, Gerri.

Suspirou, não estava com ânimo para brigar com ele. —Nunca estive no Colorado. Bom, ao menos não faltarei ao trabalho já que Wen conseguiu que me despedissem.

Wen estava furioso enquanto andava pelo quarto. —Não posso ir para casa agora, Trayis. Eu disse. Preciso proteger Gerri até meu cheiro sumir dela.

—Ainda está apaixonado por ela? Está pensando em levá-la para casa se permito que vá atrás dela? É seu plano? Pegá-la e voltar?

—Sabe que não é possível.

—Ainda a ama, Wen? É óbvio que sim, já que ela estava com você.

—Isso é irrelevante. Não posso me acasalar com Gerri. Sabe porquê.

—Não é hora de enfrentar seus pais?

—Porra, não é tão simples assim, Trayis. Você sabe. Eles nunca a aceitariam.

A voz de Trayis era calma. —Você não é Gerbin. Não é natural para eles o tratarem como se fosse. Permitiu que ditassem sua vida. Sempre foi um assunto pessoal e familiar, no qual não entrei porque era seu dever para com o clã. —Parou. — Até agora.

—O que significa isso?

—Ofereceu-se como voluntário para esta missão com Gerri em mente, verdade? Por isso foi vago sobre os detalhes de como convenceria Horton que era um desgarrado. Planejou convencê-la a ir a esta missão com você, assim poderia passar tempo com ela.

Descoberto. Não tentou negar. —Fiz o trabalho. Horton está morto e a matilha de desgarrados não será mais um problema.

—Colocou em risco Gerri e a arrastou para assuntos VampLycans. Tem alguma ideia de quanta merda enfrentei quando concordei em deixar Carol levar sua filha? Os anciões achavam que fosse uma ameaça para nós, pois sabia de nossa espécie. Não podia forçar Carol a ficar e tenho certeza como o inferno que não iria matá-la. Seu pai sugeriu isso, claro. Argumentou que ambas eram ameaças ao nosso clã e se ofereceu para matá-las.

Wen grunhiu. Não se surpreendeu. Seu pai nunca gostou de seus sentimentos por Gerri.

Trayis continuou como se não o houvesse interrompido com seu ataque de ira. —Tinha fé que Carol e Gerri fossem dignas de confiança. Nenhuma vez nos últimos quinze anos houve um problema, até agora.

—Gerri não é uma ameaça para o clã. Ela nunca nos trairia.

—Eu sei. — Disse Trayis. —Porra, de entre todas as fêmeas do clã que enfrentou o líder, era a melhor. Gerri nunca jogou jogos mentais com as crianças ou causou problemas. Preocupava-me com ela constantemente, porque ainda que fosse frágil e dócil, não era como as outras crianças VampLycans. Merda, levou-a para um ninho e uma matilha de desgarrados? O que estava pensando? Exijo uma resposta agora mesmo.

Wen tentou se acalmar.

—Responda-me. — Disse Trayis.

—Eu queria passar tempo com ela. — Admitiu Wen.

—Não podia fazê-lo sem colocá-la em perigo? Obviamente queria ficar com ela. Não podia tê-la visitado? Porque porra a levou a uma de suas missões perigosas? O que deveria fazer com você se a houvessem matado? Malditos desgarrados, Wen. Eles não têm honra.

—Ela não foi ferida.

—Poderia ter sido!

Wen se encolheu e afastou o celular da orelha quando o líder do clã gritou. —Não teria permitido que isso acontecesse. Porque está gritando?

—Gerri foi criada neste maldito clã sob minha proteção. Prometi a Klentz quando a trouxe aqui como um bebe que faria todo o possível para mantê-la sempre a salvo de outros VampLycans. Apenas nunca imaginei que teria que protegê-la de você. Estou dando uma ordem direta para voltar para casa, Wen. —Trayis fez uma pausa. — Seu traseiro deve estar no primeiro voo comercial para Washington e a caminho do Alasca. Não precisa ligar para Micah ou Gerri. Entrarei em contato com meu irmão, pedirei que deixe Micah como guarda e assegure-se que esteja a salvo até que possa cheirar como humana novamente. Não precisa se preocupar, ela é minha prioridade. Agora traga seu traseiro para casa.

Trayis desligou. —Porra! —Wen estava tão louco, que esmagou o celular na mão.

Do outro lado do quarto, Graves levantou os olhos do notebook. — Fez alguns pontos. Colocou um ser humano em perigo.

Wen sabia que seu primo ouviu provavelmente a maior parte da conversa com sua audição lycan. —Não pedi sua opinião.

Graves encolheu os ombros. —Não foi sua melhor semana. Irritou o líder do clã e sua advogada gostosa. Tudo por Geraldine. Quer conversar sobre isso? Nunca perguntei porque não queria me intrometer. Não gosto de ser um saco de pancadas.

—Deixe assim.

Graves voltou a digitar no teclado. —Quer que reserve um voo para Anchorage e contrate um piloto dali para casa?

—Não. Eu o farei.

—Acabou de destruir seu celular.

—Comprarei outro ou usarei o telefone do hotel.

Graves suspirou. —Não foda Trayis. Aceitou já sua quota de estupidezes. Está muito irritado. Sabe que meu irmão manterá esta mulher segura.

—Disse que iria ficar com ela. Não Micah. Mantenha-se à margem.

—De nenhuma forma. Trayis acaba de dar-lhe uma ordem direta. Não quer fodê-lo, sobretudo porque Arlis é seu meio-irmão. São próximos. Se irritar mais nosso alfa, conseguirá um problema maior ainda. Não preciso do meu traseiro entregue a Arlis porque está de mau humor. Seria uma merda muito pior se ordenasse prender seu traseiro e o transportasse para a casa a força. Não gosto de fazer isso com a família.

—Que porra está fazendo aqui? Não te chamei.

—Eu disse que Micah o fez.

—O que ele disse?

—Para trazer meu traseiro para Washington porque precisa de ajuda. Não precisei ouvir mais. Adoro viagens por estradas. —Graves girou em seu assento para olhá-lo. — Então... Geraldine?

Wen sentou-se na cama. —Gerri. Ela odeia ser chamada assim. Sua mãe costumava usar esse nome quando ela entrava em problemas.

—Ela é realmente sua companheira?

Wen assentiu.

—Porque não a reivindicou?

—Meus pais.

—Amo meus pais, mas não me importa um caralho se não concordam com o que faço. Poderiam lidar com isso ou me esquecer. Ainda teria minha companheira em minha cama todas as noites, primo. Não é justo que se negue por esta merda. Uma companheira é sua prioridade se a encontra.

—Seus pais são muito mais suaves que os meus.

Graves inalou. —Na realidade não, mas a diferença é que eles sabem que nunca devem ultrapassar os limites conosco. Você deixou as linhas ficarem borradas, Wen. Nunca deve ficar entre um homem e sua companheira. Sabe que a família é tudo para mim. Eles são minha motivação para continuar fazendo o que faço para a matilha. — Seus olhos ficaram negros e logo cinza azulado. —Estou morto por dentro para todo o mais. O preço que paguei por esta posição. Não me arrependo, mas pode apostar seu traseiro que se sentir por uma mulher algo mais profundo que luxúria temporária, iria machucar qualquer um que tentasse afastá-la de mim. Sem importar quem.

Um arrepio percorreu as costas de Wen. Ele sabia o que Graves fazia por seu alfa e o que era capaz de fazer. —Mesmo Micah?

Graves de repente sorriu. — Ele nunca seria tão estúpido. E não é como se tivesse uma oportunidade no inferno de encontrar uma companheira, de qualquer forma.

—Não sabe com certeza.

—Sei. Precisa ter um coração para encontrar o amor. Perdi o meu no dia que foi atacada nossa matilha.

Wen ficou olhando seu primo, horrorizado. — Amou alguém que morreu. —Imaginava.

Graves se virou para o computador. —Vá para casa, Wen. Ajudarei meu irmão a cuidar da mulher que é muito tolo para reivindicar.

—Não é assim.

—Certo.

Wen grunhiu. —Iria matar meus pais se me acasalar. Que tipo de merda de escolha é essa?

Graves o olhou. — Uma que se verá obrigado a fazer. Não o fará realmente, homem. Pense nisso.

—Meu pai é um ancião. Trayis não iria permitir que o desafiasse.

Graves continuou escrevendo. —Nossa matilha sempre poderia apoiá-lo.

—Sabe que não posso sair do meu clã.

—Não luta pelo que ama, primo. É muito triste.

Wen parou outra vez, olhando a tela do notebook. — Está jogando um maldito bingo e conversando com outros jogadores enquanto me dá conselhos sobre minha vida?

Graves encolheu os ombros. —Pelo menos estou fazendo algo que tenho a oportunidade de ganhar e fazendo amigos ao mesmo tempo. Você? Nada.

Wen grunhiu.

Capítulo Quatorze

Gerri ficou nervosa ao entrar na cabana. Ficou com a boca aberta quando viu os registros ao longo das paredes e as enormes vigas de madeira. Micah fechou a porta com o pé, colocando para baixo suas mochilas.

—Estão aqui!

Ela lhe lançou um olhar assassino.

Ele sorriu. —Sinto muito. Você tem ouvido humanos. Foi muito forte mesmo para você?

Uma porta se abriu de uma vez a direita e um homem alto e musculoso saiu. Tinha o cabelo negro, olhos castanhos e ao instante soube que era provavelmente o pai de Micah. Seus traços faciais eram muito parecidos. Usava uma camisa de flanela vermelha que estava dobrada até os cotovelos, jeans surrado e estava descalço. Observou Gerri com um olhar curioso, logo olhou para Micah.

—Mandy foi até o supermercado e deve voltar logo. — Deslizou o olhar para Gerri. — Sou Angelo, o irmão mais velho de Micah.

—Oh. —Não tinha certeza sobre os costumes lycans, a matilha na qual esteve sua mãe não era uma normal. Não lhe ofereceu a mão, assim que ficou para trás e se limitou em balançar a cabeça. —Sou Gerri. Prazer em conhecê-lo.

—Pare, papai. Não há nenhuma razão para mentir. Ela sabe que somos lycans. E tire os tampões do nariz. Estava com seus modelos de barcos novamente, verdade? Sei que está merda fede. Tome um pouco de ar.

Angelo a olhou novamente. Virou de costas para eles, estendeu a mão e tirou os tampões do nariz. Ele os colocou no bolso da frente e logo se virou e abriu o nariz.

Gerri sorriu. — Claro que poderia passar por seu irmão. Não precisa fingir. Sei que Micah não lhe disse nenhum detalhe quando ligou para dizer que me traria com ele. Ele fez a ligação no carro comigo junto a ele. Na verdade, fiz parte do clã de Trayis. Assumo que sabe quem é?

—Claro. — Angelo se aproximou. —É uma mestiça? Estou sentindo cheiro de humano, mas também o cheiro de Wen.

—Humana completa. Minha mãe se acasalou com um VampLycan. Era tinha quase um ano quando se conheceram. Ele me adotou. Quanto a Wen, é uma longa história.

Angelo disparou a seu filho um olhar confuso. —O que está acontecendo?

—Vamos falar mais adiante. Estamos morrendo de fome e estou esgotado. Estamos dirigindo desde ontem para chegar aqui.

—Ele não me deixou dirigir. —Murmurou Gerri. —E não parou, exceto para abastecer, comer e ir para banheiro.

—Tenho melhores reflexos que você. —Micah deixou cair as mochilas e aproximou-se de seu pai, abraçando-o.

Gerri sentiu um pouco de inveja quando os dois homens se abraçaram. Era óbvio que eram uma família unida. Angelo se afastou e segurou o cabelo de Micah, sorrindo quando se separaram. —Sua mãe acha que está trazendo para casa uma mulher para nos surpreender.

—Merda. Disse que estava protegendo uma mulher e queria que ficasse com você, já que está sozinha. Não seria apropriado que Gerri ficasse na minha casa. É uma cabana de apenas de um quarto. Nem sequer tenho uma porta para o banheiro. Porque merda iria fazer isso?

Angelo hesitou antes de falar. —Você conhece sua mãe. Ouve o que quer. Disse que traria alguém para casa e tem razão, não seria apropriado levá-la para a sua, a menos que fossem se acasalar. Assumimos que ela seria uma importante namorada humana com a qual planeja se vincular e queria nossa aprovação.

—Ela está realmente no supermercado?

Angelo bufou. —Mais ou menos. Foi comprar roupas mais humanas para impressionar sua *namorada*. Disse que ela se veste bem, mas sabe como é. O fato de que finalmente poderia conhecer uma mulher a fez começar a planejar uma cerimônia de acasalamento. Você ligou depois que as lojas se fecharam a noite e queria estar ali na primeira hora da manhã quando abrissem. Não esperávamos que chegasse em mais uma hora.

—Merda. —Micah grunhiu.

—Ela ficará decepcionada, mas ao menos sabe que daria as boas-vindas a uma humana.

—Obrigado papai. —Micah franziu o cenho.

—Ela realmente quer netos.

—Eu sei. Acredite em mim. Ouvi isso antes. —Micah fez uma careta. — Porque não pode lhe dar outro bebe?

Angelo levantou as mãos, retrocedendo. —Nem sequer vá por aí. Tenho a sorte de ainda ter bolas depois de todo o trabalho. Ela está ameaçando cortá-la com suas garras. —Olhou para Gerri, enquanto suas mãos caíam dos lados. — Micah levou cerca de dezesseis horas para nascer. Estabeleceu um recorde de partos lycans dentro de nossa matilha. É um pouco teimoso.

—Não é minha culpa.

—Você perguntou. Estou lembrando-o. Encontre uma companheira e deixe-a grávida. E confie em mim, escolha uma humana. São menos assustadoras que sua mãe. Tenho cicatrizes. Ela me cortou enquanto estava em trabalho de parto, sentindo dor. —Olhou para Gerri, inclinando a cabeça. — Você tem o aroma de Wen, mas não é forte o suficiente para terem se acasalado. — Sente-se atraída por meu filho?

—Nem sequer pense nisso, papai. —Micah negou com a cabeça.

—O que? É evidente que gosta de Wen o suficiente para não a espantar. Você é menor e menos intimidante. Não por muito, mas conta para as mulheres. — Angelo deu a volta por seu filho para ficar mais perto de Gerri. —Furou o preservativo? Acontece. Quanto tempo faz? Devemos ser capazes de dizer se ficou grávida dentro de três dias. Se não estiver carregando um VampLycan, gostaria de ter bebês lycans? Micah seria um excelente companheiro.

—Porra! —Micah ficou entre eles. —Pare. Está me envergonhando. Gerri não me quer. Ela e Wen...

—Não irá se acasalar com ela a menos que a engravide. Todos sabemos isso. —Angelo saiu do caminho, olhando para Gerri novamente. —Meu filho, ao contrário, iria. Não permita que o que disse de sua cabana a faça sair correndo. Ainda pode construir algo nessa área. Podemos conseguir trabalhadores e fazer uma casa muito agradável dentro de uma semana. Inclusive posso pagar do meu

próprio bolso para agregar uns quantos quartos durante a gravidez. Não há problema.

—Papai!

—Não, obrigada. —Gerri disse, divertida e horrorizada ao mesmo tempo.

—Encontrou Graves? É meu outro filho. Ele não é tão amigável quanto Micah, mas é um homem bonito.

—Papai, pare! Está sendo pior que a mamãe.

Angelo se virou para ele, grunhindo. —Ela está me deixando louco. Arrume uma companheira ou encontrarei uma para você, apenas por um pouco de tranquilidade. Sabe o que se sente ao ouvir todos os dias a mesma coisa? Ela está me culpando! Acha eu não fui um bom exemplo para meus meninos de como é feliz um homem acasalado.

Ambos pararam de repente, girando a cabeça para a porta principal. Gerri seguiu seu olhar e a porta se abriu. Uma pequena mulher loira entrou, três sacolas estavam em uma mão. Usava um vestido de verão, um grande chapéu e óculos de sol.

—Olá! Estou em casa, amores. —Ela deixou cair as sacolas, tirou os óculos e deixou a bolsa sobre a mesa ao lado da porta. —Estamos felizes em conhecê-la! Sou Mandy. — Sorriu com grandes olhos azuis fixos em Gerri. Ela cambaleou um pouco nos saltos altos, como se não estivesse acostumada a usá-los.

—Merda. —Murmurou Micah.

Mandy ficou sem folego. —Micah! Que vergonha. Eu o criei para ser um homem melhor, jovem. Nunca fale palavrões diante das damas. —Ela seguiu avançando, sem parar até que ficou na frente de Gerri. Seus olhos se abriram mais e cheirou algumas vezes. A cor desapareceu de seu rosto.

—Sim, está sentindo o cheiro de Wen sobre ela. —Suspirou Micah. —Gerri não é minha namorada, ainda que seja humana. Ela sabe o que nós somos e não precisa deste ato. Realmente a estou vigiando para Wen. Ele está ferido, mas virá buscá-la.

Gerri mordeu o lábio inferior e logo ofereceu a mão. —Prazer em conhecê-la.

Mandy levantou a mão lentamente e a apertou, logo deixou-a ir.

—Aprecio o trabalho que teve, apesar de tudo. —Acrescentou Gerri. — Tem uma linda casa.

Mandy fulminou Micah.

—Que porra tem nos pés? — Angelo foi para frente. —Está tentando torcer um tornozelo? — Ele apenas agarrou a mulher muito menor e a levantou, levando-a para uma cadeira. Ele suavemente a depositou ali, agachou e levantou os sapatos. —Saltos? Parecem um instrumento de tortura. Vou tirá-los.

—Explique-se, Micah. — Sua mãe exigiu.

—Você assumiu errado. Lembra do que eu disse?

Angelo virou a cabeça e grunhiu, mostrando as presas. —Não chame sua mãe de idiota. Ela tinha esperança. Nós dois tínhamos.

Micah deu um passo ao lado de Gerri. —Conheça meus pais loucos.

Gerri tinha a sensação de que seria uma estadia interessante. Esperava que Wen aparecesse logo.

—Está o quarto bom?

Gerri se afastou do armário onde estava guardando sua mochila para ver Micah entrar no quarto pela porta aberta do corredor. —É perfeito.

—Sinto muito pelo que aconteceu abaixo.

Ela sorriu. —São realmente muito doces.

—Para pessoas loucas?

—São agradáveis. Tenho que admitir que sua mãe não era o que esperava. Tanto você como seu pai parecem ter um pouco de medo dela. Ela é pequena para uma lycan. Ela se transformou?

—Não. Não deixe que te engane. Pode ser a menor da matilha, mas dá medo algumas vezes. Posso? — Apontou para a cama.

Ela concordou e sentou-se a poucos passos dele. Havia uma mesa e uma cadeira perto da janela, mas era um quarto grande, assim ficou perto para que não tivessem que falar alto.

—Tenho que admitir que estou curiosa.

Micah arqueou uma sobrancelha. —O que?

—Como se veste sua mãe normalmente?

Ele riu. Ela adora roubar as camisas do meu pai, que parecem vestidos nela. Não somos tão restritos sobre a modéstia, como os seres humanos ou tão na moda. Suas boxers também. Odeia sapatos durante o verão. No inverno, sempre usa botas grossas.

Gerri riu. — Espero que use algo mais que a camisa de seu pai no inverno.

—Ela rouba suas jaquetas. Ele tem dezena delas. É uma coisa de aroma. Estão realmente apaixonados.

—Pude ver isso.

—Sinto muito sobre o que meu pai disse sobre Wen.

Ela soube ao instante o que quis dizer. —Que não irá se acasalar comigo? É verdade. Não precisa se desculpar.

—E a observação sobre a gravidez. Não posso acreditar que mencionou isso.

Ela o observou. Parecia irritado. —Ei, não se preocupe com isso. É compreensível pensar que Wen não teria o propósito de... bom, já sabe. Eu cheiro a ele e apenas há uma forma disso acontecer. A ruptura de um preservativo o explicaria. Seus pais não sabem nada sobre a missão na qual estávamos, verdade?

—Não. Não compartilhamos as missões de Wen com nossos pais ou a matilha. Ainda estou preso a isso. Deveria tê-la levado a minha cabana, mas aqui é mais cômodo. Não sabia que meu pai a tentaria subornar. Juro que não sou tão patético para precisar que meus pais tentem me comprar uma mulher.

Ela se apiedou dele porque parecia miserável. —Tenho uma história parecida. Quer ouvir?

Ele concordou. —Claro, mas é difícil acreditar. Seus pais tentaram comprar-lhe um marido?

—Não, mas minha mãe se uniu a uma matilha que não acredita em companheiros ou ter uma relação monogâmica. Ficou louca quando não quis me abaixar e deixar que me fodessem também. Por isso não estou em sua vida mais. Saí antes que me visse obrigada a isso.

Sua boca se abriu e seus olhos ainda mais.

—Seus pais não são ruins, Micah.

—Sinto muito, Gerri. Fala com ela? Vê?

Ela balançou a cabeça. —Temo que se ligar para a matilha, irão me dizer que está morta. Não quero saber. Gosto de imaginar que está bem e as coisas saíram como ela queria. De certo modo, faz-me uma covarde, mas é tudo o que tenho no que diz respeito a família.

—Acha que a matariam?

—Não é isso. Ela é humana, mas lhes dá seu sangue, já que odeia envelhecer. Ela o faz enquanto dorme com eles.

Amaldiçoou baixo. —Não sabe o perigoso que é?

—Sim. Mas as rugas lhe dão mais medo.

—E seu pai biológico?

—Minha mãe trabalhava em uma galeria de arte, onde ele tentava vender suas pinturas. Suponho que era encantador e atraente o suficiente para que se apaixonasse por ele. Foi morar com ela. Ela descobriu que estava grávida e ele foi embora. Não queria ter esta responsabilidade. Ela tentou segui-lo para conseguir uma pensão, mas não encontrou nada, o nome que lhe deu não era real. —Ela encolheu os ombros. —Minha mãe foi adotada por um casal mais velho, que morreram quando estava na universidade. Ficamos apenas ela e eu depois que Klentz morreu. Às vezes gostaria que não tivesse abandonado o clã.

—Klentz era seu companheiro, verdade?

—Sim. Amava-o muito. Nunca me tratou como se não fosse sua verdadeira filha. Ela poderia ter se acasalado com outro VampLycan se tivéssemos ficado. Poderia ter...

—O que? Não pare, Gerri.

—É uma estupidez, mas sempre pensei que se fosse capaz de ficar, Wen teria se acasalado comigo. Não sabia que seu irmão estava morto.

—Ele a ama, Gerri.

Ela o olhou com cumplicidade. —Não é o suficiente, no entanto, verdade? Ouviu notícias dele?

—Não. Falei com Grave, no entanto. Você não perguntou, assim não disse nada, mas... Wen foi enviado novamente ao clã. Pediram que a mantivesse

comigo até que o cheiro dele sumisse e fosse seguro voltar a sua vida. Mas tenho certeza que irá entrar em contato assim que puder.

Deus, isso doía. Wen quebrou sua promessa de ficar com ela e sinceramente duvidava que alguma vez voltaria. Ficarem juntos, sabendo que não teriam futuro era muito doloroso para os dois. —É melhor se nunca nos encontrarmos novamente. —Ela conseguiu dizer. As lágrimas encheram seus olhos.

Micah se aproximou mais e a puxou para seus braços. —Pense em mim como um irmão mais velho neste momento. Venha aqui.

Ela não precisou de mais estímulo. Inclinou-se e começou a chorar. Ele a abraçou com força, acariciando suas costas.

Wen chegou em casa à noite. Foi direto para a casa de Trayis e chamou-o. Surpreendeu não ter nenhuma resposta. Voltou para sua casa e abriu a porta. Uma nota estava na porta. Leu as palavras.

Encontre-se comigo às 14h amanhã. Vá falar com seus pais. É uma ordem. T

Estava furioso enquanto girava a maçaneta e entrava em casa. Esta era a última coisa que precisava depois de ficar em um avião cheio de seres humanos e logo esperar seis horas por uma aeronave menor que o levasse para casa. Com certeza não queria dirigir mais horas do aeroporto humano para chegar a seu território, assim coagiu o piloto a voar mais cedo que o previsto. Tinha uma dor de cabeça pela coação e o controle do homem por várias milhas e isso tomou muito dele.

Tudo em podia pensar era Gerri. Ele sabia que Micah a manteria a salvo, mas estava irritada por não estar com ela? Partia seu coração imaginando seu choro ou pior ainda e se fosse louca o suficiente para sair da proteção? Gerri era temperamental. Ela também podia ser irracional. Acendeu as luzes e foi para o quarto, tirando a roupa no caminho.

Ele deixou a roupa no chão e abriu o chuveiro, sem esperar a água quente cair. Pelo saiu por sua pele e ele mudou. Um uivo saiu de seus lábios e sacudiu o corpo, enviando água para os lados. A necessidade de mudar novamente golpeou, mas lutou contra ela. Do contrário, poderia destruir as paredes de

azulejos ao redor dele com os punhos. Apenas queria ligar para Gerri, ouvir sua voz, assegurar que estivesse a salvo.

Um ruído o fez girar, seu corpo ficou em alerta.

Um homem alto entrou no banheiro e franziu o cenho, logo se apoiou na parede.

—Está bem? Ouvi um uivo enquanto passava pela porta.

Mudou e se levantou. —Que porra faz aqui, Tymber?

—Assegurando que chegasse em casa. Esperávamos que aparecesse a qualquer momento.

—Meu piloto teve que esperar um pouco.

—Odeio quando isso acontece. Parece uma merda e esqueceu de fechar a porta. Poderia ser alguém enviado por seus pais. —Tymber sorriu, seu olhar percorrendo Wen, logo indo para seu rosto. —O bom é que você não é meu tipo, já que está nu. Está tentando facilitar para eles? Pronto para deixar uma VampLycan grávida?

—Foda-se. — Wen virou as costas para o executor e pegou o sabonete. Despejou a maior parte do líquido em si mesmo, agarrou uma toalha e começou a esfregar.

—Irá arrancar a pele se não tiver cuidado. Está irritado? Foi uma brincadeira. Era para rir.

—Não estou de humor.

—Eu vejo. Está irritado por Trayis ter lhe enviado para casa ou estranhou não ter que afugentar uma mulher que seus pais enviaram para esperá-lo?

—Nenhum dos dois. — Wen cheirou, logo alcançou o sabonete, esfregando mais forte.

Tymber saiu da parede e se aproximou, quase entrando no chuveiro com ele. Levantou o braço, puxando a camisa para expor a pele justo debaixo do cotovelo.

Wen franziu o cenho.

—Nenhuma quantidade de sabonete irá ajudar. Seus olhos estão negros e está agitado como a merda. É o cheiro fraco que estou sentindo, verdade? Mas não é todo humano. Sei que Trayis enviou Sherry para dar-lhe sangue, mas

recentemente estive com Gerri. Morda-me. Quer mascarar o cheiro da advogada humana.

Wen grunhiu.

—Pode esperar um dia e desaparecerá ou pode desfazer-se dele agora. Sua escolha.

Ao menos deixe que coloque uma toalha ao redor da cintura.

Tymber riu. —Trabalhamos juntos. Eu o vi mil vezes sem roupa depois que mudamos. Nem sequer noto a não ser para lhe dar merda. Começou a ficar tímido depois que passou tempo com os humanos?

—O sabor do sangue nos deixa excitados, independente da circunstância. Vou pegar uma toalha.

Tymber riu e retrocedeu. — Eu o vejo na sala. Vista uma calça. Alguém pode entrar e seria incomodo. Não fechei a porta, sabe.

Wen fechou o chuveiro e pegou uma toalha. A dor de cabeça continuava piorando. Secou a pele quando entrou no quarto, vestindo um jeans. Tymber esperava na sala, como prometeu.

—Tem certeza disso? Não precisa me oferecer sangue.

Tymber concordou. —Somos uma família como executores e cuidamos um do outro. Poderia fazer o mesmo por mim se tivesse uma mulher em minha mente, mas estivesse com o cheiro de outra. Quão ferido estava? Parece completamente curado.

—Estava muito fodido. A matilha lycan lutou muito, provavelmente aprenderam táticas com os vampiros de merda com os quais estavam.

—Quantas mordidas?

—Não sei. Não contei exatamente.

—Acho que precisou de uma grande quantidade de sangue. —Tymber estendeu o braço novamente. —Pode cheirar como eu, mas não deve incomodar.

Wen respirou fundo e logo exalou. —Agradeço. Apenas devemos morder um ao outro em situação de vida ou morte.

—A sanidade conta. Deixe isso de lado e o faça. Não iria querer levar o cheiro de alguém que me irritou.

Wen segurou o braço de seu amigo, fechou os olhos e deixou as presas saírem. Não lambeu Tymber antes de afundar as presas. Apenas o mordeu. Seu coração pulsava com força e a adrenalina disparou através de seu corpo. Soltou-se assim que pensou ter tomado o suficiente e retrocedeu.

Tymber lambeu o próprio braço, selando a ferida e iniciando o processo de cura. — Tem certeza que foi o suficiente?

Wen concordou. — Obrigado irmão.

Tymber moveu-se para a cozinha. — Com fome? — Abriu a geladeira. — Farei algo.

Wen o seguiu e pegou dois copos no armário. — Tenho algumas coisas para um sanduiche. Comprei antes de sair, pensando que não gostaria de caçar ou fazer comprar quando chegasse em casa. Pode comer comigo.

— Estou com um pouco de fome.

— Trayis ordenou que falasse com meus pais.

— Eu sei. — Entregou a Tymber queijo, maionese e pão. — Acho que tenho que assegurar que diga a eles que estava com Gerri.

— Merda. Não receberão isso bem. — Wen colocou suco nos dois copos.

Tymber encontrou seu olhar. — Como ela está? Encontrou um lugar maior?

Dor apertou o peito de Wen. — Não muito bem. — A ira veio depois. — Ela mora em um apartamento de merda em um bairro que cheira a vampiros.

— Ela não sabe?

— Acha que as paredes de tijolos e as janelas a protegerão, mesmo as portas. Claro, ela dificultou para eles, mas ainda podem chegar a ela.

Tymber abaixou o olhar, montando seis sanduiches e colocando no balcão. Wen pegou dois pratos no armário. Sentaram-se no balcão para comer uns minutos mais tarde.

Tymber foi o primeiro a falar. — Sei que será um inferno que pagar, mas é hora de levá-lo para ver seus pais. Rejeitou o que sabe ser verdade o suficiente pela culpa e o dever. Finalmente procurou por seus cachinhos dourados. Ela é sua verdade? Não é apenas uma paixão de infância.

Wen contemplou os dois sanduiches em seu prato. — Papai irá querer que a mate. Mamãe também. Que tipo de merda é a escolha que tenho que fazer? São

meus pais. Meu pai é um ancião. Trayis não terá outra opção que me castigar ou proibir minha estadia no clã.

Tymber não disse uma palavra, assim, finalmente Wen o olhou. Viu a tristeza em seus olhos.

—Não invejo a situação que se encontra, Wen. Mas você não foi quem fez algo errado, assim não haverá repercussões da parte de Trayis. Mandro e Elna não tinham direito de fazer isto com você. Você não é seu irmão. É cruel, o que fizeram. É um bom filho. Todo mundo neste maldito clã podia ver o quanto Gerri significava para você. Você a protegia. Todos sabíamos que iria atrás dela quando crescesse e a traria de volta ao clã. Sabia que Trayis a vigiou e a Carol durante os primeiros anos, assim sabia exatamente onde estava?

Wen não escondeu a surpresa. —Não.

Tymber assentiu. — E sabia que Klentz conversou com Trayis sobre você se acasalar com sua filha?

Wen ficou tenso. —Não.

Seu amigo sorriu. —Klentz sabia que Mandro era contra e temia que seu pai pediria a Trayis para afastá-lo de Gerri. Não ouviu seu pai então, mas estava em formação para se tornar um executor. Foi justo depois do ataque do urso, quando seu pai o castigou por salvar sua vida. Klentz pediu a Trayis que nunca o proibisse de ver Gerri. Ele sabia o quão profundo eram seus sentimentos por ela e apenas ficavam mais fortes a medida que os anos passavam.

Wen fechou os olhos. —Ele nunca disse uma palavra. Nenhum deles.

—Ouvi Klentz conversar com Trayis.

Wen abriu os olhos. —Qual foi a resposta de Trayis?

—Disse que nunca pediria a alguém de seu clã para negar um companheiro, independente das linhas de sangue ou se irritasse um ancião.

Wen deixou o conhecimento se afundar.

—Klentz também mencionou as possíveis consequências de terem crianças humanas. Ele sabia que Mandro assumiria que seus filhos seriam fracos se fossem como sua mãe e teria que usar esta desculpa para fazer nosso líder de clã ficar do lado dele. —Sorriu Tymber. — Quer saber o que Trayis respondeu?

Wen concordou. Era uma razão válida para não se acasalar com um ser humano. O clã dependia dele para criar jovens fortes para a próxima geração de executores.

—Trayis disse que não é a força que faz um bom VampLycan, mas o que está em seu coração. Qualquer criança nascida de um amor tão puro como o que viu, com certeza estaria destinada a grandeza. A capacidade de mudar ou não, não era uma preocupação para Trayis.

Wen sentiu lágrimas nos olhos. Olhou para o outro lado. —Conversarei com meus pais. É hora de sair da sombra de Gerbin.

—Sim. É a maldita hora.



Capítulo Quinze

Gerri acordou assustada. O quarto ainda estava escuro e ela percebeu o perigo. Um arrepio percorreu suas costas. Queria acender a luz da mesinha ao lado, mas puro medo a manteve congelada.

Apenas durou alguns instantes. Ela empurrou as mantas, levantou-se da cama e lançou-se no canto mais perto. Seus punhos se fechou enquanto ela dava a volta, disposta a lutar com o que fosse que a acordou. Estava tão escuro no quarto que ela não podia ver muito.

—Calma. — Uma voz profunda ecoou. —Não estou aqui para machucá-la.

Ele era um homem. Não sabia quem ou o que era, mas sabia que não era humano. Ela ajustou um pouco a cabeça para tentar seguir a voz. Estava em algum lugar perto do final da cama, se tivesse que adivinhar.

—Tem bons instintos e gosto disso, ficou consciente quando entrei e logo protegeu suas costas. É uma pose defensiva. Apenas posso chegar a você pela frente.

Sua mente correu pelas possibilidades. —Tenho permissão para estar aqui. Você realmente não quer se meter comigo. — Ela engoliu, com a esperança de Micah percebesse que estava com problemas e fosse em sua defesa. Era tentador gritar, mas o homem em seu quarto não a atacou até agora. Ele o faria se pedisse ajuda. —O que deseja?

—Tinha curiosidade sobre você.

Pensou no que sabia até o momento. Disse que não estava ali para machucá-la. Também podia ver na escuridão, já que sabia que estava em um canto.

—Você está cheirando um VampLycan.

—Acho que pertence a esta matilha, então senti o meu cheiro e veio investigar que porra estava sentindo? Agora já sabe. Gostaria de apontar que é muito grosseiro, não importa que raça seja, entrar no quarto de uma mulher no meio da noite. Repense o fato de achar porque cheiro a um homem, estou aberta ao sexo. Teria que me matar, porque lutarei com você e então logo morrerá. Estou protegida.

Ele riu.

—Não estou brincando.

—Sei que não. Você me diverte, isso é tudo. Perdoe minha resposta.

Ela relaxou um pouco desde que estava no final da cama, mas não relaxou as mãos. Entraria em uma luta se tentasse tocá-la. Não era uma que poderia ganhar, mas ela podia tentar se manter com vida tempo suficiente para Micah ou seus pais serem alertados sobre o fato de ter mais alguém em sua casa. Com sorte chegariam logo.

Desejava poder ver. — Sabe que sou humana. Irá acender a luz? Estou cega sem uma, você sabe.

—Irei acender a luz. Pronta?

Ela concordou. A sombra da escuridão se moveu e aproximou. Acendeu a lâmpada junto a cama.

Gerri piscou, para adaptar-se a repentina claridade, logo, ficou com a boca aberta, enquanto olhava o intruso noturno.

Não mudou muito desde a última vez que o viu.

Choque a manteve no lugar por um momento, mas logo deixou cair o queixo, descendo o olhar para o tapete entre eles e levou as mãos dos lados. Ela se afastou da parede e inclinou-se levemente, permanecendo nesta posição.

Aproximou-se dela e percebeu as botas negras que usava, com calça cargo negra. —Olhe para mim, Gerri. — Disse.

Endireitou-se e levantou o queixo. Não era tão alto como Wen, mas ninguém o chamaria de baixo tampouco. Trayis tinha um metro e noventa e cinco. Não podia acreditar que estava no Colorado.

Ele sorriu. — Ainda pinta sobre tela?

Não era uma pergunta que esperava. —Não.

—É uma pena. Tinha um verdadeiro talento quando criança. —Ele estendeu a mão e tocou seu cabelo. Seu sorriso aumentou. —É tão selvagem como sempre. Sua mãe costumava tentar muito domar estes cachos, mas sempre saía das tranças.

O medo veio depois. —Wen está bem? — Estava ali para dizer algo horrível? Não podia entender porque outra razão para o líder do clã estaria ali.

—Ele está bem. Ordenei que voltasse ao Alasca. Tymber me enviou uma mensagem quando Wen chegou a sua casa.

Ela exalou um suspiro de alívio. Logo, o seguinte pensamento sobre porque Trayis estaria ali a golpeou e deu um passo para trás, chocando com a parede. —Está irritado porque fui a missão com Wen, verdade?

Sua boca se apertou em uma linha sombria durante longos segundos. — Furioso. — Finalmente suspirou. —Ele a colocou em perigo.

—Não queria ir embora.

Trayis estendeu a mão. Gerri hesitou e logo a estreitou. Retrocedeu, levando-a para a mesa com cadeiras na janela. As lembranças de sua infância voltaram. Trayis as vezes a levava para passear, perguntando como as outras crianças a tratavam. Sempre foi amável com ela, como uma espécie de tio.

—Sente-se. — Ele a deixou ir.

Gerri sentou-se na frente dele. Trayis colocou as mãos sobre a mesa e se inclinou um pouco para frente. —Como vai a vida humana?

Debateu-se sobre como responder, então decidiu ser honesto. —Não tão genial.

—Sua mãe está bem?

—Não sei. Nos separamos.

Choque se mostrou no rosto de Trayis.

—Ela foi para outra matilha. É uma longa história que não quero contar, mas não fiquei ali. Ela não ia sair.

—Tem filhos? Sei que tem um homem em sua vida humana, ao menos já não, a julgar pelo cheiro de Wen em você.

—Apenas eu.

—Isso facilitará as coisas.

Inclinou-se para frente e cruzou os braços sobre a mesa, olhando-o. — Veio tentar limpar minhas lembranças? Não funcionará a longo prazo. Klentz tentou.

—Lembro que herdou a imunidade de sua mente sobre o controle da mente, ainda que não seja tão forte como ela. A verdade se perde em você, mas sonha com ela até que se lembra da realidade. Não, Gerri. Apenas estou aqui para conversar.

Ela se encolheu por dentro. —Devido a Wen romper as regras por me envolver nos assuntos VampLycan? Sempre mantive os segredos do clã, vivia sob o radar e nunca causei problemas. Não estou a ponto de mudar nada disso agora. Dou minha palavra.

—Wen não deveria tê-la envolvido. Estou irritado com ele sobre isso, mas nunca questioneei sua honra. Jurou guardar silêncio sobre tudo o que aprendeu enquanto crescia. Nunca teria permitido que saísse se tivesse dúvidas. Tem um bom coração, Gerri. Tentei convencer sua mãe que ficasse, mas ela tinha uma ideia fixa. Não gosto de forçar as pessoas a viver conosco.

Ela respirou mais tranquila, relaxada. — Prometo que nunca falarei de Washington. Por isso veio? Para se assegurar que não diga nada?

—Estou aqui para oferecer uma opção.

Isso a confundiu. —Que tipo?

—Era uma criança quando sua mãe saiu do clã. Tomaram decisões que não tinha o direito de interferir. É uma adulta agora. Gostaria de se unir ao clã?

Suas palavras quase a derrubaram. Ela não esperou que fizesse esta oferta em um milhão de anos.

—Pode voltar ao Alasca comigo ou voltar a vida que construiu com os seres humanos.

—Não entendo. Sou humana. Quer dizer, apenas vivi no clã por causa de Klentz.

—Linhas de sangue não me importa. Eu a aceitei no nosso clã, Gerri. Nunca pediria para sair, sua mãe o fez. —Sorriu. — Ainda a considero um dos meus. Pode voltar para casa se quiser. A casa de seus pais continua de pé. A mantemos. O interior não é exatamente o mesmo, já que tivemos pessoas hospedadas ali de vez enquanto, mas pode se mudar novamente. Inclusive tenho um trabalho para lhe oferecer. Nela terá contato com os humanos, já que tem mais experiência no trato com eles melhor que alguém no clã. Viveu entre eles durante quinze anos. Terei que gerenciar as ligações telefônicas e tal, mas sem missões perigosas se aceitar. Eu a quero segura dentro de nosso território.

Lágrimas encheram seus olhos. Houve muitas vezes quando ela desejou mais que nada que pudesse voltar a vida que uma vez teve. Não seria o mesmo, no entanto, já que não tinha família ali.

Logo havia Wen. Seus pais. O medo daqueles que a queriam morta.

Trayis pareceu adivinhar seus pensamentos ou talvez sentiu o cheiro de suas emoções. —Haverá coisas difíceis para lidar, mas você estará sob minha proteção. Ninguém se atreverá a machucá-la. Também ficará perto de Wen.

Percebeu que a cor castanha na íris de Trayis ficou mais dourado, mas logo ficou negro. O que ele estava pensando, estava sentindo diversas emoções também. Não podia sentir seu aroma, mas VampLycans mostrava com os olhos. Não estava tentando mascará-los.

—Isso é complicado. — Sussurrou finalmente.

—Sou consciente, Gerri. Não fico entre pais e filhos, mas Wen é também meu amigo e executor. —Seus olhos ficaram totalmente negros.

—Está irritado com seus pais. — Disse.

—Furioso. É fodido esperar que um filho substitua o que perderam. Fizaram todo o possível para moldar Wen a uma versão de Gerbin. Conversei com Mandro e Elna muitas vezes, mas não quiseram ouvir. Mandro é arrogante. Elna é uma louca. Nenhum dos dois parecem ser capazes de ver o que estão fazendo com seu filho. E Wen sempre esteve disposto a agradar, já que deixaram claro que era seu filho favorito. Fizaram um número com ele. Pode que seja não seja tão jovem, mas nunca deveriam tê-lo feito se sentir inferior que seu irmão. Eu esperava que ele os desafiasse e fosse atrás de você. Ao final aconteceu.

—Não irá se acasalar comigo, Trayis. Apenas queria passar um tempo. Éramos crianças quando nos separamos e não havia tanto como dizem.

—O vínculo continua entre vocês? Seja honesta comigo.

Ela concordou. —Lutou para não me morder. Disse que seus pais me matariam.

—O que sente por ele?

—Eu o amo. Sempre o fiz e sempre o farei. —Não havia nenhuma razão para mentir para Trayis.

—É seu companheiro em seu coração, Gerri?

Ela concordou novamente.

—Então tomou sua decisão. Saímos na primeira hora amanhã. Perguntarei a meu irmão se pode enviar Micah para empacotar suas posses humanas que deixou para trás na casa que tinha e voar com você mais tarde.

—Não é tão simples.

—Qual o problema?

—Liguei para ver como estava e Sherry atendeu ao telefone. Eram amantes. Estava com ela, mas me enviou para longe com Micah. — Ainda estava ferida.

—Eu enviei Sherry para Wen, Gerri. Porque não sabia que seus primos estavam perto. Não podia enviar um VampLycan para a cidade para apoiá-lo. Tem malditas câmeras de segurança e celulares, que ainda será nossa morte. Sabe que Wen foi preso duas vezes no passado? —Suspirou Trayis. —Wen não pode controlar várias mentes ao mesmo tempo e precisou se deixar prender. A polícia tem que desligar as câmeras nas salas de entrevista quando um advogado fala com seu cliente. Isso significava que Wen poderia controlar a mente dos agentes sem que fosse registrado quando os acompanhasse e ordenar que destruíssem qualquer evidencia que tivessem. Sherry trabalhava para mim nestas situações.

—Eu sabia.

—Wen não tinha ideia de que a enviei. Ele não pediu que estivesse ali. Também posso assegurar que não tem sentimentos por ela.

—Não sabe isso.

—Sei. Li os relatórios da missão e conversei com ele quando estive com ela. Foi apenas sexo e nada mais para ele. Você é seu coração, Gerri. Venha para casa.

Ela se inclinou sobre a mesa, mas hesitou antes de tocá-lo, lembrando que os VampLycans não faziam isso.

Trayis levantou a mão e segurou a sua. —Sempre terá permissão a partir deste momento. Eu a considero família agora, Gerri. Tomarei o lugar de Klentz como sua figura paterna e a protegerei no clã.

Trayis estava cheio de surpresas. Estava afirmando que a adotou. — Obrigada. Sinto-me honrada.

Ele sorriu, com os olhos dourados, lembrando-a um gato se divertindo. — Mas?

—Não sei se posso voltar. Wen não será feliz se voltar a viver no clã, porque seus pais provavelmente tentarão me matar.

—É hora de mudar as coisas, Gerri. —Piscou um olho. —Sempre teve coragem. Permita-me ajudá-la a reivindicar seu companheiro. É hora de voltar para casa.

Lágrimas inundaram seus olhos. — Quero tanto. Obrigada.

Ele apertou sua mão. — Você e Wen merecem ser felizes. Não pude fazer nada no passado para impedir que se separassem, mas os tempos mudaram. Agora se trata de construir um futuro no qual estejam destinados a ficarem juntos. —Inclinou-se. — E não me importa uma merda se seus filhos não puderem mudar. Temos muitos garotos. Ficarei feliz se nascerem algumas garotas. Se o controle da mente ao corpo existe, tente menina. Pense *menina* quando Wen tentar deixá-la grávida. Isso é tudo o que peço.

Gerri se recuperou da surpresa rapidamente. —Tentarei dar o meu melhor.

—Crie-os como gostaria de ter sido. Alguma vez eu disse que foi a única garota que nunca me deu dores de cabeça? —Soltou sua mão e ficou de pé. —Tente dormir um pouco. As coisas sairão bem. Wen não será capaz de negar seu instinto uma vez que ficar ao redor dele dia após dia. Está em um bom problema por coloca-la em perigo, assim decidi castiga-lo fazendo-o trabalhar comigo no escritório. —Um lento sorriso apareceu em seu rosto. — Ele terá uma mesa ao lado da sua. Doces sonhos. Eu a verei pela manhã.

Cruzou o quarto, mas parou na porta, olhando sobre o ombro. —No pior dos casos, se ele for muito teimoso, irá se quebrar quando entrar em calor.

Trayis parecia esperar uma resposta.

—Hum... certo.

Virou-se completamente para ela e apoiou-se na porta, com um sorriso no rosto. —Klantz nunca lhe contou?

Ela balançou a cabeça. —Não.

—Tinha apenas quinze anos quando o mataram. Suponho que não conversou com você e sua mãe sempre tentou protegê-la demais. VampLycans entram no cio uma vez por ano. Wen é apenas um pouco mais velho que você. Entrou no cio quando fez quinze anos. —Seu sorriso ampliou. —Klantz pegou Wen com suas garras cravadas em uma árvore, olhando a janela de seu quarto a

noite. Era muito jovem para ter contato com Wen, mas seu instinto exigiu que ficasse perto. Destruíu quase toda a árvore, aferrando-se a ela durante três dias até que calor diminuiu. Como adulto, duram mais tempo e não é muito jovem para mantê-la afastada desta vez. Quando entrar em calor, nada o impedirá.

Mordeu o lábio. —E se for atrás de outra pessoa?

O brilho dourado voltou aos olhos de Trayis. —Teria que ir muito longe e fingir que qualquer outra mulher fosse você para conseguir liberação sexual. Inclusive isso seria difícil de fazer, já que o cheiro de qualquer outra mulher o irritaria. Ele sabe com certeza agora que você é sua companheira, se sentiu vontade mordê-la. Não deixarei que saia do clã. Terminará com Wen arrancando sua roupa e reivindicando-a. Conte com isso. —Ele saiu do quarto, fechando a porta atrás dele.

Ficou sentada na cadeira e suspirou. Ela esperava que Trayis tivesse razão em tudo. Que as coisas ficassem bem entre ela e Wen como dizia. Uma sensação de calor se instalou em seu estômago, pensando em ter meninas com Wen. Sentia uma nova e real esperança de ser capaz de construir uma vida com o VampLycan que amava.

—Por favor, deixe que isso funcione. — Sussurrou.

Wen bateu na porta de seus pais. As luzes estavam acesas, apesar da hora tardia. Tinha certeza de que esperavam por ele. Como ancião, seu pai estaria ciente de suas idas e vindas. A porta se abriu e o cheiro de comida encheu o ar. Seu pai sorriu. —Finalmente. Nunca comi tão tarde neste ponto da minha vida. Entre. Acabou com aquele vampiro?

—Sim. Horton está morto. — Entrou e viu sua mãe.

Ela saiu da cozinha com as mãos nos quadris. —O assado provavelmente está seco. Pensei que chegaria antes. Entre e sente-se.

Suspirou, aceitando a oferta.

Um aroma desconhecido o golpeou e grunhiu, lançando um olhar para o corredor que levava aos quartos. Uma mulher alta saiu da escuridão. Ela era linda, com o cabelo longo e negro, usava um vestido que abraçava seu corpo em todos os lugares corretos e um sorriso malicioso em seu rosto.

Seu pai sentou-se na cabeceira da mesa. —Venha se unir a nós, Quilla. Este é meu filho que estava fora.

A mulher VampLycan se sentou de frente para Wen, sorrindo. —Olá.

Tinha uma voz profunda e gutural, seu olhar escuro passou por seu peito e rosto, sua aprovação óbvia. —Você é tão atraente como disseram. Seus pais me contaram tudo sobre suas conquistas.

Wen não se surpreendeu. Faziam isto a cada maldita vez que voltava para casa depois de uma missão. — Desculpe-me pelo engano. Não estou procurando uma companheira.

A mulher não pareceu surpresa. — Eles mencionaram que seria resistente.

Ficou mais tenso, não gostou de sua reação. A maioria das mulheres que arrumavam para ele tinham a impressão de que se sentia sozinho e pronto para se acasalar. —Para dizer no mínimo. Não deveria ter vindo aqui. Qual o seu clã?

—Crocker e sim, ouvi sobre as experiências com as outras mulheres que seus pais convidaram para conhecê-lo. Sou diferente. Gosto da minha independência. —Ela piscou. —Não quero mudar de clã, mas não sou contra ter um filho. Tenho setenta e dois anos. Gostaria de ter um enquanto ainda sou jovem o suficiente para desfrutar deles. Nunca encontrei meu verdadeiro companheiro. Poderia ser uma solução perfeita se nos dermos bem.

—Não serei um doador de esperma. Nunca me conformaria com um acasalamento sem amor.

—Wen! — Grunhiu seu pai.

Sua mãe entrou na sala com uma grande travessa. Ela a deixou de uma vez sobre a mesa. — Encontramos uma reprodutora e irá fodê-la até que fique grávida!

Estava fervendo de raiva. —Não.

Seu pai grunhiu novamente e o olhou, com os olhos negros. —Você nos dará o neto que sua mãe quer. Faça seu trabalho!

—Já decidimos sobre os arranjos da custódia. —Acrescentou sua mãe. — Não será incomodado. Apenas a deixe grávida. Logo, cumprirá seu dever para comigo. —Virou-se e voltou para cozinha para buscar os outros pratos. — Comece está noite, Wen. Não me decepcione. Quilla irá para casa com você.

Suas garras cresceram, junto com sua raiva. Faziam soar como se ele não tivesse nenhuma responsabilidade para com a criança que exigiam. Ficou de pé lentamente. —Não!

Seu pai levantou-se rápido de sua cadeira. —Sua mãe já falou! Está decidido. Você se nega a tomar uma companheira, assim estamos arrumando tudo para você. Procrie com ela!

Wen sentiu os pelos ao longo de sua pele e rosto, suas presas se alongando. — Disse que não! Quer tanto uma criança? Faça uma com sua companheira!

O vidro explodiu na cozinha quando se mãe gritou, ofegante. — Wen!

Virou-se para olhá-la. —Ouça. Terminou para mim. Sem mais mulheres, nada de desfiles diante de mim e sem reprodutoras. Eu escolho minha companheira e quanto terei um filho. Não vocês.

—Gerbin o faria por nós! — Lágrimas encheram os olhos de sua mãe.

—Não sou ele! — Gritou Wen. — Ele está morto!

Seu pai o atacou ao instante e a dor disparou nas costelas de Wen.

Ele atuou por instinto, empurrando seu pai. Eram iguais em tamanho, mas Wen tinha muito mais experiência em combate. Rasgou os braços de seu pai com um puxão, lesionando o músculo.

Sua mãe gritou e saltou para trás de Wen. Seu pai parecia atordado enquanto caía no chão, o sangue escorrendo de ambos os braços lesionados, pendurados dos lados.

Sua mãe correu para seu companheiro, lançando seu corpo sobre o dele e voltou-se com os olhos negros para Wen. Pelo saiu ao longo de seu rosto, suas presas aparecendo. Ela estava mudando.

—Não faça com que te incapacite também, mãe. Não se equivoque, eu farei se for preciso. — Disse, ver seus pais dessa forma, sabendo que o fez, era odioso. Nenhum filho deveria machucar seu próprio pai ou ameaçar sua mãe. Nenhum filho deveria ser obrigado a isso.

Tristeza o percorreu. —Não sou Gerbin. —Disse com voz rouca. —Nunca serei meu irmão e nenhuma criança poderá substituí-lo. Não a minha e não uma que possam ter juntos. Ele se foi para sempre. Aceitem isso! É hora de entenderem.

Olhou para Quilla. Ela saiu do caminho quando começou a luta, estava de pé na sala. —Vá para casa. Encontre outro doador de esperma para seu filho. Desejo-lhe sorte com isso.

Dirigiu-se para a porta, esperando que sua mãe o atacasse pelas costas. Ela não o fez.

Wen fugiu, fechando a porta atrás dele. Caminhou dez passos pela varanda antes de ver um movimento a sua esquerda.

Tymber o observava de onde estava apoiado, com os braços cruzados sobre o peito. Ele ouviu tudo o que aconteceu.

Seu amigo foi o primeiro a falar. —Não teve escolha. Alegro-me que finalmente os enfrentou. Vá para casa. Ficarei aqui para me assegurar que seu pai veja um curandeiro. Posso ouvi-los conversando. Ainda está vivo.

Wen abriu a boca, mas logo percebeu que não sabia o que dizer. Sua vida familiar era tensa antes e agora estava destruída. Seus pais nunca o perdoariam, mas então, já não tinha certeza se poderia perdoá-los.

Fechou-se em sua casa e tomou um banho. O sangue de seu pai em suas mãos o fazia se sentir doente. Lágrimas encheram seus olhos sob a água. Queria Gerri ali, mas nunca seria seguro levá-la ao clã. Seus pais com certeza agora ficariam rancorosos. Eles não apenas a machucariam por ser humana, mas para se vingar dele por seu desafio.

Fez o correto, no entanto. Estava claro que planejaram moldar seu filho da forma como fizeram com ele desde que seu irmão morreu. Nunca permitiria isso.

A única forma de poder reivindicar Gerri como sua companheira seria abandonar o clã e romper com sua lealdade a Trayis. Isso ia contra seu coração. Era a pior decisão que um VampLycan poderia tomar. —Merda.

Capítulo Dezesseis

Gerri odiou a escolha de Micah do piloto do pequeno avião que cruzava o céu a uma velocidade alarmante. Ela agarrou o cinto de segurança para salvar sua vida, esperando cair a qualquer momento. Tinha os olhos bem fechados, negando-se a presenciar o impacto. As rodas tocaram o chão, ela recuperou o ar e seu estomago parecia golpear o teto. As rodas tocaram o chão novamente, mas desta vez não voltaram para o ar. Os motores ecoaram mais fortes.

O piloto louco riu. — Sabia que poderia fazê-lo.

Gerri abriu um olho, ao perceber que estavam freando. Era uma antiga estrada em uma área sem árvores. Esperava um carro ou uma caminhonete ali para bater de frente. O avião parou e abriu outro olho.

Trayis virou-se para o piloto junto a ele, com os olhos brilhantes. Levantou a mão, alcançou a mão de Gerri. Ela suspirou e se manteve imóvel.

—Fez uma boa aterrissagem de emergência. O avião já não está com problemas no motor. Você precisa entregar mantimentos e não se esqueça que não trouxe passageiros e nem sabe o lugar no qual estamos. —Trayis fez uma pausa. — E precisa de verdade de mais lições de voo. Sou consciente de que tem uma licença. Mas você quer ser um piloto melhor.

—Sim. — Disse o piloto.

Trayis afastou a mão de Gerri e seus olhos voltaram ao normal quando olhou para ele. Ele pronunciou apenas uma palavra. —Medo.

Olhou para o piloto. Estava sorrindo, aparentemente em seu próprio mundo, olhando a parte dianteira do avião. Ela moveu a cabeça, olhando para Trayis novamente. —Vamos. —Ela respirou.

Trayis abriu a porta e a ajudou sair. Sua mochila não estava no compartimento lateral, mas no assento junto a ela. Deslizou as alças e seguiu Trayis pela estrada. Avião começou a ir para frente.

—Onde encontrou este cara?

—Apenas o pegamos no aeroporto. Iria entregar mantimento nesta área. Erro meu.

O avião decolou pela estrada e Gerri olhou para ambos os lados. — Alguém virá nos buscar? — Ela observou a pequena elevação da estrada, subindo ao céu.

— Sim. Esta não é uma estrada pública. — Ela pegou seu celular, ligando para alguém. — Estamos aqui. Você sabe o que fazer. — Ele desligou. — Deve chegar em vinte minutos.

— Porque estamos longe de seu território, já que o piloto não se lembrará de onde nos deixou?

— Esta foi a rota mais longa e onde a estrada é menos castigada nos invernos. Era usada como rota para uma pequena cidade que se extinguiu a cinco anos.

— Não a que os vampiros destruíram?

— Não. Havia um pavilhão de caça que os humanos construíram, inclusive tinha algumas lojas turísticas, um restaurante e um posto de gasolina. Algumas pensaram que uma matilha a construiu. Era muito perto de nosso território.

— O que significa isso?

Ele sorriu. — Digamos que nos asseguramos de que seus hóspedes nunca encontrassem nada para poder voltar. No primeiro mês, tivemos grupos de intrusos em nossa fronteira. Neguei-me a permitir acesso ao nosso clã para os idiotas. Não se beneficiaram da caça nos dois anos que ficaram abertos e comprei o pavilhão por um preço pequeno.

Ela achou engraçado. — Isso esteve mal, mas foi brilhante.

— Faço o que é preciso para proteger meu clã. Deveriam ter aberto algo para os amantes da natureza. Ao invés disso trouxeram armas. — Ele negou com a cabeça. — Um erro.

Gerri desceu a mochila e se esticou. Estava cansada de ficar sentada depois de dois voos. Não que pudesse se queixar do primeiro. — Sempre voa de primeira classe quando viaja em transportes humanos?

Ele riu. — Não me encaixo em assentos comuns.

Olhou seu grande corpo e percebeu que tinha razão. — Não sabia que saia do Alasca.

— Visito meu irmão a cada cinco ou dez anos. Ele não pode vir a mim.

— Porque não?

—Está acasalado, com dois filhos. Sua necessidade de manter sua família segura não o permite se separar deles. Nunca confiará nos seres humanos para voar com sua família. É mais fácil usar linhas aéreas comercial e muito mais barato. Sabe quanto custa um jato particular?

—Não.

—Indignante.

Ela deixou cair a mochila. — Estava visitando alguém quando foi me ver?

Ele encontrou seu olhar e o manteve ali. —Não. Apenas por você. Visitarei meu irmão logo.

—Poderia ter ligado e perguntado se queria vir.

Ele sorriu. — Esta era uma conversa que precisava ser cara a cara. Duvido que estaria aqui de outra forma.

Ela afastou o olhar. Provavelmente tinha razão.

—Írá dar tudo certo, Gerri.

Ela o olhou fixamente, lembrando as palavras sussurradas na noite anterior depois que saiu de seu quarto. Ele deve tê-las ouvido. —Isso espero.

—Fica triste sem Wen. Desta forma, apesar das dificuldades dos próximos dias ou semanas, estará por perto. Não negará seus instintos. Está de volta aonde pertence. — Ele estendeu a mão e tocou sua testa. — Pense como um VampLycan. Faz parte do clã.

Não era uma VampLycan, no entanto. Mas manteve isso para si mesma. Ele era mais do que consciente.

Trayis retrocedeu. —Volto logo. Tenho que fazer algo.

—Eu também. Nos encontramos aqui daqui a pouco. — Ela cruzou a rua e foi na direção oposta. Os cheiros e os sons das árvores a fizeram sorrir quando encontrou um ponto onde pode se agachar e aliviar sua bexiga. Não havia ruídos de tráfego, nem alarmes ou sirenes. Apenas pássaros e o sussurro do vento entre os galhos das árvores.

Trayis esperava de costas do outro lado da estrada. Cheirou, fazendo um gesto para que se aproximasse. —Há ursos na área. Mantenha-se perto.

—Sim. Estou em casa.

Ele riu. —Não deve fazer passeios sozinha eu limpei a área ao redor de nossas casas depois de ter sido atacada. Algumas coisas nunca mudam.

—Bom saber.

Pouco tempo depois parou um SUV negro com vidros escuros, ao lado deles. Ela não podia distinguir o motorista até que abriu a porta. Ela o reconheceu ao instante. Não mudou nada, o que não deveria surpreendê-la. VampLycans não envelheciam como os humanos. Parecia ter se passado dias desde que o viu pela última vez há quinze anos.

—Olá, Yern.

Rodeou o carro e ficou olhando-a. Seu olhar desceu para seu peito. —Tem seios.

Olhou para baixo, tentando ver se mostrava algo. Ela sorriu e levantou os olhos. — Sim.

Trayis suspirou. —Isso é o primeiro que tem a dizer a sua companheira de clã depois de todos estes anos? Diga-me outra vez porque é um executor.

Yern riu. — Mas ela tem seios. Grandes. Era reta como uma tábua.

Trayis fez uma careta e balançou a cabeça. —Porque eu?

Yern se aproximou dela e abriu os braços. — Dê-me um abraço.

Encontrou-se com ele na metade do caminho e ficou sem fôlego quando o grande homem a agarrou e a levantou dos pés. Ele lhe deu um abraço de urso, quase esmagando-a.

—Suavemente. — Trayis disse. —Não a esmague.

Yern aliviou seu aperto um pouco. —É bom tê-la em casa. Retomaremos as lições amanhã, Gerri. Duvido que estes estúpidos humanos lhes ensinaram alguma habilidade de sobrevivência. —Colocou-a no chão, segurou seu rosto e inclinou-se para observar seus traços.

—Procurando rugas? —Eles sempre brincaram um com o outro.

Esboçou um sorriso. —Parece bem, baby. Apenas um pouco madura. Gosto das mudanças. — Seu olhar desceu. —Sobretudo os seios.

Yern de repente grunhiu, afastando-se e soltando-a. Trayis tinha um agarre em sua nuca. —Wen o mataria, assim que nem sequer pense nisso.

—Não estou paquerando-a. Ela sabe.

—Tudo bem. —Riu Gerri. —É uma velha brincadeira entre nós.

Trayis se afastou e franziu o cenho. — Não acho que Wen acharia este tipo de conversa divertida.

Yern esfregou a nuca. —Bem. Antes dizia que se fosse atacada por um homem, poderia mostrar os seios, mas ela não tinha nenhum. —Sorriu. — Agora tem. —Seu olhar se voltou para Gerri e colocou as mãos diante de seu peito, fazendo um movimento como se fosse rasgar sua camisa. Piscou. —Sem dúvida funcionaria agora.

—Acha que isso de verdade irá evitar que um homem a mate?

Yern olhou para Trayis. —Ele iria querer fodê-la e baixaria a guarda, tentando tirar sua roupa. Então poderia mata-lo. Gerri sempre foi pequena. Ela tem que pensar mais que seu oponente já que não tem garras.

—Fala como um homem sem companheira. Apenas precisa nos levar para casa. Estou cansando. Sei que Gerri também. — Trayis abriu a porta do passageiro e se sentou. — Entre.

Gerri se virou para pegar a mochila. Saíram da estrada por um caminho de terra depois de alguns quilômetros. Ela precisou colocar o cinto de segurança para evitar ser lançada por todas as partes, já que havia muito buracos e o terreno era irregular. Isso era algo que não deixou passar ao comparar com seu antigo lar. VampLycans não deixaram as estradas para seu território fáceis.

Yern não deixava de olhá-la pelo espelho retrovisor e sorrir. —É bom tê-la de volta, baby.

—Pare de chama-la assim. —Suspirou Trayis. — Wen ficará irritado.

—Ele sabe que a chamo assim. Ela era tão pequena e linda. Ainda é. — Yern fez uma pausa. —Quando o vento sopra sinto o cheiro de Wen. Cheira a ele. —Seu olhar voltou a encontra-la pelo retrovisor. —Então ainda se sente atraída por ele como antes?

—Sim.

—São companheiros. Apenas ele não a reivindicou, ainda. —Acrescentou Trayis.

—Idiota. —Murmurou Yern. — Sei que seus pais ficaram loucos depois do que sofreram, mas não ajudaram em nada. Disse isso muitas vezes. Somos

VampLycans, não humanos. — Seu olhar encontrou Gerri novamente. — Sem ofender.

—Sem problemas.

—Não atua como um ser humano. Nunca o fez. É uma VampLycan que cheira como humana. Apenas que neste momento, cheira a Wen. Acho que deveria ter adivinhado que era ele, mesmo se não trocaram sangue, já que obviamente, o está deixando entre suas pernas. Não era nenhum segredo como se gostavam quando jovens. Passava na frente dele e tinha uma ereção. Por favor, diga que ele durou mais de dez segundos. Este homem a queria tanto que poderia disparar antes de ficar nu.

—Cale-se. — Gritou Trayis. — Soa como um garoto.

Gerri riu. —Ele não fez vergonha quando foi para minha cama.

O líder do clã se virou em seu assento e olhou-a, mas sorria. —Não o anime. — Aproximou-se e golpeou Yern no braço. — Deixe de procurar algo para zombar de Wen. Ele tem coisas difíceis com que lidar neste momento, não precisa de nenhuma merda.

A visão de sua antiga casa apareceu e Gerri soltou o cinto de segurança, inclinando-se para frente para poder ver melhor. As lembranças de sua infância passaram por sua mente e sentiu tristeza.

Yern parou e os dois homens saíram. Trayis abriu a porta e inalou. —Klentz era um bom homem.

Ela conteve as lágrimas. — Ele era.

—Esta é sua casa. —Trayis pegou sua mochila. — Pedi que limpassem esta manhã, já que não tivemos visitantes por aqui em um mês aproximadamente. Tem comida na geladeira. —Ele abriu caminho.

Ela seguiu com Yern a seu lado. Mais lembranças vieram a superfície. Foi feliz ao crescer nesta cabana. Hesitou quando chegaram na porta, olhando-a. Trayis abriu e entrou primeiro.

Yern esperou por ela, assim se moveu adiante. Dentro estava pintado e o moveis eram melhores. A mesa de café era a única peça que reconheceu e gostou por ainda estar ali. Trayis seguiu seu olhar.

—Sei que Klentz talhou as pernas da mesa em forma de golfinhos para sua mãe. Nós a mantivemos. —Trayis colocou sua mochila no chão. —Gerri?

Ela virou-se.

—Fique aqui dentro por enquanto. Tenho a intenção de informar ao clã na primeira hora da manhã que está de volta. A maioria a reconheceria, mas temos jovens que não. Este não é um lugar longe e com certeza encontrará membros do clã. O cheiro de Wen continua com você, mas não quero nenhum adolescente no cio se aproximando. Eles não a machucarão, mas não correrei o risco de que fique ferida. Yern ficará de guarda. Seus irmãos revezarão os turnos com ele. Ficarão protegida.

—Dos pais de Wen? — Ela não temia ninguém mais do clã.

—São instáveis. —Trayis deu um passo mais perto. — Se Wen não lidar com eles, eu o farei. De uma forma ou outra, esta é uma solução temporária. Nego-me a que o clã a coloque em perigo.

—Obrigada.

—É bom tê-la de volta aonde pertence. Agora tenho que me reunir com Wen. Seu coração acelerou. — Ele sabe que estou aqui?

Trayis negou com a cabeça. —Tenho a intenção de voltar para casa e tomar um banho, trocar de roupa e depois vê-lo. Ele saberá amanhã com o restante do clã. Quero lhe dar mais tempo para pensar em todas as coisas terríveis que poderia acontecer com você no mundo humano. — Pontos dourados apareceram nos olhos castanhos e a diversão voltou.

—Vai dar-lhe um pouco de merda. — Yern riu. —Não é justo.

—Por isso sou o líder do clã e você o executor. —Trayis piscou para Gerri. — Fique aqui dentro. Promete? Amanhã de manhã virei busca-la para a reunião com o clã. Por volta das nove.

—Tem minha palavra. Comerei algo e irei dormir. Não dormi muito na noite anterior.

Trayis se virou e ela enfrentou Yern. —Está com fome?

—Não, mas obrigado. Ficarei na rua. Precisa de algo antes que eu vá?

—Pode ficar aqui

—É contra as ordens. Irei patrulhar do lado fora, porra, quando Wen souber que chegou hoje, irá tentar chutar meu traseiro ao saber que passei a noite inteira

com você. — Seu olhar abaixou e negou com a cabeça. — Você tem seios. Ainda não superei isso. Tinha certeza que seria plana como uma panqueca.

Ela riu. — Certo. Se sentir fome ou não quiser urinar em uma árvore, deixarei a porta aberta. Ainda posso fazer isso aqui, certo?

—Sim. Ninguém a machucará.

—Trayis não me disse a verdade, assim que não me incomodei em perguntar. Minha presença aqui lhe causa algum problema?

Yern negou com a cabeça. —Faz parte do clã, Gerri. Sempre fez. Sei que alguns dos anciões não confiavam em você quando criança, mas nunca nos traiu. — Sua expressão ficou tensa. — Temos coisas mais importantes para nos preocupar atualmente.

—Como o que?

—Com qualquer coisa que Decker possa fazer. Você ajudou Wen em sua missão, assim está consciente do que o filho da puta fez, enviou um ninho para atacar seu antigo clã. Alguns se preocupam que possa nos expor aos humanos e enviar alguns aqui.

—Continua sendo o bicho papão.

Yern concordou. —Pura maldade. Precisa morrer. Finalmente estamos em paz com seu antigo clã e unidos. Podem nos visitar e nós os visitamos.

Pensou em sua casa. —Onde ficarão, agora que estou aqui?

—Temos algumas outras casas que construímos. Esta casa foi usada apenas porque ninguém vivia aqui. —Ele estendeu a mão e tocou seu rosto. — Agora tem.

Virou-se, fechando a porta atrás dele.

Gerri fez um círculo lento, olhando a grande sala. Era bom estar em casa.

Wen fez uma revisão de cada detalhe do que aconteceu em Washington. Trayis chamou alguns de seus executores para a reunião. Ficou aliviado quando ninguém falou sobre o tempo que passou com Gerri. Ele não estava disposto a compartilhar estes momentos com o clã.

Trayis levou comida e jantaram juntos, discutindo sobre a missão.

—Porque está cheirando a Tymber? —Um dos executores perguntou.

Wen abriu a boca para responder, mas seu amigo falou primeiro.

—Devido a que ainda estava ferido quando chegou. Conhece nossa advogada humana. Não tem muita carne nos ossos. Wen não quis tomar muito sangue. Dei-lhe um pouco do meu. Se tiver algum problema com isso ou quiser me dar uma merda a respeito, juro não deixar que me morda se estiver ferido em batalha.

Kayler sorriu. —Onde o mordeu?

Tymber levantou o dedo do meio. —Aqui.

—Terminarei esta reunião, já que é óbvio que todos estamos aliviados com o fim da ameaça. Compartilharei os detalhes com os outros clãs. —Trayis sorriu, o entanto. —Podem ir. Wen quero que fique. Os clãs podem ter perguntas para você.

Todos se foram deixando-o sozinho com seu líder de clã. Trayis não pegou seu telefone, no entanto, mas reclinou-se em sua cadeira.

Wen o olhou com o cenho franzido. —Pensei que ligaria para os outros clãs.

—Não preciso. Eles sabem as informações mais importantes, que foram repassadas por Graves. Horton está morto. Isso é o que importa. Quero falar sobre seus pais. Ninguém precisava ouvir.

—Meu pai me atacou primeiro. Cortei seus braços para evitar que me machucasse.

—Imaginei. Ele se curou. Eu o vi antes da reunião. Quer que o castigue por atacar um ancião.

Wen não podia dizer que isto o surpreendia. —Qual será meu castigo?

—Ter Mandro como pai. Disse que teve sorte por não ter arrancado seus braços. O que não me disse foi o que impulsionou a luta. Deve ter sido ruim, já que normalmente tolera muita merda dele.

—Encontraram uma mulher no clã de Crocker disposta a ter um filho comigo e ela não queria um companheiro.

—Merda.

—Acho que pensaram que iria aceitar, assim não teria nenhum contato com meu próprio filho e eles a ajudariam a criá-lo. —Ira o percorreu novamente ao

se lembrar. —Disse que não e ele se irritou. Tymber contou a você? Estava do lado de fora da casa.

—Suas ordens eram ficar perto de você, não do lado de fora. Imaginei que seus pais iriam trazer alguma merda e eu não estava por perto para lidar com isso. Eu lhe dei uma ordem.

—Onde estava? — Wen ao instante se arrependeu da pergunta. Não tinha o direito de perguntar. —Sinto muito.

—Sem problema. Estava com uma mulher.

—Oh. —Isso era uma novidade. Trayis evitava as mulheres, a não ser quando estava no cio. Geralmente uma lycan ficava com ele, depois a mulher ia embora quando o calor passasse. Todos sabiam que evitava VampLycans depois de um incidente no passado. —Encontrou uma companheira enquanto estava fora?

—Não. Foi apenas uma coisa de uma noite. —Sorriu Trayis. —Ela é muito linda também.

—Alegro-me. Precisa aliviar a tensão do dia a dia.

—Isso é o que estou tentando fazer. Mandro e eu conversamos sobre você. Eu lhe disse para deixa-lo em paz, não é mais uma criança e sim um homem. E é também um dos meus executores. Apensar dele ser um ancião, não tem direito de lhe dar ordens. Estão ali para dar conselhos, não manipular a vida do clã.

—Aposto que não recebeu isto muito bem.

—Não, não o fez. Disse que se ele não gostasse, era bem-vindo a deixar o clã para unir-se a outro. Ordenei que o deixasse em paz e disse que não tinha permissão para interferir mais em sua vida. Isto serve para sua companheira também. Estão incomodando meu executor e não aceitarei este tipo de tensão em meu clã.

Isso surpreendeu Wen. Nem sequer sabia o que dizer.

—Deixei claro que suas ações o deixaram imprudentes com seus deveres. Isso me deu o direito de intervir. Colocou em perigo Gerri apenas para passar tempo com ela, já que o proibiu.

Uma sensação de mal-estar se instalou no estomago de Wen. — Falou para meu pai que estive com ela?

Trayis concordou. —Sim. Também deixei claro que ficaria feliz se vocês se acasalassem.

Wen se moveu em seu assento. —Tenho certeza que tinha muito a dizer a respeito.

—Sim. Começou com este lixo sobre linhas se sangue fracas que seriam a próxima geração. Eu disse que não era algo que considerava um problema. Chamou-me de incompetente em liderar nosso povo, se pensava assim. Eu disse que eram bem-vindo a me desafiar.

Wen deixou de respirar, olhando o líder do clã.

—De imediato recuou.

Wen segurou o folego. — Você o teria matado se o atacasse.

—É um bom homem, Wen. Tem honra. Eu também. Não posso dizer o mesmo de Mandro desde a morte de seu irmão. Sua mente é a única coisa que o incomoda e o torna incompetente. Um de nós precisava lidar com ele. — Disse Trayis. —Ofereceu-se como voluntário para uma missão muito perigosa para ficar com a mulher que deseja. Não apenas colocou seu traseiro em perigo, mas o de Gerri. Não iria mais esperar que os enfrentasse. Iria forçar a situação, de uma forma ou outra. Eu me nego a perdê-lo. Isso debilitaria o clã. Mas está miserável e é um perigo para si mesmo devido a suas exigências. Conserte isso. Não me importa como, entendeu?

Wen ficou de pé. —Sim.

—Tem algum problema com o que disse?

—Não. Tem razão.

Trayis ficou de pé e rodeou a mesa. —Ele é um ancião, mas isso não o converte em infalível, Wen. Sempre considere este um assunto de família entre os dois, no entanto, isto terminou.

Wen o olhou fixamente nos olhos. —Está dando-me permissão para matá-lo?

—Disse apenas que isto não pode continuar assim. Defenda sua posição. Lute. Se ele não o aceitar, é escolha dele. Não sua. Não o perderei. —Trayis se aproximou e segurou sua nuca, com força. —Você foi um filho incrível para eles, tentou com seu melhor esforço fazê-los felizes, mas não é Gerbin. É hora de deixar que sofram sua dor e a realidade de sua perda, sem tentar suavizar o golpe. No entanto, precisam lidar sozinhos com isso, não você. Eu preciso de você, Wen. Você. Eu sei quem é. Não viverá na sombra de um morto.

Wen entendia.

—Passou por uns dias difíceis. Ontem estava gravemente ferido e ainda que tenha certeza que está completamente curado, sua força não está no auge. Não quero que lide com seus pais esta noite. Amanhã logo cedo mando buscá-lo. Tymber está esperando lá fora. Suas ordens são se assegurar que tenha uma noite de descanso e que ninguém o incomode.

—Obrigado.

—Você é meu amigo, é meu executor e o considero como um irmão. Não quero mais que sofra. Amanhã é um novo dia. —Trayis o soltou. —Agora vá. Tenho algumas ligações para fazer.



Capítulo Dezesete

Gerri acordou assustada quando a porta do quarto principal explodiu batendo contra parede. Fechou-a no caso de Yern entrar na casa para comer ou usar o banheiro, que era no andar de baixo. O contorno de um homem grande ocupava a porta. Deixou as luzes acesas, mas estava no corredor para que não pudesse ver direito quem estava ali.

—Gerri?

Reconheceria este grunhido em qualquer lugar. —Wen?

—Que porra faz aqui? —Deu um passo mais perto e logo parou.

—Trayis me trouxe.

Ficou imóvel. Ela saiu das mantas e deslizou pelo colchão, logo acendeu a lâmpada junto a cama. Wen estava a olhando fixamente com uma expressão furiosa em seu rosto e seus olhos estavam negros. A cor não era totalmente negra, mas estava perto.

—Este bastardo astuto. —Finalmente murmurou.

—Iria lhe contar amanhã, junto com o restante do clã. Ele me convidou. Aceitei. —Estava irritado por ela estar ali ou simplesmente irritado por Trayis não ter lhe contado ainda? Levantou-se da cama, mas não se aproximou. —Disse que pertenco ao clã e me deu a opção de voltar. —Ela endireitou os ombros e se preparou para a batalha com ele, se ordenasse que fosse embora.

Não começou uma luta. Ficou ali olhando-a. Não parecia feliz em vê-la, no entanto. Isso doía.

—Queria voltar. Aqui foi onde me criei. Viver com os humanos foi ruim, Wen. Sei que enfrentarei alguns problemas com o clã até que alguns se acostumem comigo outra vez, mas ao menos não vivendo atrás das grades de uma janela. Não precisarei me preocupar em ser assaltada ou assassinada todos os dias. Tenho um trabalho aqui. Trayis me deu um. Fez com que me despedissem do que tinha, lembra-se? Eu disse que não era fácil encontrar um trabalho, já que não me formei, por não poder pagar a faculdade.

Ele piscou, mas não disse nada.

—Isto não quer dizer que espero algo de você, se isto é o que lhe preocupa. Deixou claro que não podia se acasalar comigo. Bem. Mas ainda assim, viverei aqui. Podemos evitar um ao outro se quiser. —Lembrou-se então que Trayis iria forçar Wen a ficar no escritório ao lado de sua mesa. —Diga algo.

Não o fez.

Agora ela estava irritada. —O que está fazendo aqui? Em minha casa?

—Trayis não queria que entrasse em outra briga com meu pai, assim pediu a Tymber que me escoltasse a uma das casas de hóspedes. Esta. Ele fez de propósito. Entrei na casa e senti seu cheiro.

—Brigou com seu pai?

Fechou os olhos e respirou fundo, exalando forte. Virou-se, levantou a mão e a passou pelo cabelo. — Bastardo astuto. —Murmurou novamente.

Sua raiva diminuiu, apenas para ser substituída por diversão. —Seu pai ou Trayis?

Virou-se para ela e sorriu de verdade. —Trayis. —Deu uns passos mais perto e sua atenção se concentrou em seu corpo. Usava uma camisola que chegava as coxas.

—Olhos para cima. Não me respondeu. Brigou com seu pai?

Ele segurou seu olhar. —Lembra que contei o que acontecia quando voltava para casa?

Ela se lembrava e sentiu ciúme na hora. —Uma mulher o estava esperando em sua cama?

—Na casa dele. Sempre insistem que jante com eles quando volto, não importa a hora. —Sua expressão era uma careta. —Gerbin sempre fazia isso.

Ela diminuiu a distância e envolveu seus braços ao redor de sua cintura, apertando-se contra seu peito. —Sinto muito. Você não é ele e isso é fodido.

Ficou rígido, mas logo seus braços se levantaram, sem abraçá-la. Relaxou e a puxou para si. —Alegro-me que esteja aqui.

Manteve a cabeça para baixa, o rosto pressionado contra sua cabeça. —Estou um pouco irritada com você, mas fico feliz por estar curado. Está, de verdade? Não vi curativos e está camiseta é bem justa. —Ela passou os dedos por suas costas, sentindo o calor e a suavidade sob o algodão suave.

—Iria me encontrar com você depois da luta, mas fiquei ferido. Micah cuidou bem de você, verdade?

—Micah foi ótimo. Não é por isso que estou irritada. —Era mais fácil falar sem olhá-lo. —Sherry.

Seu corpo ficou rígido contra ela mais uma vez.

—Sim, já sei que lhe deu sangue. Estava preocupada com você quando Micah disse que ficou ferido, assim eu tentei ligar para você. Ela atendeu enquanto estava tomando banho. Ela assumiu que fosse Stellia. Não a corrigi.

Wen soltou um braço. Seus dedos deslizaram por seu cabelo e puxou para que o olhasse. Ela o olhou. Ele franziu o cenho.

—Eu não dormi com ela, Gerri. Não foi assim. Porra, nem sequer me lembro de tomar seu sangue. Estava inconsciente devido à perda de sangue neste momento. Graves disse que minhas presas estavam pra fora, assim apenas colocou seu braço em minha boca. O instinto fez o restante, já que estava muito ferido. Sou parte vampiro. Nunca iria romper uma promessa. Tudo acabou entre ela e eu.

Ela acreditou nele. —Soava como se estivesse em seu quarto enquanto tomava banho, já falou com você e logo a respondeu. —Ela fez uma pausa. —E o chamou de *baby*. Isso soa muito íntimo.

Seus olhos ficaram negros novamente e grunhiu. Gerri ficou sem fôlego quando de repente a levantou do chão. Aproximou-se da cama e a lançou nela. Wen quase a esmagou sob seu corpo, mas moveu-se rápido, usando os braços e as pernas para imobilizá-la sob ele, enquanto levantava o peito para que pudesse respirar. Seus rostos estavam a centímetros de distância. Ele moveu os quadris contra suas pernas e ela as abriu até que ele ficou entre suas coxas.

—Não a fodi, Gerri. —Grunhiu. —Estava limpando o sangue e ela estava no quarto de Micah. Foi assim. Graves nos levou ali. Tomei muito sangue dela, então estava se recuperando na cama, completamente vestida, para que não desmaiasse.

Ela se moveu e soltou seus braços, para tocar seu rosto. O cabelo dele caía em suas bochechas. —Certo. Confio em você. Precisa mudar?

Ele pareceu se acalmar o suficiente para se controlar. O excesso de pelo se foi, seus olhos ficaram azuis, mas as presas permaneceram. —Não. Fui correr com Tymber antes de vir aqui. Estou irritado. Nunca romperia uma promessa a você.

—Estava com ciúmes. —Admitiu. —Realmente a odeio. Que triste é isso? Nem sequer a conheço e sim, quero estrangulá-la por chama-lo de baby e estar perto enquanto tomava banho. Chegou a vê-lo nu e molhado?

Sua expressão suavizou. —Duvido. Ela empalidecia cada vez que se sentava na cama, pela perda de sangue. Nem sequer sei como consegui entrar no hotel até o quarto nesta condição. Eu estava muito fora de mim para me lembrar desta parte. Precisei perguntar a Graves como me levou ali.

Parou de acariciar seu rosto e abaixou as mãos até os ombros, descansando ali. —Está irritado porque estou aqui? Não quero voltar a meu antigo apartamento ou a aquela vida. Sei que não pode se acasalar comigo, mas quero ficar perto de você. Poderíamos ser amantes. Pensei nisso. Podemos usar preservativos e tomar banho depois de estarmos juntos. Desta forma seu cheiro não ficará sobre mim. Teremos que tomar cuidado para não nos tocar quando não estivermos aqui, já que o contato pode fixar o cheiro em nossas roupas.

—Não quero me encontrar escondido com você.

—Oh. —Suas palavras doeram, mas não se surpreendeu. Ele deixou claro a situação com seus pais e como reagiriam se soubessem.

—Não planejo esconder que é minha por mais tempo.

Gerri ficou olhando-o atordoada, mas com esperanças. —O que está dizendo?

—De verdade acha que poderia viver perto de mim e eu ser capaz de ficar longe? Trayis sabia quando a trouxe ao clã. Não há como ser capaz de dormir sabendo que está sozinha em uma cama que poderia compartilhar facilmente com você. Ficaria louco todos os dias me preocupando com você, perguntando-me se outros homens estavam considerando persegui-la. Fodê-la. É minha GL, está aqui e ficará. Sou teimoso, às vezes faço coisas estúpidas, mas não sou um total idiota.

Ela sorriu. —Pode ser em ocasiões cabeça oca.

—Certo, mas não quando se trata de você ou isso. Trayis não me deu opção.

Suas últimas palavras quase a fez estremecer. —Ficou irritado com isso? Comigo?

—Não. Ele tem razão. Não era feliz sem você na minha vida. Tentei de todas as formas fazer o correto por meus pais, mas é o momento de reivindicá-la. — Seu olhar deslizou por seu ombro e logo observou seus olhos. —Vamos aos poucos e logo irei mordê-la. Está pronta para ser minha companheira?

—Sempre estive.

Ele sorriu. —Eu também. Terá que beber de mim.

—Eu sei.

Levantou-se e saiu da cama, tirando suas botas. —Tire suas roupas.

Ele não precisava que repetisse duas vezes. Depois de tantos anos de solidão, Wen finalmente seria seu companheiro. Sua maior fantasia estava a ponto de acontecer.

Ela foi capaz de tirar sua roupa mais rápido que ele, já que tinha apenas a camisola e calcinha. Wen não disse uma palavra enquanto passava a camiseta sobre sua cabeça e logo desabotoava a calça, empurrando-a para baixo, pelas longas pernas.

—Tem certeza disso, GL? Não há volta atrás uma vez feito.

—Nunca tive mais certeza de algo na minha vida. —Ele era seu coração e sempre foi, durante todo o tempo que foi parte de sua vida.

—Nervosa?

—Um pouco. Não sou fá de dor e você tem presas grandes. —Sorriu, brincando um pouco com ele. —Claro, tudo em você é grande. —Ela admirou abertamente seu pau duro. —Parece excitado.

Ele riu. —Estou. Irei mordê-la enquanto goza. Irá distraí-la. Prometo. —Deu um passo mais perto.

Ela levantou a mão. —Espere.

Congelou. —O que?

—Não tenho presas. Não trocamos sangue ao mesmo tempo em um ritual de acasalamento? Como quer fazer isso?

—Iremos descobrir. —Moveu-se rápido, envolveu o braço ao redor de sua cintura e a levantou. Virou-se caiu de lado na cama, um contra o outro. —Passo um. Tê-la nua em uma cama. —Brincou e seus olhos azuis brilharam.

Ela riu.

Ficou sobre ela, entre suas coxas. Não havia roupas separando suas peles. — Segundo passo, segurá-la para que não possa escapar.

—Não posso esperar o passo três. Ensinam isso a vocês VampLycans quando jovens?

—Culpa de Angelo. O pai de Micah e Graves. Mordeu sua companheira no bosque enquanto caminhavam para casa de seus pais depois de uma festa na matilha. Começaram a discutir e ela ameaçou sair com outros lycans porque algumas mulheres estavam paquerando-o. Ele ficou louco, já sabia que ela era dele. Derrubou-a no chão, a seduziu e mordeu. —Riu. —Não foi tão ruim, exceto que choveu neste dia. Ela ficou irritada por ter que dizer a seus pais que se acasalaram, enquanto os dois pareciam ter rolado no barro. Suas roupas estavam rasgadas também. Sempre nos incomodam sobre não cometer o mesmo erro.

—Eu os conheci. —Gerri riu. —Não posso imaginar Angelo e Mandy fazendo isso. Ela é tão pequena.

—Ela tinha suas roupas um pouco mais inteiras do que ele, pelo que ouvi. Não deixe que seu tamanho a engane. Ela é muito forte e sempre foi atrás de Angelo, pois sabia que ele era seu companheiro. Ele é dois anos mais velho que ela e não queria tomá-la antes que fizesse dezoito anos. Ele queria que ela tivesse ao menos um ano mais para desfrutar da vida adulta antes de começar a ter seus filhotes. Uma das desvantagens de ser lycan é que o macho tem o impulso de engravidar sua companheira de imediato. —Ele franziu o cenho de repente. — Você os conheceu? Como?

—Depois eu conto. Agora... — Ela passou as mãos por seus braços. —Tenho um homem muito gostoso sobre mim, com presas atraentes. Não seja chato, pão de mel.

Grunhiu, os olhos brilhando ainda mais. Ela não afastou o olhar dele, sabendo que não estava tentando controlar sua mente. Ele apenas estava muito excitado. Assim como ela. Beijou-a, tomando posse de sua boca. Gerri gemeu, respondendo sua paixão.

O cheiro dele encheu seu nariz e ela sabia que os feromônios estavam enchendo o quarto. Wen cheirava a puro pecado e sexo. Ela envolveu as pernas

ao redor de seus quadris e esfregou sua boceta contra ele. Ele rompeu o beijo e tentou descer por seu corpo.

Ela segurou seu cabelo para mantê-lo no lugar e balançou a cabeça. — Estou pronta e muito molhada. Consegue me sentir?

—Quero saboreá-la.

—Depois. Teremos tempo para isso.

—Não quero me precipitar.

—Está brincando? Sempre o quis. Foda-me e me morda, Wen. Agora.

Ele sorriu. —Mandona, verdade?

—Precisa se acostumar, pão de mel.

Uma risada profunda saiu dele. —Prometa que nunca me chamará assim na frente de outra pessoa.

—Mas quero te lamber e saborear todo. Adoro pão de mel. Sempre quero.

Ele abaixou o rosto, roçou seus lábios com beijos quentes e sensuais, depois foi ao longo de sua garganta. Suas presas entraram no jogo, mordendo levemente. —Você me deixa louco da melhor forma.

Ela levantou mais as pernas, cravando os calcanhares em seu traseiro, tentando incentivá-lo a entrar nela. —Não brinque comigo. — Ela gemeu.

Mordeu com força, logo moveu o corpo um pouco, arqueou as costas e se abaixou. Ela sabia o que estava fazendo e ajudou-o quando ele segurou seu pau, ela levantou-se um pouco e o guiou para sua boceta. Ele se soltou e logo usou os braços para se segurar e entrar com mais força.

—Sim. —Incentivou. —Faça-o.

—Não irei durar muito tempo. —Advertiu.

—Eu também não. — Ela moveu os quadris. —Solte-se.

—Suave ou duro?

As palavras saíram como um grunhido, mas ela entendeu. —Não se contenha. Tome-me.

Gerri gemeu mais forte a medida que Wen a penetrava profundamente. Seu pau se sentia grande, grosso e muito duro. Não tentou beijar sua boca, mas ficou em seu pescoço, lambendo e mordendo suavemente. Aferrou-se a ele enquanto

a tocava. Entre a sensação dele fisicamente dentro dela e a forma como cheirava tão incrível, sentia-se quase sufocada de prazer.

—Oh Deus. —Ela gritou sabendo que não mentiu sobre gozar rápido. Êxtase se construiu enquanto golpeava dentro dela. Wen afundou as presas em sua garganta, a forte sacudida de dor enviando-a ao limite. Esteve a ponto de gritar, mas não tinha fôlego para fazê-lo. Ela inclinou a cabeça para trás, sua mente se derretendo com o poder de seu orgasmo.

Wen não parou, apenas a fodeu com mais força, fazendo sons bestiais enquanto apertava a boca em sua garganta. Levantou um braço e empurrou sua mão perto de sua boca. Estava molhada e percebeu o que ele fez. A ponta de seu polegar estava aberta. Deve ter usado uma garra para abri-la. Ela fechou a boca ao redor, bebendo.

Wen gemeu e o sentiu gozar dentro dela. Ele sacudiu pela força de seu orgasmo, estremecendo até as últimas ondas. Ambos bebam, enquanto gozavam juntos. Wen soltou sua garganta primeiro, passando a língua por sua garganta algumas vezes. Ele afastou a mão e a beijou, o sabor de sangue em seus lábios.

—Minha companheira.

—Meu companheiro. — Repetiu.

—Nunca a deixarei ir, GL.

—Estou contanto com isso.

Pouco a pouco começou a se mover dentro dela outra vez e ela gemeu. —O que está fazendo?

—Não estou cansado. Quer saber como me sinto? Estou dentro de minha companheira. Ficarei aqui por um tempo.

O sangue que tomou golpeou repentinamente seu sistema. A adrenalina e o calor a percorreram com força, o que a fez puxá-lo desesperada. —Por favor!

—Precisa se acostumar com meu sangue, minha pequena elétrica atraente. Será uma noite longa, mas a deixarei descansar um pouco.

—Cale-se e me faça gozar novamente.

Ele riu. —Minha companheira é mandona.

—Idiota.

Capítulo Dezoito

Wen atendeu a porta quando bateram. Ele a abriu, não se surpreendo com quem estava ali.

—Bom dia, idiota. —Trayis disse em voz alta inalando, logo teve o descaramento de sorrir. —Sabia que iria se acasalar com Gerri. É capaz de ficar de lado para me deixar entrar ou será um idiota super protetor com sua nova companheira?

Wen se afastou. — Ela ainda está se vestindo e deve sair logo. Entre.

—Contou a alguém?

—Não. Acordamos a pouco tempo, fiz um café da manhã e logo tomamos banho, já que disse que viria de manhã. Todo aquele cabelo longo demora para secar para que não fique com a camisa molhada. Ao menos isso foi o que disse quando perguntei porque estava demorando tanto no banheiro. — Wen fechou a porta e enfrentou o homem de pé na sala. —Acredito que quer se reunir para contar a todos que Gerri está de volta ao clã. Irão sentir o cheiro quando nos aproximarmos.

Trayis cheirou novamente e sorriu. — Seu cheiro está misturado com dela e bem forte. Ela está bem?

—Nunca a machucaria.

—Ela não é uma mulher grande e tomou muito sangue.

—Eu dei meu sangue a ela.

—Sem efeitos secundários? Está fraca agora de manhã?

—Ela está bem. Está procurando uma razão para adiar esta reunião?

—Não. É novo para mim o papel de pai. Eu a adotei verbalmente. —Piscou um olho. —Imagino que seria uma pergunta que faria a respeito de uma filha.

Wen franziu o cenho, não gostava disso. —Porque faria isso?

—Devido a que Mandro pode ser um idiota e um problema como ancião. Alguns podem se aliar a ele. É uma extra adicional de proteção para ela contra seu pai. Gerri já não é apenas um ser humano dentro do clã que tomou como

sua companheira. Quero vê-los reclamar agora que minha filha terá filhos fracos com seu único e precioso filho.

A compreensão o atingiu como um golpe e Wen abriu a boca.

Trayis sorriu amplamente.

—Insultar um líder gera um castigo.

O humor deixou o rosto de Trayis. —Porra. Eu quero que seja feliz, Wen. Você e Gerri merecem. Sempre mereceram. Estou cansado de seus pais conseguirem tudo da forma dles. Minha prioridade é fazer o clã feliz. Você. Ela.

—Ela não me disse que a adotou.

—Realmente conversaram muito esta noite?

Wen negou com a cabeça. —Não.

—Imaginei. Provavelmente ela percebe a magnitude de estar sob minha proteção. Ao menos parece como se você tivesse conseguido algumas horas de sono.

—Ela é humana. Não quero esgotá-la, mantendo-a acordada toda a noite.

Trayis estendeu uma mão e agarrou seu ombro. — Ela ficará mais forte quanto mais trocarem sangue.

—Ela não é fraca,

—Eu sei. —Trayis o soltou e virou a cabeça.

Wen percebeu que Gerri estava se aproximando e sorriu ao vê-la. —Aí está minha linda companheira.

Hesitou ao ver Trayis e logo se inclinou. —Trayis.

—Deixe esta merda, Gerri.

Wen não gostou do tom de Trayis e grunhiu.

Trayis grunhiu de volta.

Gerri ficou entre eles o mais rápido que pode se mover. —É hora de ir? Não quero uma luta na minha sala de estar. Esqueci quanta testosterona os VampLycans têm. Nem sequer tenho certeza de porque me incomodo com isso.

—Wen não quer que eu dê ordens a sua companheira.

—Não. — Concordou Wen. —Ela estava sendo respeitosa.

—Sua posição no clã mudou apesar de seu acasalamento. Já não se inclina diante de mim, porque é da família. —Trayis olhou para Gerri e seu tom suavizou. —Certo?

—Sim. Apenas estou acostumada a fazê-lo.

—Não deve mais. —Repetiu Trayis. —Vamos. Disse ao clã que nos encontrasse fora do escritório. Todos receberam ordens para estar ali.

Wen se manteve perto de Gerri, enquanto caminhavam pelo bosque. Alguns outros VampLycans se uniram a eles. Pegou os olhares de surpresa ao ver Gerri, então choque quando sentiam seu cheiro. Manteve os olhares, desafiando qualquer um a dizer uma merda. Ninguém o fez. Em seu lugar, todos sorriram e ele viu a felicidade genuína em suas expressões.

Ainda que aliviado, também se entristeceu quando percebeu que esperava automaticamente oposição. Seus pais eram contra o acasalamento com seres humanos tão profundamente, que projetou esses sentimentos negativos ao resto do clã. A verdade era que cada que VampLycan se unia a eles em sua caminhada suas reações continuavam positivas. Ninguém falou nada, no entanto, porque Trayis permanecia em silêncio.

Finalmente chegaram ao escritório. Era uma grande estrutura similar a uma fazenda. Quase oitenta VampLycans esperavam fora. Wen notou o agarre de Gerri em sua mão e ficou tenso quando as cabeças se viraram e pareceu que todos estavam olhando para eles. Puxou-a ainda mais perto, seus corpos chocando entre si com cada passo. Procurou seus pais e os encontrou perto da porta do escritório.

Os olhos de Mandro ficaram negros de raiva quando os viu. Sua mãe agarrou seu pai com um olhar de horror em seu rosto. Wen ficou com medo. Eles, obviamente, se lembravam de Gerri. Ela mudou com os anos, mas não o suficiente para confundi-los com respeito a sua identidade. Fariam uma cena.

Seu pai nem sequer esperou que Trayis chegasse a parte da frente do prédio. Afastou-se de sua companheira e levantou o braço, apontando para Gerri. —O que significa isso?

Wen parou com Gerri ao lado dele. Puxou-a contra ele, mas preparado para saltar adiante se seu pai tentasse se aproximar dela. Ele não o permitiria.

Trayis ficou entre seu pai e Gerri, provavelmente bloqueando seu pai de inclusive vê-la.

—O que significa o que, Mandro? — A voz de Trayis ecoou no silêncio. — Aqui todos os adultos se lembram de Gerri. Ela voltou ao clã. Para os jovens, tenho certeza que foi dito sobre Klentz que se acasalou com Carol, uma humana e que ela tinha uma filha chamada Gerri. Esta é ela. Sua mãe deixou nosso clã para voltar ao mundo dos humanos. Gerri era jovem e se viu obrigada a ir com ela. Ela voltou para casa, agora que é adulta e finalmente se acasalou com Wen. São verdadeiros companheiros. Isto exige uma celebração.

—Não! — A mãe de Wen gritou.

Wen puxou Gerri atrás dele e a deixou ir. Dois VampLycans ficaram por trás. Tymber e seu irmão Yern estavam ali, protegendo Gerri. O olhar em seus olhos dizia que a manteriam a salvo. Deu um passo ao lado de Trayis assim que sua mãe se esquivou de seu pai.

—Não permitirei isso. — Sua mãe disse. Suas garras saindo e pelo brotando de sua pele. —Ela não irá se acasalar com meu filho!

Mandro a agarrou pela cintura e puxou-a para seus braços. —Não pode atacá-la. Calma.

Lutou contra ele, tentando se soltar. —Posso! Não aceito um ser humano, não com meu filho! Nunca! Eu a matarei primeiro!

—Basta! — Gritou Trayis.

Wen fez uma careta, uma dor pulsando em seu ouvido pelo volume do grito de seu líder de clã tão perto dele. Outros membros do clã tiveram a mesma reação, alguns deles inclusive levaram as mãos aos ouvidos para cobri-los. A mãe de Wen se acalmou nos braços de seu pai.

—É verdade? —Grunhiu Mandro. —Acasalou-se? — Seus olhos negros se cravaram em Wen.

—Gerri é minha companheira. Ela sempre foi minha. Sabe disso desde que éramos jovens. Não sou Gerbin e nunca serei.

Mandro deu um passo adiante, lembrando-se que estava segurando sua companheira. Desceu Elna até seus pés tocarem o chão, mas manteve o braço ao redor de sua cintura. —Eu o proíbo!

—Está feito. —Wen se aproximou de seus pais. —Confiem em seus narizes se não querem ouvir as palavras. Gerri é minha verdadeira companheira. Ela será a mãe de meus filhos um dia.

—Não pode proibi-lo. — Trayis parou junto a Wen. —Ele não é mais seu filho. É meu executor.

—Ela é humana! São fracos. —Disse Mandro com os dentes apertados. — Ela não pode gerar nossa próxima geração com nossa linha de sangue.

—Eu a adotei como filha. Pensem com cuidado antes de dizer estas palavras outra vez. —Trayis olhou ao seu redor. —Tinha a esperança de anunciar isto com um pouco mais de tato, não assim. Klentz era um bom amigo e jurei cuidar de sua filha como se fosse minha se algo acontecesse com ele. Que melhor forma de a adotar? —Olhou para Mandro. — Ela sempre foi parte de nosso clã, mas também é família. Estenderam?

Wen sentiu dor quando seus pais empalideceram. Seu pai cambaleou para trás, arrastando sua mãe com ele. Sua boca aberta e logo a fechou, abriu novamente... mas nenhuma palavra saiu de seus lábios.

Uma pequena mão apertou suas costas e sabia que era sua companheira. Ele sabia que era Gerri. Apoiou-se a seu lado e ficou feliz por ela estar ali. Ele colocou o braço ao redor dela, abraçando-a.

Se pai girou, levantou sua companheira em seus braços e saiu do bosque. Wen os observou ir.

Trayis girou a cabeça para falar diretamente com Wen. — Eles precisam enfrentar isso. Aceitar ou não. É a escolha deles, não sua.

Ele sabia que seu líder estava certo. Odiava que o clã tivesse sido testemunha da cena tensa, no entanto. Seus pais eram muito orgulhosos. Não foi um bom momento.

Trayis se aproximou da porta do escritório e sorriu. —Quem disse que as reuniões do clã são aborrecidas?

Um as poucas pessoas riram.

—Gerri está de volta e Wen está acasalado. Isso merece uma celebração. Para aqueles de vocês que não conhecem Gerri, podem se apresentar. Ela cresceu conosco, assim não há segredos. Nos reuniremos e faremos um banquete no almoço de sábado. Também vamos convidar algumas pessoas de outros clãs.

Eles têm motivos para celebrar também. Wen eliminou o último vampiro que atacou a cidade humana perto do clã de Lorn. Esta ameaça acabou.

Wen viu sorrisos por todo o clã. Trayis deu a volta, ouvindo as perguntas. Alguns de seus amigos queriam ver Gerri novamente e jovens se aproximaram. Ele a manteve ao seu lado, mas seu olhar vagava ao redor e esperava que seus pais não voltassem.

Gerri sentia-se esgotada no momento que Wen a levou de volta para casa. Foi agradável ver rostos conhecidos. Os jovens quiseram tocar seu cabelo, a pele e perguntou sobre o mundo humano. As perguntas mais incômodas foram sobre sua mãe.

—Foi muito bem.

—Exceto pela mentira sobre minha mãe.

Wen abriu a porta principal, cheirou e logo indicou que entrasse. Ela adivinhou porque o fez. Seus pais saíram da reunião e não voltaram. Nenhum dos dois gostou ao descobrir sobre seu acasalamento. Não que ela pensou que iriam aceitar bem. Mas sangue não foi derramado, assim havia um lado positivo.

—Você disse que sua mãe estava em uma matilha na Califórnia. Como isso é uma mentira? — Ele fechou a porta e trancou-a.

Ela franziu o cenho. —Devido que há uma possibilidade real dela estar morta. Porque trancou a porta?

—Meus pais. É um hábito que tenho, graças a eles. Não quero facilitar.

—Acha que virão atrás de mim?

Wen hesitou. —Seria estúpido.

—Mas acha que o fariam? Apenas responda.

Encolheu os ombros. —Não são como costumavam ser antes. Nunca sei o que são capazes agora. Não correrei o risco. Chequei todas as janelas esta manhã. São seguras. Teriam que chutá-las ou a uma porta para entrar.

Merda. Odiava estar entre ele e seus pais. Não era sua culpa, mas era ruim. Ela se aproximou e o abraçou pela cintura, fechou os olhos e apoiou o rosto em seu peito. — Eu te amo.

Ele a abraçou com força. —Eu também te amo. Você não é responsável por suas ações.

—Eu sei. Mas é tudo muito ruim.

Não disse nada, assim que ela abriu os olhos e o olhou. A expressão torturada em seu rosto fez seu peito doer.

—As pessoas podem se perder quando um ser querido morre. Ou se recuperam bem ou permite que seus sentimentos os corroam. Vi sua mãe. A perda de seu irmão a mudou.

—Nunca entenderei porque não fui o suficiente para eles.

—Por favor, não pense assim. Fui por esse caminho e não leva a nenhum lugar. Falei com minha mãe até ficar azul e implorei que ficasse comigo. Eu era sua filha e ela deveria gostar de mim o suficiente para tentar. Isso não aconteceu. Ela estava presa profundamente em seus sentimentos. Não pude tirá-la disso. Eu sabia que ela bebia e suspeitava que estivesse usando drogas. A matilha com a qual se envolveu estava empenhada em sua destruição. Um idiota me atacou, mas ela ficou do lado dele. Não desapareci de uma vez. Eu implorei que fosse comigo, mas ela se negou a ir.

Wen esfregou suas costas. —Sinto muito.

—Precisei cortar os laços ou iria me afogar na escuridão com ela, Wen. Ela falhou comigo. Não ao contrário. Seus pais fizeram o mesmo com você. É um filho incrível como nunca imaginei que fosse. Não volte a permitir que o façam se sentir menos. Isso me irrita.

Um leve sorriso curvou seus lábios. —Estou irritado com sua mãe.

—Eu também, mas não deixarei isso me destruir. Temos pais de merda. Não faz mais diferença, porque agora temos um ao outro.

—Não quer entrar em contato com Carol para contar que se acasalou?

—Não.

—Talvez ela tenha deixado a matilha e colocou sua vida em ordem.

—Então eu não saberia como encontrá-la. Seu namorado não lhe permitia ter um celular. Era controlador. É melhor assim. Fiz as pazes com a perda da minha mãe no dia que escolheu a matilha ao invés de mim. Além disso, gosto de imaginar que na verdade se converteu em um lycan devido a todo o sangue que tomou e escapou com algum jovem gostoso que não queria ficar na matilha. —

Sorriu. —Estão acasalados em minha fantasia e ela é feliz. Talvez até teve mais filhos.

—Está partindo meu coração, GL.

—Chama-se esperança. Costumava fantasiar com você também. —Ela deslizou as mãos por seu peito e fechou os dedos em sua nuca. — E aqui estamos.

Ele sorriu. — Sozinhos em sua casa.

—Devemos decidir onde iremos morar.

—Não me importa uma merda, desde que estejamos na mesma cama.

Ela riu. —Falando nisso, o que acha de testarmos o colchão novamente?

—Primeiro precisa comer. O horário do almoço acabou e seu estômago está se queixando.

—Sexo, então comida.

—Comida, então sexo.

—Isso será uma discussão, Wen?

Passou as mãos por seu traseiro e segurou com suas mãos grandes, levantando-a. —Sou seu companheiro. Quero cuidar de você.

Envolveu as pernas ao redor dele. —É nossa lua de mel. Quero muito sexo. Temos anos para compensar.

Foi para a cozinha e colocou seu traseiro sobre o balcão. —Comida primeiro. —Inclinou-se e mordeu seu lábio inferior. —Não quero que desmaie sobre mim. Além disso, quero impressioná-la com minhas habilidades culinárias.

—Estou mais interessada no que pode fazer no quarto neste momento.

Ele a soltou e retrocedeu. —Que tal um acordo?

—Estou ouvindo.

—Cozinharei e comeremos nus na cama.

Ela sorriu. — Certo. Simplesmente não faça nada muito quente. Quero comer sobre se corpo.

Ele grunhiu. — Provocadora.

—Você quem insistiu em comer primeiro.

Ele abriu a geladeira. —Vejo ingredientes para sanduiches. Isso será mais rápido que cozinhar.

Ela desceu do balcão enquanto Wen procurava na geladeira. Tinha uma grande quantidade de coisas quando se levantou e virou. Sua boca se abriu quando Gerri agarrou a barra de sua camiseta e mostrou os seios.

—O que está fazendo?

—Um dos meus instrutores me lembrou que deveria mostrar os seios no caso de ser atacada. Disse que se o fizesse o homem iria querer me foder em lugar de atacar. Funciona?

Wen grunhiu, com o olhar fixo em seus seios.

Ela retrocedeu. —Vamos garoto. Seja um bom cãozinho e me siga.

Wen se virou e deixou tudo na geladeira. Ele grunhiu outra vez, fechando-a e virando para ela novamente. —Está realmente fazendo isso, GL?

Ela riu. —Vamos brincar com um osso. Tem um grande escondido em algum lugar em na calça?

Lançou-se e ela afastou-se, correndo para o quarto.

Wen a pegou antes que chegasse na porta e enterrou seu rosto em seu pescoço enquanto a levantava. Inalou profundamente. Um dos braços estava ao redor de sua cintura e o outro subiu ao seu seio, apertando suavemente. —Cheira tão bem. —Levou-a para o quarto. —Estou tentando ser um companheiro cuidadoso.

—Estou tornando isso difícil para você?

—Muito.

Levantou-a um pouco mais alto, soltou seu seio e a abraçou. — Senti muito sua falta. Estava morrendo por dentro sem você.

Ela segurou seu rosto e o beijou. Ele os deixou cair na cama, movendo-se, assim ela ficou sobre ele. Sentou-se com as pernas abertas. —Estava morrendo por dentro também. Agora vamos aproveitar cada momento juntos. —Ela deslizou sobre ele e desabotoou sua calça jeans. —E estou faminta, mas quero prová-lo.

—Você é muito sexy.

—Você também pão de mel. Agora levante os quadris e ajude-me. Você pesa uma tonelada.

Ele arqueou os quadris na cama uns centímetros. —Minha metade.

—Diz isso quando o chupar até a morte.

—Muito atraente, minha companheira perfeita.

—Isso é melhor. — Desceu sua calça o suficiente para soltar seu pau. Ele não usava cueca. — Deite-se. Perfeito. Não se mova, Wen. — Ela afastou o cabelo para o lado para tirá-lo do caminho e deslizou para trás um pouco mais para que pudesse levá-lo à boca.

—Sempre fantasiei com sua boca ao redor do meu pau. — Disse Wen.

—Os sonhos se realizam quando estamos juntos. — Ela abriu a boca e apertou suavemente sua ereção, passando a língua pela ponta. Amava os grunhidos que saíam dele.

Gerri usou a boca em Wen, mas levantou os olhos para vê-lo. Estava com a cabeça inclinada para trás, a boca aberta e as presas aparecendo, enquanto ela lhe dava prazer. Suas mãos apertavam o lençol, mas o soltou rapidamente quando suas garras deslizaram para fora. Fazia ruídos animais. Isso a excitava. Tudo nele o fazia.

—Não posso me conter. — Grunhiu.

Ela moveu sua boca sobre ele mais rápido, tomando-o mais fundo. Todo seu corpo ficou tenso, mas de repente moveu os quadris, saindo dela. Levantou, agarrou-a e a virou de costas.

—Porque fez isso?

Deslizou fora da cama, segurou seu tornozelo e puxou-a pelo colchão. Ele a virou e a colocou de joelhos diante dele, pressionando para frente para que ela se inclinasse sobre a cama. Ele empurrou para baixo sua calça e calcinha.

—Preciso estar dentro de você quando gozar. — Grunhiu.

Gerri gemeu seu nome quando a penetrou lentamente. Apertou o lençol, sabendo que não podia rasgá-lo como Wen. Parou quando estava completamente dentro. Um segundo mais tarde ele se moveu rápido e profundo, fodendo como se suas vidas dependessem disso.

Segurou seu cabelo, puxando-o fora do caminho e a mordeu. A dor e o prazer a levou rápido ao limite. Ela gritou seu nome, sabendo que ele estava gozando ao mesmo tempo que ela.

Os dois estavam ofegando quando ele tirou as presas e lambeu seu pescoço. Ficaram ali, cansados. — Não sei o que foi isso, mas não me queixo.

—Meu fodido lado lycan. — Disse. —Pensei: vou gozar, mas será este o sêmen que pode deixar minha companheira grávida? Assim foi como terminou nessa posição. Tem alguma piada sobre cãezinhos agora, cachinhos dourados?

Gerri começou a rir. Estar acasalada com um VampLycan nunca seria um tédio.



Capítulo dezenove

Wen não ficou feliz por ser chamado à casa de Trayis a altas horas da noite. Ele e Gerri compartilhavam um banho, seu primeiro como companheiros, depois que eles finalmente conseguiram comer. Ela caminhava ao seu lado, segurando sua mão quando parou na porta e bateu.

Trayis respondeu. —Entre.

—O que aconteceu? O que meus pais fizeram? Fizeram algo, verdade?

Gerri apertou sua mão e ele olhou-a com preocupação. Odiava que seus pais fossem um perigo para ela. Queria que se sentisse segura como sua companheira. Trayis fez um gesto para se sentarem no sofá.

Wen entrou, mas não queria se sentar. —Apenas fale. O que fizeram?

Trayis fechou a porta e se apoiou nela. —Informaram que já não desejam fazer parte do meu clã.

Wen precisou travar os joelhos para não cair. Estava atordoado. — O que?

—Queriam minha permissão para sair. Nunca obriguei ninguém a ficar. Fiz algumas ligações. Não queria que ficassem com Lorn. Ele tem merda o suficiente para enfrentar para receber dois VampLycans com problemas. Velder e Crocker se ofereceram a aceitá-los. Decidiram ir para o território de Crocker. Parece que fizeram alguns amigos ali.

—Ali era de onde a maioria das mulheres vinham. —Wen ainda estava surpreso. —Conversarei com eles.

—Eles já se foram, Wen. Acho que saíram da reunião, embalaram suas coisas e apenas queriam permissão oficial para irem. Eu os vi no carro e pedi que um dos executores os seguissem para fora de nosso território. —Trayis se aproximou. —Sinto muito, mas isso provavelmente é o melhor. Cada um deles deu sua palavra de que não tentariam machucar Gerri ou qualquer criança que tivesse.

Gerri puxou sua mão e praticamente o arrastou para o sofá. Ela lhe deu um empurrão, até que se sentou. Foi para seu colo e colocou os braços ao redor dele. —Sinto muito.

Trayis se sentou em uma cadeira perto deles, observando-o com preocupação. —Não vi isto chegando tampouco.

Wen nunca imaginou que deixariam o clã. —Pelo menos não precisei matar ninguém.

—Há algo mais que preciso dizer. —Trayis hesitou, com uma expressão sombria.

—Apenas diga. —Wen se preparou para mais um choque emocional.

—Homem, é tão fodido que não sei se poderá aceitar.

—Wen é forte. — Murmurou Gerri. — Estou com ele. Diga-nos. Seja o que for, enfrentaremos juntos.

Trayis olhou para Gerri e então segurou o olhar de Wen. — Eles vieram me dizer que queriam ir embora. Disse que gostaria de fazer estas ligações e logo fui para casa para deixá-los saber em que clã viveriam. Seu pai me disse que iriam ao território de Crocker, mas... então sua mãe me agradeceu, dizendo que você morreu para eles. Virou-se para seu pai e disse que não tinha nada mais para fazer aqui, agora que seus dois filhos estavam mortos para sempre.

Wen fechou os olhos, lutando para se lembrar de como respirar.

Sua companheira o apertou mais e obrigou seus pulmões a funcionarem.

—Elna perdeu completamente a cabeça. —Murmurou Trayis. —E Mandro junto com ela, pois assegurou que poderiam ter mais filhos. Disse que seria como quando se acasalaram. Sinto muito, Wen. Tinha que dizer no caso de tentar entrar em contato com eles. Assim é como estão jogando agora.

Ele concordou. —Estou morto para eles.

—Oh Wen. Sinto muito.

Agarrou com força sua companheira. —Não chore, Gerri. —Ele se esticou e enxugou suas lágrimas. —Lembro do que me disse sobre sua mãe e como precisou se afastar dela. Sobreviveu. Estou muito orgulhoso de você. É a única família que preciso.

Doía muito, mas de certa forma, perdeu seus pais a anos, quando seu irmão mais velho morreu. Deixou de ser Wen para eles e se converteu em um substituto de Gerbin. Seu olhar encontrou o de Trayis. —Foi o melhor.

—Sim. —Trayis declarou firme. —Quer ser adotado também?

A oferta era uma grande honra. Pensou por um minuto. Uma risada saiu de Wen. —Claro que não. Isso faria de minha companheira uma irmã.

Trayis se endireitou, mas logo diversão tocou seus olhos. —Não penso assim. Podem ser filhos acasalados. Mas não pode me chamar de papai. Isso seria estranho.

—Muito estranho. —Declarou Tymber do corredor. —Horripilante também.

Wen virou a cabeça, olhando seu amigo. —Não sabia que estava aqui.

—Não sabíamos como reagiria, assim queria estar perto no caso de querer bater em alguém. —Tymber se sentou na mesa de café. —Neste momento seus pais estão fodidos da cabeça. A boa notícia é que não foderão com você, sua companheira ou os filhos que tiverem. Sem mais cadelas ao azar em sua cama tampouco. Apenas a pequena gostosa em seu colo. —Tymber piscou para Gerri.

Wen grunhiu. —Não paquere com minha companheira.

—Acho que Tymber espera com impaciência chutar o traseiro de alguém no meu pátio para liberar suas frustrações e ainda está tentando fazer com que isso aconteça. — Disse Trayis. —Alguém quer uma bebida? Sei que preciso de uma.

Os três disseram que sim.

Gerri se esticou e passou o polegar nos lábios de Wen. —Está bem?

—Sim. Na verdade, é um alívio. —Admitiu.

—De verdade? —Ela não parecia muito convencida.

—Pensei que iria terminar em derramamento de sangue. Não aconteceu. Fui repudiado. Posso viver com isso. O melhor de tudo, não preciso me preocupar com eles vindo atrás de nós.

—Sinto-me culpada.

—É minha culpa que estejam dessa forma.

Gerri sorriu. —Certo.

—Sem arrependimentos quando se trata de nós. Eu te amo, GL.

—Eu te amo muito, p... mel...

Wen se lançou e a beijou nos lábios para silenciá-la. Ela riu contra sua boca e ele se afastou, grunhindo. —Apenas quando estivermos sozinhos.

Tymber se inclinou para frente. —Mel o que?

—Esqueça. —Wen lançou um olhar de advertência.

Trayis voltou com cervejas. —O que tem mel?

—Talvez idiota de mel? —Pensou Tymber. — Pote de mel? Ele nem sempre tem bom humor. Vamos, Gerri. Conte-nos.

—Certo.

Wen ficou tenso, mas ela virou a cabeça e piscou, logo olhou para seus dois amigos.

—Estava dizendo: eu te amo demais, mel. Wen é meu todo.

Tymber abriu sua cerveja. —Isso é mentira. Mel? Tem tudo a ver com abelhas e picam quando invadimos seu espaço.

—Um brinde ao casal acasalado. —Trayis levantou a cerveja. —Saúde aos dois. O início do acasalamento foi um pouco perigoso, mas está tudo bem agora.

Wen abriu a cerveja e a levantou. —À felicidade.

Gerri tocou a lata com a sua. —Amor e paixão.

—Irei descobrir. —Prometeu Tymber. —Colmeia de mel? Não...

—Tome sua cerveja e se cale. —Ordenou Trayis.

Todos beberam ao mesmo tempo. Um celular tocou e Trayis alcançou seu bolso traseiro. Seu sorriso sumiu quando olhou a tela e atendeu. Logo ficou de pé e caminhou para o corredor tão rápido que era difícil vê-lo.

Wen ficou tenso, esperando que não fosse algo sobre seus pais. Esperava que seus problemas com eles terminassem. A porta do corredor se fechou, assim não pode ouvir o que dizia.

Trayis voltou um minuto depois. Desta vez, parecia muito divertido.

—O que foi? —Perguntou Tymber.

Wen ficou onde estava. Ele tinha sua companheira no colo e não tinha a intenção de se mover. Ela estava onde pertencia. —Quer compartilhar o que é tão gracioso?

Trayis olhou para seus executores. —Era Lorde Aveoth. Decker ligou. O bastardo quer fazer um acordo com ele para voltar para casa. Acho que o Conselho vampiro não o poiou. — Sorriu. — Vocês conseguiram Wen, você e Gerri. Acho que Horton deve ter feito ou dito algo que prejudicou sua pequena aliança.

Wen riu, sua noite de repente ficando muito melhor. —Somos uma ótima equipe.

Gerri puxou sua camiseta. —Porque todos estão tão contentes com Decker, também conhecido como bicho papão, por querer voltar ao Alasca? Não é uma coisa ruim?

—Não GL. É fantástico. Lorde Aveoth irá matar o filho da puta.

Sorriu lentamente para Wen. —Nunca se meta com o homem morcego.

TyMBER engasgou com sua cerveja. —Acabou de chamar Lorde Aveoth de homem morcego?

Wen tomou sua cereja e deixou a lata sobre a mesa de centro. Levantou Gerri. — Foi sua imaginação. Minha companheira nunca diria isso. Vamos para casa. Boa noite.

Gerri ficou ao lado dele. —Boa noite. Vamos para casa fazer amor e morder, e todas essas coisas.

Trayis abriu a porta para eles. —Pense menina!

Wen saiu e foi em direção a sua casa. —Que porra significa isso?

Ela enterrou o rosto em seu pescoço. —Ele quer que façamos muito sexo.

—Isso é uma forma estranha de dizê-lo.

Ela riu. —É um VampLycan. O que esperava? São todos loucos.

Ele grunhiu para ela, sabendo que estava brincando com ele. Sempre podia fazê-lo rir. —De verdade, porque disse para pensar menina?

Ela entrelaçou os dedos em seu cabelo e puxou seu ouvido mais perto. —Ele quer que tenhamos meninas para o clã.

Wen parou e ficou olhando em seus olhos. —De verdade?

—Sim. Ele acredita que aquela coisa de mente sobre a matéria poderia funcionar. Assim temos que pensar na palavra *menina* cada vez que fizermos sexo. Será mais fácil para você do que para mim, já que sou uma. Eu, por outro lado... suponho que se fizer bem as coisas acho que posso trocar a palavra *menino* por *rapaz*, *como você é bom nisso*. Está preparado para o desafio?

Começou a caminhar novamente. —Sim. Passo um. Ficar nua em uma cama.

Gerri inclinou a cabeça para trás e riu. —Mas com certeza poderia fazê-lo no barro, pão de mel.

Parou, cheirou, seu olhar percorrendo a escuridão. —Estamos sozinhos. Não sinto ninguém por perto. Como se sente sobre um pouco de sujeira?

Ela segurou seu rosto e riu —Adoraria me sujar com você. Onde quiser, a qualquer hora.

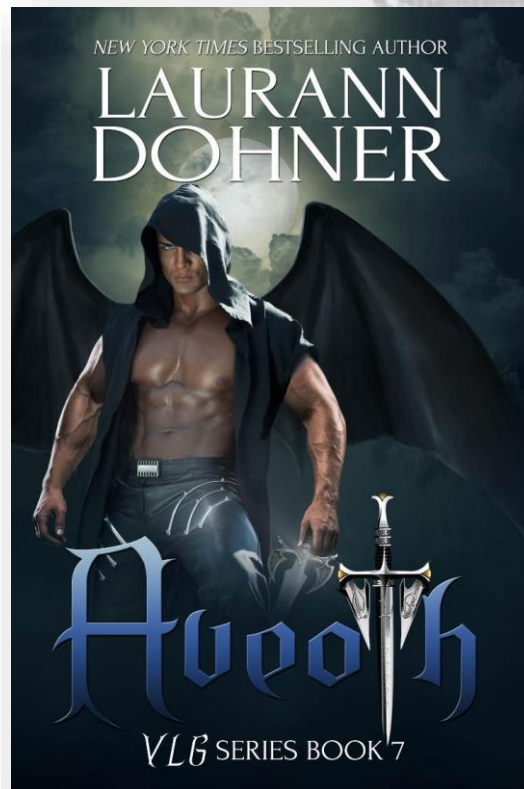
Deixou o caminho e procurou um ponto agradável para fazer amor com sua companheira. —Está pronta para ser comida pelo lobo feroz, cachinhos dourados.

—Nunca acerta os contos de fada. —Brincou. —Este é o da Chapeuzinho Vermelho.

—Tenho meu final feliz como nos contos de fadas. Isso é tudo o que importa. Tenho você.

FIM.

Próximo!



Jillian Milzner viveu uma vida fugindo. Seu doador de biológico de esperma deixou claro que deseja que ela nunca tivesse nascido. A maioria das crianças recebe presentes de seus pais enquanto cresce. Ele enviou bandidos para fazer ameaças de morte para garantir que nunca tentasse encontrá-lo. Ele não precisava ter se incomodado, já que ela não queria ter nada a ver com Decon Filmore. Seu pai, no entanto, pensa que Jill poderá ser útil. As coisas vão de mal a pior, quando os homens de seu avô a sequestram para entregá-la a um homem assustador... e que saiu direto de seus sonhos mais sexy.

Lorde Aveoth não fica surpreso com a chamada de Decker Filmore. O homem está desesperado para fazer com que Lorde GarLycan para de caçá-lo e está

igualmente determinado a recuperar seu clã VampLycan. Para atingir ambos os objetivos, ele oferece a Aveoth outra neta meio-humana de sua linhagem.

É solitário ser o Lorde de um clã, assim Aveoth concorda com a reunião e imediatamente sente-se atraído por Jill. Ele também se irrita ao saber que ela foi levada a ele contra sua vontade, mas quer mantê-la. Mesmo que exponha seu segredo mais sombrio... o que poderia separar seu clã.



Parabéns!

Shifter's Homeland

2 anos